~~B.A. 1412~~ E.A. 601 V.

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Termina com este volume (VIII) a nossa publicação — ***A Arte e a Natureza em Portugal.*** — Levámos finalmente a cabo uma empreza que a todos se afigurava irrealisavel com os elementos de que podiamos dispôr no nosso pequeno meio.

Empregamos todos os esforços para que — ***A Arte e a Natureza em Portugal*** — ficasse uma obra o mais completa possivel, procurando sempre os assumptos mais interessantes dentro dos limites do nosso programma.

Havia ainda muita cousa a photographar, mas a obra ia já longa e n'essas 400 photographias que compõem os oito volumes, encontram-se bastantes paisagens, costumes, e todos os nossos principaes monumentos. Não foi possivel fazer mais nem melhor.

Está isenta de defeitos a nossa obra? Com certeza que não, deve-os ter e grandes, pois não obstante toda a nossa boa vontade, os attritos e difficuldades surgiram constantemente durante estes seis annos, e hoje ao terminar o nosso trabalho resta-nos a convicção de ter feito alguma cousa d'util e proveitoso para Portugal.

A todos os nossos collaboradores que tanto se interessaram pela nossa obra, áquelles que nos prestaram o auxilio do seu trabalho, aos assignantes que nos acompanharam até ao fim da nossa jornada; a todos aqui deixamos consignado os nossos sinceros agradecimentos.

Porto, Junho 1908.

Os Editores.

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

ULTIMO VOLUME

Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Successora
Rua da Cancella Velha, 70 — Porto

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

Th 40:800

Album de photographias com descripções; clichés originaes;
copias em phototypia inalteravel; monumentos, obras d'arte, costumes, paisagens

DIRECTORES { *F. Brütt*
Cunha Moraes

VOLUME OITAVO

EMILIO BIEL & C.ª — Editores
PORTO
—
MDCCCCVIII

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

~~B.A. 1412~~

E.A. 601 V.

INDICE

Abrantes — Vianna do Alemtejo . . . . Artigo do Exc.^{mo} Snr. Gabriel Pereira.
Beja . . . . » » Gabriel Pereira.
Elvas . . . . » » Gabriel Pereira.
Vizeu . . . . » » Joaquim de Vasconcellos.
Celorico da Beira — Manteigas . . . . » » Dr. Manuel Monteiro.
Covilhã — Sabugal . . . . » » Dr. Manuel Monteiro.
Guarda . . . . » » Joaquim de Vasconcellos.
Convento da Madre de Deus . . . . » » Gabriel Pereira.
Quinta da Bacalhôa . . . . » » Joaquim de Vasconcellos.
Silves — Olhão — Villa Real de Santo Antonio . . . . » » Brito Rebello.
Sé de Lisboa — Avenida . . . . » » Augusto Fuschini.
Sé do Porto . . . . » » Joaquim de Vasconcellos.

Collocação das phototypias

✓ Abrantes — Vista geral.
» Tumulo do Conde de Abrantes D. João.
✓ Vianna do Alemtejo — Vista geral.
» Porta da Egreja Matriz.

✓ Beja — Egreja da Conceição.
» Porta lateral da Egreja da Conceição.
» Altar na Egreja da Conceição.
» Torre de menagem.

✓ Elvas — Vista geral.
» Aqueducto da Amoreira.
» Fachada principal da Sé — Interior da Sé.
» Carro alemtejano.

✓ Vizeu — Vista geral.
» Sé.
» Sacristia da Sé.
» Cava de Viriato.

✓ Celorico da Beira — Vista do Castello.
✓ Fornos d'Algodres — Ponte dos Juncaes sobre o rio Mondego.
✓ Manteigas — Vista geral.
✓ Serra da Estrella — Rebanho de ovelhas.

✓ Covilhã — Vista geral.
» Carro de bois.
✓ Sabugal — Ponte no rio Côa e Castello.
✓ Villa Velha de Rodam — Portas de Rodam.

✓ Guarda — Fachada principal da Sé.
» Entrada lateral da Sé (norte).
» Fachada sul da Sé.
» Orgão da Sé — Capella-mór da Sé.

✓ Xabregas — Portal da Egreja da Madre de Deus.
» Interior da Egreja da Madre de Deus.
» Claustro do convento da Madre de Deus.
» Côro da Egreja da Madre de Deus.

✓ Azeitão — Quinta da Bacalhôa. Entrada principal do Paço. Casa das aguas.
» Quinta da Bacalhôa. Galeria do Paço.
✓ Palmella — Entrada e torre de menagem do Castello.
✓ Alcacer do Sal — Vista geral.

✓ Silves — Vista geral.
» Cruz de Portugal — Sé.
✓ Olhão — Vista geral.
✓ Villa Real de Santo Antonio — Vista parcial.

✓ Lisboa — Porta lateral da Sé — Altar de Nossa Senhora da Piedade.
» Claustro da Sé.
» Presepio na Sé.
» Avenida da Liberdade.

✓ Porto — Fachada lateral da Sé.
» Claustro da Sé — Claustro da Sé.
» Sacristia da Sé.
» Interior da Sé — Capella-mór.

Abrantes

E' uma bella povoação, na margem direita do Tejo. As casas forram o declive, com um lindo aspecto, farto e desafogado. Entre a casaria erguem-se arvoredos; pelos quintaes e varandas alastram-se as parreiras em alpendres decorativos e uteis. No alto surgem as muralhas do castello, que outr'ora abrigava a villa; mas esta cresceu, rompeu as severas fortificações, e veio beber na limpida corrente do Tejo, na sombra dos salgueiraes viçosos. Não é o caso de Santarem que sempre se desenvolveu no planalto, isolada do seu burgo, a Ribeira, que se alastra á beira do rio. Em Santarem o declive é rapido, improprio para construcções.

O pendor da ampla collina d'Abrantes é brando, gradual; os habitadores não encontraram difficuldade em construir as suas moradas.

Tem um aspecto socegado, commodo e modesto. Repare-se na estampa, n'aquelles predios despretenciosos, quasi todos de janellas de peitoril, com pequenas vidraças corrediças, as familiares varandas, os quintaes com parreiras e arvores de fructa. É uma terra farta e sadia.

Muito antiga, a origem a perder-se em velhas lendas de romanos e celtiberos. O nosso primeiro rei deu-lhe foral, e por elle se vê que já n'essa epoca tinha certa importancia. Collocada em sitio de facil defeza, sobranceira ao Tejo, ponto necessario nas estradas da Beira-Baixa e do alto Alemtejo, logo no começo da monarquia se attendeu ao seu valor estrategico.

Ao castello primitivo D. Affonso III juntou novas muralhas, e D. Diniz continuou o plano do pae. Ainda subsistem esses velhos monumentos da architectura militar do seculo XIII.

Mais tarde no periodo da lucta contra Castella, foram augmentadas as fortificações (seculo XVII) e ainda se ampliaram consideravelmente em 1809, pela necessidade de resistencia contra os exercitos de Napoleão I que serpeavam pelo territorio hespanhol ameaçando Portugal. A primeira invasão franceza commandada por Junot rompeu pela fronteira da Beira-Baixa, veio em marcha accelerada por entre os asperos cerros e apertados valles, d'aquella região de atormentada orographia, sem estradas então, de fraquissimos recursos, debaixo de uma inverneira medonha, desabar em Abrantes, na pacata e farta villa. Junot entrou em Abrantes em 24 de novembro de 1807. Os soldados francezes vinham descalços, esfarrapados e famintos. Os habitantes da villa nem pensaram em resistir; muitos fugiram, outros attonitos deixaram-se ficar nas suas casas, portas abertas. Não houve sangue; mas o que se passou foi desolador. Aquella soldadesca, como é facil calcular, não deixou amostra de comestiveis nem de vinho; os francezes comeram, beberam e encheram as mochilas: depois de satisfeitos os estomagos, repararam nos fortes sapatos, nas boas botas, nos quentes fatos de briche, da gente de Abrantes. Foi uma liquidação. As arcas e as dispensas tudo foi vasculhado. N'essa noite o exercito francez appareceu calçado e enroupado. Provou-se que alguns soldados encontrados mortos tinham sido victimas do vinho. Quando na madrugada o exercito abandonou a villa e voltaram os habitantes ausentes, viu-se logo quem tinha fugido e quem ficára, porque estes estavam sem calças nem sapatos. O imperador Bonaparte agraciou Junot com o titulo de duque de Abrantes. A gente de Abrantes não lhe perdoou; chamavam-lhe o glorioso conquistador de botas e sapatos. A raiva contra os francezes levou-os a tratar logo de se precaverem e armarem.

As mulheres não esqueciam o saque das dispensas e dos bahus de roupa. Tudo trabalhou nas fortificações. Os homens adquiriram armas e exercitaram-se. Em 1810 houve aqui renhido combate entre francezes e anglo-lusos (12 d'agosto). Mas o grande periodo da lucta que poz em relevo o patriotismo dos abrantinos foi de outubro de 1810 a março de 1811, em que o exercito francez se esforçou por alcançar Abrantes, e fazer alli base de operações; algumas forças inglezas e portuguezas e a gente da villa sempre em armas, em frequentes alarmes, conseguiram evitar a entrada dos napoleonicos até 7 de março de 1811, dia em que os francezes se retiraram de vez para Hespanha. Essa resistencia é notavel; o esforço e a perseverança dos abrantinos ficou marcada na historia.

A villa divide-se em duas freguezias, S. João Baptista e S. Vicente Martyr. Tem Casa da Misericordia e hospital, como todas as povoações de certa importancia em Portugal, e um theatro soffrivel. E a gloria de ser a patria de um grande actor portuguez, que felizmente ainda vive, já celebre

Abrantes

C'EST une jolie ville située sur la rive droite du Tage. Les flancs du coteau sont tapissés de maisons, parmi lesquelles s'élèvent des arbres touffus; la vigne en berceaux décoratifs et utiles, s'étend dans les jardins et sur les balcons. En haut se dressent les murs du château qui protégeait jadis la ville; mais celle-ci s'accrût; elle rompit les sévères fortifications et vint s'étendre jusqu'au limpide courant du Tage, à l'ombre des saules verdoyants. Ce n'est pas comme Santarem qui toujours développée sur le plateau, est restée isolée de son bourg, la Ribeira, qui s'allonge jusqu'au bord du fleuve. À Santarem la pente est trop roide et peu propice aux constructions.

L'inclination de la vaste colline d'Abrantes est douce et graduelle; les habitants ne trouvent pas de difficulté à y élever leurs maisons.

L'aspect de la ville est paisible, modeste et confortable. Il suffit d'observer sur la gravure ces édifications sans prétention, presque toutes avec des fenêtres à guillotine, ou avec leurs balcons simples, les vergers remplis de beaux arbres fruitiers et de vigne, pour reconnaître que c'est une ville saine et aisée.

Très ancienne, son origine se perd dans de vieilles légendes de romains et de celtes. Notre premier roi lui accorda une charte, par laquelle où reconnait qu'à cette époque elle jouissait déjà d'une certaine importance. Située sur un lieu de défense assez facile, dominant le Tage, point obligé pour ceux qui circulaient, sur les routes de Beira-Baixa et du haut Alemtejo, on s'aperçut de sa valeur stratégique même au commencement de la monarchie.

D. Affonso III ajouta de nouveaux murs au château et D. Diniz continua le plan de son père. Ces vieux monuments de l'architecture militaire du XIIIme siècle persistent encore.

Plus tard lors des combats contre la Castille, les fortifications furent augmentées, vers le XVIIme siècle, et elles s'accrurent encore en 1809 lorsqu'il fut nécessaire de résister aux armées de Napoléon Ier qui serpentaient sur le territoire espagnol menaçant le Portugal. La première invasion française commandée par Junot perça les frontières de la province de Beira-Baixa se dirigeant à grands pas, parmi les montagnes boisées et les vallons étroits de cette région si accidentée, où, dans ce temps là il n'y avait point de routes, ni de ressources; marchant sous des tempêtes horribles elle vint s'abattre sur Abrantes, dans la tranquille et agréable ville. Junot entra à Abrantes le 24 Novembre 1807. Les soldats français étaient pied-nus, en haillons et mourant de faim. Les habitants de la ville ne pensèrent même pas à résister; beaucoup s'enfuirent, d'autres stupéfaits restèrent dans leurs maisons avec les portes ouvertes. Il n'y eut pas de sang répandu, mais ce qui se passa fut désolant. Cette soldatesque, comme on le pense bien, ne laissa pas une bribe de mangeaille, pas une goutte de vin; les français mangèrent, burent, remplirent leurs havre sacs: les estomacs repus, ils remarquèrent les bonnes bottes, les souliers forts, les vêtements chauds des gens d'Abrantes. Ce fut un branle-bas. Les malles, les armoires, les magasins tout fut fouillé. Cette nuit là, l'armée française parut vêtue et chaussée. On prouva que quelques soldats morts avaient été tués par la boisson. Lorsque, au lever du jour, l'armée abandonna la ville et les habitants absents y rentrèrent, on reconnut aussitôt ceux qui s'étaient sauvés, et ceux qui étaient restés, car ces derniers n'avaient ni pantalons ni souliers. L'empereur Bonaparte récompensa Junot avec le titre de duc d'Abrantes. Les gens de la ville ne lui pardonnèrent jamais et le surnommèrent le conquérant glorieux de bottes et de souliers. La haine contre les français les rendit prévoyants et ils s'occupèrent dès lors de se défendre convenablement.

Les femmes n'oubliaient pas le pillage de leurs caves, des greniers et des malles de linge. Tout le monde se mit à l'œuvre pour compléter les fortifications. Les hommes se munirent d'armes et s'exercèrent au combat. En 1810 le 12 Août il y eut à Abrantes une bataille assez importante entre les français et les portugais alliés aux anglais. Mais la période qui mit le plus en évidence le patriotisme des gens d'Abrantes fut en Octobre 1810 à Mars 1811, quand l'armée française s'efforça d'arriver jusqu'à Abrantes et y établir le siège de ses opérations; quelques troupes anglaises et portugaises et les gens de la ville, toujours armés et en éveil, réussirent à éviter l'entrée des soldats de Napoléon jusqu'au 7 Mars 1811, où les français se retirèrent définitivement en Espagne. Ce fut une résistance remarquable qui marqua dans l'histoire, la persévérance et le courage des habitants d'Abrantes.

ha mais de meio seculo. Taborda! Francisco Alves da Silva Taborda, o illustre comico que tantas horas alegres deu aos melancolicos portuguezes, nasceu em Abrantes em 8 de janeiro de 1824.

No começo do seculo xviii existiam em Abrantes dois conventos de frades: o de Nossa Senhora da Consolação, de dominicanos, fundado em 1472 por D. Lopo de Almeida, primeiro conde de Abrantes; e o de Santo Antonio, de franciscanos da provincia da Piedade, fundado em 1526.

De freiras dominicanas era o mosteiro de Nossa Senhora da Graça, fundado em 1384 por D. Vasco de Lamego, bispo da Guarda. O convento de Nossa Senhora da Esperança era de franciscanas.

Abrantes tem por armas em campo azul quatro flôres de liz, e outros tantos corvos com uma estrella no meio.

Um auctor digno de fé explica do modo seguinte este brazão: as lizes tomou do seu primeiro alcaide-mór que se achou na tomada de Lisboa, d'onde levou um dente de S. Vicente em cuja honra se fundou a egreja de seu nome, e por esta causa se aggregaram os corvos ás lizes. A estrella significa que foi habitada de mouros.

Ainda no primeiro quartel do seculo xviii viviam em Abrantes algumas familias nobres com morgados importantes, como os de Freire de Sousa, Freire de Macedo, Athaide Coutinho, Soares Galhardo, Cação Pereira, Pimenta do Avellar, Vaz Castello Branco, Almada da Gama; estes eram grandes morgados; muitos outros havia de menor importancia.

Na mesma epoca havia mais de cem barcos da villa que faziam a communicação com Lisboa, e muitas bateiras de pescadores.

No castello existe o palacio dos marquezes de Abrantes, que foram, largos tempos, os alcaides móres. Essa construcção é do meiado do seculo xviii, bom typo de edificio, que não attingiu a conclusão.

A egreja de Santa Maria do Castello é muito antiga; encerra obras d'arte de valor, especialmente os mausoléus dos Almeidas.

A estampa representa o de D. João d'Almeida. Na photographia que tenho presente consigo lêr no letreiro d'esse tumulo: Aqui jaz o conde de Abrantes D. João de Almeida e a condessa D. Ines de Noronha sua mulher falleceu o dito conde aos ... do mês de outubro de 1512 annos e a condessa aos dous d'abril de 1445 (?).

É muito conhecido este Almeida, que foi vedor da fazenda de D. João ii e nas genealogias marca-se-lhe a data da morte effectivamente em 1512.

Esta casa dos condes de Abrantes, depois dos marquezes do mesmo titulo, ainda hoje tem representantes.

É muito lindo, mui gracioso o ediculo tumular representado na estampa. O brazão dos Almeidas, com o seu esbelto elmo, e opulentos paquifes, ostenta-se entre arcos de dupla curvatura, muito ornamentados e de subida elegancia; ao mesmo tempo, note-se, a muita decoração não occulta as linhas constructivas. Esse arco duplamente curvado, encontra-se no granadino, isto é, no estylo dos mouros de Granada, nas obras d'arte da época mais brilhante da evolução arabe no sul de Hespanha. As folhas estylisadas, os brutescos, as formas de biscoito encontram-se n'outras partes, mas aqui apparecem com grande relevo; tendencia do esculptor sem duvida, animada pela qualidade da pedra. Na parte superior, aos lados, vejo dois monogrammas que me parecem significar *Jesus, Maria.* Mostra ainda a photographia uma pequena porta bem proporcionada na sua singeleza.

Evidentemente houve em Abrantes gente de bom gosto. Ainda no começo do seculo xix se inaugurou aqui uma associação bem sympathica, a — Academia Tubuciana, litteraria e agricola —. Talvez hoje fosse difficil formar em Abrantes uma academia litteraria; ao menos que tenham uma associação agricola, que se interesse e promova os progressos da bella villa. Falla-se ha tempos no augmento da cultura de flôres, fructas e hortaliças para exportação. Pois está Abrantes bem no caso de apresentar os productos dos seus campos naturalmente ferazes para abastecer mercados estrangeiros; porque á fertilidade do terreno accresce alli o Tejo, grande fonte de riqueza tão mal aproveitada.

O que se tem feito ultimamente em irrigações no Egypto e nos Estados-Unidos da America do Norte é um prodigio de vontade intelligente; milhares e milhares de hectares de terras ingratas se transformam pela irrigação em propriedades productivas. Entre nós infelizmente o aproveitamento dos rios está por fazer e por estudar.

La ville se partage en deux paroisses, S. Jean Baptiste et S. Vincent Martyr. Elle possède un hôpital, l'assistance aux enfants trouvés, ainsi qu'il arrive dans toutes les villes du Portugal, un peu importantes, et un théatre assez beau. Une de ses gloires est d'être la patrie d'un grand acteur portugais encore vivant, et célèbre depuis plus d'un demi siècle. Taborda! Francisco Alves da Silva Taborda, l'illustre comédien qui donna tant d'heures joyeuses aux mélancoliques portugais, naquit à Abrantes le 8 Janvier 1824.

Au commencement du xviii^{me} siècle il y avait à Abrantes deux couvents de moines: l'un, de dominicains de Notre Dame de la Consolation, fondé en 1472 par D. Lopo d'Almeida, premier comte d'Abrantes; et l'autre de francisquains de la province de Piedade, institué en 1526.

Le monastère de Notre Dame de Graça, de religieuses dominicaines, avait été fondé en 1384 par D. Vasco de Lamego, évêque de Guarda. Celui de Notre Dame de l'Espérance était de franciscaines.

Abrantes porte sur ses armes quatre fleurs de lys sur champ d'or, et autant de corbeaux avec une étoile au milieu. Un auteur digne de foi a expliqué ce blason de la manière suivante: les lys proviennent du premier grand alcade qui se trouva à la prise de Lisbonne, d'où il rapporta une dent de S. Vincent en honneur du quel on institua l'église de ce nom, et pour cette raison on réunit le corbeau aux lys. L'étoile signifie qu'elle fut habitée par les maures.

Pendant la première partie du xviii^{me} siècle il y avait encore à Abrantes quelques familles nobles avec des majorats importants, telles que Freire de Sousa, Freire de Macedo, Athaide Coutinho, Soares Galhardo, Cação Pereira, Pimenta do Avelar, Vaz de Castello Branco, Almada da Gama; ces majorats étaient les plus grands il y en avait d'autres de moindre importance.

Vers cette époque il y avait à peu près une centaine de bateaux qui faisaient la communication entre la ville et Lisbonne et beaucoup de barques de pêcheurs.

Le palais des marquis d'Abrantes qui furent pendant longtemps les grands alcades, existe encore dans le château. Cette construction qui date du milieu du xviii^{me} siècle est un beau type d'édification, qui ne fut pas achevé. L'église de Sainte Marie du Castello est très ancienne; elle renferme des œuvres d'art de mérite, surtout les mausolées des Almeidas.

La gravure représente celui de D. João d'Almeida. Sur la photographie que j'ai sous les yeux on peut lire cette inscription du tombeau: Ci gît le comte d'Abrantes D. João d'Almeida et la comtesse D. Inés de Noronha sa femme; le comte mourut le ... du mois d'Octobre 1512 et la comtesse le 2 Avril 1445 (?). Cette maison des comtes et plus tard des marquis d'Abrantes a encore des représentants.

Le tombeau que la gravure reproduit est très beau et très elégant. Le blason des Almeidas avec son beau casque, orné de riches panaches, parait entre les arceaux à double échancrure, très ornementés et superbement élégants, et, chose digne de remarque, l'abondante décoration ne nuît pas aux lignes principales de la construction. L'arc doublement cintré, se trouve dans les motifs de Grenade, c'est-à-dire dans le style mauresque d'Alhambra, et dans les œuvres d'art de cette époque, la plus brillante de l'évolution arabe au sud de l'Espagne. Les feuilles stylées, les motifs grotesques, les besants, se retrouvent ailleurs, mais ici ils présentent des reliefs supérieurs, sans doute grâce au talent du sculpteur et aussi à la qualité de la pierre. Dans la partie supérieure, aux côtés, je vois deux chiffres qui semblent signifier *Jesus, Maria.* La photographie montre encore une petite porte bien proportionnée quoique très simple.

Evidemment il y eut à Abrantes des personnes de bon goût. Au commencement du xix^{me} siècle on y a encore inauguré une association des plus sympathiques, l'Académie *Tubuciana,* littéraire et agricole. Il serait peut-être difficile, de nos jours, de former à Abrantes une académie littéraire; mais, au moins, il doit y avoir une société agricole qui s'intéresse et encourage les progrès de la belle ville. On parle depuis longtemps de l'augmentation de la culture de fleurs, de fruits et de légumes pour l'exportation. Abrantes est bien à même de présenter les productions de ses terres, si naturellement fertiles pour approvisionner les marchés étrangers; outre la fertilité du terrain, le voisinage du Tage est encore une source de richesse dont on tire peu de profit.

Ce que l'on a fait dernièrement sous le rapport d'irrigations en Egypte et aux États-Unis de l'Amérique du Nord est un prodige de volonté bien dirigée; des milliers d'hectares de landes stériles ont été transformés au moyen d'irrigations, en des propriétés de grand rapport. Chez nous malheureusement on n'a pas encore étudié la manière de tirer parti des eaux fluviales.

Vianna do Alemtejo

Diz-se Vianna do Alemtejo para distinguir de Vianna do Minho, ou do Castello. Em documentos muito antigos apparece denominada Vianna Focem, ou Foxem ou Foxim, que dizem termo mourisco. Mais tarde é designada Vianna d'apar d'Alvito. A palavra *Vianna* preoccupa os philologos; acha-se esta designação locativa em Hespanha, França, Italia; é de fundo antigo como *Evora*, nome que com muitas variantes se encontra pela Europa.

Ha muitos documentos antigos sobre Vianna do Alemtejo, que eu não usarei agora. É certo que no principio do seculo XIII estava em ruina e abandonada; a epoca das travadas pelejas repetidas entre christãos e mouros muito intensas nos seculos XII e XIII que assolaram e ermaram uma grande facha do Alemtejo. D. Gil Martins a reconstruiu e povoou; fez-se o castello, e el-rei D. Diniz lhe deu certa importancia para lhe assegurar a povoação.

Em 1482 aqui se celebraram côrtes. Tinham começado no anno anterior em Evora; mas veio a peste, por isto as transferiram para Vianna.

Os contagios e pestes martyrisaram Portugal n'esses tempos antigos; o que isso seria, n'uma época sem hygiene! fugia-se; ermavam-se as povoações; faziam entrar manadas de bovinos; accendiam grandes fogueiras. Fizeram-se côrtes em Evora, Vianna, Montemór-o-novo, etc. Muito interessantes algumas d'essas côrtes onde clero, nobreza e povo, villãos e alcaides, procuradores dos mestéres e senhores de solares se faziam ouvir. Não se fez ainda, e é pena, um corpo d'esses documentos.

Vianna assenta em suave encosta. A vista foi tirada de um ponto superior apresentando principalmente a parte velha da povoação, o castello, o convento, a matriz; a parte archeologica; no fundo os amplos terrenos levemente ondulados, as terras de pão, os olivaes e montados; uma serra longiqua a esvair-se em neblina termina o quadro. É uma vista severa, de amplo horizonte. As massas de arvoredo de olival e azinhal são escuras, ferreas; não ha o verde avelludado do pinheiro ou o fresco do castanheiro: os campos de lavoura só verdejam na primavera, apparecem louros em junho, e logo, feitas as ceifas, ficam os restolhos sem brilho, adustos. Vianna está na grande mancha de montados e olivaes a sul de Evora, entre grandes propriedades das casas Cadaval, Palmella, Bragança, Monfalim, etc.

Por esses olivaes de paz, e nas pacatas ruasinhas da villa, passou uma vez a furia da guerra num dos seus episodios mais crueis: foi uma briga brava e raivosa entre portuguezes, nessa triste guerra civil da Patuléa. Em outubro de 1846 aqui se encontraram tropas da rainha que estavam cercando Evora, com as forças revoltadas, entre estas tropas de linha tambem, que vinham do Algarve e Beja, soccorrer a capital transtagana. Foi um combate rapido e medonho. A guerra civil em Portugal e Hespanha attinge sempre uma ferocidade excepcional. Neste ataque de Vianna procuravam-se pessoas, ou determinados grupos de tropa, ou gente de certas localidades para liquidarem zangas e rivalidades; nos olivaes fechados, nos hortejos cortados de muros dividiu-se em grupos a cavallaria e infantaria; fez-se combate sem plano, luctas parciaes, duellos terriveis, uma brutalidade de bestas. Os combates de Torres Vedras (dezembro de 1846) e o do Viso, perto de Setubal (maio de 1847), foram mais *civilisados*, mais regulares, com menos sangueira relativamente.

D. Pedro II deu o titulo de conde de Vianna a D. José de Menezes.

No convento das religiosas de S. Jeronymo houve instrumentos de musica de muito merecimento. Este ramo foi muito esquecido entre nós.

Com certeza sahiram do paiz, por baixo preço, instrumentos preciosos. O fallecido collecionador Teixeira d'Aragão só nos ultimos annos da sua trabalhosa e util vida deu attenção a harpas e instrumentos de corda. Agora o snr. Keil, o bem conhecido maestro, está formando uma collecção já numerosa.

O quarteto de instrumentos de corda das Jeronymas de Vianna tinha grande fama. Fôra offerecido ao convento, ao que ouvi dizer, por uma duqueza de Cadaval, no tempo d'el-rei D. José. Eram instrumentos italianos, de auctor celebre. É certo que após o fallecimento da ultima freira o quarteto não foi encontrado.

Mas ainda relativamente á estampa; o castello medieval conserva as suas torres angulares de coberturas conicas, e a sua cêrca de quadrellas quasi completa. É, em planta, um pentagono irregular. É bom exemplo de architectura militar.

Vê-se tambem o exterior da matriz: o tom escuro é o do granito tisnado pelos seculos; é a pedra dominante na localidade. De granito é a porta da Egreja matriz representada na outra estampa. Está

Vianna do Alemtejo

On dit Vianna du Alemtejo pour la distinguer de Vianna du Minho ou du Castello. Dans de vieux documents on la nomme Vianna Focem, ou Foxem ou Foxim, que l'on croit être un terme mauresque. Plus tard on la désigne comme Vianna d'apar d'Alvito. Le mot *Vianna* préoccupe les philologues; cette désignation locative se trouve en Espagne, en France et en Italie; elle a un fond d'ancienneté comme *Evora*, nom qui avec beaucoup de variantes se retrouve en Europe.

Il y a beaucoup de documents anciens à propos de Vianna du Alemtejo, dont je ne parlerai pas maintenant. Il est avéré qu'au commencement du XIII^{me} siècle elle était abandonnée et en ruines; c'était l'époque des luttes incessantes entre chrétiens et maures, très prolongées au XII^{me} et XIII^{me} siècles et qui dévastèrent et dépeuplèrent une grande partie de l'Alemtejo. D. Gil Martins la réédifia, la repeupla; le château fut élevé et le roi D. Diniz lui accorda une certaine importance pour bien établir la ville.

En 1482 le parlement y siégea. L'année précédente il avait été installé à Evora mais la peste le fit transférer à Vianna.

Les épidémies et les contagions martyrisèrent le Portugal pendant ces temps anciens, et nous nous demandons ce que cela pouvait être à cette époque où l'hygiène était inconnue! On se sauvait, les bourgs, les villes, les villages restaient déserts; on faisait entrer des troupeaux de bétail; on allumait de grands feux. Il y eut des *cortes* à Evora, Vianna, Montemór-o-novo, etc. Ces parlements où se faisaient entendre le clergé, la noblesse, le peuple, les paysans, les gouverneurs, les procureurs et les châtelains étaient très intéressants. Il est dommage qu'il n'existe pas une reproduction de ce qui s'y passait.

Vianna repose sur un coteau doucement incliné. La photographie a été prise d'une hauteur et présente surtout la partie ancienne de la ville, le château, le couvent, l'église paroissiale, c'est-à-dire, la partie archéologique; au fond on voit de vastes terrains à peine ondulés, des champs de blé, des oliviers, des chênaies; une montagne lointaine s'estompe dans la brume au fond du tableau. C'est un panorama sévère, d'un vaste horizon. Les masses de verdure d'oliviers et d'yeuses sont d'un vert foncé et dur; elles n'ont pas le velouté des sapinières ni la fraicheur des marroniers: les champs labourés ne verdoient qu'au printemps, en juin ils blondissent et sitôt que la moisson finit il ne reste que l'esteuble terne et brûlé. Vianna se trouve dans la grande région des glandées et des oliviers au sud d'Evora, entre les grandes propriétés des maisons de Cadaval, Palmella, Bragança, Monfalim, etc.

Parmi ces paisibles oliviers et dans ces rues tranquilles de la ville, la guerre furieuse est passée une fois, lors d'un de ces plus cruels épisodes; ce fut une rixe sauvage et enragée entre portugais, dans cette triste guerre civile de la Patulêa. En Octobre 1845 les troupes de la reine qui entouraient Evora, se heurtèrent aux troupes révoltées qui accouraient de l'Algarve et de Beja pour secourir la capitale de l'Alemtejo. Le combat fut rapide et acharné. En Portugal et en Espagne la guerre civile atteint toujours une férocité exceptionnelle. Dans cette bataille de Vianna on recherchait les personnes, ou les groupes de soldats, ou des gens de certaines localités avec lesquels on voulait acquitter d'anciennes rivalités; dans les bois d'oliviers, dans les potagers coupés de murailles, les troupes à cheval et à pied se divisèrent; le combat eut lieu sans plan, en luttes partielles, en duels terribles, avec une brutalité de bêtes féroces. Les combats de Torres Vedras, en Décembre 1846, et de Viso, près de Setubal, en mai 1847, furent plus *civilisés*, plus réglés et relativement moins sanglants.

D. Pedro II donna à D. João de Menezes le titre de comte de Vianna.

Dans le couvent des religieuses de S. Jeronymo il y avait des instruments de musique très remarquables. Encore une chose très oubliée parmi nous.

Beaucoup d'instruments précieux ont certainement disparu de notre pays, pour des prix dérisoires. Feu Teixeira d'Aragão, un de nos remarquables collectionneurs, ne s'est occupé de harpes et d'instruments à corde, que pendant les dernières années de sa vie si laborieuse et utile. De nos jours Mr. Keil, le compositeur bien connu, est en train de faire une collection déjà assez importante.

Le quartuor d'instruments à corde des Jeronymas de Vianna était très ronommé. Il avait été offert au couvent, d'après ce que l'on dit, par une duchesse de Cadaval, au temps du roi D. José. C'étaient des instruments italiens d'auteur célèbre. Mais il est certain qu'après la mort de la dernière religieuse les instruments disparurent.

Revenons à nos gravures; le château du moyen-âge conserve ses tourelles d'angle, à pignon conique et son enclos en carrés, presque complet. Sur le plan, c'est un pentagone irrégulier, mais comme exemplaire d'architecture militaire, il est très apprécié.

completa, intacta. O elegante portal geminado, com o seu tympano onde sobresae a cruz da Ordem de Christo, o arco-moldura, em festão de rosas, onde acha apoio o brazão de Portugal, de corôa aberta; depois o arco de dupla curvatura ladeado pelas espheras armillares. Esta egreja é do tempo de D. Diniz, mas reconstruida em tempo de D. João II e D. Manuel. D'este com certeza a porta reproduzida na estampa. Agora repare-se n'esta porta, bem ornamentada mas robusta, espessa, e veja-se o ediculo de Abrantes, de que já fallei. É que para fazer trabalho pegado, no granito de Vianna, o operario gastou mais tempo, energia e ferramenta do que no arrendado e mui relevado ediculo feito de fino lioz. A egreja matriz de Vianna é um templo claro e espaçoso, de tres naves. Conservaram-se aqui até ha poucos annos, dizem, algumas vidraças antigas, historiadas e coloridas; hoje pouco resta, apenas um vidral com a figura de S. Pedro. No abandonado convento de Jesus uma familia illustre e benemerita installou asylos e créche que muito tem servido á gente da villa e termo.

—Não ha n'este reino outra villa com tantas casas de beneficencia publica como esta de Vianna.—

D. Antonio da Costa celébra em paginas elegantes esses estabelecimentos de Vianna. São devidos principalmente ao padre Luiz Antonio da Cruz e ao medico dr. Antonio José de Sousa. Ambos falleceram ha muito, mas as suas instituições têm tido sempre progresso.

Assim esta villa, além da sua antiga Misericordia, tem asylo de velhos impossibilitados, asylo de creanças, créche, o instituto de caridade, escolas primarias. Ha poucos annos o governo creou ahi uma pequena escola de olaria, que é industria popular na localidade.

Gabriel Pereira.

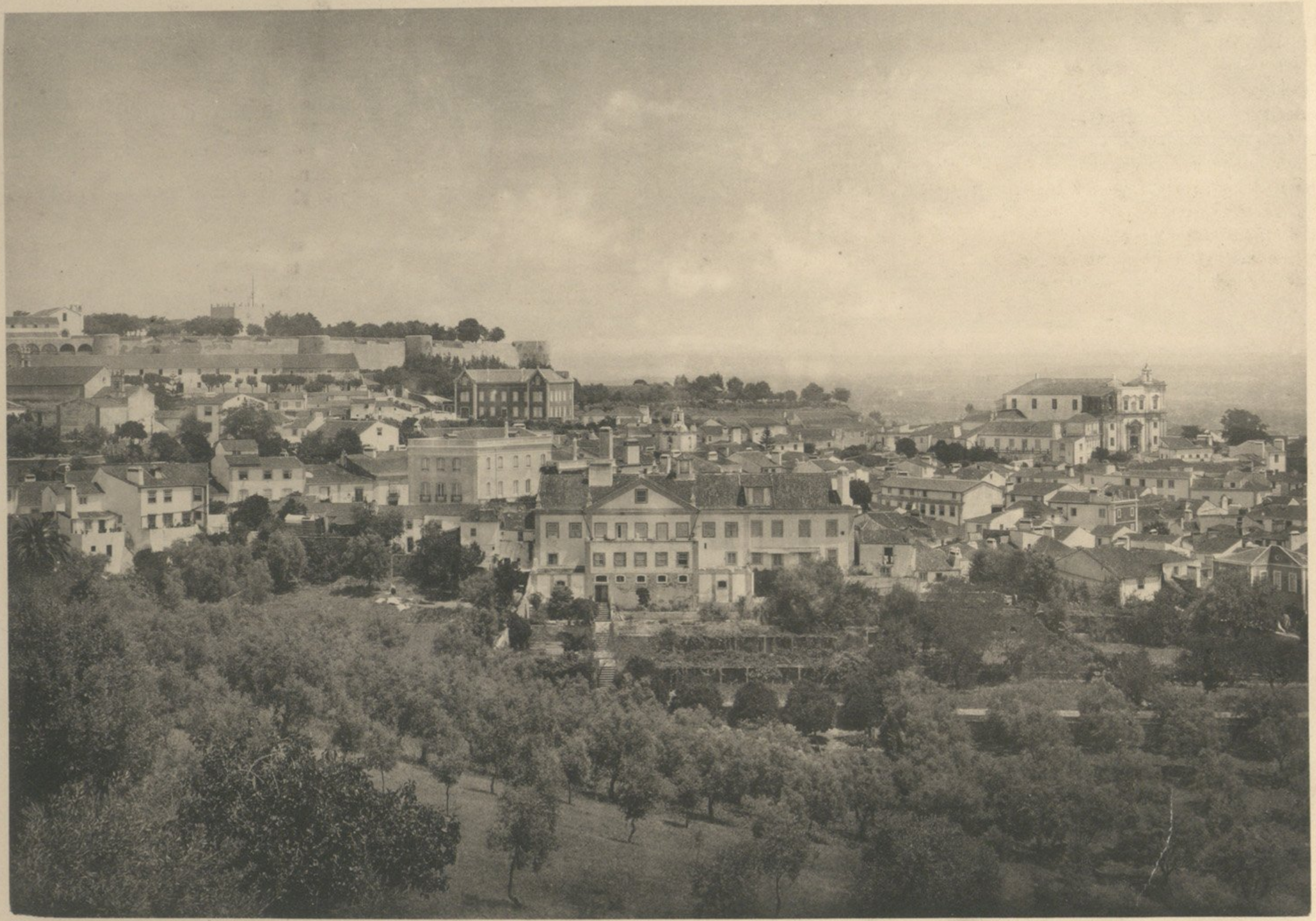
On voit aussi l'extérieur de l'église principale; la couleur grisâtre est celle du granit brûlé par les siècles, pierre qui domine dans cette localité. La porte de l'église représentée dans une autre gravure est aussi en granit, et elle se trouve intacte. L'élégant portail est géminé avec le tympan réhaussé par la croix du Christ, l'arc en moulûre en festons de fleurs, sur lequel s'appuie le blason du Portugal, à couronne ouverte, ensuite l'arc à double cintre flanqué par les sphères armillairs. Cette église est du temps de D. Diniz, mais elle a été reconstruite sous le règne de D. João II et D. Manuel. La porte est assurément du dernier. Remarquons maintenant cette porte bien ornée, mais épaisse, robuste, et observons l'édicule d'Abrantes dont j'ai déjà parlé. Pour faire ce travail entier, en granit de Vianna, l'ouvrier a certainement dépensé plus de temps, d'énergie et d'outillage, que pour fouiller et ornementer l'édicule en pierre de taille. L'église de Vianna est un temple clair et vaste, à trois nefs. Il y a peu d'années, on y voyait encore quelques vitraux anciens, coloriés et ornementés; aujourd'hui on n'en trouve qu'un, avec l'image de S^t^ Pierre. Dans le couvent abandonné de Jésus une famille illustre et méritante a installé des asiles, des crèches, qui rendent de grands services aux habitants de la ville et des environs.

On ne trouve pas en Portugal une ville qui ait autant d'établissements de bienfaisance que celle de Vianna.

D. Antonio da Costa, en phrases élégantes, parle de ces institutions de Vianna. Elles sont pour la plupart, l'œuvre du prêtre Luiz Antonio da Cruz et du médecin dr. Antonio José de Sousa. Tous deux sont morts depuis longtemps, mais les institutions qu'ils ont établies, continuent à augmenter progressivement.

Ainsi, cette ville, outre son ancienne Misericordia, enfants trouvés, a des asiles pour les vieillards impotents, des asiles pour les enfants, des crèches, une institution de charité, des écoles primaires. Dernièrement le gouvernement y a installé une école de poterie, industrie très populaire de la région.

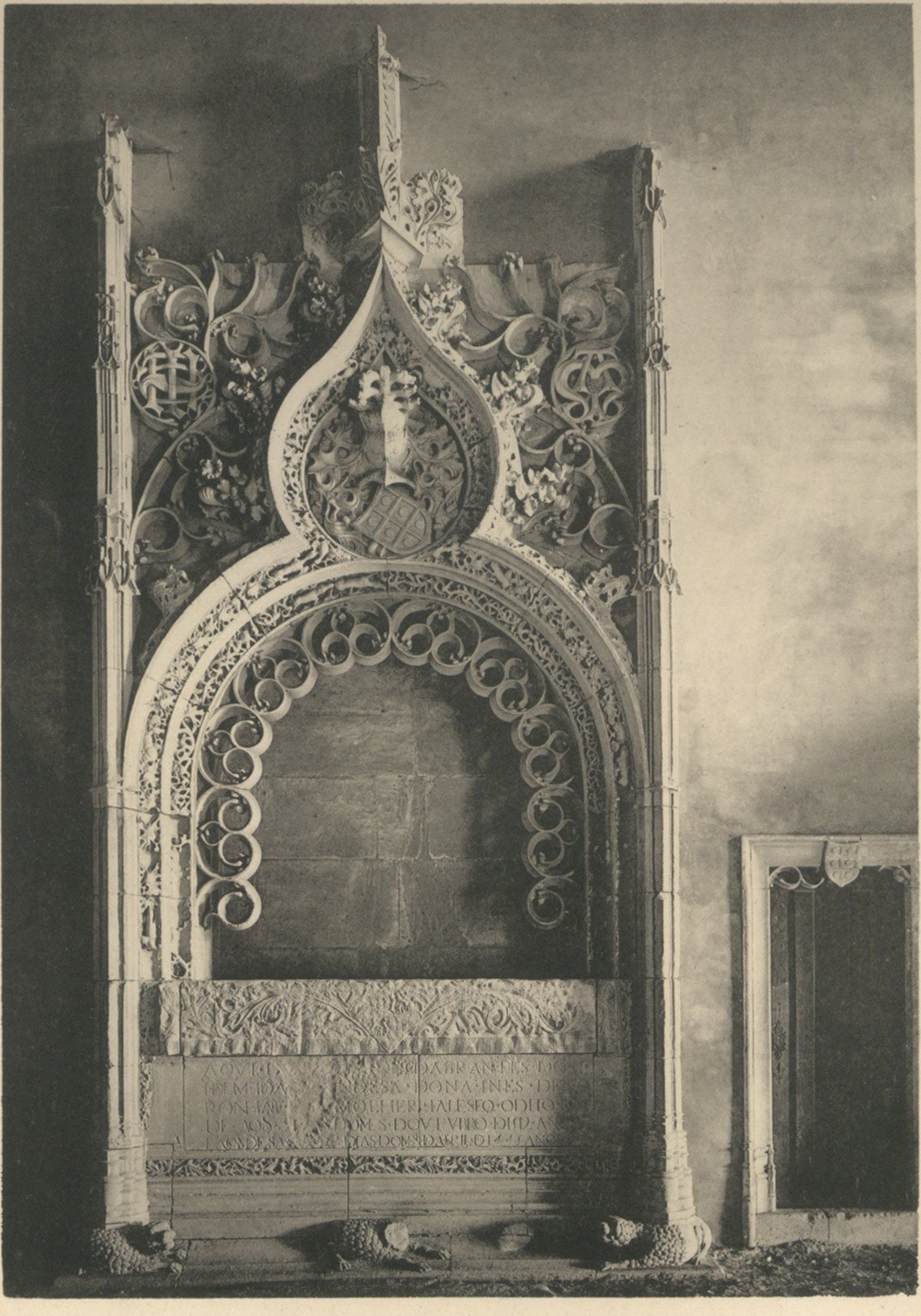
Gabriel Pereira.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Vista geral
ABRANTES

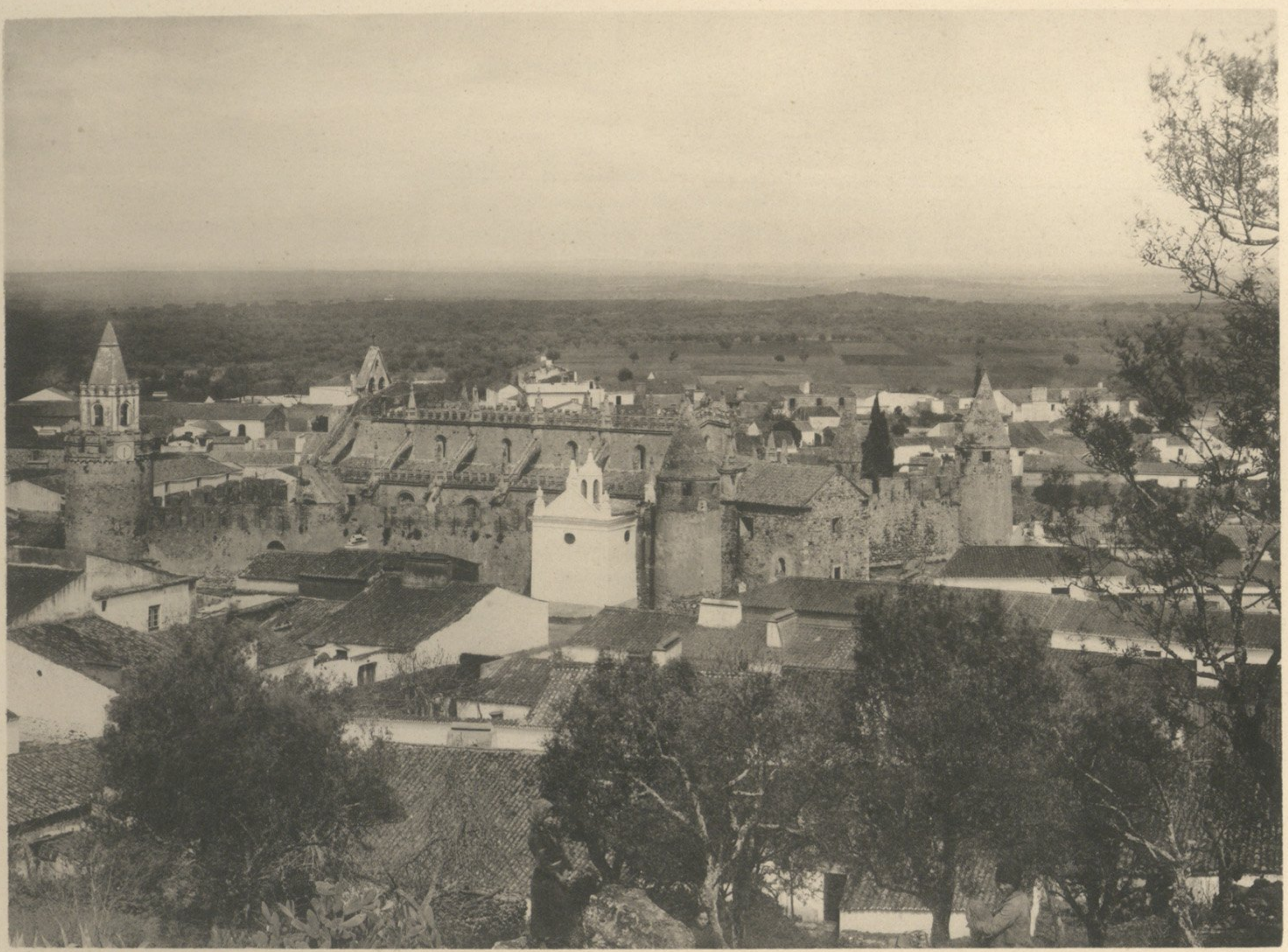


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Tumulo do Conde d'Abrantes D. João d'Almeida

ABRANTES

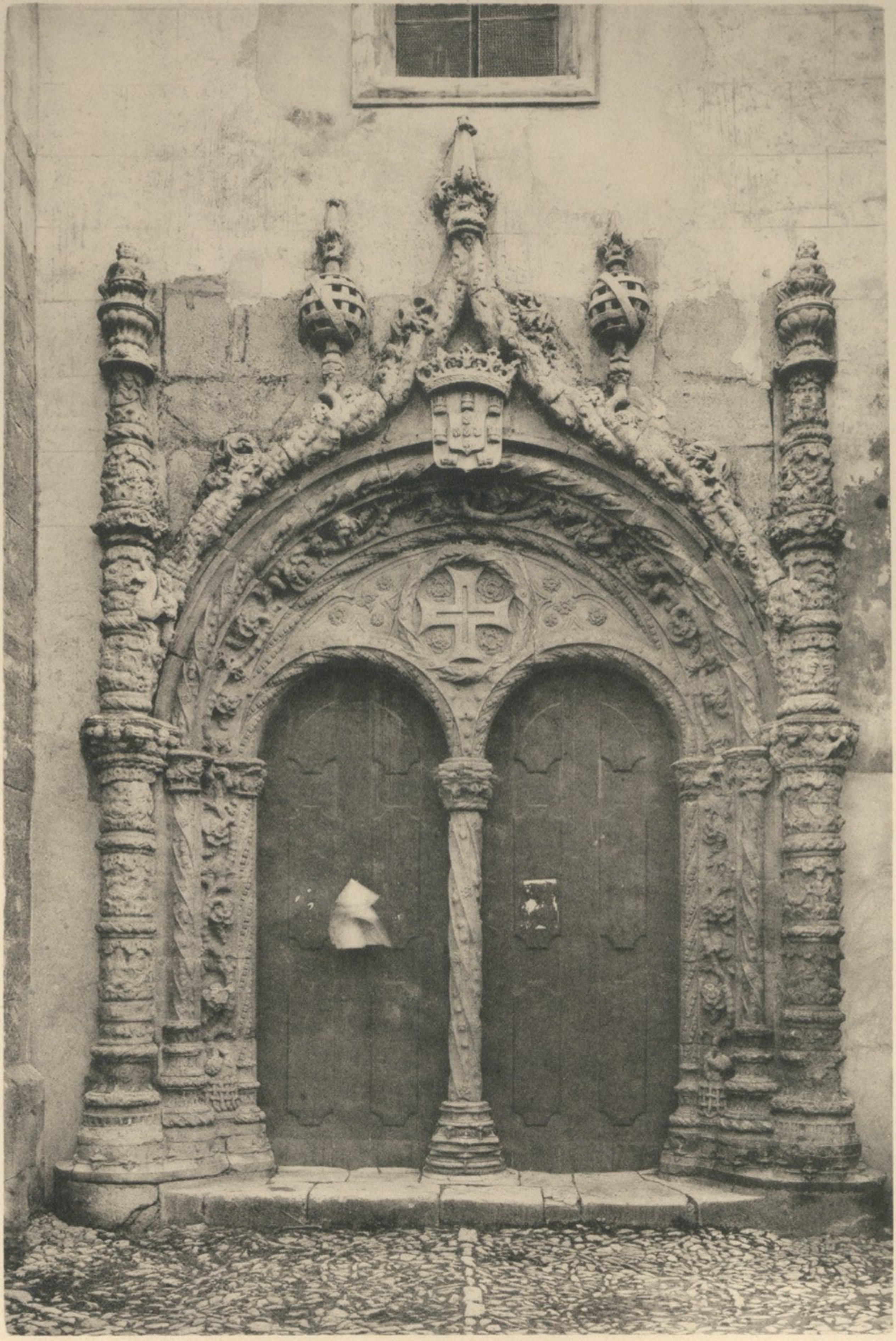


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ᴬ EDITORES

Vista geral

VIANNA DO ALEMTEJO



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Porta da Egreja Matriz
VIANNA DO ALEMTEJÓ

Beja

Beja, interessante cidade alemtejana, tem historia muito antiga; é a *Pax Julia* de Julio Cesar que foi assim denominada para commemorar a pacificação da Lusitania. Em 48, antes da era christã, os lusitanos, depois de longos annos de aspera resistencia á influencia romana, estavam domados; os gloriosos chefes tinham morrido nos desesperados combates, ou sido assassinados por traidores vendidos a Roma, como succedeu a Viriato. Julio Cesar celebrou pazes, concedeu regalias e direitos, tratou de se tornar amigo dos povos conquistados, e fazer esquecer as crueis carnificinas dos primeiros annos da conquista: deu nomes a algumas das povoações principaes: *Pax Julia, Pax Augusta, Felicitas Julia, Liberalitas Julia,* etc. Evora e Lisboa tinham nomes antigos que prevaleceram. Não sabemos que nomes antigos teriam Beja e Badajoz; parece que estes nomes derivam das designações latinas.

Nas differentes phases do governo imperial Beja teve sempre logar eminente; gozou do direito italico; foi séde de um *convento juridico,* tribunal superior de justiça; na organisação feita por Augusto (24 antes de J. C.) e na de Tito (anno 75) Beja figura como uma das cidades principaes da Lusitania. Em Beja e seus arredores apparecem muitos vestigios romanos. No museu municipal de Beja, e no Museu Cenaculo annexo á Bibliotheca Publica d'Evora, exhibem-se lapides com letreiros sepulcraes, fragmentos d'esculpturas, etc., do tempo dos romanos, descobertos na região bejense.

Trechos da corôa da muralha romana subsistem hoje; uma porta da mesma epoca está de pé, escondida nuns quintaes; outra conheci ainda erguida e aprumada, a chamada porta de Mertola, derribada haverá trinta annos por causa do transito; pretexto que tem servido em Beja, Evora, etc., para justificar ferozes vandalismos.

Na queda do imperio romano desaba na peninsula hispanica a chusma dos barbaros septentrionaes; os suevos não poderam sustentar-se ao sul do Tejo, fixaram-se ao norte d'este rio; e os godos muito lentamente occuparam esta região. Houve aqui, pelo que se vê, grande e demorada resistencia á invasão germanica, porque? É este um ponto interessante, bastante obscuro da historia d'esta região. Porque se retrahiram os suevos, e tanto tempo levaram os godos a chegar a Beja? Por causa dos imperiaes de Byzancio que conseguiram manter-se aqui, noutras regiões do sul da peninsula hispanica e em parte da Africa septentrional organisados, fortes, e fieis ao imperio do Oriente. Todavia em costumes, na arte decorativa, nenhum vestigio de tal influencia. Esta cidade, convento juridico dos romanos, foi séde episcopal dos gódos.

Dá-se a invasão arabe; desembarcam no extremo sul da peninsula, e logo um dos grandes exercitos dos invasores marcha sobre Beja. Porque tanta pressa em tomar esta cidade? A meu vêr ainda neste ponto houve influencia byzantina, e rancôr ao dominio godo; o celebre conde Julião, de Ceuta, era um imperial e em Beja haveria ainda tradição imperialista.

É ainda outra phase interessante: parece que Beja tomou logo entre os mouros especial importancia, e que os gódos das Asturias a não esqueciam tambem. Em 715 foi tomada pelos mouros. Em 750 os asturianos a conquistam, mas os arabes não se demoram a retomal-a.

Em 753 Frulea I, rei de Oviedo, occupa a cidade, que fica na posse dos christãos até 760 em que foi tomada por Abd-el-Raman, e fica arabe durante seculo e meio. Mas Ordonho II, nos primeiros annos do seculo X, em 910 ou 914, entra a disputada cidade, que fica livre de mouros até 985, anno em que o celebre Al-Mansor, o poderoso califa de Cordova, a tomou aos christãos.

Em 1037, Fernando o Magno, de Leão, a possuiu por pouco tempo. Em 1155 é tomada por D. Affonso Henriques, que a perde pouco depois. Em 1162 cae de vez em poder dos portuguezes. Mas os arabes não se resignam, tentam apossar-se d'ella a todo o transe; em 1179 reunem forças numerosas e cercam a disputada cidadela; o infante D. Sancho, depois Sancho I, correu em auxilio de Beja, e segundo se conta, a briga entre christãos e arabes nos arrabaldes da cidade, nos declives d'aquelle monte isolado, foi tremenda. Dos sitiantes ficaram poucos prisioneiros; os mais foram mortos; foi de muito sangue esse dia de 18 d'abril de 1179.

Outro ponto. Dominaram aqui os de Roma tantos seculos e nenhum nome lusitano se salienta. Nem um general, um sabio, um poeta ou dramaturgo, um grammatico. Apenas se menciona um Corne-

---

Beja

Beja, l'intéressante ville de l'Alemtejo, a une histoire des plus anciennes; c'est la *Pax Julia* de Jules César, qui fut ainsi nommée pour célébrer la pacification de la Lusitanie. L'an 48, avant l'ère chrétienne, les lusitains, après de longues années d'âpre résistance à l'influence romaine, étaient enfin dominés; les chefs glorieux avaient succombé dans des combats acharnés, ou assassinés par des traîtres vendus à Rome, comme il arriva à Viriato. Jules César célébra la paix, accorda des droits et des grâces, tâcha de devenir l'ami des peuples conquis et de faire oublier les cruels massacres des premières années de conquête: il donna des noms à quelques localités principales: *Pax Julia, Pax Augusta, Felicitas Julia, Liberalitas Julia,* etc. Evora et Lisbonne avaient des noms anciens qui ont prévalu. Nous ne savons pas quels étaient les anciens noms de Beja et Badajoz; il nous semble qu'ils dérivent des désignations latines.

Pendant les différentes phases du gouvernement impérial, Beja occupa toujours une place supérieure; elle eut la jouissance du droit italique; elle fut le siège d'un *couvent juridique,* tribunal suprême de justice ou cour d'appel; lors de l'organisation faite par Auguste (24 ans avant J. C.) et celle de Titus, (an 75) Beja figure comme une des principales villes de la Lusitanie. On trouve à Beja et dans ses environs beaucoup de vestiges romains. Dans le musée municipal de Beja et au Musée Cenaculo annexé à la Bibliothèque publique d'Evora, on voit des plaques avec des inscriptions sépulcrales, des fragments de sculptures, etc., du temps des romains, et qui ont été découverts dans la région de Beja.

Il existe encore aujourd'hui des restes du couronnement de la muraille romaine; une porte de la même époque est encore debout, cachée dans des jardins; j'en ai vu une autre bien droite, que l'on nomme la porte de Mertola, et qui a été démolie, il y a à peu près une trentaine d'années, à cause de la circulation; c'est un prétexte qui a servi dans plusieurs de nos villes anciennes pour justifier des actes de vandalisme féroce.

Avec la chute de l'empire romain, la ruée des barbares septentrionaux s'abattit sur la péninsule hispanique, les suèves ne purent pas se maintenir au sud du Tage, et se fixèrent au nord de ce fleuve, et les goths occupèrent très lentement cette région. D'après ce que l'on voit, il y eut là une longue et forte résistance contre l'invasion germanique. Pourquoi? C'est un des points intéressants, et encore obscurs de l'histoire de cette contrée. Pour quelle raison les suèves se sont-ils retenus, et les goths prirent-ils tant de temps pour arriver à Beja? À cause des impériaux de Bysance, qui réussirent à se maintenir là, ainsi que dans d'autres régions du midi de la péninsule hispanique et dans une partie de l'Afrique septentrionale, où ils se fixaient, bien organisés, forts et fidèles à l'empire d'Orient. Toutefois, dans les mœurs, dans l'art décoratif, on n'aperçoit aucun vestige de cette influence. Cette ville, couvent juridique des romains, fut le siège épiscopal des goths.

Ensuite survint l'invasion des arabes qui débarquèrent à l'extrémité sud de la péninsule et aussitôt une des grandes armées des envahisseurs se dirigea sur Beja. Pourquoi avaient-ils autant d'empressement à s'emparer de cette ville? Selon mon avis, il y avait sur ce point-là une influence bysantine, et une rancune contre la domination arabe; le célèbre comte Julien, de Ceuta, était un impérial, et à Beja la tradition impérialiste devait exister encore.

Une autre phase intéressante: il parait que Beja avait acquis aussitôt chez les maures une importance spéciale et que les goths des Asturies ne l'oubliaient pas non plus. En 715 elle fut prise aux maures, en 750 les asturiens la conquérirent, mais les arabes ne tardèrent pas à s'en emparer de nouveau.

En 753 Frulea I, roi d'Oviedo, occupa la ville, qui resta aux mains des chrétiens jusqu'à 760, où elle fut prise par Abd-el-Raman, restant ainsi arabe pendant un siècle et demi. Mais Ordonho II, aux premières années du X^{me} siècle, en 910 ou 914, entra dans la ville si disputée, qui, jusqu'à 985, fut débarrassée des maures; ce fut dans cette même année que le célèbre Al-Mansor, puissant calife de Cordoue, la prit aux chrétiens.

En 1037, Ferdinand, le Magne, de Léon, la posséda pendant quelque temps. En 1155 elle fut prise par D. Affonso Henriques, qui la perdit peu de temps après. En 1162 elle tomba de nouveau au pouvoir des portugais. Mais les arabes ne se résignèrent point et voulurent s'en emparer absolument; en 1179 ils réunirent de nombreuses armées et assiégèrent la citadelle si disputée; l'infant D. Sancho, lio Boccho, um quasi obscuro de que resta minguado fragmento. Do sul da peninsula sahem imperadores, escriptores, pensadores, dos primeiros de Roma. Este paiz do occidente foi pobre, esquecido; mas intensamente romanisado com certeza; pois encontramos o territorio cheio de vestigios de povoados, de estradas, de villas ruraes com seus mosaicos, de cidades de fortes muralhas torreadas, de fragmentos de obras d'arte consideraveis. Chegam os arabes; aqui em Beja passam vida agitada; e todavia a cidade brilha na arte, na industria e nas letras; Beja apresenta uma serie de escriptores arabes de alta nomeada.

Al-Makkari refere-se a Beja dizendo: «É a capital de um dilatado territorio que durante a dynastia dos Beni-Abbad formou parte do reino de Sevilha. É famosa pelas suas alcaçarias e manufacturas de algodão. No seu termo ha minas, até de prata.»

Não desejo encher linhas mencionando os nomes arabes de escriptores. Floresceu ahi uma escola de sciencias e letras. Na maioria esses escriptores foram theologos e jurisconsultos: um foi historiador, outro orador e poeta, e ainda um grammatico. Viveram nos sec. IX a XII.

Camões, nos *Lusiadas,* allude a estes acontecimentos historicos. D. Affonso Henriques, depois de ter assegurado a posse da margem direita do Tejo pela tomada de Santarem e Lisboa, começa a guerra de conquista no Alemtejo.

Já na cidade de Beja vai tomar
Vingança de Trancoso destruida,
Affonso que nam sabe sossegar
Por estender co'a fama a curta vida;
Nam se lhe pode muito sostentar
A cidade; mas sendo já rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada
Provando os fios vai da dura espada.

Canto III, est. 64.

Os mouros cercam Beja; o exercito português, commandado pelo infante D. Sancho, faz uma entrada rapida no dominio agareno, até Sevilha, com o fim de impedir que enviem reforços aos sitiantes; o que se conseguiu ficando estes isolados, depois derrotados.

E com esta victoria cobiçoso
Já nam descança o moço até que veja
Outro estrago como este, temeroso
No barbaro que tem cercado Beja;
Nam tarda muito o principe ditoso,
Sem ver o fim d'aquillo que deseja,
Assi estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas põem sua esperança.

Canto III, est. 76.

Beja é celebrada no *Côro das musas,* de F. N. da Silveira:

É Beja por antiga conhecida
Pax Julia por Cesar nomeada
Nobilissima colonia ennobrecida
Por titulo ducal e sé gabada
A santa lei de Deus alli trazida
Por Thesifon, brilhou mui dilatada,
Aprigio seu prelado a illustrou
E Manoel, o grande, a sublimou.

A cidade está edificada num planalto; a distancia vê-se aquella altura, a grande torre mui saliente, trechos de muralha escura no lado norte, casaria branca vestindo os pendores.

Da estação do caminho de ferro até á praça sobe-se sempre, uma comprida ladeira. Da alta torre o horizonte é vasto; avistam-se os castellos de Cintra e Palmella, serras de Portugal e Hespanha, a Foya

plus tard Sancho I, courût en défense de Beja et d'après ce que l'on dit, la lutte entre chrétiens et arabes dans les environs de la ville, sur les pentes de cette montagne isolée, fut des plus terribles. Peu d'assiégés restèrent prisonniers; d'autres furent tués; cette journée du 18 Avril 1179 fut sanglante.

Encore un autre point. Les romains y dominèrent pendant des siècles et aucun nom lusitain ne s'y remarque. Pas un seul général, ni un savant, ni un poète, ni un auteur, ni un grammairien. On cite à peine un Cornelio Bocho, nom si obscur dont il ne reste qu'un faible souvenir. Du midi de la péninsule on vit sortir des empereurs, des écrivains, des penseurs, qui furent des premiers à Rome. Ce pays d'Occident fut pauvre et oublié; mais certainement il était fortement *romanisé,* car on retrouve le sol plein de restes de bourgades, de routes, des villages avec leurs mosaïques, des villes aux solides murailles fortifiées et des fragments d'œuvres d'art considérables. Les arabes survinrent et passèrent à Beja une vie agitée et toutefois la ville brilla dans les arts, l'industrie et les lettres. Beja présente une série d'écrivains arabes très renommés.

Al-Makkari parlant de Beja dit: «C'est la capitale d'un vaste territoire, qui pendant la dynastie des Beni-Abbad fit partie du royaume de Séville. Elle est fameuse pour ses tanneries et manufactures de coton. Dans cette région il y a des mines, même d'argent.»

Je ne veux pas remplir ces lignes en citant des noms d'écrivains arabes. Il y eut à Beja une école brillante de sciences et de lettres. La plupart de ses écrivains furent des théologues ou des jurisconsultes: il y eut un historien, un orateur, un poète et un grammairien, qui vécûrent du IX$^{\text{me}}$ au XII$^{\text{me}}$ siècle.

Camões dans les *Lusiades* fait allusion à ces évènements historiques. D. Affonso Henriques après s'être assuré la possession de la rive droite du Tage avec la prise de Santarem et de Lisbonne, commença la guerre de conquête dans l'Alemtejo.

Já na cidade de Beja vai tomar
Vingança de Trancoso destruida,
Affonso que nam sabe sossegar
Por estender co'a fama a curta vida;
Nam se lhe pode muito sostentar
A cidade; mas sendo já rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada
Provando os fios vai da dura espada.

Canto III, est. 64.

Les maures assiégèrent Beja; l'armée portugaise commandée par l'infant D. Sancho fit une entrée rapide dans le domaine barbare jusqu'à Séville, afin d'empêcher qu'on envoya des renforts aux assiégeants; elle réussit et ceux-ci restèrent isolés et ensuite vaincus.

E com esta victoria cobiçoso
Já nam descança o moço até que veja
Outro estrago como este, temeroso
No barbaro que tem cercado Beja;
Nam tarda muito o principe ditoso,
Sem ver o fim d'aquillo que deseja,
Assi estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas põem sua esperança.

Canto III, est. 76.

Beja est célébrée dans le *Côro das musas* de F. N. Silveira:

É Beja por antiga conhecida
Pax Julia por Cesar nomeada
Nobilissima colonia ennobrecida
Por titulo ducal e sé gabada
A santa lei de Deus alli trazida
Por Thesifon, brilhou mui dilatada,
Aprigio seu prelado a illustrou
E Manoel, o grande, a sublimou.

La ville est située sur un plateau, que l'on aperçoit à distance, ainsi que la grosse tour très saillante, des pans de murailles grises sur le côté nord, et des maisons blanches sur les pentes de la montagne. De la gare du chemin de fer jusqu'à la place, on monte toujours une rude chaussée. Du haut de de Monchique e a serra d'Ossa, e terras largas de cultura cerealifera, manchas negras de montados e olivedos, nesgas de vinhas, ou cerros escuros de minerio, porque todo aquelle districto é rico de cobre e manganez.

A fortificação da cidade foi alterada por Affonso III. D. Diniz edificou a torre de menagem, bem construida, de grande altura, com suas corôas de ameias e matacães formando varanda apoiada em grossos cachorros. É irmã da torre de Estremoz. Peças analogas de architectura militar do sec. XIII e XIV se encontram na Europa. D'esta torre de Beja existe um desenho feito por 1700 que a mostra mais completa; a construcção superior subia bastante, era uma torre de menor diametro com suas ameias. A construcção completa attingia 50 metros d'altura. Do castello pouco resta, as muralhas foram em grande parte destruidas, e o material aproveitado nas edificações urbanas; as portas romanas (ha desenhos de tres no começo do seculo XIX) foram destruidas ou mascaradas. A torre em tempos serviu de prisão. Nos ultimos annos surgiu em Beja um certo amor pela gloriosa antiguidade; appareceram homens dedicados; a Camara Municipal formou um Museu historico, archeologico, ethnographico mui digno de estudo. Um modesto e intelligente escriptor, Palma, fez interessantes catalogos que estão impressos.

Tinha seis conventos, tres de frades, tres de freiras; alguns de fundação remota. O mais antigo, de frades de S. Francisco, foi fundado pela rainha Santa Izabel em 1324. O de Nossa Senhora da Conceição, de freiras, foi instituido e edificado, por 1467, pelo infante D. Fernando e sua mulher D. Brites. A fundação do de Santa Clara vae ao meio do seculo XIV. Os outros são do seculo XVI.

El-rei D. Manuel foi o primeiro duque de Beja; D. João II a fez cabeça de ducado em favor de seu primo, que lhe veio a succeder na corôa. D. Manuel em 1512 deu-lhe a categoria de cidade; e fez duque de Beja seu segundo filho o infante D. Luiz; ficou sendo praxe que os segundos filhos do rei tivessem o titulo de duques de Beja. D. Pedro IV, quando regente do reino, dispoz que os filhos segundos fossem duques do Porto, e os terceiros de Beja. No reinado do snr. D. Luiz isto se observou, e o snr. D. Affonso, seu filho segundo, é duque do Porto. Entendeu-se que o segundo do snr. D. Carlos fosse duque de Beja, que é o snr. infante D. Manuel.

Nasceram nesta cidade alguns escriptores de grande nomeada: Jacintho Freire d'Andrade, o bispo Amador Arraes, o famoso padre José Agostinho de Macedo. Tres grandes nomes! Em varias publicações, ainda numa bem recente, se affirma que foi aqui o berço do philosopho Espinosa. Baruch Spinosa, ou Bento Espinosa, o grande pensador, de origem judaica mas de espirito universal, nasceu em Hollanda de uma familia fugida de Portugal. Alguns membros da familia assignaram Espinosa Vighiers, e passou como certo que este appellido Vighiers alludia á patria, e era transformação, já hollandeza, de Figueira, de Figueira da Foz, em Portugal. Um hebraista mui distincto, snr. Cardoso, verificou que a familia Spinosa residira por muito tempo na villa da Vidigueira, no Alemtejo, não longe de Beja; por isto nasceu talvez a ideia de que Spinosa, o philosopho, aqui tivesse visto a luz. O appellido *Vighier* será derivado de Vidigueira. Jacintho Freire d'Andrade nasceu em Beja em 1597 e falleceu em Lisboa em 1657. Foi poeta e prosador distincto. A sua *Vida de D. João de Castro, viso-rei da India,* é bem escripta, obra classica, bem conhecida nas escolas.

O bispo D. Amador Arraes (1530-1600) foi escriptor elegante; um artista da prosa portugueza. Os seus *Dialogos moraes* são muito estimados. Pobre frade carmelita foi elevado a bispo de Portalegre, onde empregou as suas rendas em beneficencias e construcções que ficaram. Depois resignou o bispado e foi metter-se no convento de Coimbra, onde se isolou a meditar e a escrever. Hoje não são lidos os livros de piedade, de moral, de ascetismo dos tempos idos. De vez em quando vale a pena lêr umas paginas de Arraes, de Thomé de Jesus, de Bernardes, ou do hespanhol Luiz de Granada, que esteve muitos annos em Portugal. Apparece poesia, alta inspiração, eloquencia nessas paginas.

Um vulto raro, inconfundivel, palpita sobre a serena e branca cidade. A dolorosa vibração do seu gemido ouve-se no côro dos infortunios do amor. Uma mulher nova, uma freira, pomba do Senhor, ingénua e crente, fica deslumbrada á vista de um official francez, bello homem, de linda farda, montando o seu cavallo fogoso. Era tempo de guerra; elle, um chefe e de alta nobreza, commandava tropas; ia e vinha de campanhas. A freira, Marianna Alcoforado, acreditou nas palavras de amor. Elle era um corpo dourado com alma de gelo; um vaidoso. Gostou da aventura, fez juras e promessas, e abandonou-a. Depois victorioso e enfatuado, mostrou aos amigos as cartas da pobre freira portugueza, agonisante de

la tour l'horizon est vaste; on aperçoit les châteaux de Cintra et de Palmella, des chaînes de montagnes de Portugal et d'Espagne, la Foya de Monchique, le mont Ossa, de vastes terrains de culture de céréales, des taches noires de chênaies et d'oliviers, des coins de vigne, et des trouées obscures de mines, car tout ce district est très riche en mines de cuivre et de manganèse.

Les fortifications de la ville furent altérées par Affonso III. D. Diniz édifia la tour d'honneur, très bien construite, très haute, avec son couronnement de créneaux et de tourelles, formant un balcon appuyé sur de solides arc-boutants. Elle est semblable à la tour de Estremoz. On retrouve en Europe des spécimens analogues, d'architecture militaire du XIII^{me} e XIV^{me} siècle. Il y a un dessin de cette tour de Beja fait vers 1700, où elle paraît plus complète; la construction supérieure montait plus haut; le diamètre de la tour était moindre avec les créneaux. Le bâtiment entier avait 50 mètres de hauteur. Il reste peu de chose du château, les murs sont presque tous détruits et les moellons ont été employés pour des constructions urbaines; les portes romaines, dont il existait des dessins de trois, au commencement du XIX^{me} siècle, ont été détruites ou bouchées. La tour servit autrefois de prison. Pendant ces dernières années il y a eut à Beja un certain amour pour la glorieuse antiquité; quelques personnes dévouées se sont présentées; la municipalité a établi un musée historique, archéologique, ethnographique, très dignes d'étude. Un écrivain très intelligent et très modeste, Mr. Palma, a fait des catalogues bien intéressants qui ont été imprimés.

Il y avait à Beja six couvents, trois de moines et trois de religieuses; quelques uns étaient d'origine très reculée. Le plus ancien, de religieux franciscains fut fondé en 1324 par la reine Sainte Isabel. Celui de Notre Dame de Conceição, de religieuses, fut institué et édifié vers 1467 par l'infant D. Fernando et sa femme D. Brites. La fondation du couvent de Sainte Clara date du milieu du XIV^{me} siècle. Les autres sont du XVI^{me}.

Le roi D. Manuel fut le premier duc de Beja; D. João II l'érigea en duché en faveur de son cousin qui lui succéda comme roi. D. Manuel en 1512 accorda à Beja la catégorie de ville et donna le titre de duc de Beja à son deuxième fils l'infant D. Luiz; on établit alors que les deuxièmes fils du roi auraient le titre de ducs de Beja. D. Pedro IV, lorsqu'il fut régent du royaume, disposa que les deuxièmes fils seraient ducs de Porto et les troisièmes de Beja. Pendant le règne de D. Luiz on observa ceci; son deuxième fils l'infant D. Affonso, est duc de Porto. Et il fut entendu que le deuxième fils du roi D. Carlos serait duc de Beja, l'actuel infant D. Manuel.

Quelques écrivains de grande réputation sont nés à Beja: Jacintho Freire de Andrade, l'évêque Amador Arraes, le célèbre prêtre José Agostinho de Macedo. Trois grands noms! Dans quelques publications, dont une même très moderne, on assure que cette ville a été le berceau du philosophe Espinosa. Baruch Spinosa ou Bento Espinosa, le grand penseur, d'origine juive mais d'esprit universel, est né en Hollande d'une famille qui avait fui le Portugal. Quelques membres de cette famille se nommaient Espinosa Vighiers, et on trouva certain que ce nom de Vighiers avait une relation avec la patrie, et était une transformation déjà hollandaise de Figueira, Figueira da Foz, en Portugal. Un professeur d'hébreu très distingué, Mr. Cardoso, a découvert que la famille Spinosa avait vécû pendant longtemps dans le bourg de Vidigueira, dans l'Alemtejo, près de Beja; de là est venue peut-être l'idée que Spinosa le philosophe y était né. Le nom de famille de *Vighier* est plutôt dérivé de Vidigueira. Jacintho Freire d'Andrade est né à Beja en 1597 et mourût à Lisbonne en 1657. Il fut un poète et prosateur très distingué. Sa *Vida de D. João de Castro, viso-rei da India,* est une œuvre classique, très bien écrite, connue dans les écoles. L'évêque D. Amador Arraes (1530-1600) fut un écrivain élégant, un artiste de la prose portugaise. Ses *Dialogos moraes* sont très appréciés. C'était un pauvre moine carme, élevé à la dignité d'évêque de Portalegre, où il employa tous ses revenus en œuvres de bienfaisance et en des constructions qui restèrent. Ensuite il quitta sa charge et se retira dans un couvent de Coimbra, où il s'isola pour méditer et écrire. De nos jours on ne lit pas les livres de piété, de morale et d'ascétisme d'autrefois. De temps en temps cela vaut la peine de lire quelques pages de Arraes, de Thomé de Jesus, de Bernardes ou de l'espagnol Luiz de Granada, qui a été pendant beaucoup d'années en Portugal. On trouve de la poésie, une haute inspiration et de l'éloquence dans ces pages.

Sur la ville blanche et sereine palpite une image rare et inoubliable; la douloureuse vibration de ses plaintes se fait entendre dans le chœur des infortunes amoureuses. Une jeune femme, religieuse, colombe du Seigneur, naïve et croyante, fut éblouie à l'aspect d'un officier français, bel homme, porsaudades. Nas cartas ha a expressão sincera, e por isto eloquente, da paixão amorosa. As cartas foram traduzidas em francez e publicadas; os originaes desappareceram. Do francez passaram a outras linguas; cada vez mais conhecidas e estudadas. Do sentimento amoroso, da apaixonada dedicação, da angustia saudosa as cartas da freira de Beja produzem nitidas formulas; frisante, ingenua manifestação do estado d'essa alma, gentil e portuguesa de lei.

Luciano Cordeiro fez um estudo sobre Marianna Alcoforado, e traduziu as cartas que ella dirigiu a Mr. de Chamilly. Ainda ha pouco se publicou em Inglaterra uma nova versão.

Beja tem soffrido muito. Num largo periodo a inquisição d'Evora apoquentou a gente da cidade; d'uma vez foram presos os medicos; de outras os mercadores, os operarios; muitas mulheres entraram nos carceres; nas listas do Santo Officio apparecem dezenas e dezenas de nomes de moradores da cidade.

Na primeira invasão franceza (1808) o espirito patriotico da cidade foi barbaramente castigado a ferro e fogo. Nas nossas luctas civis de miguelistas e pedristas, de patuléas e cartistas, das temerosas guerrilhas, Beja e seu termo foram theatro de scenas de ferocidade humana. Por essas ruas e travessas tão socegadas agora, entre a casaria branca, desenrolaram-se vinganças tragicas. O bom velho D. frei Manuel do Cenaculo, arcebispo de Evora, e que por muitos annos foi bispo de Beja, que tanto illustrou, por ahi passou entre bayonetas da soldadesca.

Uma gravura representa a torre de menagem; a nitidez das arestas mostra a perfeição da construcção e a excellencia do material empregado. Vê-se bem a varanda com os angulos salientes, as ameias terminando em pyramides de base quadrada, as valentes misulas ou cachorros; ha um segundo corpo de faces reentrantes, salientes os cunhaes; e sobre este corpo havia outra construcção, talvez um coruchéo ou flecha, o que daria grande garbo á torre. Vê-se bem uma janella, geminada, ogival. Outra torre e trechos de muralha mostra a gravura; a torre é de apparelho romano, alterada na parte superior pela justaposição de ameias mais modernas.

A porta da egreja da Conceição é ogival, com applicações manuelinas, muito elegante, ostentando os brazões do infante D. Fernando e da infante D. Beatriz; monumental a grande facha lavrada que remata o edificio. As duas estatuas representam os fundadores; a meio vê-se um escudo singular. A gravura bem o mostra. É um *y* grego como apparece em moedas de D. João II; este Y está em moldura formada por quatro serras de carpinteiro, sobrepostas e pregadas nas extremidades. É o brazão da infante D. Brites, do qual se tem dado varias explicações. Este escudo d'armas apparece em varios pontos do edificio. A porta do claustro da Conceição, de volta redonda, grandes espheras armillares, manuelinas, formando capiteis, encimada pelo brazão das quinas, é exemplar que se afasta bastante dos usados na época; o fundo é de xadrez de azulejo antigo, verde e branco. Muito azulejo havia no convento! vi montões de azulejos partidos, arrancados brutalmente. Outra gravura mostra o estado actual depois da grande e dispendiosa obra. Basta olhar a estampa para conhecer a misturada do verdadeiro com o fingido. Aquella linda janella, ou antes portal sobre a pequena varanda, geminada, com arcos de ferradura, é bom exemplar do mosarabe ou mourisco que tanto dominou no Alemtejo até ao seculo XVI.

O grande e complicado altar da Conceição é obra d'arte onde se combinaram a paciencia, e a execução habil, do mosaista e do entalhador. Em marmore e madeira fizeram obra de ourivesaria. É construcção de elegante desenho nas linhas geraes, e de profusão de minuciosos ornatos nos marmores embutidos. Não sei como escapou esta joia d'arte na catastrophe anti-esthetica que feriu a cidade transtagana.

Gabriel Pereira.

tant un brillant uniforme, montant un cheval fougueux. C'était en temps de guerre; comme chef et de haute noblesse il commandait des troupes; il allait et venait de ses campagnes. La religieuse, Marianna Alcoforado, crût à ses paroles d'amour. L'officier avait dans son corps doré, une âme de glace. Il était vaniteux; l'aventure lui plût, il fit promesses et serments et l'abandonna ensuite. Triomphant et fat, il montra à ses amis les lettres de la pauvre religieuse portugaise, qui se mourait de chagrin. Dans ces lettres on trouve l'expression sincère, et par celà même éloquente, de la passion amoureuse. Les lettres furent traduites en français et publiées; l'original a disparu. Ensuite du français elles passèrent à d'autres langues, et furent de plus en plus connues et étudiées. Ces lettres de la religieuse de Beja présentent des formules précises de sentiments amoureux, de dévouement passionné et de douloureuse angoisse; ce sont de naïves et évidentes manifestations de l'état de cette âme si aimante et purement portugaise.

Luciano Cordeiro fit une étude à propos de Marianna Alcoforado, et traduisit les lettres qu'elle avait adressées à Mr. de Chamilly. Dernièrement on a publié en Angleterre une nouvelle traduction.

Beja a beaucoup souffert. Pendant longtemps l'inquisition d'Evora tourmenta les gens de la ville; un jour on mit en prison les médecins; une autre fois, les marchands et les ouvriers; beaucoup de femmes furent enfermées dans les cachots; dans les listes du Saint-Office on voit des dizaines et des dizaines de noms d'habitants de la ville.

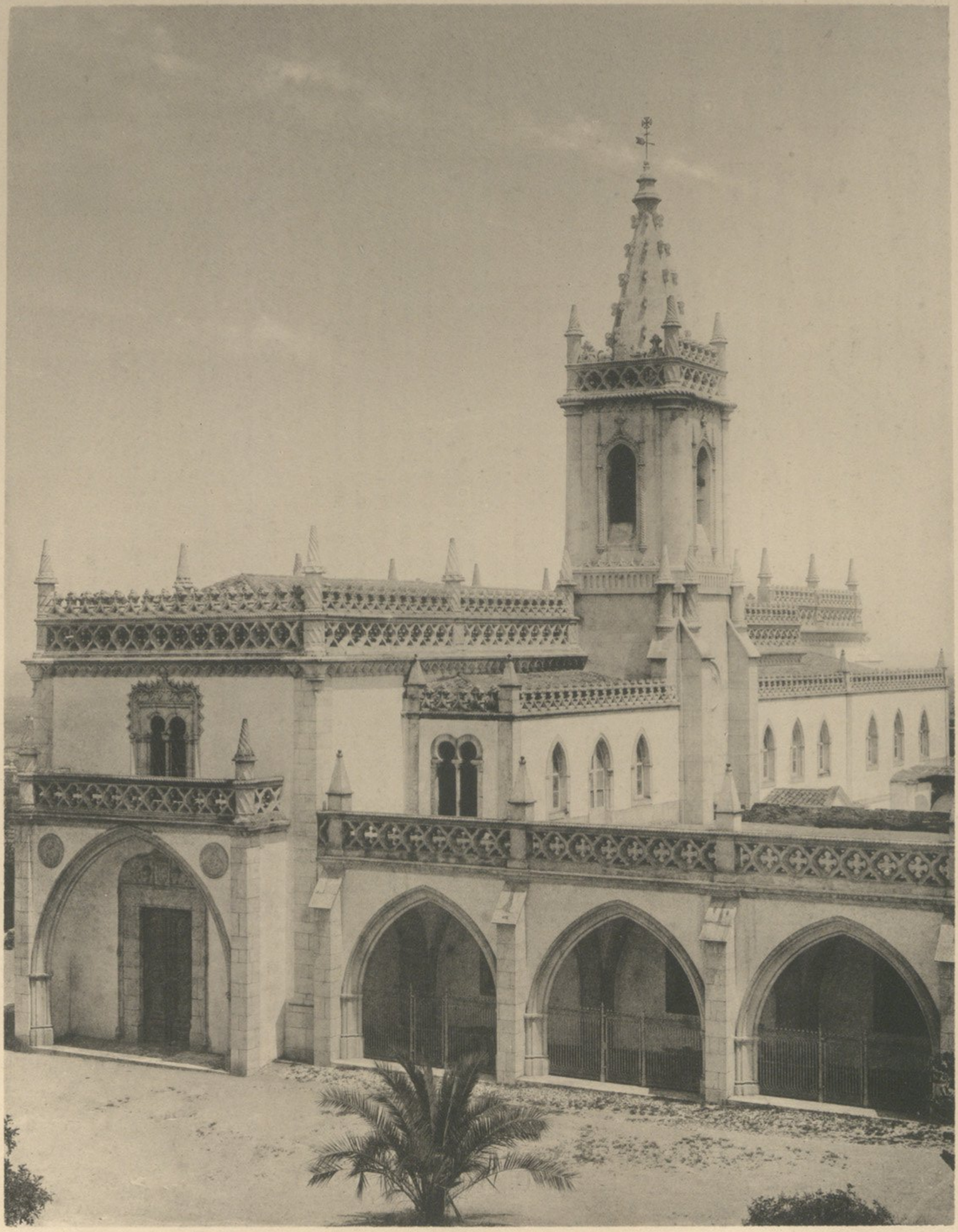
Lors de la première invasion française en 1808, l'esprit patriotique de la ville fut cruellement éprouvé par le fer et par le feu. Dans nos luttes civiles, des partisans de D. Miguel et de D. Pedro, de *patuléas* et *cartistas,* des terribles *guerrilhas,* Beja et ses environs furent le théâtre de scènes de férocité humaine. Dans ces rues et impasses aujourd'hui si tranquilles, parmi ces blanches maisons, se déroulèrent des vengeances tragiques. Le bon vieillard D. frei Manuel do Cenaculo, archevêque d'Evora, qui fut pendant bien des années evêque de Beja et la rendit illustre, y passa souvent entre les baïonnettes des soldats.

Une de nos gravures représente la tour d'honneur; la netteté des contours montre bien la perfection de la construction et la bonne qualité des matériaux dont on se servait alors. On voit parfaitement le balcon avec ses angles saillants, les créneaux terminés en pyramides à base carrée, les solides consoles ou contre-forts; ainsi qu'un deuxième corps de bâtiment en retrait, dont les angles font saillie, et sur cette partie il y avait une autre construction, peut-être une flèche ou un pignon, qui devait donner beaucoup d'élégance à la tour. On aperçoit aussi une fenêtre ogivale géminée. La gravure montre encore une autre tour et des restes de murailles; la tour est de facture romaine, avec la partie supérieure altérée par la juxtaposition de créneaux plus modernes.

La porte de l'église de Conceição est ogivale avec des applications de style *manuelino,* très élégante; elle présente les armoiries de l'infant D. Fernando et de l'infante D. Beatriz, et la grande frise qui couronne l'édifice est monumentale. Les deux statues représentent les fondateurs; au milieu il y a un écusson très singulier comme on le voit sur la gravure. C'est un *y* comme ceux des monnaies du temps de D. João II; cet Y est dans un cadre formé par quatre scies de ménuisier, superposées et clouées aux extrémités. C'est le blason de l'infante D. Brites dont on a donné diverses explications. Ces armoiries se retrouvent dans quelques endroits de l'édifice. La porte du cloître de Conceição, en plein cintre, avec de grands sphères armillaires, de genre manuelino, formant des chapiteaux, et surmontée par l'écusson des quines, est un exemplaire qui diffère un peu de ceux de son époque; le fond est un quadrillé de faïences anciennes blanches et vertes. Quelle quantité de faïences il y avait dans ce couvent! j'en ai vu un grand nombre de cassées, et brutalement arrachées. Une autre gravure montre l'état actuel, après les grandes et coûteuses réparations. Il suffit d'observer la gravure pour s'apercevoir du mélange du vrai et du faux. Cette belle fenêtre, ou plutôt ce portail, sur le petit balcon, géminé, avec ses arcades en plein cintre est un bel exemplaire mosarabe ou mauresque qui a tant dominé dans l'Alemtejo jusqu'au XVI^{me} siècle.

L'autel de la Conceição si grand et si compliqué est une œuvre d'art où se sont réunis la patience et la main d'œuvre la plus habile du mosaïste et de l'ébéniste. Ils ont fait des travaux de joaillerie avec du marbre et du bois. C'est une construction d'un dessin élégant dans son ensemble, avec une profusion de minutieux ornements de marqueterie sur le marbre. Je ne sais pas comment ce bijou artistique a échappé à la catastrophe anti-esthétique qui a envahi la jolie ville de Beja.

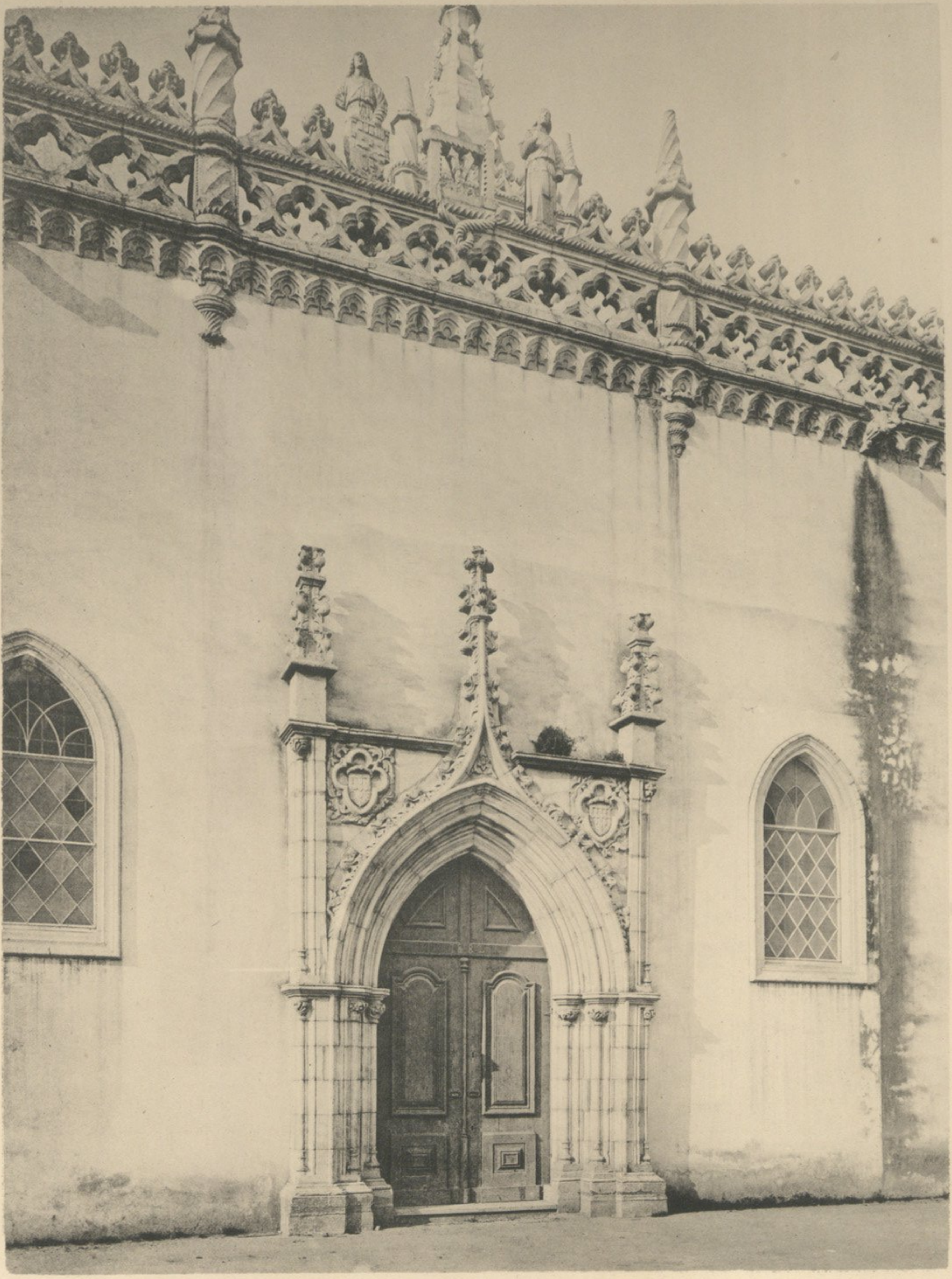
Gabriel Pereira.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

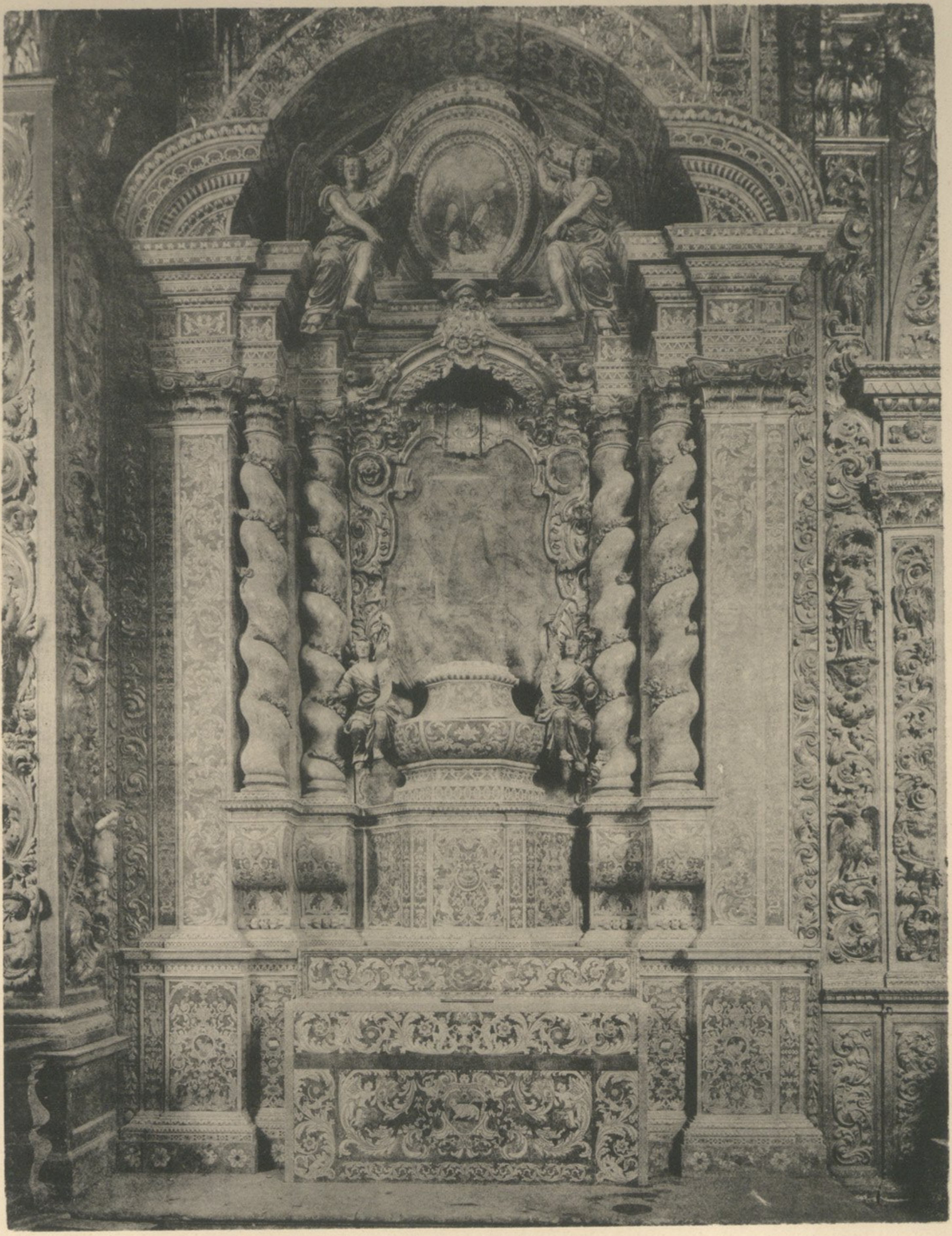
Egreja da Conceição
BEJA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

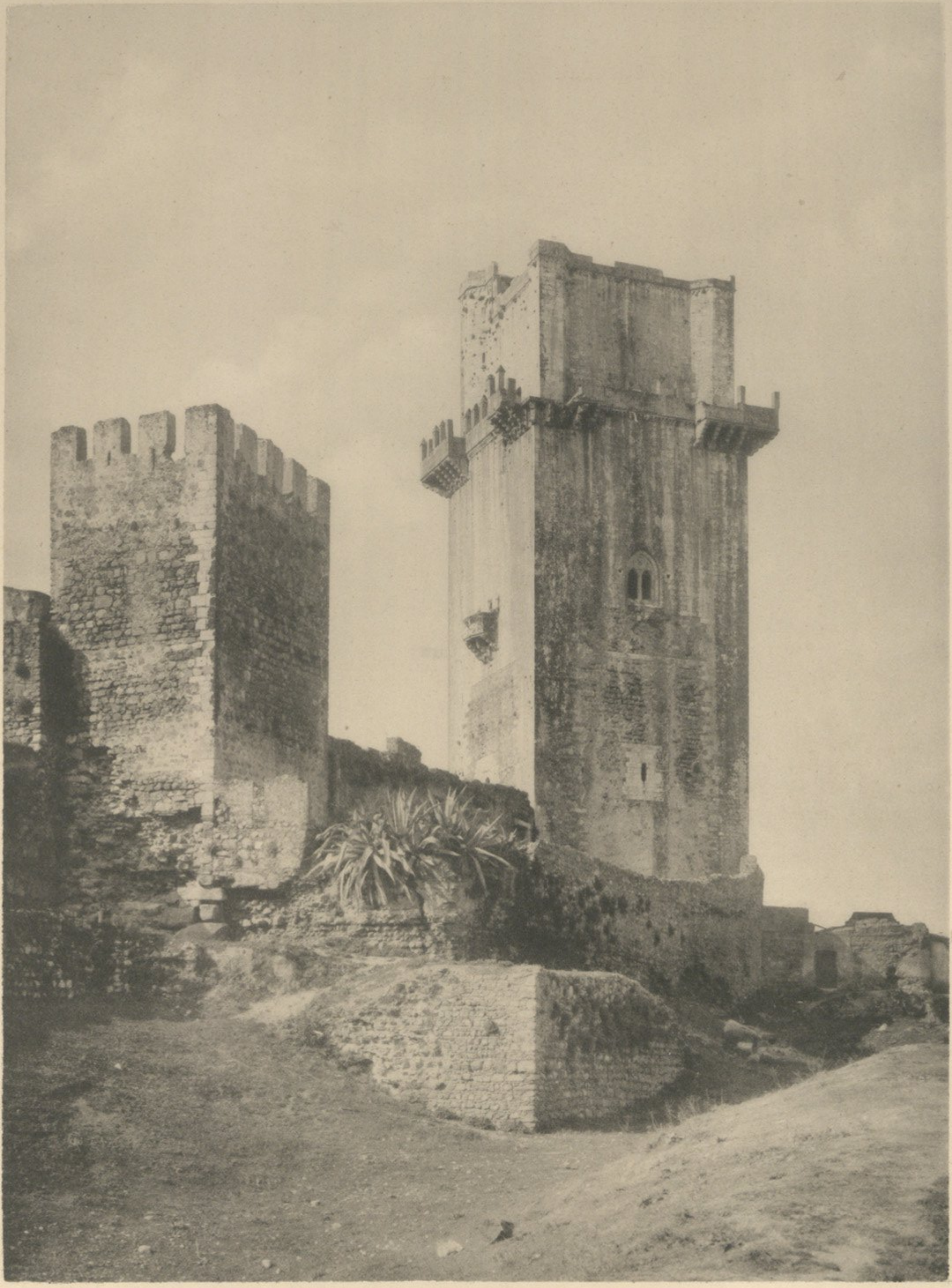
Porta lateral da egreja da Conceição
BEJA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Altar na egreja da Conceição
BEJA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Torre de menagem
BEJA

Elvas

É bem uma cidade alemtejana, caiada e limpa, relevada de torres de egrejas, campanarios de ermidas, varandinhas cobertas, eirados com seus vasos de flôres; manchas d'arvoredo entre a casaria; tudo forrando o declive da ampla collina. Logo no primeiro plano da estampa a porta militar decorada de velhas armaduras, e a bandeira nacional; no cimo vê-se uma parte do velho castello, muralhas negras com suas ameias; quasi a meio declive torres ou cubellos, mais ou menos alterados, marcam ainda o recinto muralhado, a cêrca, da edade media.

É uma praça de guerra que felizmente de ha muito vive em santa paz, labutando na sua vida agricola, entre os olivaes que produzem as bellas azeitonas, e os viçosos ameixiaes que nos dão as rainhas claudias, as ameixas pretas passadas, tão saborosas e hygienicas, e ainda a materia prima das ameixas doces tão apreciadas.

Elvas é povoação muito antiga, de origem romana, celtiberica? seria já cidade dos *Elvecios, gentes ferozes*, o seu nome será derivado de *Elba*, cidade já nomeada no Velho Testamento, ou de Marco Helvio, romano famoso? Maharbal, capitão carthaginez, assentaria aqui arraial? Tudo isto são themas de venerandos archeologos que eu muito respeito. Já no *Côro das Musas* se diz:

De Helvecio, cremos, Elvas derivada,
Fortaleza do Reino mui luzida,
Pelas *linhas* quebradas afamada,
E por mitra e bastão ennobrecida.

O que podemos affirmar com certeza é que existem em Elvas e pelos arredores vestigios seguros da civilisação romana, e monumentos que attestam a residencia prolongada, n'estes sitios, de povos prehistoricos muito anteriores a romanos. Por esses campos, no amplo valle do Guadiana, nas margens, subsistem muitos d'esses interessantes monumentos megalithicos, que o nosso povo rural chama *antas*, e os archeologos estrangeiros conhecem sob a designação *dolmens*.

É um paiz dolmenico. Ha antas por varias regiões do paiz; não espalhadas por toda a parte; estão em grupos; vê-se que o povo que as usou estacionava demoradamente em regiões bem definidas. Nos arredores de Elvas, para o sul, são numerosas; sem involucro tumular; as passagens cobertas muito baixas, as crytas bem conservadas. Exploradores animados pela ancia de achar thesouros occultos, a lendaria panella cheia de moedas d'ouro enterrada pelo mouro fugido, ainda ás vezes defendida pela moura encantada, teem revolvido e quantas vezes! o interior d'esses monumentos sepulcraes, de modo que o indagador scientifico pouco tem a esperar, algum machado de diorite, ou ponta de silex, fragmentos de ceramica tosca; em uma appareceu uma setta de bronze.

Cartailhac por lá andou, e pelo que escreveu vê-se bem que nada alcançou de importante [1].

Os arabes conheceram-na e estimaram-na. O geographo Edrisi diz: «Elvas, cidade forte, situada junto de uma montanha. No risonho paiz que a cêrca ha numerosas habitações e bazares. As mulheres são de grande belleza». Isto affirma o arabe, que para isso teve suas razões. Elvas teve importancia no dominio arabe, e isto resalta da historia da cidade, ora sarracena ora christã, sangrentamente disputada nos primeiros sessenta annos da monarchia. Tomada por Affonso Henriques em 1166, perdida pouco depois; tomada por Sancho I em 1200; novamente conquistada pelos arabes; definitivamente tomada em 1226 por Sancho II. Vem mencionada nos Lusiadas:

E vós tambem, ó terras Transtaganas
Affamadas co'o dom da flava Ceres,
Obedeceis ás forças mais que humanas
Entregando-lhe os muros e os poderes.
E tu, lavrador mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres;
Que Elvas e Moura e Serpa conhecidas
E Alcacere do Sal estam rendidas.

(Canto III, LXII).

---

[1] Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pag. 167.

Elvas

C'EST le véritable type de la ville de l'Alemtejo, propre et blanchie à la chaux, réhaussée de beffrois d'églises, de clochers de chapelles, de petits balcons couverts, de terrasses avec des vases de fleurs; des bouquets d'arbres ressortent parmi les maisons et tout cela tapisse la pente de la vaste colline. Sur le premier plan de la gravure on voit la porte militaire décorée d'anciennes armures et le drapeau national; en haut on aperçoit une partie du vieux château, avec ses murs garnis de créneaux; à mi-hauteur des tours et des tourelles plus ou moins délabrées marquent encore l'enceinte murée, le vieil enclos du moyen âge.

Elvas est une place forte qui heureusement vît depuis longtemps en état de paix, s'occupant de son labeur agricole, parmi ses oliviers qui produisent les belles olives, les verdoyants pruniers qui donnent les reines-claudes, les pruneaux savoureux et hygiéniques, matière première des beaux fruits confits si appréciés.

Est-ce une très ancienne localité d'origine romaine, ou celtibèrique? serait-ce déjà une ville des *Elvecios, gens feroces?* son nome sera-t-il dérivé de *Elba*, ville déjà citée dans l'Ancien Testament, ou de Marcus Helvius, fameux romain? Maharbal, capitaine carthaginois, y aurait-il installé son campement? Tout cela est sujet de discussion pour de vénérable archéologues que je respecte infiniment. Dans l'ancien *Côro das Musas* (chœur des muses) on dit que:

Elvas forteresse brillante du royaume est dérivée d'Helvecio; qu'elle est remarquable pour ses fortifications aux lignes brisées, et ennoblie par la mitre et le bâton.

Ce que nous pouvons assurer avec certitude c'est qu'à Elvas et ses environs on aperçoit des traces certaines de la civilisation romaine et des monuments qui y attestent l'existence prolongée de peuples préhistoriques, bien antérieurs aux romains. Dans ces campagnes, sur la vaste vallée du Guadiana et sur ses rives, on retrouve beaucoup d'intéressants monuments mégalithiques que les gens du peuple nomment *antas* et les archéologues étrangers désignent sous le nom de *dolmens*.

On en trouve d'ailleurs en d'autres régions du pays, mais pas épars de tous les côtés; ils sont groupés et on reconnait que les peuplades qui s'en servaient, demeuraient longuement dans des endroits bien définis. Aux environs d'Elvas, au sud, il y en a un grand nombre, sans apparence de tombeaux; les passages couverts sont très bas et les cryptes bien conservées. Quelques explorateurs avec l'idée de trouver des trésors cachés, ou le vase légendaire rempli de pièces d'or, enfoui là par le maure fugitif, et, gardé parfois par la mauresque enchantée, ont souvent fouillé l'intérieur de ces monuments tumulaires, de manière que l'investigateur scientifique n'y retrouve que peu de chose; une hache en diorite, des pointes de silex, des fragments de poterie grossière; dans l'un d'eux on a trouvé une flèche de bronze.

Cartailhac s'y est promené, mais d'après ce qu'il a écrit on voit qu'il n'a rien trouvé d'important [1].

Les arabes ont connu et apprécié cette ville. Le géographe Edrisi dit: « Elvas, place-forte située près d'une montagne. Dans le riant paysage qui l'entoure on voit beaucoup d'habitations et de bazars. Les femmes sont très belles ». L'arabe le dit et évidemment il a ses raisons. Elvas a eu une grande importance sous la domination arabe, et on le reconnait à l'histoire de la ville, tantôt sarrasine, tantôt chrétienne, disputée avec acharnement pendant les premières soixante années de la monarchie. Prise par Affonso Henriques en 1166, perdue peu après; reprise par Sancho I en 1200, nouvellement reconquise par les arabes, et définitivement acquise en 1226 par Sancho II, Camões dans les *Lusiades* en parle:

Et vous aussi, terres de l'Alemtejo, réputées par les dons de la blonde Cérès, vous obéissez à des forces surhumaines en lui remettant vos murs et vos puissances. Laboureur arabe, tu te trompes si tu penses maintenir cette terre fertile, car Elvas et Moura et Serpa, bien connues et Alcacere do Sal, sont rendues.

(Chant III, LXII).

---

[1] Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pag. 167.

Elvas tem por armas ou brazão — Homem armado a cavallo com um estandarte na mão, com as quinas reaes de Portugal —. E affirma-se que o cavalleiro representa D. Sancho II em pessoa. Outros contam uma pittoresca lenda local a respeito do estandarte; a tradição do audaz e infeliz namorado João Paes Gago que, em louco arrojo, foi a Badajoz roubar o estandarte de Castella que figurava na procissão do Corpo de Deus, d'aquella cidade. Povo, tropas, nobreza e clero iam na solemne festividade. De subito o português arranca o estandarte, corre, monta a cavallo, e parte á desfilada. Grande clamor contra o audaz. Muitos espanhoes o seguem, e surge logo um troço de cavallaria. É uma batida medonha por aquella campina aberta e nua. Elle consegue chegar a uma porta d'Elvas; estava fechada; brada inutilmente; corre a outra porta; fechada tambem. Os espanhoes alcançaram-no então; elle lança o estandarte por sobre o muro, e cae varado das lanças inimigas. O governador mandára fechar as portas, temendo que a cavallaria espanhola invadisse a cidade. Só por isto? Era, dizem, outra a razão. Paes Gago namorava e era amado da mulher do governador, e por aquelle arrojo quizera-lhe provar a immensidade da sua paixão. O governador soube do caso, fechou-lhe as portas, e viu morrer o perigoso rival ás mãos dos cavalleiros espanhoes. Mas isto parece que é uma lenda poetica. O brazão representa o rei Sancho depois da definitiva victoria contra os perros agarenos.

Em 1658 um exercito espanhol com 14:000 infantes, 5:000 cavalleiros e muita artilheria veio cercar a praça. Commandava o exercito D. Luiz de Haro. O pequeno exercito português que estava na praça defendeu-se com grande brio. Foi um cerco longo, e cheio de trabalho e soffrimento.

Mas Portugal não esquecia os sitiados; formou-se um novo exercito que se concentrou em Extremoz. Este cerco é memoravel; os trabalhos de ataque e de defeza foram dirigidos por engenheiros notaveis; as *linhas d'Elvas*, isto é, as linhas fortificadas estendiam-se por muitos kilometros. O pequeno exercito português, inferior em numero ao espanhol, approxima-se, e converge no seu ataque com valor extremo contra determinado sector da linha dos sitiantes; houve combate renhido, a linha é quebrada, e estabelece-se communicação com a praça; depois os portuguêses do conde de Villa Flor, e os do conde de Cantanhede, os dois generaes portuguêses, desalojam e derrotam as tropas de Haro, que é obrigado a fugir, deixando milhares de prisioneiros, grande numero de canhões, de munições, de mantimentos. Foi esta uma das victorias mais notaveis da época da restauração.

Não tratamos da Elvas-praça de guerra, dos tempos modernos; é claro que a fortificação actual, n'estes tempos do canhão de grande alcance e do explosivo de grande força, tem exigencias que estão longe de ser satisfeitas em Elvas. Continúa importante a situação da praça e uteis os seus quarteis abrigados.

Mas a Elvas-fortaleza tal como ficou das guerras da restauração, da successão de Espanha, e como atravessou a formidavel lucta das invasões francezas, e a da guerra contra D. Miguel, essa gloriosa praça modelar merece algumas linhas. A praça, que está n'um monte de escarpas de desigual declive, é um polygono irregular; o diametro maior tem quasi 1:000 metros de comprimento, o menor 650. O perimetro divide-se em doze frentes de grandeza desigual e de obras varias mas construidas todas segundo o systema abaluartado. Tem sete baluartes, quatro meios-baluartes, um redente, ligados entre si por cortinas; são os baluartes de Santa Barbara, de S. João da Corugeira, da Porta Velha, do Cazarão, do Trem e do Principe, o meio baluarte de S. Domingos, o redente do Cascalho. Ha obras exteriores, e dois grandes fortes apoiam e protegem a praça, os da Graça e de Santa Luzia. Tres portas principaes: Esquina, Olivença e S. Vicente; nas muralhas ha portas falsas e porternas.

A cidade tem quarteis, casernas acasamatadas, cisternas, e o *trem* ou pequeno arsenal com officinas de reparação.

No anno de 1800 a guarnição e ornamento ou armamento da praça devia ser em pé de guerra de duzentas cincoenta e sete boccas de fogo, seis a sete mil homens, seiscentos artilheiros, cento e cincoenta sapadores e mineiros, tres esquadrões de cavallaria. Em estado de paz precisava de dois mil homens de infanteria.

Durante muitos annos, ainda modernamente, Elvas foi considerada a melhor escola de serviço de guarnição em Portugal.

O forte de Santa Luzia, a 400 metros a sul do recinto magistral da praça d'Elvas, corôa um outeiro que domina parte da praça e varre ao longe a campina. O seu polygono de fortificação é um quadrado de 150 metros de lado fortificado segundo o primeiro systema de Vauban, com revelins nas

Les armes d'Elvas portent — Un cavalier armé, ayant à la main un étendard avec les quines royales du Portugal —. On assure que ce cavalier est D. Sancho II. D'autres personnes racontent une pittoresque légende du terroir, à propos de l'étendard. C'est la tradition du malheureux et hardi amoureux João Paes Gago qui, dans un fol élan, serait allé à Badajoz, voler l'étendard de Castille, qui figurait à la procession de la Fête-Dieu de cette ville. Le peuple, la troupe, la noblesse et le clergé, tout le monde paraissait à cette fête. Soudain, le portugais s'empare du drapeau, il court, monte à cheval et se sauve au grand galop. Des clameurs s'élèvent contre l'audacieux. Les espagnols le suivent, mais un gros de cavalerie paraît, et une poursuite acharnée s'étend sur la plaine ouverte et nue. Le cavalier arrive à une porte d'Elvas, mais elle est fermée; il frappe inutilement et court à une autre, close aussi. Les espagnols l'atteignent alors, mais il lance le drapeau par dessus le murs et tombe percé par les lances ennemies. Le gouverneur avait fait fermer les portes, craignant que la cavalerie espagnole envahit la ville. Serait-ce la seule raison? On dit qu'il y en avait une autre. Paes Gago aimait et était aimé par la femme du gouverneur, et avait voulu, par cette action d'éclat, lui montrer l'immensité de sa passion. Le gouverneur, informé de ce qui se passait, ferma les portes et vit mourir le dangereux rival aux mains des cavaliers espagnols. Mais ceci semble une légende poétique. Il est présumable que le blason représente le roi Sancho après la victoire définitive contre les chiens d'infidèles.

En 1658 une armée espagnole de 14:000 piétons, 5:000 cavaliers et une nombreuse artillerie vint assiéger la place. D. Luiz de Haro commandait les troupes. La petite armée portugaise, qui était dans la place, se défendit courageusement. Le siège fut long, pénible et douloureux.

Mais le Portugal n'oubliait pas les assiégés et on forma une nouvelle armée, qui se concentra à Extremoz. Ce siège fut fameux; les travaux d'attaque et de défense furent dirigés par de remarquables ingénieurs; les *lignes d'Elvas,* c'est-à-dire, les lignes fortifiées, s'étendaient sur beaucoup de kilomètres. La petite armée portugaise, inférieure en nombre à l'espagnole, s'approche, et son audacieuse attaque se concentre sur un secteur déterminé des assiégeants; il y eut un rude combat, la ligne fut brisée et on pût communiquer avec la place. Ensuite les soldats du comte de Villa Flôr et ceux du comte de Cantanhede, les deux généraux portugais, délogent et déroutent les troupes de Haro, qui est forcé de se sauver laissant des milliers de prisonniers, un grand nombre de canons, de munitions et de denrées. Ce fut une des victoires les plus remarquables de l'époque de la restauration.

Nous ne nous occuperons pas d'Elvas comme place de guerre moderne, car il est certain que les fortifications actuelles, à notre époque de canons de grande portée et d'explosifs de grande puissance, ont des exigences qu'Elvas est loin de remplir. La situation de la place continue à être importante et ses casernes et habitations confortables sont toujours utiles.

Mais Elvas-forteresse, telle qu'elle est restée après les guerres de restauration, de succession d'Espagne, ayant supporté la lutte formidable des invasions françaises et de la guerre contre D. Miguel, Elvas, place modèle, mérite quelques lignes. La place, située sur une montagne escarpée, aux pentes inégales, a la forme d'un polygone irrégulier, dont le diamètre plus long a presque 1:000 mètres de long, et le plus court 650. Le périmètre est divisé en douze faces de grandeur inégale et de travaux variés, tous construits d'après le système bastionné. Elle présente six remparts, quatre autres plus petits, un redans, reliés entre eux par des courtines; ces remparts se nomment Santa Barbara, S. João da Corugeira, Porta Velha, Cazarão, Trem, Principe, le petit rempart de S. Domingos et le redans de Cascalho. Il y a encore des travaux extérieurs et deux grands forts qui renforcent et protègent la place et se nomment de Graça et Santa Luzia; trois portes principales: Esquina, Olivença et S. Vicente; les murs sont munis de poternes ou portes secrètes.

La ville possède des quartiers, des casernes casematées, des citernes et tout le nécessaire à un petit arsenal, avec ateliers de réparations.

En 1800, la garnison et l'armement de la place devaient être, en pied de guerre, deux cents cinquante sept bouches à feu, six à sept mille hommes, sixcents artilleurs, cent cinquante sapeurs et mineurs, trois escadrons de cavalerie. En temps de paix, deux mille hommes d'infanterie suffisaient.

Pendant bien des années, même modernement, Elvas a été considérée comme la meilleure école de service de garnison en Portugal.

Le fort de Santa Luzia, à 400 mètres au sud de l'enceinte principale de la place d'Elvas, couronne un coteau qui domine une partie de la place et atteint au loin la plaine. Le polygone de fortification frentes, tudo cercado por estrada coberta e esplanadas, com tres linhas de fossos. Uma das grandes difficuldades vencidas na construcção d'esta fortaleza foi a abertura dos fossos, porque em grande parte foram abertos em rocha dura. No centro está o reducto quadrangular, com seu caminho de ronda, passadiço ou ponte dormente, que facilmente se póde destruir, e substituir por ponte levadiça.

Os seus quatro baluartes chamam-se de Santo Antonio, Santa Izabel, S. Pedro, e da Conceição.

Para ornamento e guarnição precisa de vinte a vinte cinco bocas de fogo, trezentos e cincoenta a quatrocentos homens. Como fica proximo da praça e tem communicação, póde considerar-se a guarnição d'este forte como destacamento da da cidade, e ser facilmente rendido.

Em 1658 já os seus quatro baluartes estavam concluidos. Como nesta época se trabalhou em fortificação no paiz é verdadeiramente extraordinario. Fez-se muito e bem; serviram aqui engenheiros de alto merito.

É mais moderno o forte de Nossa Senhora da Graça, a 1:200 metros a N. E. da cidade; occupa o cume do monte mais elevado d'aquelles sitios.

O polygono do forte da Graça é quasi um quadrado de 150 metros de lado na face exterior. Tem no centro um reducto circular com tres ordens de baterias casamatadas de bellissima execução; com as suas peças varre todos os terraplenos do forte, impedindo assim o inimigo de se apoderar d'elle. Nesse grande reducto fica o alojamento do governador, e officiaes principaes da guarnição, armazens, e por baixo a grande cisterna. O reducto está entre quatro baluartes chamados Maléfa, Badajoz, Cidade e S. Amaro; na cortina que liga estes dois ultimos fica a porta principal do forte. Portas falsas communicam o interior do recinto magistral para o fosso e obras exteriores.

O forte declive das esplanadas, a grande altura da muralha do revestimento da escarpa e contra-escarpa, as galerias séteiradas concorrem para preservar o forte de qualquer ataque imprevisto.

A este forte pertence o ornamento (assim se dizia antigamente) de oitenta bôcas de fogo, e a guarnição de mil e duzentos homens de infanteria, duzentos artilheiros, cem mineiros. O forte da Graça, modelo de architectura militar, foi projectado pelo marechal general conde de Lippe (e por isto muitas vezes se lhe chama o forte de Lippe), que reorganisou o nosso exercito em 1762; dirigiu a obra o engenheiro francês Etienne, que tinha grande credito, e depois foi continuada e concluida pelo general Valleré. Começou a obra em 1763 e estava concluida em 1792. Custou setecentos e sessenta e sete contos de reis; hoje, attendendo á alta de salarios e materiaes, custaria dois mil e quinhentos contos ou treze milhões de francos, proximamente.

Está muito nitida a estampa que representa o aqueducto da Amoreira. Chega a ter quatro arcadas sobrepostas, aguentadas por enormes pilares, cubellos e gigantes. Esta obra grandiosa tem 6 kilometros de comprimento, e chega no sitio representado a 31^{m},2 de altura. É obra do povo de Elvas; custeado por impostos especiaes na carne, no vinho, durante muitas gerações, atravez de contrariedades e difficuldades grandes. Ruinas parciaes, empreitadas illudidas, attritos officiaes nada faltou a contrariar o pobre povo elvense que lá ia pagando o real em cada arratel de carne e peixe, e no quartilho de vinho, para ter o prazer de vêr mais um arco, mais um gigante no seu querido aqueducto.

Que differença no aqueducto monumental das Aguas livres, de Lisboa; neste está o cunho do opulento D. João v, a sciencia e a arte do engenheiro consciencioso. No de Elvas está o aqueducto popular, arcos sobre arcos, e gigantes augmentados e reforçados para aguentar as arcadas sobrepostas. A historia d'esse aqueducto começa em 1498; e só em 1622 a agua da Amoreira correu nas fontes da cidade. «Foi na vespera de S. João de 1622 que a agua veio á fonte, e foi festejada com muitos regosijos», conta um chronista da cidade. As fontes de Elvas são de boa construcção; a de S. Lourenço de notavel architectura segundo desenho do general Valleré. A fonte da Senhora da Piedade é de bom marmore e de aspecto elegante.

O carro alemtejano, de taipaes de madeira e cobertura de linhagem está bem representado na estampa; a parelha de finos muares bem tratados e limpos, pousou bem; ficou na sombra o carreiro, homem que ganha a vida com os pés no ar, como lá dizem, que vae guiando assentado na frente do leito do carro. Bons typos os dois serviçaes, de mãos atraz das costas, observando provavelmente o photographo; no segundo plano a carreta com os mólhos de trigo bem armada e apertada; vê-se uma eira vasta, terras de pão e projectando-se no horizonte finos arvoredos. É uma vista bem alemtejana.

est un carré de 150 mètres de côté, fortifié selon le premier système Vauban, avec ravelins avancés, le tout entouré d'un chemin couvert et d'esplanades avec trois lignes de fossés. Une des plus grandes difficultés de cette construction a été l'ouverture des fossés, parce que la plus grande partie a été percée sur la roche dure. Au centre est le réduit quadrangulaire, avec son chemin de ronde, le pont fixe ou passage, qui peut être facilement démoli et remplacé par un pont-levis.

Ses quatre remparts se nomment: Santo Antonio, Santa Isabel, S. Pedro et Conceição.

Pour l'armement et la garnison il faut vingt à vingt-cinq bouches à feu, trois cent cinquante à quatre cents hommes. Comme ce fort est près de la place avec laquelle il communique, sa garnison est un détachement de celle de la ville et peut être souvent renouvelée.

En 1658 les quatre remparts étaient déjà terminés. C'est extraordinaire comme à cette époque on s'occupa de fortifications dans le pays. On fit beaucoup et bien, avec des ingénieurs de grand mérite.

Le fort de Nossa Senhora da Graça à 1:200 mètres au N. E. de la ville est plus moderne et il occupe la crête de la plus haute montagne de cette région.

Le polygone du fort de Graça est presque un carré, avec 150 mètres de côté sur chaque face extérieure. Au centre un réduit circulaire avec trois rangs de batteries casematées, supérieurement bâties; ses canons balaient tous les terrepleins du fort empêchant ainsi l'approche de l'ennemi. Dans le grand réduit se trouve l'habitation du gouverneur et des officiers supérieurs de la garnison, les magasins et au dessous, la grande citerne. Le réduit est entouré de quatre remparts: Maléfa, Badajoz, Cidade, et S^{to} Amaro; dans la courtine qui relie ces deux derniers est la porte principale du fort. Des portes secrètes, font communiquer l'intérieur de l'enceinte principale, avec le fossé et les travaux extérieurs.

La déclivité âpre des esplanades, la grande hauteur du mur de revêtement de l'escarpe et de la contrescarpe, les galeries à meurtrières contribuent pour préserver le fort de toute attaque imprévue.

Ce fort est muni de quatre vingt canons et la garnison se compose de mille deux cents fantassins, deux cents artilleurs et cent mineurs. Le fort de Graça, modèle d'architecture militaire, a été projeté par le maréchal général comte de Lippe, qui en 1762 a réorganisé notre armée et pour cela on l'appelle souvent le fort de Lippe; la construction a été dirigée par l'ingénieur français Etienne, de grande réputation, continuée et terminée dans la suite par le général Valleré. Commencée en 1763, elle fut achevée en 1792 et a coûté sept cents soixante sept contos de reis (trois millions huit cents trente cinq mille francs); de nos jours, avec le prix élevé des salaires et des matériaux elle monterait à deux mille cinq cents contos, à peu près treize millions de francs.

La gravure qui représente l'aqueduc d'Amoreira est très nette. Il a en quelques endroits quatre arcades superposées, supportées par d'énormes piliers, avec contreforts et tourelles. Cette construction grandiose a 6 kilomètres d'étendue et à l'endroit que l'on voit, elle a 31^{m},2 de hauteur. C'est l'œuvre du peuple d'Elvas, faite aux frais d'impôts spéciaux sur la viande et le vin, pendant plusieurs générations et avec toute sorte de contrariétés et de difficultés. Ruines partielles, forfaits manqués, discussions officielles, rien ne manqua pour contrarier les pauvres habitants d'Elvas qui payaient toujours un *real* à chaque livre de viande ou de poisson, à chaque chopine de vin, pour avoir la satisfaction d'ajouter une arcade ou un pilier de plus, à leur cher aqueduc.

Quelle différence avec l'aqueduc monumental de Aguas Livres de Lisbonne dans lequel on voit le cachet du fastueux D. João v, la science et l'art de l'ingénieur scrupuleux. Celui d'Elvas est l'aqueduc populaire avec les arcades les unes sur les autres, les contreforts augmentés et renforcés pour supporter les arcs superposés. L'histoire de cet aqueduc commence en 1498, et ce fut seulement en 1622 que l'eau d'Amoreira coula dans les fontaines de la ville. «La veille de la S^{t} Jean, de 1622, l'eau arriva à la fontaine et fut fêtée avec beaucoup de réjouissances», comme le raconte un chroniqueur de la ville. Les fontaines d'Elvas sont bien construites; celle de S. Lourenço est d'une architecture remarquable, dessinée par le général Valleré. La fontaine de Senhora da Piedade est en beau marbre et d'un aspect élégant.

La charrette de l'Alemtejo, aux lourdes ridelles de bois, recouverte de grosse toile, est bien représentée sur la gravure; la paire de beaux mulets bien soignés et gras, a bien posé; le charretier est resté dans l'ombre; les gens du pays disent que c'est l'homme qui gagne sa vie les pieds en l'air, habituellement assis devant le lit de la charrette. Les deux garçons sont de bons types; les mains derrière le dos, ils observent probablement le photographe; au second plan on voit une autre charrette

A cathedral tem grandes proporções; é de tres naves; de abobada com bem lançadas laçarias e nervuras douradas.

Nas paredes ha bons azulejos. Tem treze altares com o da capella-mór. É um edificio ogival, reconstruido em tempo de D. Manuel, tendo soffrido reparações que lhe alteraram a pureza do estylo. A capella-mór, vê-se bem na estampa, foi reedificada no seculo xviii, tem o cunho do estylo de D. João v, foram lá artistas de Mafra. Mas os capiteis, os feixes de finas columnas, as bases das gentis nervuras, os fechos das convergencias devem ser da primitiva. A frontaria mostra como a construcção primeira foi alterada; avistam-se na estampa umas ameias do seculo xvi e gargulas de aspecto mais antigo. Foi remendada, alterada á vontade de gente ignorante sem gosto nem respeito pelo monumento local, onde tantas festas e tantas angustias teem passado.

Um episodio comico alegra a veneravel praça militar.

Aquellas muralhas escuras viram um dia uma briga estonteadora de padres; naquella atmosphera marcial com brados d'armas, agudos toques de cornetas, nervosos rufos de tambores soaram gargalhadas ironicas.

Era bispo D. Lourenço de Lencastre, grande senhor, e Lara, o deão da sé. Este costumava dar ao bispo, quando este ia officiar, o hyssope com suas mesuras amaveis. Mas um dia o deão teve differenças com o prelado e não lhe deu o hyssope. Grande escandalo; o bispo irado, offendido quiz obrigar o deão á entrega ceremonial do hyssope. E o deão recusou. E surgiu a questão, medonha, com actas do cabido, consultas ás ordens religiosas, muito dito, grandes quesilias. Estava então em Elvas o gracioso e culto poeta Antonio Diniz da Cruz e Silva, que era auditor militar. Elle viu o ridiculo do caso e com animação rara e graciosa ironia descreveu-o no *Hyssope.*

Eu canto o bispo e a espantosa guerra
Que o hyssope excitou na egreja d'Elvas.

Assim começa o famoso poema heroi-comico. É uma obra d'arte perfeitissima. Não é imitação do *Lutrin* de Boileau, é a descripção d'um caso parecido, mas tratado com mais arte e sobriedade; os episodios, o espirito é outro. Garrett chama-lhe a obra mais perfeita neste genero de litteratura.

Foi lido muito tempo o poema em copias manuscriptas; depois de impresso tem tido numerosas edições. Boissonade traduziu-o em francês com o titulo *Le Goupillon.*

O Hyssope é sempre afinado, equilibrado; a nota comica não esmorece; os episodios succedem-se rapidos, empolgantes, com profundos conceitos de alcance moral, como a descripção do grande paiz da Chimera, a do imperio regido pelo genio da Bagatella; e os ridiculos sociaes, a celebre precedencia, as ceremonias dos insignificantes.

Foi uma questão medonha, a leitura do poema irritou o nobre e orgulhoso prelado; teve de intervir o marquez de Pombal.

Antonio Diniz saiu de Elvas para occupar logar muito superior no Rio de Janeiro, onde falleceu em 1799.

É elvense uma das figuras mais notaveis da sciencia portuguêsa, Garcia da Orta; medico, lente da Universidade de Coimbra, estudioso e observador. Partiu para a India em 1534. Encontrou alli vasto campo para os seus estudos; a exuberante flora, o uso que das plantas faziam os curandeiros indigenas, as substancias mineraes, as variedades das enfermidades, tudo estudou; reuniu os seus trabalhos e fez uma obra que o tornou immortal.

O livro de Garcia da Orta *Colloquios dos simples e drogas da India,* foi impresso em Goa; em poucos annos teve traducções em varias linguas da Europa. Modernamente um illustre botanico e escriptor português, o conde de Ficalho, publicou trabalhos de muito valor scientifico e historico sobre Garcia da Orta.

Gabriel Pereira.

pleine de gerbes de blé, bien arrangées, plus loin une vaste aire, des champs de blé et au fond un horizon dessiné par le fin feuillage des arbres. C'est le paysage de l'Alemtejo.

La cathédrale, très vaste, a trois nefs, une belle voûte avec entrelacs et nervures dorés.

Les murs ont de belles faïences et treize autels y compris le maître autel. L'édifice ogival, rebâti du temps de D. Manuel, a souffert des réparations qui en ont altéré la pureté du style. Le sanctuaire, que l'on distingue bien sur la gravure a été réédifié au xviiime siècle et présente le cachet du style de D. João v, dû aux artistes de Mafra. Mais les chapiteaux, les faisceaux de minces colonnes, les bases des délicates nervures, les clefs des convergences doivent être de l'époque primitive. La façade montre à quel point la première construction a été altérée; on aperçoit sur la photographie des créneaux du xvime siècle et des gargouilles d'un aspect encore plus ancien. Elle a été rapiécée, et altérée par des gens ignorants, sans goût ni respect pour le monument local, où ils ont passé tant de moments de fêtes ou d'angoisse.

Un épisode comique égaie la vénérable place militaire.

Ces murs sombres ont assisté un jour a une étourdissante dispute de prêtes; dans cette enceinte martiale, avec des appels aux armes, des sons aigus de trompettes, de nerveux roulements de tambours on entendit des éclats de rire ironiques.

D. Lourenço de Lencastre, grand seigneur, était évêque et Lara doyen de la cathédrale. Celui-ci, lorsque l'évêque venait officier, avait l'habitude de lui présenter le goupillon avec d'aimables révérences. Mais un jour le doyen, ayant eu un différend avec le prélât, ne lui présenta pas l'aspergeoir. Grand scandale; l'évêque furieux, offensé, voulût obliger le doyen à lui remettre cérémonieusement le goupillon; celui-ci refusa. Et alors commença une affaire terrible, avec procès-verbaux du chapitre, conférences des communautés religieuses, rapports désagréables, disputes. Le spirituel poète Antonio Diniz da Cruz e Silva était alors à Elvas comme auditeur militaire. Il vit le côté plaisant de l'affaire et, avec une verve exquise et une gracieuse ironie, il le décrivit dans le *Hyssope.*

Je chante l'évêque et l'épouvantable guerre
Que l'hyssope a soulevée dans l'église d'Elvas.

C'est ainsi que commence le fameux poême héro-comique qui est une œuvre d'art parfaite. Ce n'est pas une imitation du *Lutrin* de Boileau, c'est la description d'un cas semblable, mais raconté avec plus d'art et de sobriété; les épisodes et l'esprit sont différents. Garrett l'a classé comme le travail le plus complet de ce genre de littérature.

Le poème a été lu pendant longtemps en épreuves manuscrites; imprimé il a eu de nombreuses éditions et Boissonade l'a traduit en français avec le titre de *Le Goupillon.*

L'Hyssope est toujours délicat et equilibré, sans que la note comique défaille; les épisodes se suivent rapides, empoignants, avec de profondes maximes de grande portée morale, telles que la description du grand pays de la Chimère, celle de l'empire dirigé par le génie de Bagatelle et les ridicules sociaux comme la fameuse provenance, et les cérémonies des insignifiants.

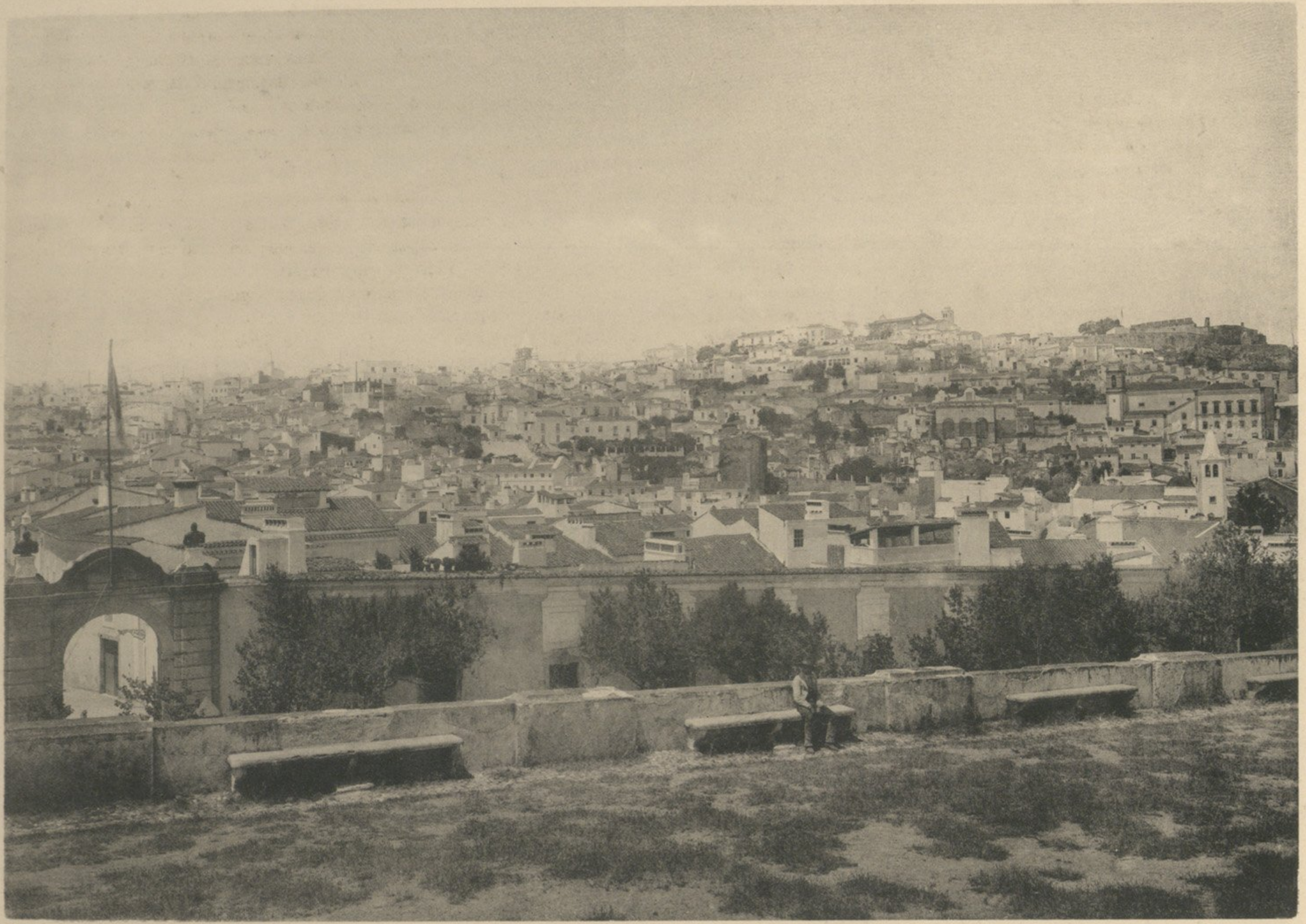
Ce fut une affaire terrible; la lecture du poème irrita le noble et orgueilleux prélât et le Marquis de Pombal fut obligé d'intervenir.

Antonio Diniz quitta Elvas pour occuper une charge bien supérieure à Rio de Janeiro où il mourut en 1799.

Garcia da Orta, une des figures les plus remarquables de la science portugaise, est né à Elvas; il fut médecin, professeur de l'Université de Coimbra, observateur et savant. Il alla aux Indes en 1534 et y trouva de vastes sujets d'étude; la flore exhubérante, l'usage des plantes exercé par les empiriques indigènes, les substances minérales, les variétés des maladies, il étudia tout, réunissant ses travaux en une œuvre, qui le rendit immortel.

Le livre de Garcia da Orta *Colloquios dos simples e drogas da India* fut imprimé à Gôa et quelques années après il était traduit en plusieurs langues de l'Europe. Dernièrement un botaniste célèbre et écrivain portugais, le comte de Ficalho, a publié des travaux de grand mérite scientifique et historique sur Garcia da Orta.

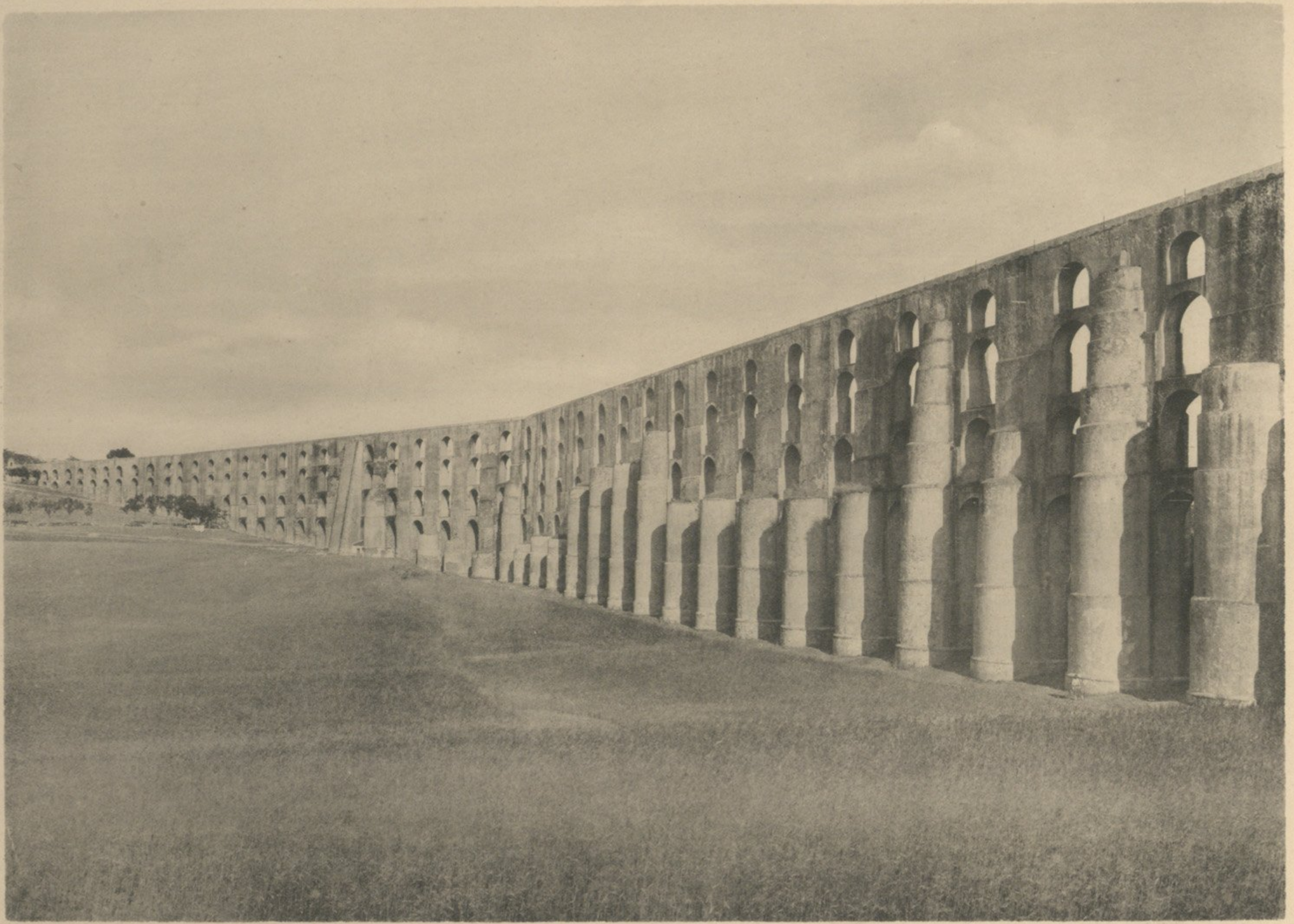
Gabriel Pereira.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

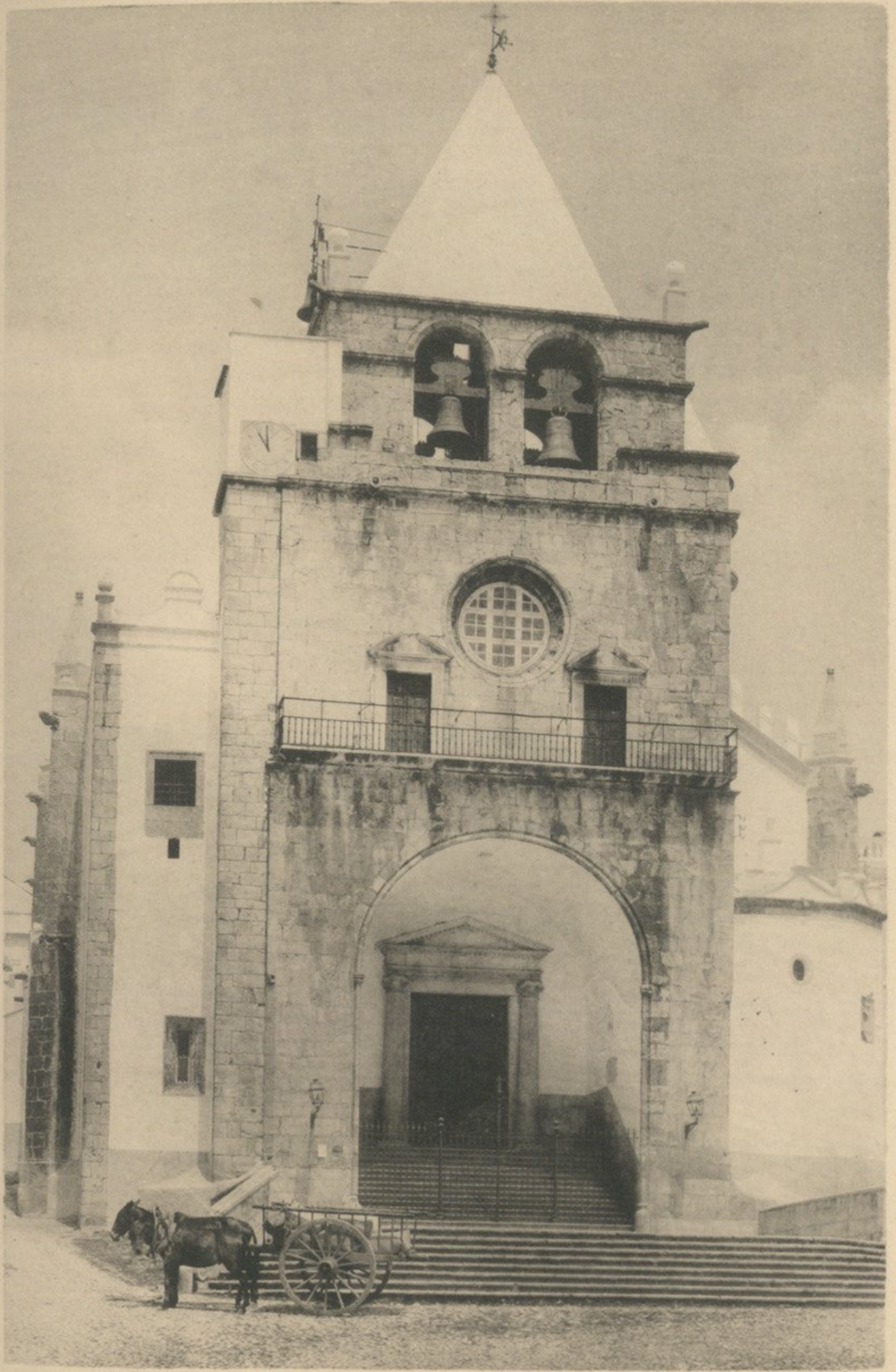
Vista geral
ELVAS

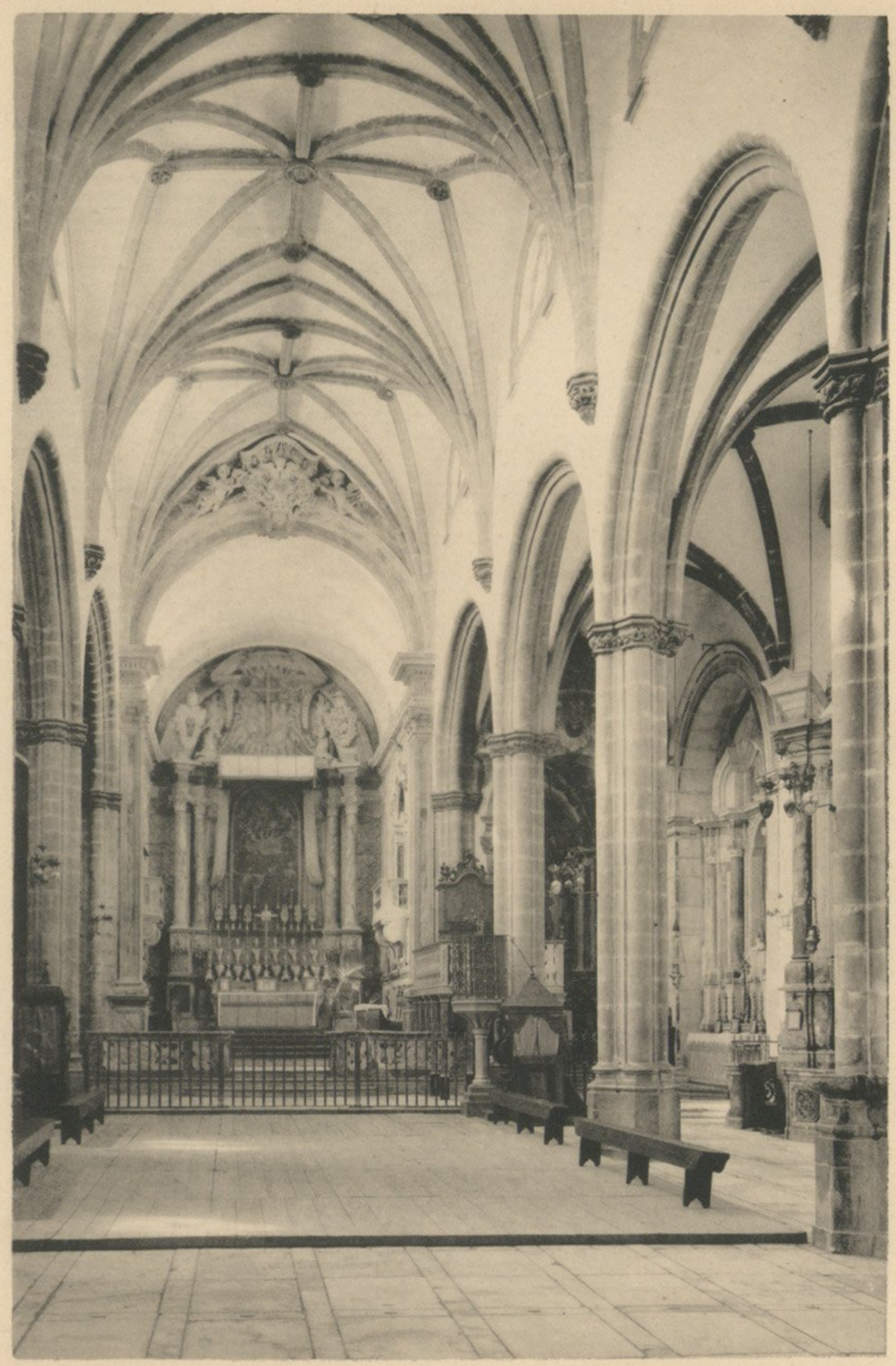


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Aqueducto da Amoreira
ELVAS





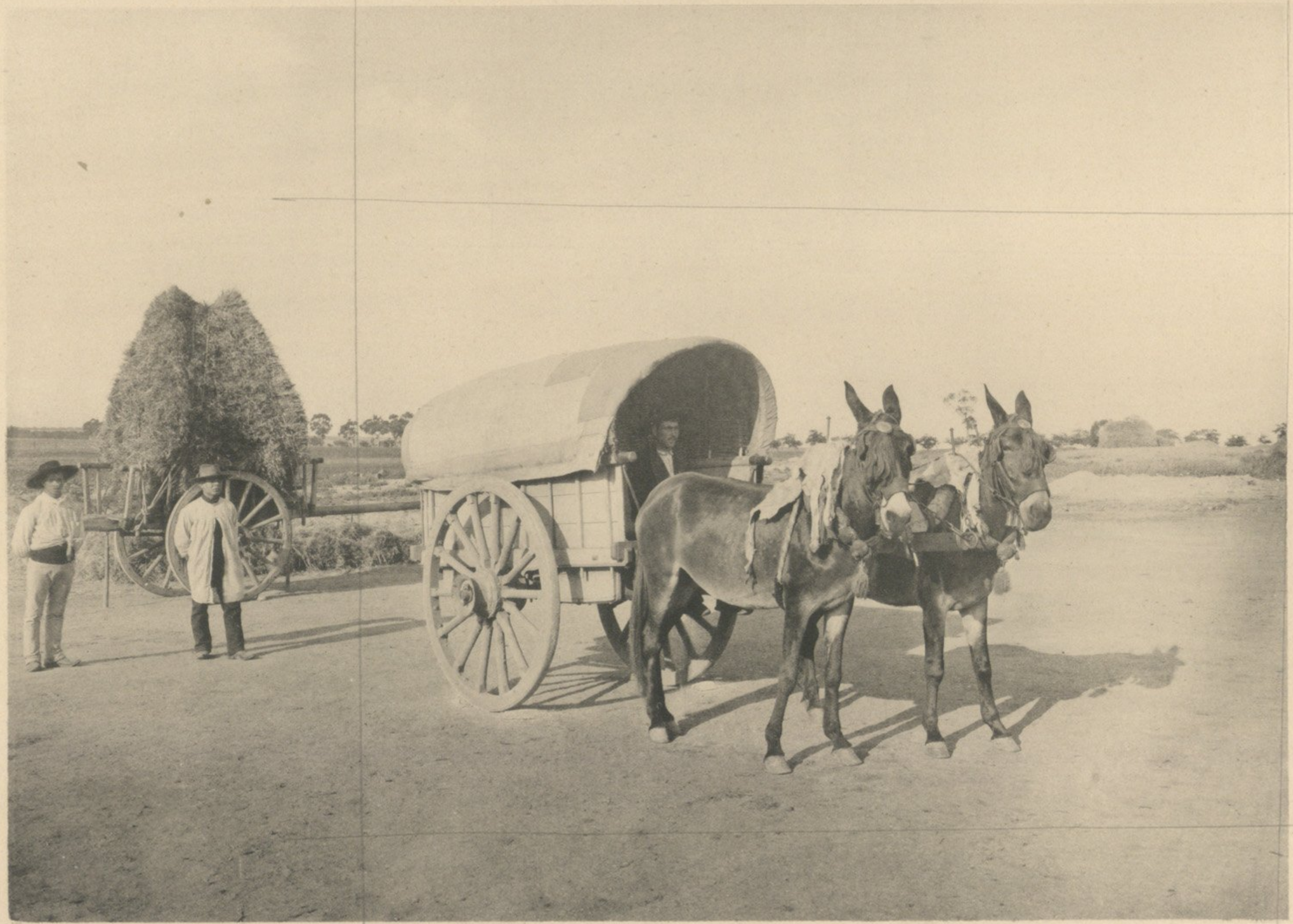
A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Fachada principal da Sé

Interior da Sé

ELVAS



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Carro Alemtejano

Vizeu

É uma evocação de lendas, de contos, de historias maravilhosas e tragicas, que surgem diante dos olhos do viajante! Seria mister escrever um grosso volume só para resumir as tradições da capital da Beira, algumas das quaes reviveram ainda ha poucos mezes n'um excellente estudo de um nosso erudito amigo hespanhol [1].

O ultimo rei godo D. Rodrigo (Lodaryk), vencido na batalha do Guadalete, contribuiu um dia para realçar a gloria de Vizeu, sendo a tradição lendaria relativa a Portugal das mais vetustas entre as antigas que os escriptos hespanhoes allegam (*Chronicon* de Affonso, o Magno, apud Pidal, pag. 143).

No modesto cenotaphio da capella de S. Miguel do Fetal descansaria pois o infeliz D. Rodrigo. Mettido já em vida n'uma *cupa, cuba* ou urna, com uma serpente, simbolo do peccado, sobretudo do peccado carnal, expiou o rei proscripto a feia culpa de uma seducção que lhe custou a corôa e o reino, e trouxe á peninsula o flagello do dominio arabe. Na arca de pedra da capella põe a tradição tambem os despojos do principe e mais a cobra, que com elle viveu e morreu.

Outra lenda explica as figuras das antigas armas de Vizeu de um modo tambem maravilhoso; relaciona o desenho do escudo com a celebre historia de D. Ramiro II, rei das Asturias e de Leão, e da formosa moura Zahara, que Almeida Garrett aproveitou poeticamente (*Romance de Miragaia*). É pois uma segunda tragedia que o escudo nos revela, fundada em amores adulterinos: a lenda da mulher peninsular, formosissima, enfeitiçando, por egual, mouros e christãos, judeus e conversos.

Emfim, outra tradição, mais antiga de que qualquer das precedentes, evoca a lucta heroica do pastor Viriato contra o poder romano na Lusitania, durante longos annos de resistencia victoriosa, vencida sómente á custa de uma traição (cêrca de 137 A. C.). A este pastor, que já Camões immortalisára [2], se prende a memoria da *Cava*, ou *cóva* de Viriato, transformada modernamente, em parte, n'um passeio, com avenidas umbrosas, como se vê n'uma das nossas estampas. A Cava foi primitivamente um acampamento militar, fortificado, com altos muros e fossos, abrangendo a área interior, hoje, uns 307:000 metros quadrados, com os muros uns 383:000; a distancia maxima dentro do polygono octogonal, ainda visivel, apesar de grandes alterações, é de 365 metros; os muros eram de terra, assentes em pedra e chegam a ter na base 35 metros, sobre 16 de altura; o perimetro está calculado, exteriormente, em 2:160 metros.

Estas indicações bastam para dar uma ideia da formidavel posição defensiva, tão apreciada ainda no seculo XVIII que D. João V ordenou em 1728 pela Academia Real da Historia, zeladora dos Monumentos Nacionaes, que a Cava fosse cuidadosamente estudada, medida e conservada. De pouco serviu a ordem; e ainda em nossos dias, de 1862 a 1892 soffreu a obra novas alterações. Dos quatro vãos de portaes, dos proprios muros aproveitaram a cantaria para construcções, como se se tratasse de uma pedreira publica! D'elles restam ainda alguns lanços formidaveis; do antigo fosso sómente ha dois troços bem visiveis; emfim: apenas o *torso* de um gigante. Quando a vimos, pela primeira vez em

---

[1] Juan Menendez Pidal, *Leyendas del ultimo Rey Godo*, Notas é investigaciones. Madrid, 1906.

De pag. 184-196 em diante occupa-se o erudito auctor da *tradicion legendaria en Portugal* e insere duas estampas mui interessantes, a da egreja de S. Miguel do Fetal, suburbios de Vizeu; e a do cenotaphio do ultimo rei godo, alli existente, com a celebre inscripção apocrypha: HIC JACET, AUT JACUIT, POSTREMUS IN ORDINE REGUM GOTTORUM, UT NOBIS NUNTIA FAMA REFERT. Como se vê, o auctor do epitaphio não encobriu o seu scepticismo! O pequeno templo, que Frei Bernardo de Brito (*Monarchia lusitana*, lib. VII) ainda descreve com o feitio de uma construcção romanica, foi reedificado no primeiro terço do seculo XVIII.

O cenotaphio (uma arca lisa, com tampa prismatica), mettido dentro de um vão, formado por um grande arco de volta abatida, não póde ser anterior ao principio do seculo XVII; valor artistico, insignificante. As ingenuas invenções do chronista Brito, evidentemente forjadas no fim do seculo XVI para realçar a gloria do seu querido mosteiro de Alcobaça, pretenderam arrancar a Vizeu a gloria de possuir os restos do ultimo rei godo. Baldado empenho! Comtudo, a narrativa do frade tem certa poesia e merece lêr-se.

[2] E modernamente Theophilo Braga, n'uma «Narrativa epico-historica», intitulada *Viriatho* (Porto, 1903), cheia de bellezas poeticas e de ensinamento patriotico.

Vizeu

VILLE de légendes, de contes, d'histoires merveilleuses et tragiques, qui se dévoilent aux yeux du voyageur! Il faudrait un gros volume pour résumer les traditions de la capitale de Beira, dont quelques unes ont revêcu, il y a à peine quelques mois, en un excellent ouvrage d'un savant espagnol de nos amis [1].

Le dernier roi goth D. Rodrigo (Lodaryk), vaincu à la bataille de Guadalete, contribua un jour à réhausser la gloire de Vizeu, dont la tradition légendaire relative au Portugal, est une des plus reculées parmi les anciennes dont s'occupent les écrivains espagnols. (*Chronicon* de Affonso, o Magno, apud Pidal, pag. 143).

Le malheureux D. Rodrigo reposerait donc dans le modeste tombeau de la chapelle de S. Miguel do Fetal. Enfermé encore vivant dans une *cupa, cuba* ou bière, avec un serpent, symbole du péché, surtout du péché charnel, le roi proscrit expia ainsi sa vilaine faute d'une séduction qui lui coûta la couronne et le royaume, et apporta dans la péninsule le fléau de la domination arabe. Sur l'arc de pierre de la chapelle, la tradition met aussi la dépouille du prince et le serpent, qui vecût et mourût avec lui.

Une autre légende explique aussi les figures des anciennes armes de Vizeu d'une manière merveilleuse; le dessin de l'écusson se rapporterait à la célèbre histoire de D. Ramiro II, roi des Asturies et de Léon, et de la belle mauresque Zahara dont Almeida Garrett s'est si poétiquement occupé dans le *Romance de Miragaia*. C'est donc une deuxième tragédie que l'écusson nous révèle, fondée sur ces amours adultères; la légende de la femme péninsulaire si belle qu'elle ensorcelait également maures, chrétiens, juifs et convertis.

Et enfin une autre tradition plus ancienne encore que celles dont nous avons parlé, évoque la lutte glorieuse du pâtre Viriato contre le pouvoir romain dans la Lusitanie, pendant de longues années d'une résistance victorieuse, vaincûe seulement au prix d'une trahison, à peu près 137 ans avant J. C. C'est à ce pâtre, que Camões avait déjà immortalisé [2], que se rattache le souvenir de la *Cava* ou *cóva* (fosse) de Viriato, devenue actuellement une belle promenade, avec des allées ombragées comme on le voit sur une de nos gravures. La Cava fut primitivement un campement militaire fortifié, avec des murs élevés et des fossés, mesurant à l'intérieur, aujourd'hui, une surface de 307:000 mètres carrés et avec les murs 383:000; la plus grande distance dans le polygone octogonal, visible encore, malgré les grandes altérations, est de 365 mètres; les murailles étaient en terre, sur des assises de pierre, qui ont à la base, 35 mètres sur 16 de hauteur; le périmètre est calculé, extérieurement, à 2:160 mètres.

Ces indications suffisent pour se faire une idée de la formidable position défensive, si appréciée encore au XVIIIme siècle, que D. João V, en 1728, ordonna à l'Academia Real de Historia, chargée du soin des Monuments Nationaux, de faire soigneusement étudier, mesurer et conserver la Cava. Cet ordre ne fut pas entièrement suivi; et de nos jours encore, de 1862 à 1892 l'ouvrage a encore subi de nouvelles altérations. Des quatre ouvertures de portes, et même des murs on a enlevé des pierres pour des constructions comme s'il s'agissait d'une carrière publique! Il en reste encore des pans formidables; de l'ancien fossé il existe seulement deux fragments bien visibles; enfin, à peine le *torse* d'un arc-boutant.

---

[1] Juan Menendez Pidal, *Leyendas del ultimo Rey Godo*, Notas é investigaciones. Madrid, 1906.

À partir des pages 184-196 le savant auteur s'occupe de la *tradicion legendaria en Portugal* et il publie deux gravures très intéressantes, celle de l'église de S. Miguel do Fetal, aux environs de Vizeu; et celle du cénotaphe du dernier roi goth, qui y existe, avec la célèbre inscription apocryphe: HIC JACET, ANT JACUIT, POSTREMUS IN ORDINE REGUM GOTTORUM, UT NOBIS NUNTIA FAMA REFERT. Comme on le voît, l'auteur de l'épitaphe n'a pas dissimulé son scepticisme! Le petit temple que Frei Bernardo de Brito (*Monarchia lusitana*, lib. VII) décrit encore avec la forme d'une construction romane, a été réédifié pendant le premier tiers du XVIIIme siècle.

Le cénotaphe, un tombeau uni avec un couvercle prismatique, se trouve fourré dans un creux formé par un grand arc en voûte surbaissée et ne peut pas être antérieur au commencement du XVIIme siècle; sa valeur artistique est insignifiante. Les naïves inventions du chroniqueur Brito, forgées évidemment à la fin du XVIme siècle, pour réhausser la gloire de son cher monastère d'Alcobaça, ont voulu arracher à Vizeu l'honneur de posséder les restes du dernier roi goth. Vains efforts! Toutefois le récit du moine ne manque pas de poésie et mérite d'être lu.

[2] Et modernement Theophilo Braga, dans une «Narrativa epico-historica» intitulée *Viriatho* (Porto, 1903) pleine de beautés poétiques et d'enseignement patriotique.

1877, a Cava estava completamente desprezada; hoje ha alli, pelo menos, sombra, frescura e a alegria das aves e dos ninhos.

Passando aos tempos medievicos, notaremos que Vizeu se veste de novas glorias. Não é preciso ir desencantar Turdulos, meio milhar de annos antes de Christo, nem iberos, celtas, e suevos, como fundadores; deixemos em paz Theodomiro e o proprio Mauregato. Basta lembrar o primeiro dominio christão averiguado, o dos leonezes, e depois o dos reis de Castella. Com D. Fernando o Magno, que tomou Vizeu aos mouros em 1057, entramos em caminho seguro (Herculano).

Decorrem, porém, ainda sessenta e seis annos até á concessão do primeiro foral conhecido, em 1123, pela rainha D. Thereza, confirmado nos seculos xii e xiii e reformado por D. Manoel em 1513. Além das franquias concedidas n'estes diplomas, gozou a cidade dos privilegios que lhe obtiveram os Senhores de Vizeu, principalmente os Duques. O primeiro é logo o mais illustre, o immortal Infante D. Henrique; depois seu sobrinho e filho adoptivo D. Fernando, pae d'el-rei D. Manoel. A protecção do grande tio e a generosidade de seu irmão D. Affonso v fizeram de D. Fernando o mais rico senhor do reino. A sorte do quarto duque contrasta de um modo tragico com a fortuna excepcional do segundo. D. Diogo morre em Setubal, assassinado por D. João ii, seu primo e cunhado, contra o qual conspirára (1484). Os bens do ducado passam ao irmão do traidor, a D. Manoel, mas não o titulo; porque El-rei intencionalmente o eliminou, chamando ao successor: duque de Beja e apenas *Senhor de Vizeu*, da Covilhã, etc.

Esta questão do duque D. Diogo com o rei D. João ii, seu primo, lembra uma outra grave contenda entre D. João iii e o bispo de Vizeu D. Miguel da Silva (1527-1547), seu Escrivão da Puridade e confidente, a qual não desandou em tragedia porque o prelado fugiu a tempo para a Italia. Eleito Cardeal contra vontade do rei; escolhido para Legado do Papa em Veneza, Ancona e Bologna, foi insigne protector das letras na curia. Castiglione dedicou-lhe a sua obra celebre, *il Cortegiano,* com expressões tão honrosas que, se não houvera outras, bastariam para perpetuar a sua memoria, a qual Herculano obscureceu com uma critica que não nos parece sempre justa. (*Historia da Inquisição,* vol. ii). Na côrte de Roma travou o Cardeal ex-bispo de Vizeu uma lucta tremenda com o fanatico monarcha portuguez, a proposito dos *christãos novos,* lucta grandiosa, tenaz, varonil, mas infructifera, porque não impediu o estabelecimento da Inquisição em Portugal.

É impossivel no curto espaço de que dispomos continuar a resenha historica dos factos mais notaveis que interessam á cidade de Vizeu. Escolhemos os mais salientes só como fundo do quadro dentro do qual temos de collocar os monumentos da arte, isto é, só alguns poucos, como simples amostra dos muitos thesouros que Vizeu encerra.

Acode logo á ideia o nome *Grão-Vasco,* a lembrança de um grande pintor, de uma antiga escóla nacional de pintura, ligada a taboas celebres, ainda existentes na Sé. É mais uma tradição gloriosa, a juntar ás muitas que temos aqui archivado. Ella nos levou lá, ha mais de trinta annos; nos attrahiu, nos enfeitiçou, nos prendeu com laços novos, em repetidas viagens, mórmente desde que reconhecemos que essa questão do Grão-Vasco não era um episodio da historia local, mas pertencia ao paiz inteiro. Temos sublinhado este facto ha bons vinte annos, mas em alguns espiritos persiste a illusão do tempo de Raczynski, continuada por Robinson, Crawfurd e outros, de que a chave do problema tem de procurar-se em Vizeu, como se não existissem quadros de egual valia por todo o reino, em Setubal, e em Thomar; as differentes series do Museu Nacional que pertenceram ás casas religiosas de S. Bento (Lisboa), do Espinheiro (Evora), de Palmella; como se não tivessemos as bellissimas pinturas da Madre de Deus (Lisboa) e as incomparaveis taboas do mosteiro de S. Vicente, estas ultimas anteriores de mais de sessenta annos ás mais antigas da Sé viziense! É certo que o *S. Pedro* representa um quadro de grande merito, mas é apenas *um,* de uma serie de quatro, de valor muito desegual, ficando tres: o *S. Sebastião,* o *Baptismo de Christo* e o *Pentecostes* em plano secundario, devendo classificar-se o ultimo como obra mediocre [1].

E tudo isso é, no emtanto, para Vizeu e os vizienses obra do mesmo Grão-Vasco! E ainda temos

---

[1] Em julho de 1888 publicámos no *Portugal antigo e moderno,* artigo *Vizeu,* vol. xii, um extenso estudo: *A pintura portugueza nos seculos XV e XVI* (Segundo Ensaio) Grão-Vasco. A pag. 1876 e 1877 indicámos, por meio de duas plan-

Lorsque en 1877 nous avons vu la Cava pour la première fois, elle était tout à fait abandonnée; maintenant on y trouve, au moins, de l'ombre, de la fraicheur et la joie gazouillante des oiseaux et des nids.

Après l'époque du moyen âge, nous remarquons que Vizeu se para de nouvelles gloires. Il n'y a pas besoin d'aller dénicher des Turdules, cinq cents ans avant Jesus Christ, ni des ibères, des celtes et des suèves comme ses fondateurs; laissons en paix Théodomir et même Mauregato. Qu'il suffise de rappeler la première domination chrétienne reconnue, celle des léonais, et ensuite celle des rois de Castille. Avec D. Fernando le Magne, qui, en 1057, prît Vizeu aux Maures, nous entrons dans une voie assurée (Herculano).

Mais, soixante six ans se sont encore passés jusqu'à la concession de la première charte connue, en 1123, accordée par la reine D. Thereza confirmée au xiime et xiiime siècle et reformée par D. Manuel en 1513. Outre toutes les immunités accordées dans ces diplomes, la ville jouit des privilèges obtenus par les Seigneurs de Vizeu, surtout les Ducs. Le premier est un des plus illustres, l'immortel Infant D. Henrique; ensuite son neveu et fils adoptif D. Fernando, père du roi D. Manuel. La protection de son oncle et la générosité de son frère D. Affonso v firent de D. Fernando le plus riche seigneur du royaume. La destinée du quatrième duc, contraste d'une manière tragique avec la fortune exceptionnelle du deuxième. D. Diogo meurt à Setubal assassiné par D. João ii, son cousin et beau-frère, contre lequel il avait conspiré (1484). Les biens du duché passent au frère du traître, à D. Manuel, mais sans le titre, que le Roi, intentionnellement avait éliminé en nommant le successeur: duc de Beja et à peine *Seigneur de Vizeu,* de Covilhã, etc.

Cette querelle du duc D. Diogo avec son cousin le roi D. João ii, rappèle un autre grave différend entre D. João iii et l'évêque de Vizeu D. Miguel da Silva (1527-1547) son confident et secrétaire intime, laquelle ne devint pas une tragédie parce que le prélât se sauva à temps en Italie. Elu cardinal contre la volonté du roi; choisi comme Légat du Pape à Venise, Ancone et Boulogne, il fut un insigne protecteur des lettres à la cour ecclésiastique. Castiglione lui dédia son célèbre ouvrage, *il Cortegiano,* avec des termes si flatteurs que, faute d'autres, ils suffiraient à perpétuer sa mémoire, obscurcie par Herculano avec une critique qui ne nous semble pas toujours juste. (*Historia da Inquisição,* vol. ii). À la cour de Rome, le Cardinal ex-évêque eût à soutenir une lutte terrible avec le fanatique monarque portugais à propos des *nouveaux chrétiens,* lutte immense, tenace, vaillante, mais infructueuse, car elle ne sût empêcher l'établissement de l'Inquisition en Portugal.

Il est impossible, dans l'espace exigu dont nous disposons, de continuer le récit historique des faits les plus remarquables qui se rapportent à la ville de Vizeu. Nous en détacherons les plus célèbres, comme fond du tableau où il nous faudra placer les monuments d'art, c'est à dire, quelques uns à peine, comme simple échantillon de la quantité de trésors que renferme Vizeu.

Le premier nom qui nous vient à l'idée est celui du *Grão-Vasco,* et le souvenir d'un grand peintre, d'une ancienne école nationale de peinture, reliée à des toiles célèbres, qui existent dans la cathédrale. Encore une tradition glorieuse à joindre à toutes celles que nous avons citées. C'est elle qui nous a conduit là, il y a plus de trente ans, qui nous a attiré, enchanté, et rattaché avec de nouveaux liens, en nous faisant répéter nos voyages surtout depuis que nous avons reconnu que cette histoire du Grão-Vasco n'était pas un simple épisode de l'histoire locale, mais qu'elle appartenait à tout le pays. Nous avons déjà souligné ce fait il y a bien une vingtaine d'années, mais quelques esprits persistent dans l'illusion du temps de Raczinski, continuée par Robinson, Crawford et d'autres, que la clef du problème doit être recherchée à Vizeu, comme s'il n'existait pas des tableaux d'égale valeur dans tout le royaume, à Setubal, à Thomar; les différentes séries du Musée National qui ont appartenu aux maisons religieuses de S. Bento (Lisbonne), Espinheiro (Evora), de Palmella; comme si nous n'avions pas les magnifiques peintures de Madre de Deus (Lisbonne) et les incomparables panneaux du monastère de S. Vicente, ces deux dernières antérieures de plus de soixante ans, aux plus anciennes de la cathédrale de Vizeu! Il est certain que le *St. Pierre* représente un tableau de grand mérite, mais ce n'en est qu'*un,* d'une série de quatre, de valeur très inégale, dont les trois autres, *S. Sebastien,* le *Baptême du Christ,* et la *Pentecôstes,* sont très secondaires, et même le dernier, de valeur médiocre [1].

---

[1] En Juillet 1888 nous avons publié dans le *Portugal antigo e moderno,* article *Vizeu,* vol. xii, une longue étude: *La peinture portugaise au XVme et XVIme siècle* (Deuxième essai) Grão-Vasco. À la page 1876 et 1877 nous avons indiqué,

no mesmo local, na Sacristia, (representada na estampa) mais doze quadros pequenos, de factura homogenea; e na Sala do Capitulo outros quatorze, de tamanho mediano, que nenhuma affinidade apresentam com a serie da Sacristia e são mesmo anteriores em estylo e em data. Tudo isso é metido no mesmo sacco do Grão-Vasco, que tem, pelo visto, appetite para devorar quanto quadro ha em Vizeu e seu districto. Confundem-se datas e estylos, gerações inteiras de artistas; saltam-se periodos da historia da arte, que abrangem dezenas de annos e finge-se que não ha pinturas em Portugal fóra de Vizeu [1]. Portanto, admitte-se que todos os quadros da primeira metade do seculo XVI, espalhados pelo reino, são do pincel do artista famoso de Vizeu [2], o qual d'este modo domina exclusivamente não só em todo o districto, mas absorve a gloria e o trabalho de todos os seus collegas do paiz, que tiveram a má sorte de serem seus contemporaneos e até mesmo *antecessores!* É forçoso ir áquella Mecca para adorar o propheta. Recuamos cincoenta annos, na critica e no estudo! [3]

Não seria razoavel aconselhar aos admiradores vizienses uma viagem demorada aos centros que citamos, um estudo aturado de algumas centenas de pinturas, a comparação rigorosa em repetidas viagens, e sobretudo o conhecimento da pintura quinhentista e quatrocentista dos nossos vizinhos, que nos ultimos vinte annos têm trabalhado a valer no estudo da antiga pintura castelhana, aragoneza e catalã? [4]

Sobre a architectura em Vizeu e principalmente da Sé, poderiamos encher um grande capitulo com desenhos ineditos, apurados em quatro viagens, de 1878-1895. Uma estampa da fachada foi substituida n'este fasciculo por outra do interior, por ser a primeira vista muito conhecida e a segunda inedita. A frontaria anterior á actual (obra de 1640 do architecto de Salamanca João Moreno, segundo Aragão [5], na obra *Vizeu,* vol. II, pag. 188) era, ao que parece, de estylo gothico manuelino: «*riquis-*

---

tas, a disposição dos quadros na Sacristia e na Sala do Capitulo, disposição que foi depois alterada. A serie do Capitulo encontrámol-a em 1895 na Capella-mór da Sé, logar muito perigoso para a conservação dos quadros! A nossa estampa representa duas das quatro taboas grandes, o *S. Pedro* e o *S. Sebastião*, e quatro taboas da serie pequena. O fundo da parede, simulando tapete, é constituido por bello azulejo polychromico do 1.º terço do seculo XVII; a pintura do tecto de madeira representa *groteschi* de estylo italiano do fim do seculo XVI. O conjuncto, o effeito geral do aposento, é sumptuoso. Os paramentos, guardados nos arcazes, são primorosos, alguns do principio do seculo XVI. No Thesouro da Sé ha peças riquissimas de ourivesaria nacional, que o Catalogo da Exposição de Arte ornamental (Lisboa, 1882) menciona.

[1] Em novembro de 1895 escrevemos o seguinte na *Arte* (Revista de Coimbra): «A recente descoberta dos quadros da serie de S. Vicente (julho de 1895) veio fortalecer, confirmando-a, a opinião que haviamos enunciado em 1878, na carta ao fallecido dr. A. Felippe Simões: que não é em Vizeu que está a chave da questão, mas sim em Flandres; não no seculo XVI, não no periodo manuelino, mas antes na segunda metade do seculo XV; que Vizeu é uma estação, importante sim, porém uma entre muitas, n'uma longa jornada artistica, que durou quasi seculo e meio (1428-1570)». Ao snr. Aragão não convem a passagem, nem o nosso *terceiro Estudo;* o modo como o cita a pag. 48, com data errada (1897) e classificando-o como uma *reproducção com alterações* da monographia de 1888, quando é estudo completamente novo, prova que não o leu!

[2] É esta a singular conclusão a que se deve chegar depois da leitura do recente trabalho do snr. Maximiano d'Aragão *Grão-Vasco ou Vasco Fernandes, pintor viziense, principe dos pintores portuguezes,* etc. Vizeu, 1900, 8.º de 143 pag. Sentimos ter de formular um juizo desfavoravel sobre uma monographia esperada com tanto interesse. Na parte documental, paleographica, o auctor revela muito estudo dos cartorios locaes; na parte technica e critica faltam-lhe os principaes elementos para a apreciação de um problema complexo de historia da arte comparada.

[3] Não é facil reunir as estampas indispensaveis para se fazer uma ideia aproximada dos quadros de Vizeu. Lembraremos o seguinte ao leitor: Na *Illustração portugueza,* 2.ª serie n.º 19 de 2 de julho de 1906, appareceram os seguintes da serie da Sacristia: *S. Pedro, Baptismo de Christo, S. Sebastião* (3 grandes; falta o *Pentecostes*); e dos pequenos mais tres, com differentes santos. Publicou esse mesmo numero ainda o quadro grande do *Calvario,* que existe isolado na Capella de Jesus, do claustro da Sé. Total: sete; nenhum, porém, da serie do Capitulo. Por generoso obsequio do actual prelado, o snr. D. José, possuimos razoaveis photographias de todo o segundo grupo (14 quadros) desde 1895. O texto escripto por Antonio Sardinha na *Illustração,* além de banal, é pretencioso, com ar de quem apregoa novidades; p. ex. até descobriu que Memling esteve em Portugal — uma, entre muitas!

[4] Veja-se S. Sampere y Miquel, *Los Cuatrocentistas Catalanes: Historia de la Pintura en Cataluña en el siglo XV.* Barcelona, 1906, em 2 vol. com 108 photograv. separadas e mais 103 estampas intercaladas. Por obsequio do auctor temos ha uma dezena de annos conhecimento dos resultados importantissimos a que chegou, descobrindo inclusive pintores portuguezes, occupando posições importantes na Catalunha, no meado do seculo XV, entre confrades que gosavam já de grande fama. Vejam-se ainda os estudos dos snrs. Raimundo Casellas, E. Tormo, Cossio, Lamperez e Tramoyeres Blasco na *Cultura española.* Madrid, 1906-1907.

[5] Maximiano d'Aragão, *Vizeu.* Apontamentos historicos, 1894-95. Ha dous volumes publicados, que alcançam o meado

Cependant, pour Vizeu et les habitants tout celà est l'œuvre du même Grão-Vasco! Et dans la Sacristie de la même église, représentée dans la gravure, il y a encore une douzaine de petits tableaux de facture semblable; dans la Salle du Chapître on en voit quatorze de moyenne grandeur, qui ne présentent aucune affinité avec la série de la Sacristie et sont même plus anciens comme style et comme date. Mais tout cela est fourré dans le même sac du Grão-Vasco, qui, à ce que l'on voit, a assez d'appétit pour dévorer tout ce qui se trouve à Vizeu et dans le district. On confond les dates, les styles et des générations entières d'artistes, on saute par dessus des périodes de l'histoire de l'art, qui comprennent des dizaines d'années, en semblant croire qu'il n'y a d'autres peintures en Portugal que celles de Vizeu [1]. D'après celà on peut admettre que tous les tableaux de la première moitié du XVI^{me} siècle répandus dans le royaume, sont dûs au pinceau du fameux artiste de Vizeu [2] qui, de cette manière, domine exclusivement non seulement dans tout le district, mais absorbe encore la gloire et le travail de tous ses collègues du pays, qui ont eu la malechance d'être ses contemporains, voire même ses *prédécesseurs!* Il faut aller dans cette Mecque pour adorer le prophète. Nous avons reculé de cinquante ans au point de vue de la critique et de l'étude! [3]

Ne serait-il pas raisonnable de conseiller aux admirateurs de Vizeu, un voyage prolongé aux endroits que nous venons de citer, et surtout une connaissance de la peinture du XV^{me} et XVI^{me} siècle, chez nos voisins, qui pendant ces vingt dernières années ont travaillé consciencieusement à l'étude de l'ancienne peinture castillane, aragonaise et catalane? [4]

Nous pourrions remplir un grand chapitre, avec des dessins inédits, recueillis en quatre excursions, de 1878-1895, seulement avec l'architecture de Vizeu, surtout de la Cathédrale. La façade, antérieure à

---

au moyen de deux plans, la disposition des tableaux de la Sacristie et de la Salle du Chapitre, disposition que a été altérée dans la suite. La série du Chapitre a été retrouvée par nous, en 1895, dans le Sanctuaire de la Cathédrale, endroit très dangereux pour la conservation des tableaux! Notre gravure représente deux, des quatre grands panneaux, le *St. Pierre* et le *St. Sebastien* et quatre autres de la petite série. Le fond du mur, imitant un tapis, est composé en belles faiences polychromes du premier tiers du XVII^{ne} siècle: la peinture du plafond en bois, répresente des *groteschi* de style italien à la fin du XVI^{me} siècle. L'ensemble, l'effet général de l'appartement est somptueux. Les ornements d'église gardés dans les armoires, sont magnifiques, quelques uns du commencement du XVI^{me} siècle. Dans le trésor de la Cathédrale il y a des objets précieux d'orfèvrerie nationale dont on a fait mention dans le Catalogue de l'Exposition d'Art ornemental (Lisbonne, 1882).

[1] En novembre 1895 nous avons écrit ce qui suit dans l'*Arte,* revue de Coimbra: «La récente découverte des tableaux de la série de St. Vincent (Juillet 1895) est venue raffermir et confirmer l'opinion que nous avions énoncée en 1878, dans la lettre à feu le docteur A. Felippe Simões; ce n'est pas à Vizeu que se trouve la clef de l'affaire mais en Flandres; ce n'est pas au XVI^{ne} siècle pendant la période *manuelina,* mais plutôt dans la deuxième moitié du XV^{me} siècle; Vizeu est une station, importante sans doute, mais une étape à peine, d'un long voyage artistique qui a duré presque un siècle et demi (1428-1570). Ni le passage, ni notre *troisième étude* ne conviennent guère à Mr. Aragão; la manière dont il en parle, pag. 40, avec une fausse date (1897) en le classant comme une *reproduction avec altérations*, de la monographie de 1888, lorsque c'est une étude tout à fait nouvelle, prouve bien qu'il ne l'a pas lue!

[2] Telle est la singulière conclusion à laquelle on doit arriver après la lecture du nouveau travail de Mr. Maximiano d'Aragão, *Grão-Vasco ou Vasco Fernandes, peintre vizeense, prince des peintres portugais,* etc. Vizeu, 1900, 8.º de 143 pag. Nous regrettons d'émettre un jugement défavorable à propos d'une monographie attendue avec tant d'intérêt. Dans la partie documentale paléographique, l'auteur démontre une connaissance profonde des bibliothèques locales; dans la partie technique et critique, il lui manque les principaux éléments pour l'appréciation d'un problème complexe d'histoire de l'art comparé.

[3] Il n'est pas facile de réunir les gravures indispensables pour se faire une idée aproximative des tableaux de Vizeu. Nous rappelerons au lecteur ce qui suit: Dans l'*Illustração Portugueza,* 2^{me} serie n.º 19 du 2 Juillet 1906 ont paru les tableaux suivants de la série de la Sacristie: *St. Pierre, Baptème du Christ, S. Sebastien* (3 grands; il manque le *Pentecostes*) et des petits, trois encore, avec de différents saints. Ce même numéro a publié aussi le grand tableau du *Calvaire* qui est isolé dans la chapelle de Jésus dans le cloître de la Cathédrale. En tout sept; mais aucun d'eux n'est de la série du Chapitre. Par une généreuse faveur du prélât actuel, Mgr. D. José, nous possédons depuis 1895 d'assez belles photographies de tout le deuxième groupe (14 tableaux). Le texte écrit par Antonio Sardinha dans l'*Illustração* est non seulement banal, mais prétentieux, semblant dire des choses tout à fait neuves; par exemple il a même découvert entre autres que Memling a été en Portugal!

[4] Qu'on voie S. Sampere y Miquel, *Los Cuatrocentistas Catalanes: Historia de la Pintura en Cataluña en el siglo XV.* Barcelona, 1906, en 2 vol., avec 108 photogravures séparées et encore 103 gravures intercalées. Par déférence de l'auteur nous connaissons depuis une dizaine d'années les résultats importants qu'il a obtenus, en découvrant inclusivement des peintres portugais qui occupèrent d'importantes positions en Catalogne, au milieu du XV^{me} siècle, parmi des confrères qui jouissaient déjà de grande réputation. Voir encore les études de Mr. Raimundo Casellas, E. Tormo, Cossio, Lamperez e Tramoyeres Blasco dans la *Cultura espagñola.* Madrid, 1906-1907.

simo portico, muito ornamentado com figuras e folhagens, bem como uma grande janella superior, de curiosa invenção» — segundo o testemunho de autor viziense (*Dialogos* de Botelho Pereira, anno de 1630, apud Pinho Leal [1], *Portugal antigo e moderno,* vol. xii, pag. 1609). Concordava decerto com o interior gothico, construido pelo bispo D. Diogo Ortiz, que mandou pôr o seu nome na abobada do côro, com a data da factura (1513) e uma inscripção muito evidente, como quem se gaba da bella obra. E teve razão o generoso prelado! O interior, com tres naves de lavor homogeneo e excellente apparelho, é conhecido sob a designação caracteristica: *abobada dos nós,* porque os artezões simulam cordas com nós. Até o pintor do *Pentecostes* a reproduziu no quadro existente na Sacristia. O bispo D. Diogo Ortiz de Vilhegas, que governou a diocese de 1507-1519, quiz associar o nome dos seus bemfeitores na obra da Sé, e por isso vemos nos fechos das abobadas das tres naves as divisas e emblemas de D. Affonso v, D. João ii e D. Manuel, alternando com as do prelado. Se não fôra o desmoronamento da fachada manuelina a 18 de fevereiro de 1635, o aspecto da Sé seria formoso, porque o claustro do Bispo D. Miguel da Silva, bella obra da Renascença (1534), não destoa do estylo manuelino. Chamou-se o architecto salmantino para traçar depois do desastre duas solidas, mas pesadas torres [2], impenetraveis hombros de granito, entre os quaes inseriu uma nova frontaria de estylo italo-hespanhol, em tres corpos de sobrio desenho, com algumas poucas estatuas de magra esculptura, dispostas em nichos. Nas casas capitulares e em varias dependencias do paço ha muitas preciosidades. Repare-se no bello orgão da egreja, estylo Luiz xvi; no esplendido tecto de castanho do vestiário dos conegos (seculo xvii); nos magnificos livros do côro, illuminados em 1586 e 87 por Escalante, nome inedito; no pelicano de bronze do seculo xiv que serve de estante no côro, e figurou outr'ora de grimpa n'uma das torres. Dedique o visitante uma hora á analyse dos deslumbrantes paramentos e peças de ourivesaria do thesouro; e não saia da egreja sem um exame demorado do formoso claustro do bispo D. Miguel da Silva, no qual se conhece a arte elevada e pura que o artista discreto pode desencantar do granito, de uma materia esquiva e ingrata, só com o encanto indizivel das proporções e uma mui sobria, mas bem ponderada ornamentação. Oh! se os nossos modernos architectos soubessem vêr... e quizessem estudar o proprio paiz!...

Não me devo despedir sem recommendar ao leitor que a distancia de uma curta meia hora de Vizeu está o paço de Fontello, quinta de recreio dos prelados, e residencia de verão, celebre tambem pelos seus quadros da escóla Grão-Vasco. Foi uma morada senhorial que o bom gosto de prelados, esclarecidos, como D. Miguel da Silva e D. Gonçalo Pinheiro, povoaram de bellas obras ao modo italiano, aquelle inventando-as no primeiro terço do seculo xvi; este restaurando e ampliando o recreio cêrca de 1565. Poetas e prosadores descreveram as bellezas da quinta e do jardim em elegantes versos latinos que em outro logar recordámos. Mui pouco resta d'essas reliquias; mas o rumor das arvores seculares da matta, o murmurio das fontes derruidas ainda recorda as palavras apagadas do portico: «hospicio para consolação e uso dos pobres, sob o signo da cruz».

Joaquim de Vasconcellos.

---

do seculo xv. Até esta data (Julho de 1907) não appareceu o terceiro, mas sómente a parte relativa ao *Grão-Vasco* (Vizeu, 1900), que ao dito volume devia pertencer. A esse estudo sobre o pintor já nos referimos em outra nota. São dignos de toda a attenção os dous volumes, mas não podem substituir a leitura da copiosa monographia (360 pag.) que tanto cuidado e diligencias mereceu ao snr. Abbade de Miragaya no *Portugal antigo e moderno* de Pinho Leal (vol. xii).

[1] E sobre o grande portico se via, como diz Botelho tambem, outra inscripção exterior, como a mencionada supra (allude á obra do côro, de 1513 e ambas celebrando o nome do Bispo Ortiz).

[2] O snr. Aragão (vol. ii, pag. 188) entende que a torre, lado norte da porta principal, é do seculo xiii (sic), salvo a cupula. São absolutamente eguaes, incl. na edade, isto é, posteriores a 1640.

celle qui existe (œuvre de 1640, dûe à l'architecte de Salamanca João Moreno, d'après Aragão [1], dans son ouvrage *Vizeu,* vol. ii, pag. 188) était, à ce qu'il parait, de style gothique manuelino: «*portail somptueux,* très orné de figures et de feuillages, de même qu'une grande fenêtre supérieure, de curieuse invention», selon le témoignage d'un auteur de Vizeu (*Dialogos* de Botelho Pereira, année 1630 apud Pinho Leal [2], *Portugal antigo e moderno,* vol. xii, pag. 1609). Elle devait certainement s'harmoniser avec l'intérieur gothique, construit par l'évêque D. Diogo Ortiz, qui fit mettre son nom sur la voûte du chœur avec la date de facture (1513) et une inscription très en vue, comme s'il se vantait de son bel ouvrage. Et il eut raison, le généreux prélât! L'intérieur à trois nefs, de travail homogène et très bien exécuté, est connu sous la désignation caractéristique: *voûte des nœuds,* parce que les nervures représentent des cordes avec des nœuds. Le peintre de la *Pentecostes* l'a même reproduite dans son tableau de la Sacristie. L'évêque D. Diogo Ortiz de Vilhegas, qui gouverna le diocèse de 1507-1519 voulut associer les noms de ses bienfaiteurs dans l'œuvre de la Cathédrale et pour cela nous voyons sur les clefs des voûtes des trois nefs les devises et emblèmes de D. Affonso v, D. João ii et D. Manuel, alternativement avec celles du prélât. Si ce n'était l'écroulement de la façade manuelina, le 18 Février 1635, l'aspect de la Cathédrale serait des plus beaux, car le cloître de l'Evêque D. Miguel da Silva, beau travail de la Renaissance (1534) ne s'écarte pas beaucoup du style manuelino. On appela ensuite l'architecte de Salamanca pour tracer, après le désastre, deux tours solides, mais lourdes [3]; épaules impénetrables de granit entre lesquelles on a inséré une nouvelle façade de style italo-espagnol, à trois corps, de dessin sobre, avec quelques statues de mesquine sculpture, disposées dans des niches. Dans les salles du Chapitre et autres dépendances du palais on trouve beaucoup de préciosités. À remarquer le bel orgue de l'église, style Louis xvi; le splendide plafond en châtaignier du vestiaire des chanoines (xviime siècle), les magnifiques livres du chœur, enluminés en 1586 et 87 par Escalante, nom inédit; le pélican de bronze du xvime siècle qui sert de pupitre dans le chœur après avoir servi de girouette sur un des clochers. Que le voyageur dispose d'une heure pour analyser les éblouissants ornements d'église et les piéces d'orfèvrerie du trésor, et qu'il ne sorte pas du temple sans examiner longuement le superbe cloître de l'évêque D. Miguel da Silva, où l'on reconnait l'art pur et élevé que l'artiste habile peut imprimer sur le granit, matière ingrate et revêche, seulement en y mettant l'indicible charme des proportions et une ornementation très sobre mais bien étudiée. Ah! si nos architectes modernes savaient voir, et s'ils voulaient étudier leur propre pays!...

Je ne terminerai pas sans recommander au lecteur une visite au palais de Fontello qui se trouve à peine à une demi heure de distance de Vizeu; c'est un lieu de plaisance, résidence d'été des prélâts, et qui se recommande par les beaux tableaux de l'école du Grão-Vasco. C'était une habitation seigneuriale, que le bon goût de prélâts éclairés comme D. Miguel da Silva et D. Gonçalo Pinheiro, a remplie de beaux travaux à la mode italienne, inventés par le premier pendant le premier tiers du xvime siècle, et que le dernier restaura et augmenta vers l'année 1565. Poètes et écrivains ont décrit les beautés du domaine et du jardin en de charmants vers latins que nous rappelons ailleurs. Il ne reste presque rien de ces reliques, mais la rumeur des arbres séculaires de la forêt, le murmure des fontaines éboulées rappèle encore les mots à demi effacés du portique: «hospice pour la consolation et l'usage des pauvres, sous l'invocation de la croix».

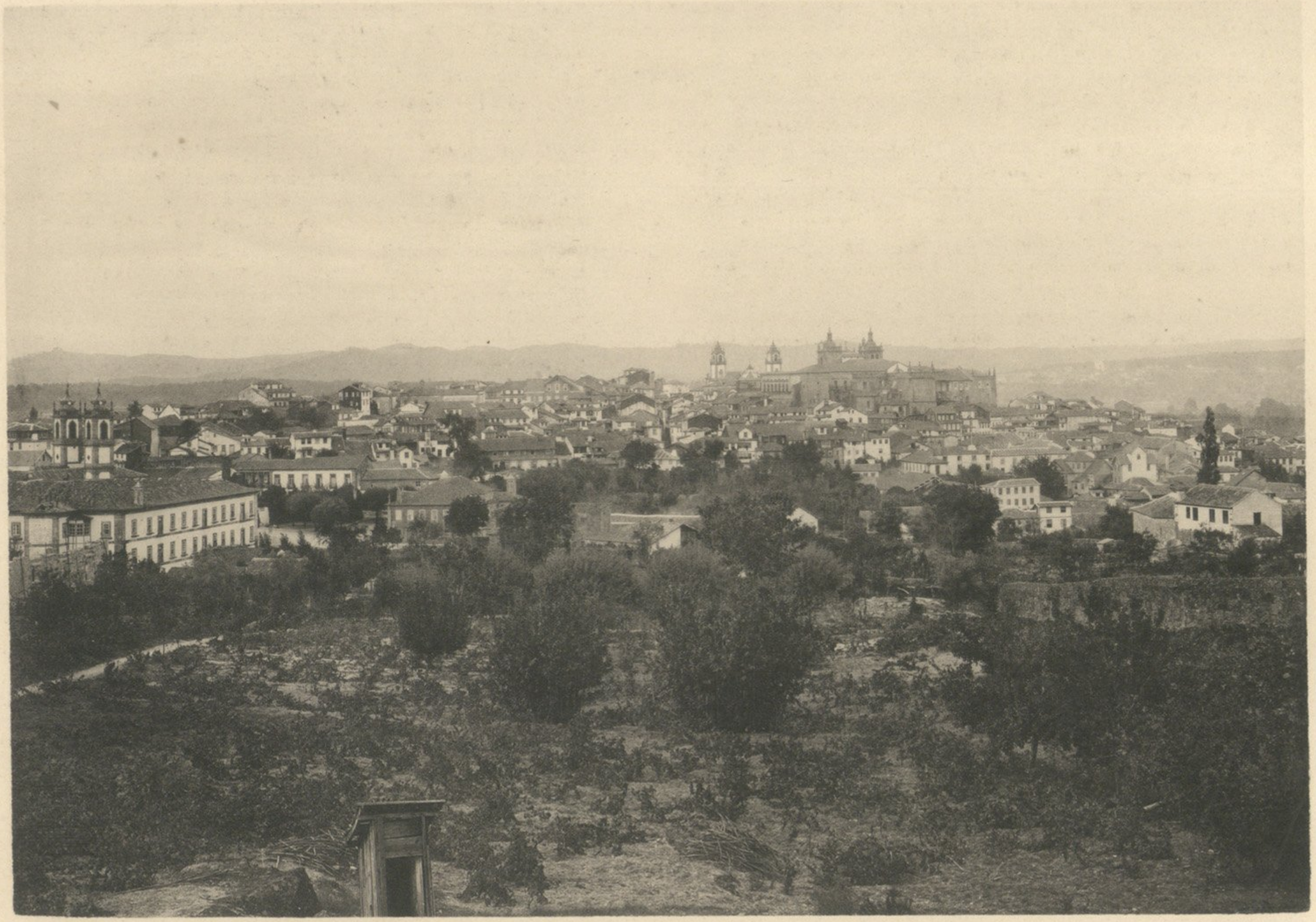
Joaquim de Vasconcellos.

---

[1] Maximiano d'Aragão, *Vizeu.* Apontamentos historicos, 1894-95. Il y a deux volumes publiés qui atteignent jusqu'à la moitié du xvme siècle. Jusqu'à cette date (Juillet 1907) le troisième n'a pas paru, mais seulement la partie relative à Grão-Vasco (Vizeu 1900) qui devait appartenir à ce volume. Nous avons déjà parlé de cette étude à propos du peintre. Les deux volumes méritent toute l'attention, mais ils ne peuvent remplacer la lecture de l'abondante monographie (360 pag.), qui a eté faite si soigneusement par Mr. l'abbé de Miragaia dans le *Portugal antigo e moderno* de Pinho Leal (vol. xii).

[2] Sur le portail on voyait aussi, comme le dit Botelho, une autre inscription extérieure, comme celle dont nous avons parlé plus haut (à propos du chœur, de 1513, et toutes deux célébrant le nom de l'Evêque Ortiz).

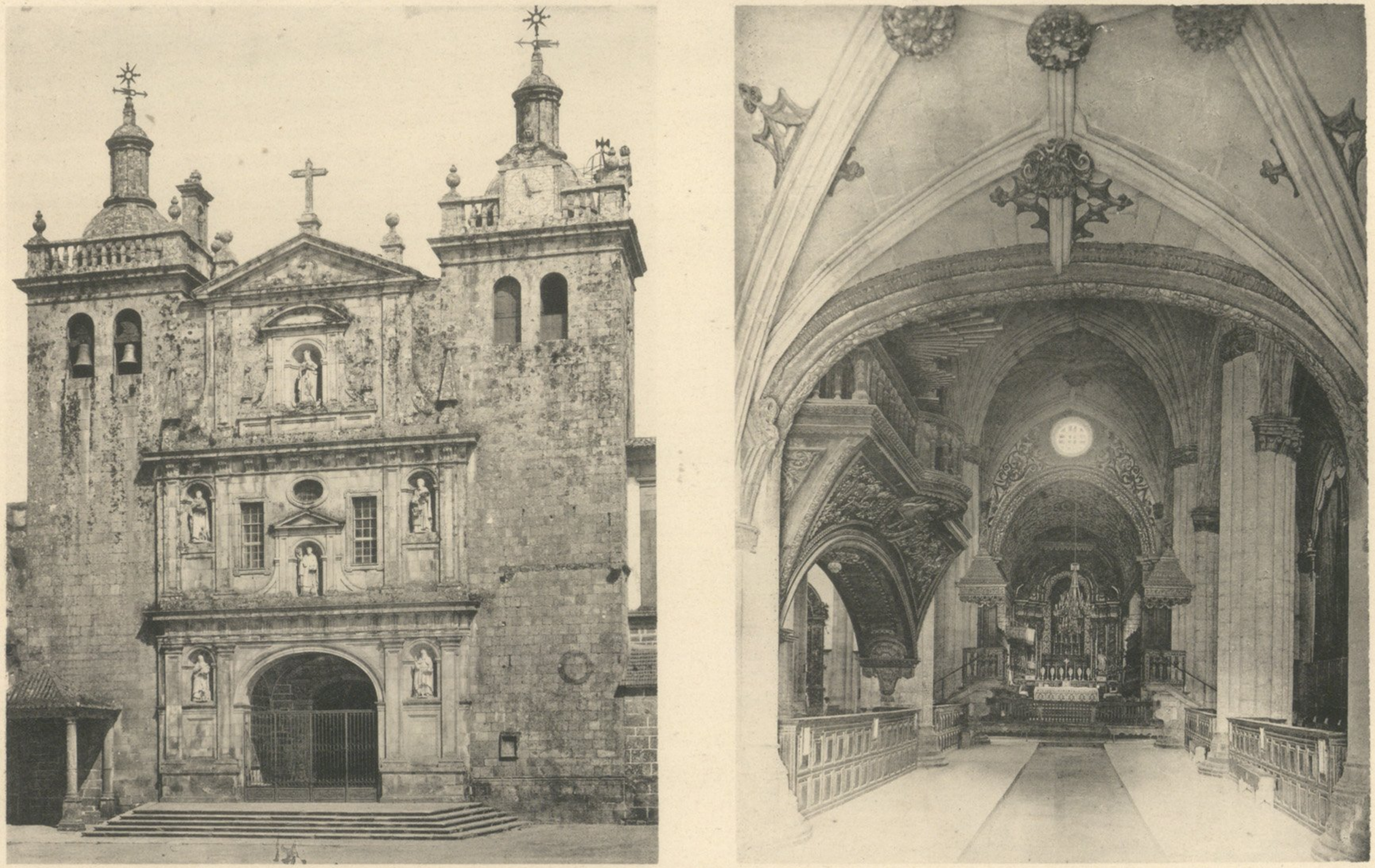
[3] Mr. Aragão (vol. ii, pag. 188) trouve que la tour, côté nord de la porte principale, est du xiiime siècle (sic), moins la coupole. Elles sont absolument pareilles même comme âge, et postérieures à 1640.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Vista geral
VIZEU

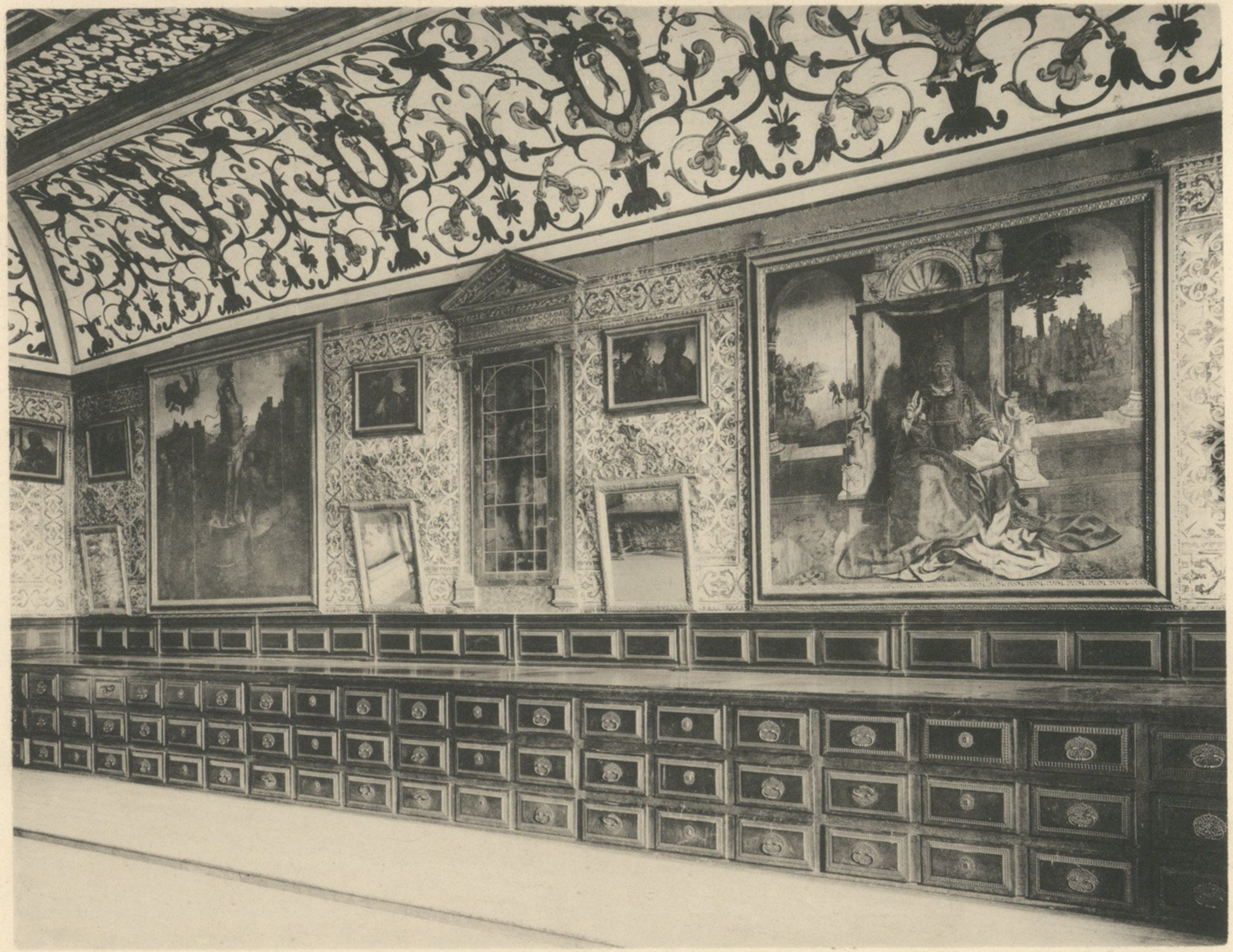


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Sé

VIZEU

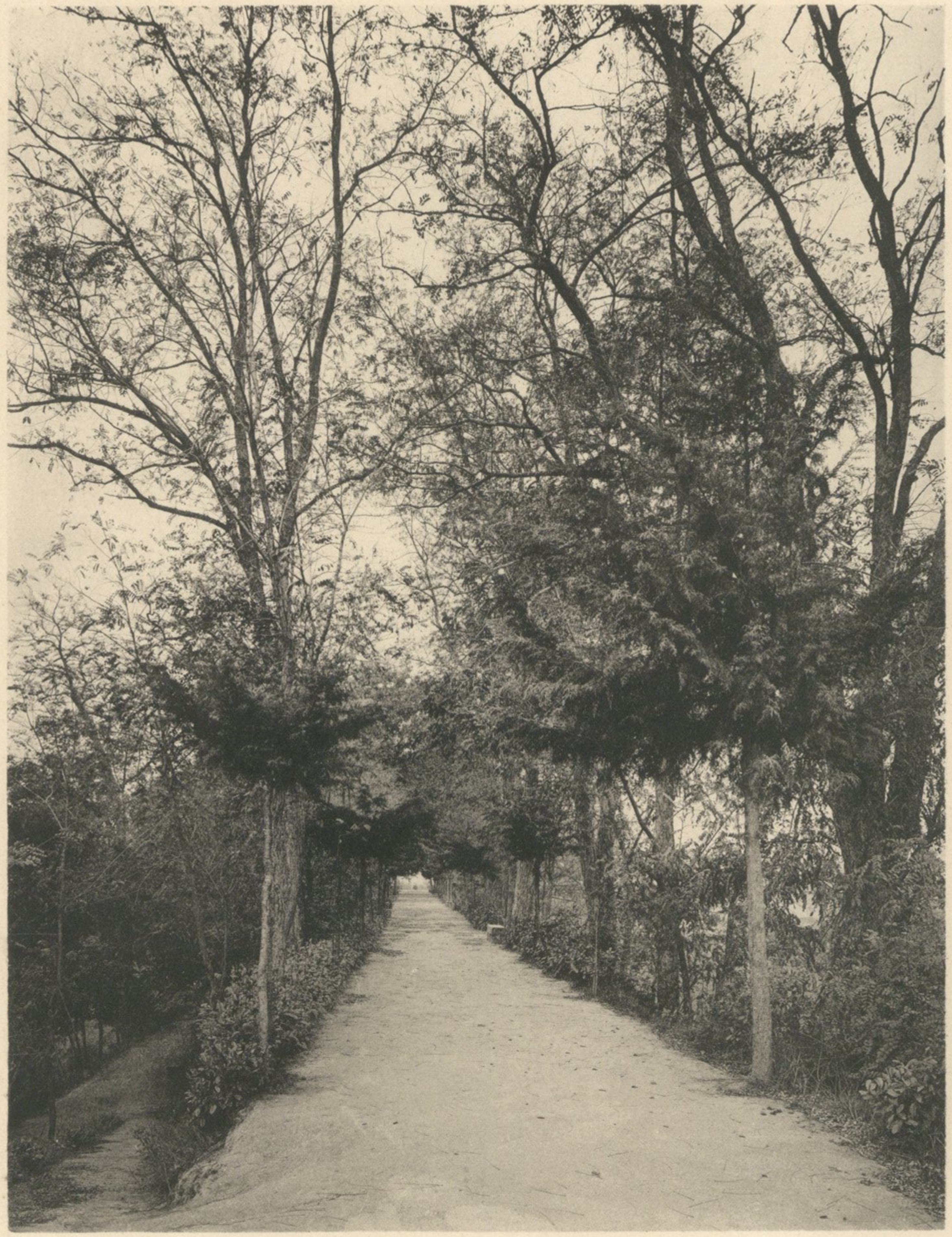


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Sacristia da Sé

VIZEU



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Cava de Viriato
VIZEU

Celorico da Beira

Por vezes, profundamente suggestiva se offerece a linguagem symbolica do armorial. No seu conciso registo iconico, não raro de interpretação versatil e dubia, se condensa uma lenda historica, um feito heroico, um objecto por acaso memoravel, emfim qualquer facto do passado que mereceu da presumpçosa argilla humana a fortuna de affrontar perennemente o futuro. Pratica velhissima e multisecular convertendo-se em crença fetichista foi, entre povos nascentes, o desvanecimento inspirador da sua existencia que servia para avigorar e retemperar a sua fé, com a lição fulgida que encerrava, na hora amarga e desfallecente do abatimento ou do revez. Nos tempos medievos Portugal não fugiu á norma sympathica de longe estatuida por remotos ancestraes, e todas as suas povoações, atravez das vicissitudes a que o destino as chamou, escolheram o acto ou coisa de maior renome das suas chronicas locaes para o tornarem orgulhosa divisa que ufanamente as avultasse ante a posteridade.

Ora um dos mais curiosos brazões de terras lusas é o de Celorico da Beira. Consta d'um escudo em pala tendo á direita um crescente sobre cinco estrellas e á esquerda uma torre destacando no espaço onde vôa uma aguia com um peixe nas garras. Historia e fábula de mãos dadas n'uma affavel harmonia para não destruir o fidalgo e nobilitante depoimento da tradição, que é como segue: No ultimo quartel do seculo xii um numeroso exercito de castelhanos e leonezes arremetteu contra Celorico e poz-lhe cêrco. O alcaide-mór d'então, D. Gonçalo Mendes, filho do conde D. Mendo, foi obrigado a abrigar-se no castello e a resistir com tenacidade e firmeza á investida esmagadora. Governava, porém, o proximo castello de Linhares seu irmão D. Rodrigo Mendes, que, ao saber da intempestiva nova, avançou com a sua hoste em pressuroso e decidido auxilio das peiadas forças fraternas a quem se juntou, com cautela, pelo silencio e pela treva da noite, sob a discreta cumplicidade das estrellas e da lua nova que no ceu frouxamente luziam e velavam. Nos arraiaes inimigos, a excessiva confiança no poder numerico e a insuspeita de qualquer soccorro em favor dos sitiados estabeleceram o desleixo e o repouso descuidoso. Assim, foram colhidos de surpreza e debandaram deixando aos portuguezes, no tumulto e precipitação da fuga, um farto espolio de guerra.

D'este successo resultou o ficarem consignados, nas armas da villa, os astros propicios. Mais tarde, nos meiados do seculo xiii, pretendeu o *bolonhez* que o alcaide-mór de Celorico, D. Fernando Rodrigues Pacheco, lhe prestasse juramento de vassallagem, e o reconhecesse como seu soberano e senhor.

Fiel, porém, ao seu rei, embora deposto e desoladoramente exilado em Toledo, não annuiu o integro e lealdoso castellão aos desejos e intimativas de D. Affonso pelo que este o encurralou n'um inexoravel e irritado assedio, sem comtudo lhe ser possivel transpôr as solidas quadrellas da alcaçova. Por longo espaço de tempo se dilatou a cruel intransigencia dos sitiantes a que correspondia dos de dentro a mais obstinada rebeldia e a mais valorosa resistencia, não obstante a fome surgir sinistramente, á carencia absoluta de recursos, para abater com a tragedia da morte a indomavel energia das vontades heroicas. Ora, conta-se ter sido n'esta conjunctura de desespero e angustia, que uma ave de rapina, fendendo os ares com a serenidade potente e magestatica da sua aza, deixou cahir uma truta suspensa das garras dentro da fortaleza faminta. O alcaide, que além de valente e leal ara astuto, aproveitou a dadiva providencial para presentear a D. Affonso manifestando-lhe, por forma tão eloquente quão persuasiva, o equivoco da sua inadvertida contumacia. Tanto bastou para que o cerco findasse. O ardil colhera e com o seu relevo fabuloso passou á constante lembrança dos vindouros fixando-se tambem no emblema heraldico da referida villa beirã. Os dois acontecimentos resumem uma historia.

Serviu no entanto de ensinamento e de estimulo ao culto da posteridade a recordação de tão alevantadas façanhas d'esses tempos varonis de lendario heroismo? Oh! candida illusão d'uma ingenua fé para sempre extincta!

Basta reparar no esphacelamento e desmazelo a que foi votado o castello de Celorico erguido no cimo da agreste elevação granitica d'onde domina a villa subjacente, amodorrada e quieta, na attitude submissa de varios seculos de intima dependencia.

Celorico da Beira

Le langage symbolique de l'armorial se présente parfois de manière profondément insinuante. Dans ses récits concis et imagés, dont l'interprétation est souvent versatile et douteuse, se condense une légende historique, un fait heroïque, un sujet par hasard remarquable, enfin quelque évènement passé qui a mérité de la vaniteuse humanité, le bonheur de survivre dans l'avenir. L'orgueil inspirateur de son existence, fût, parmi les peuples naissants, un usage ancien et plusieurs fois séculaire, devenu une croyance fétichiste; il servait à raffermir et retremper leur foi, avec la brillante leçon qu'il leur enseignait, aux heures amères et défaillantes du découragement et des revers. Le Portugal, aux époques du moyen âge, ne put se soustraire à la forme sympathique instituée de loin par des ancêtres reculés, et à travers toutes les vicissitudes qui leur échûrent en partage, toutes ses populations choisirent l'acte ou la chose la plus renommée dans leurs chroniques locales, dont elles firent une devise orgueilleuse qui devait glorieusement les grandir dans la postérité.

Or, un des plus curieux blasons de notre pays est celui de Celorico da Beira. Il se compose d'un écusson en pal ayant à droite un croissant sur cinq étoiles et à gauche une tour se détachant dans l'espace, où vole un aigle avec un poisson dans les serres. L'histoire et la fable se réunissent en une aimable harmonie pour ne pas détruire le noble et illustre témoignage de la tradition, qui est celui-ci: Pendant le dernier quartier du xii^{me} siècle une armée nombreuse de castillans et de léonais assaillît et assiégea Celorico da Beira. Le grand alcade d'alors, D. Gonçalo Mendes, fils du comte D. Mendo, fut obligé à se réfugier dans le château et dût résister avec fermeté et tenacité à l'écrasante attaque. Mais, son frère Rodrigo Mendes gouvernait le château de Linhares, tout proche, et apprenant cette brusque nouvelle, il s'avança avec son armée pour prêter un secours empressé et energique aux troupes gênées de D. Gonçalo, et, avec toute sorte de précautions, dans le silence et l'ombre de la nuit, sous la discrète complicité des étoiles et de la nouvelle lune qui veillaient et luisaient faiblement dans le ciel, les deux armées se réunirent. Dans le camp ennemi on se livrait à un repos insouciant et à la négligence, confiant dans la force numérique et sans se douter que l'on pût prêter le moindre secours aux assiégés. Ainsi, ils furent attaqués par surprise et débandèrent laissant aux portugais, dans le désarroi et la précipitation de leur fuite, un fort butin de guerre.

C'est ce fait qui fit consigner sur les armes de la ville, les astres propices. Plus tard, au milieu du xii^{me} siècle, le *bolonhez* voulût que le grand alcade de Celorico, D. Fernando Rodrigo Pacheco, lui fit serment de vasselage et le reconnut comme souverain et seigneur.

Mais, fidèle à son roi, quoique celui-ci fût déchû et désolément exilé à Toledo, D. Fernando, comme loyal et intègre châtelain, ne se soumit point aux désirs et aux sommations de D. Affonso, et celui-ci l'accula dans un siège violent et inexorable, sans réussir toutefois à franchir les solides remparts de la forteresse. Cette cruelle intransigeance des assiégeants, à laquelle s'opposait de la part des assiégés la plus rebelle obstination et la plus vaillante résistance, se prolongea pendant longtemps, malgré la faim qui surgissait sinistrement et le manque absolu de ressources, qui sévissaient à l'intérieur, pour abattre avec la tragédie de la mort l'indomptable énergie de ces volontés héroïques. Or, on dit que ce fut pendant cette crise de désespoir et d'angoisse, qu'un oiseau de proie, fendant les airs avec la majestueuse et puissante sérénité de son vol, laissa tomber dans la forteresse affamée une truite qu'il tenait dans ses serres. L'alcade, qui était non seulement loyal et courageux, mais rusé, profita de ce cadeau providentiel et l'offrit à D. Affonso, lui montrant ainsi d'une manière aussi éloquente que persuasive, l'erreur de son imprévoyant entêtement. Ce fut suffisant pour faire lever le siège. La ruse fut profitable, et son éclat fabuleux passa dans le constant souvenir de la postérité, se fixant aussi comme emblême héraldique de la ville de Celorico. Les deux évènements résument une histoire.

Cependant, cela servit-il d'enseignement et stimula le culte de la postérité en lui rappelant une si noble action d'éclat de cette époque vaillante d'heroïsme légendaire? Oh! quelle naïve illusion d'une foi ingénue et à jamais éteinte!

Il suffit d'observer le délabrement et la négligence auxquels a été voué le château de Celorico élevé

Veneravel vigia, fenecida a generosa aspiração que a alicerçou na firmeza inquebrantavel da rocha, sobre ella pendeu o esquecimento e mais que o esquecimento a injuria dos homens a cujos avós tantas vezes servira de amparo e defeza!

Testemunha singular dos cyclos epicos d'um povo, teve a sorte dos monumentos congeneres soffrendo as descaroaveis e amargas affrontas na decrepitude, quando mais se tornava crédora das homenagens do respeito e das honras de gratidão. Mas, olvidados os seus serviços e o seu prestimo, desconhecida a sua significação e averiguada a sua inutilidade, começou a ser victima de barbaridades sem conta e ella ahi está, a rija armadura de cantaria tisnada, entregue a uma irreprimivel consumpção de ruina. Uma das torres altaneiras, embora desdentada, ainda se mantem com aprumo e sobranceria; a outra foi quasi de todo aluida e faz falta o seu arcaboiço aos olhos evocadores que mais sentem o abandono em que jaz a sobrevivente; os dois cubellos foram já decapitados e as muralhas mostram esboroamentos e mutilações que semelham chagas na estructura envelhecida e veneravel.

Mas não inquietemos com lamurias gemebundas a humilde Celorico, immersa n'uma prostração exangue que parece justificar o titulo pejorativo com que despeitadamente a classificam: *Celorico dos Bebados.*

De modo algum insinuaremos que a calada villa beirã costuma inebriar-se com a agradabilissima essencia que annuviou o espirito do patriarcha Noé, mas que se vangloría, e com razão, d'um dos melhores typos de vinho da sua provincia.

Fornos d'Algodres

Esta bonita povoação, que é um exemplo vivo do quanto vale a iniciativa do proprio esforço bem orientado, assenta na base da chamada Beira trasmontana.

Diminuta, como é de prever, tranquilla e sem tradições de alarde no preterito que a desvariem e allucinem, risonhamente poisa no abatido accidente do formidavel relevo orographico da provincia da Beira Baixa onde começa a irromper essa paisagem sentimental, enlevo e paixão das almas delicadas, que de leste se estende pelo districto de Coimbra até ao mar.

O quadro panoramico, no geral, pelos effeitos de perspectiva, pelo contraste do colorido e pela caprichosa disposição dos valores integrantes é cheio de grandeza e doçura. No horizonte, é certo, ha linhas violentas e duras destacando n'uma côr de burel esfumado sobre a transparencia clara e suave do azul, mas á medida que se circumscreve o raio visual, baixando-o das calvas arestas do engaste da abobada celeste para os planos bizarros e confusos bafejados pelo homem, suavisam-se e amaciam-se os traços, e as tintas modificam-se, variam e enriquecem, não para uma exuberancia garrida e alacremente polychromica, mas para uma coloração fina, carinhosa e repassada de melancholia. A tonalidade velludosa do olivedo cendrado casa-se ao revestimento metallico dos pinhaes e á unida verdura das searas, e, aqui e alli, a restante vegetação d'um relevo tão esbelto e de tão gracioso recorte põe manchas galantemente adoraveis e de imprevisto alcance no arranjo pictural. Onde a onde, n'um dorso d'encosta, n'um esconderijo de cerros ou na molleza d'um valle divisam-se aldeias escuras, logarejos sombrios, com os casaes juntos, aninhados ou debruçados, como que para gosar sómente a paz bucolica e mansa do ambiente, ou para escutar a perenne voz das aguas que passam e dizem serenamente a elegia indefinida e terna das coisas. Uma penetrante poesia circula com a luz e envolve a alma que deleitosa e consoladamente fica presa na contemplação d'esses aspectos paisagisticos, arrancados, sem duvida, ás encantadoras paginas de Theocrito.

sur le sommet d'un âpre rocher granitique, d'où il domine la ville à ses pieds, endormie et tranquille dans l'attitude soumise dûe à bien des siècles d'entière dependance.

Sentinelle vénérable, après la généreuse aspiration qui le fixa sur la dureté inébranlable du roc, l'oubli a plané sur lui, et plus que l'oubli, l'injure des hommes dont les ancêtres avaient si souvent trouvé dans ses murs, une défense et un soutien.

Témoin unique des cycles épiques d'un peuple, il a eu le sort des monuments de son espèce, souffrant les amers et impudents affronts dans sa décrépitude, lorsqu'il aurait dû mérité, davantage les hommages les plus respectueux et les honneurs les plus reconnaissants. Mais, après qu'on eût oublié ses services et ses bienfaits, qu'on eût méconnu sa signification et qu'on se fût convaincu de son inutilité, il commença à être victime d'innombrables barbarités, et le voilà avec sa dure charpente de pierre brûlée, voué à une irréparable consomption de ruine. Une de ses hautes tours quoique édentée, se maintient encore avec aplomb et fierté; l'autre a été presque entièrement démolie et son squelette, qui manque, fait encore ressortir aux regards évocateurs, l'abandon où gît celle qui reste; les deux tourelles ont été décapitées et les murs montrent des mutilations et des trouées semblables à des blessures sur la construction vieillie et vénérable.

Mais n'inquiétons pas avec de lamentables regrets l'humble Celorico, plongée dans son abattement exangue qui semble justifier le surnom méprisant dont on l'a gratifiée avec dépit: *Celorico des Ivrognes.*

C'est à peu près insinuer que la silencieuse petite ville a l'habitude de s'enivrer avec l'agréable boisson qui troubla l'esprit du patriarche Noé, mais qu'elle se flatte à juste titre de posséder un des plus fameux types de vin de sa province.

Fornos d'Algodres

Cette jolie petite ville qui est un exemple vivant de ce que peut valoir l'initiative des propres efforts bien orientés, repose sur la base de ce que l'on nomme la Beira *transmontana.*

Très petite, comme on le pressent, tranquille et sans d'éclatantes traditions du passé qui l'illusionnent ou la fassent divaguer, elle se pose toute riante dans l'accident abattu du formidable relief orographique de la province de Beira Baixa, là où commence à paraître le paysage sentimental, qui fait le charme et la passion des âmes délicates et qui, de l'est, s'etend sur le district de Coimbra jusqu'à l'océan.

Le tableau panoramique, par ses effets de perspective, les contrastes de coloris et la disposition capricieuse des nuances, est plein de grandeur et de suavité. À l'horizon, on voit en effet quelques lignes violentes et dures qui se détachent en des tons de bistre, estompés sur la transparence claire et douce du ciel, mais à mesure que se rétrécit le rayon visuel, descendant des sommets arides qui se profilent sur la voûte celeste, jusqu'aux plans confus et bizarres, tracés par les hommes, les contours s'adoucissent et s'amollissent, les nuances se modifient, varient et s'enrichissent, sans atteindre une exhubérance chatoyante ou franchement polychrome, mais tendant vers une coloration fine, caressante et empreinte de mélancolie. La tonalité veloutée des oliviers cendrés s'allie au feuillage métallique des sapinières et à la verdure unie des moissons; çà et là, les autres végétations d'un relief si svelte et si gracieux, mettent des touches d'un charme adorable et imprévu sur tout le tableau. De loin en loin sur la pente d'une colline dans des recoins du mont ou dans les creux des vallées on aperçoit des villages obscurs, des sites sombres, des fermes proches, nichées ou penchées, comme si elles voulaient simplement jouir de la paix bucolique et sereine de l'ambiant, ou écouter la voix éternelle des eaux qui passent et qui racontent tranquillement l'élégie tendre et indéfinie des choses. Une poésie pénétrante circule avec la lumière et enveloppe l'âme, qui reste délicieusement éprise dans la contemplation de ces aspects du paysage, arrachés indubitablement aux charmantes pages de Théocrite.

Manteigas

É o mais gordurento nome das terras d'este conhecido jardim da Europa á beira-mar plantado. Não offerece mysterios o appellativo, nem as complexas interpretações da etymologia têm cabimento na destrinça elucidativa da sua origem. Todavia não imagine o leitor, que conhece esta villa beirã, com raciocinio leviano e facil que o epitheto provém da porcaria indomavel e hedionda, resultante de pessimos habitos tradicionaes, alheios a preceitos e noções de civilidade e hygiene, e que se agglomera e escorre em farta pestilencia pelos seus arruamentos. Não. Mais tino e prudencia, leitor amigo! A denominação, apezar da abundancia do sordido adubo, promana da vetusta e remota nomeada do queijo e manteiga feitos com o excellente leite do gado lanigero que enxameia pela Serra da Estrella. É difficil dizer a que época remonta esta excelsa fama. Não é recente, porém, o que póde affirmar-se com as mãos estendidas sobre um livro d'Horas, pois já o Padre Antonio Carvalho da Costa, na sua *Chorographia,* o declarava com sisudez e compostura.

A situação topographica de Manteigas, por seu lado, é que é devéras enigmatica e não se acerta satisfatoriamente com o motivo plausivel que determinou os previdentes antepassados do seculo XII a povoarem tal sitio, proprio, a bem dizer exclusivamente, para uma communidade monastica adstricta á observancia das mais austeras e rigidas praticas da virtude, longe e a occultas dos homens e da sua negra impureza, e mais perto e á vista do ceu e da sua gloriosa limpidez.

A villa, com effeito, assenta no fundo d'um covão aberto no flanco da Serra da Estrella, cuja massa phantastica se ergue sombriamente em prumadas sinistras e declives horrendos com reconcavos e bossas até aos pincaros que aggridem e retalham a serena candura do azul. A setecentos metros d'altitude e em tal fossa taciturna, á margem do Zezere que desce das visinhanças dos *Cantaros* e cujo valle estreito é luxurioso, tem o ar de tristonho eremiterio, de recolhida solidão para anachoretas onde apenas se deseja um socego claustral cheio de desprendimento do mundo, e todavia, oh! enganosa illusão das apparencias! Manteigas é laboriosa, dedica-se a uma perseverante actividade fabril que muito a ennobrece e que é a principal fonte da sua riqueza economica. Na verdade, Manteigas não dorme, não deliquesce em arroubos extaticos, não definha em contemplações mysticas de cenobio. Não. Manteigas tem uma população densa que, não obstante a sua commovente e supina fealdade, aggravada com a falta de aceio, trabalha honradamente nos tecidos de lã tendo aproveitado e transformado a tradicional industria caseira n'uma rendosa e florescente industria mechanica.

Assim todas as povoações de Portugal tivessem a energia e a iniciativa para valorisar os recursos naturaes de que dispõem. A indolencia e a rotina juntas ao receio e á desconfiança da geral ignorancia mantêm a maioria do paiz n'um lastimoso desaproveitamento, que é um desperdicio, das suas melhores riquezas revelando tanto atrazo como penuria. As condições especiaes de meio, é claro, que favoreceram e promoveram o desenvolvimento da industria de lanificios, como já havia succedido para a dos lacticinios. E comprehende-se. Manteigas, encravada no macisso orographico da Estrella, nucleo populoso de importancia pela sua extensa vida historica, havia de ser fatalmente um dos centros d'attracção e convergencia destinados a localisal-a. Demais a mais servida pela natureza com importantes agentes de motricidade, facil e muito viavel se lhe tornava applicar-se ao industrialismo que constante e crescentemente se tem empenhado em aperfeiçoar-se.

O factor inicial, isto é o filamento lanigero proveniente dos innumeros rebanhos que se apascentam na ingente serrania, tornou-se insufficiente para alimentar a labuta intensa em que, no presente, se occupa Manteigas; mas paralysal-a ou restringil-a equivaleria a um suicidio e ella foi então, com criterio e tenacidade, buscar longe esse elemento essencial de vida, para o que teve de descer do seu covil montanhoso até á planura alemtejana e talvez até ás visinhas provincias de Hespanha.

A outra industria deriva tambem do rebanho e subordina-se ao regimen pastoril de feição assaz peculiar e caracteristica nas altitudes da Beira Baixa. O principal producto é o famoso *queijo da serra* cuja manufactura se realisa por processos simplistas, primitivos e patriarchaes, que não obstante lhe dão o preparo e o sabor especial, base do seu consagrado renome.

Fabrica-se na primavera quando os rebanhos das ovelhas *bordaleiras* sobem dos ferteis e quentes valles do Douro, Vouga, Mondego e Zezere, das planicies de Idanha ou mesmo d'além do Tejo, onde hibernam, para as vertentes e planaltos da Estrella onde encontram o pasto extincto nas profundidades ribeirinhas. No outomno por occasião do seu regresso, de novo funccionam as queijarias, mas a qualidade é inferior.

Manteigas[1]

C'est le nom le plus gras de tous les pays de ce jardin de l'Europe qu'on nomme Portugal. Il n'a rien de mystérieux et les intreprétations complexes de l'étymologie n'ont rien à démêler dans la découverte de son origine. Cependant, le lecteur, qui connait ce bourg de Beira, ne doit pas supposer, d'après un raisonnement facile et léger, qu'il est dû à une saleté invétérée et horrible, qui resulte de mauvaises habitudes traditionnelles, étrangères à toutes les notions et préceptes de la politesse et de l'hygiène, et qui s'accumule et coûle en abondante pestilence dans ses rues. Non. Que le lecteur soit raisonnable et prudent! Malgré l'abondance de sordide graisse, le nom provient de l'ancienne renommée du fromage et du beurre fabriqués avec l'excellent lait des brebis qui peuplent la montagne d'Estrella. Il est difficile de dire à quelle époque remonte cette réputation. Elle n'est pas récente et on peut en faire serment les mains étendues sur un livre d'Heures, car le Père Antonio Carvalho da Costa l'avait déjà déclaré avec toute sa gravité et sa sagesse dans sa *Chorographie.*

Par contre, ce qui est véritablement énigmatique c'est la situation topographique de Manteigas et on n'atteint pas d'une manière satisfaisante la raison plausible qui a induit les prévoyants ancêtres du XII$^{\text{me}}$ siècle, à peupler cet endroit, qui serait exclusivement approprié à une communauté monastique astreinte à la pratique des règles les plus austères et rigides de la vertu, éloignée et cachée aux yeux des hommes et de leur vile impureté, plus près du ciel et de sa glorieuse limpidité.

Le bourg est en effet situé au fond d'un creux ouvert sur le flanc de la Montagne d'Estrella dont la masse fantastique s'élève sombrement en escarpes sinistres et en pentes horribles avec des trouées et des bosses, jusqu'aux sommets qui blessent et hachent la placide candeur des cieux. À sept cents mètres d'altitude et dans un sombre fossé, au bord du Zezere qui descend des proximités de Cantaros et dont l'étroite vallée est luxuriante, Manteigas a un air de mélancolique ermitage, de solitude recueillie, pour les anachorètes qui désireraient à peine une placidité claustrale pleine de détachement du monde, et toutefois, par une trompeuse illusion des apparences, la petite ville est laborieuse, et fait preuve d'une persévérante activité qui l'ennoblit et devient la principale source de sa richesse économique. En vérité, Manteigas ne s'endort pas, ne passe pas son temps en rêveries, ne s'anéantit guère en des mystiques contemplations de cénobite. Non. Manteigas a une population, qui, malgré son impressionnante et immense laideur, augmentée par le défaut de propreté, travaille honorablement au tissage de la laine ayant développé et transformé la traditionnelle industrie domestique en une fabrication mécanique productive et florissante.

Il serait à désirer que toutes les villes du Portugal eussent de l'énergie et de l'initiative pour faire valoir les ressources naturelles dont elles disposent. L'indolence et la routine, jointes à la crainte et à la méfiance de l'ignorance générale maintiennent une grande partie du pays dans une lamentable incurie, qui entraîne la perte de ses plus belles richesses et démontre autant de misère que de retard. Il est certain que les conditions spéciales du milieu ont contribué et favorisé le développement de l'industrie des lainages, comme auparavant celle des laitages. Et c'est facile à comprendre. Manteigas enclavée dans le massif orographique de Estrella, noyau populeux et important par sa longue vie historique, devait fatalement devenir un des centres d'attraction et de rayonnement destinés à la localiser. D'autant plus qu'étant douée par la nature, d'importants agents moteurs, il lui était facile de les appliquer aux industries qui se perfectionnent et augmentent chaque jour davantage.

La matière initiale, c'est-à-dire la laine, provenant des nombreux troupeaux que l'on voit paître dans l'agreste montagne, n'est plus suffisante pour la grande fabrication qui actuellement se fait à Manteigas; mais ce serait un suicide de la paralyser ou de la restreindre, et, avec sagesse et ténacité, on a été chercher loin cet élément essentiel de vie, en descendant des autres montagnes jusqu'aux plaines de l'Alemtejo et même jusqu'aux plus proches provinces de l'Espagne.

L'autre industrie provient aussi des troupeaux et est subordonnée au régime pastoral dont les traits sont péculiers et caractèristiques dans les hauteurs de Beira Baixa. La principal production est le fameux *fromage de la montagne* dont la fabrication se fait par des procédés très simples, primitifs

---

[1] Manteiga en portugais signifie beurre. (*N. du tr.*).

Os rebanhos organisam-se com ovelhas pertencentes a diversos donos, que as marcam convenientemente, e confiam-se aos *maioraes*. O maioral d'um rebanho escolhe as pastagens e paga ao municipio respectivo, onde estas sitam, o imposto estipulado por cada cabeça, e, feito isto, dirige-se com o gado sujeito á sua superintendencia para a serra, tendo a auxilial-o na tarefa os *zagaes* ou *ajudas* e os celebres cães.

Cada pastor, vestido de briche, calçoes de pelle d'ovelha, polainas de couro, botas ferradas e chapeu d'aba revirada, mune-se d'uma grossa manta de lã, do surrão, do cajado, da funda e do tarro. Não tem cabana ou tugurio para pernoitar ou para simples refugio. Dorme ao ar livre sob o brilho inconstante dos astros ou n'alguma anfractuosidade das fragas. O seu sustento consiste em pão e toucinho que uma vez por semana lhe fornecem da aldeia mais proxima, e elle guarda nas *copas* ou luras fechadas com pedras, e ainda no leite produzido pelo grupo de cabras que acompanha cada rebanho e se chama o *alavão*. Face trigueira, mordida pelo sol e pelo vento, olhar contemplativo, attento e triste, aspecto reservado, proveniente d'um viver errante, solitario, em ermos d'um silencio augusto, inenarravel, onde a convivencia com o rebanho apenas o obriga a proferir uns sons gutturaes, monosyllabicos, lentos, que se repetem de quebrada em quebrada como se outras vozes mysteriosas o imitassem até se exhaurir a energia repercutora do éco. Supersticioso como todo o homem primitivo, pantheista, regulando a sua existencia, pelo curso dos astros ou pelo voluvel conspecto das coisas, rude e affectivo.

O seu companheiro mais intimo, dedicado e fiel é o cão da serra, que fica álerta emquanto elle repousa, vigiando sempre e com solicitude as ovelhas para que nem homem as furte, nem lobo as devore. É um animal corpulento, bem constituido, focinho curto e que se diz procedente de cruzamento com lobo de quem é inimigo feroz e com quem trava encarniçadas luctas levando-lhe vantagem quando armado da colleira com puas. Junto das meigas e pacificas ovelhas tem um ar paternal, de força protectora, mas consciente e por isso modesta e placida, e que lhe dá n'esse grupo semovente um destaque sympathico...

Não são licitas mais delongas pois que n'outros fasciculos se dirá tudo o que necessario seja revelar da Serra da Estrella, naturalmente das mais conhecidas do paiz, mas ainda não tanto como seria para desejar, mercê da falta de coragem e da misera educação sportiva que entre nós preponderam, apezar de a todos os instantes pretendermos imitar o estrangeiro nos seus costumes e nos seus habitos.

Uma ascensão á maior montanha de Portugal é generosissimamente recompensada ainda quando mais não seja pelo prazer de observar Manteigas do alto do *Fragão do Corvo* sob uma atmosphera purissima, immaculada, e consideral-a atolada na immundicie lobrega, encardida e nauseabunda sem que periguem as pituitarias com as emanações de tal fóco infeccioso, incapaz de lavar-se na agua copiosa e desnevada que o banha.

Manuel Monteiro.

et patriarchaux, mais qui les préparent, et leur donnent une saveur spéciale, origine de leur grande réputation.

On les fabrique au printemps, quand les troupeaux des brebis *bordaleiras* montent des fertiles et chaudes vallées du Douro, du Vouga, du Mondego et du Zezere, des plaines de l'Idanha et même d'au delà du Tage, où elles ont hiverné, vers les versants et les plateaux d'Estrella, où elles trouvent la nourriture, épuisée dans les profondeurs riveraines. À l'automne au moment de leur retour, les fromageries fonctionnent à nouveau, mais la qualité est inférieure.

Les troupeaux sont composés de brebis appartenant à divers propriétaires, qui les marquent convenablement et les confient aux chefs (*maioraes*). Le chef d'un troupeau choisit les paturâges et paie à la municipalité, où ils sont situés, l'impôt désigné pour chaque bête, et ensuite, avec les animaux confiés à sa surveillance, il se dirige vers la montagne, aidé dans sa tâche par les *zagaes* ou *ajudas* et les fameux chiens.

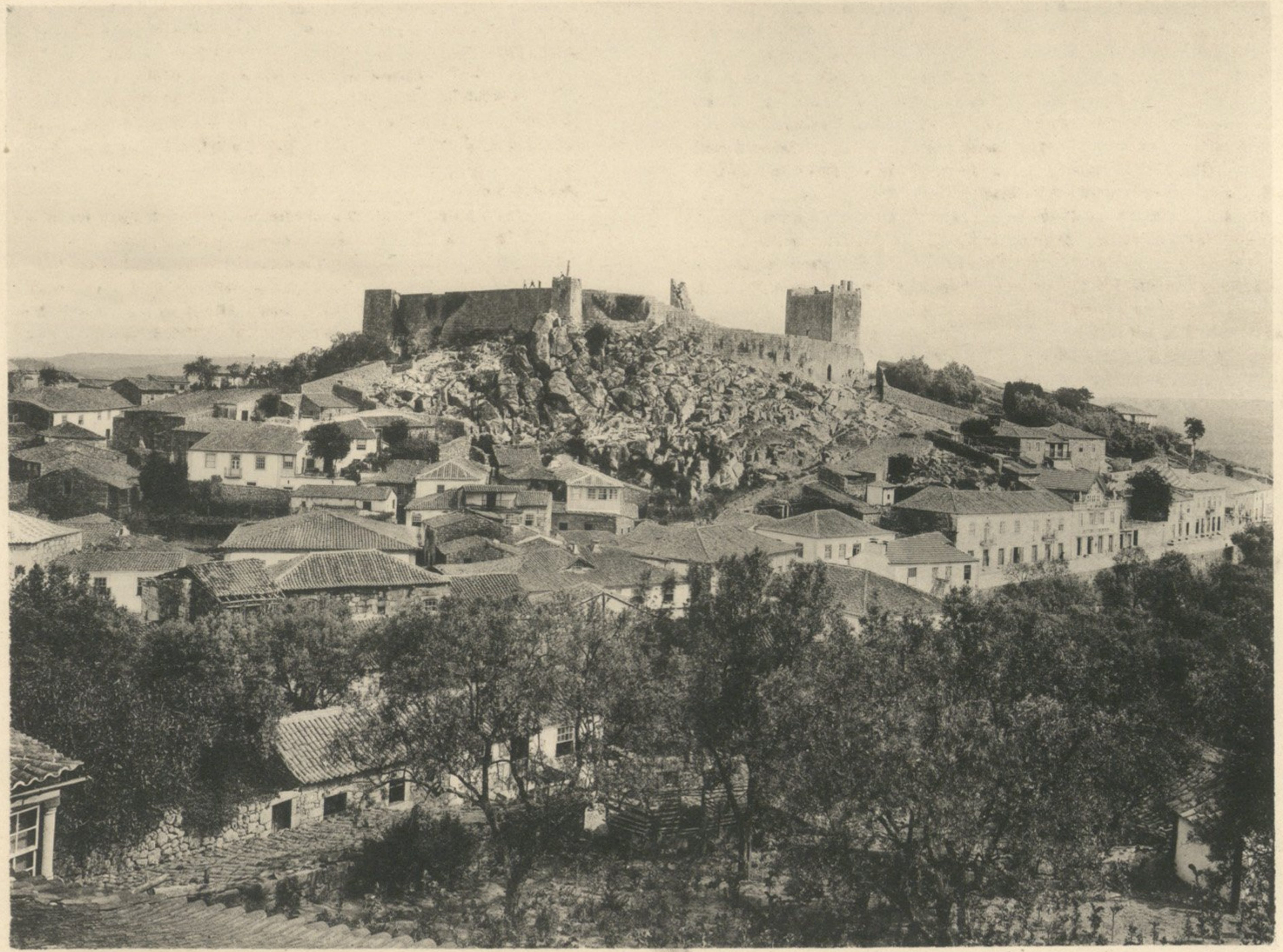
Chaque pâtre vêtu de bure, culotté de peau de mouton, guêtres en cuir, bottes ferrées et chapeau à bords retroussés, est muni d'une grosse couverture de laine, d'un sac, d'une houlette, d'une fronde et d'une terrine. Il n'ont pas de cabane ni d'abri pour passer la nuit ou pour se réfugier, dormant à la belle étoile sous la clarté inconstante des astres ou dans quelque creux du rocher. Leur nourriture se compose de pain et de lard qu'un village plus proche leur fournit une fois par semaine, et qu'ils gardent dans les *copas* ou *luras*, espèces de trous bouchés avec des pierres; ils prennent aussi le lait des chèvres dont le groupe accompagne chaque troupeau et qu'on nomme *alavão*. La figure hâlée, brulée par le soleil et le vent, le regard contemplatif, triste et attentif, l'aspect réservé, dû à la vie errante, solitaire, dans des déserts d'un silence solennel, indescriptible, où la fréquentation avec le troupeau l'oblige à peine à proférer quelques sons gutturaux, monosyllabiques, lents, qui se répercutent de ravin en ravin comme si d'autres voix mystèrieuses les imitaient, jusqu'à ce que s'éteigne l'énergie répercutrice de l'écho, superstitieux comme tout l'homme primitif, panthéiste, réglant son existence selon la course des astres ou l'inconstante vue des choses, rude et affectueux, tel est le pâtre de ces régions.

Son compagnon le plus intime, dévoué et fidèle, est le chien de la montagne qui veille quand il repose, observant toujours avec sollicitude les brebis, pour qu'aucun homme ne les vole, ni aucun loup ne les dévore. C'est un animal robuste bien constitué au museau court et que l'on dit être le produit du croisement avec le loup dont il est l'ennemi féroce et avec lequel il a des luttes acharnées, restant du bon parti, lorsqu'il est armé d'un collier à clous. Près des douces et paisibles brebis il a un air paternel, de force protectrice, mais réfléchie et par celà même, modeste et placide, qui le fait ressortir d'une manière sympathique au milieu de ce groupe mobile.

Il est inutile de nous étendre sur ce sujet car en d'autres articles on lira tout ce qu'il y a à dire à propos de la montagne d'Estrella, naturellement bien connue du pays, mais pas autant qu'il serait à désirer, à cause du peu de courage et de la misérable éducation sportive qui agissent en nous, malgré les constantes prétentions d'imiter les étrangers dans leurs habitudes et leurs mœurs.

Une ascension à la plus haute montagne de Portugal est largement dédommagée, quand ce ne serait que par le plaisir d'observer le bourg de Manteigas, du haut du *Fragão do Corvo*, sous une atmosphère pure et limpide, et penser qu'il demeure enfoncé dans l'immondice sordide, invétérée et nauséabonde, sans que les pituitaires se ressentent nullement des émanations de ce foyer d'infection, qui n'a pas même l'idée de se laver dans l'eau abondante et limpide qui l'entoure et le baigne.

Manuel Monteiro.

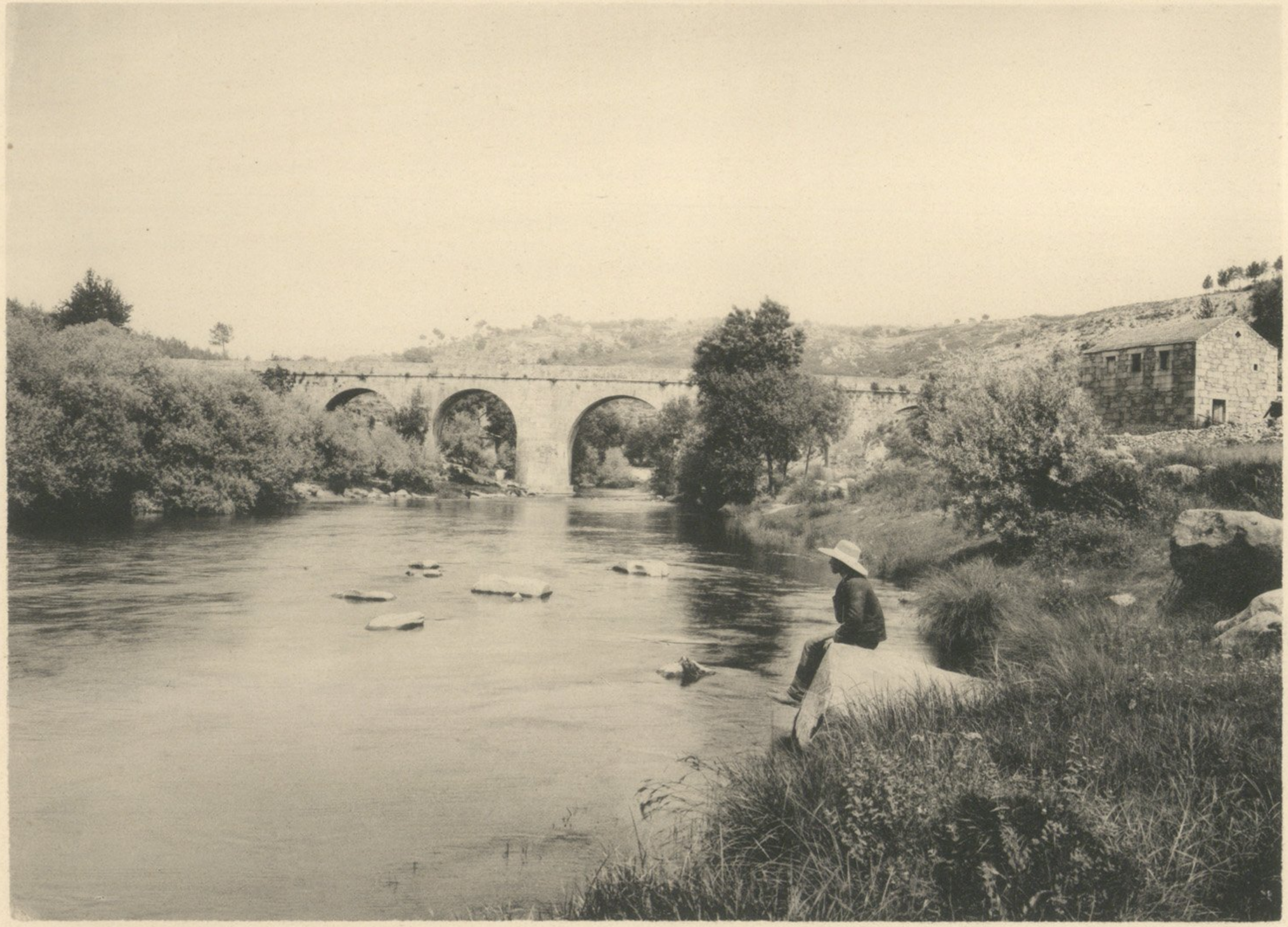


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Vista do Castello

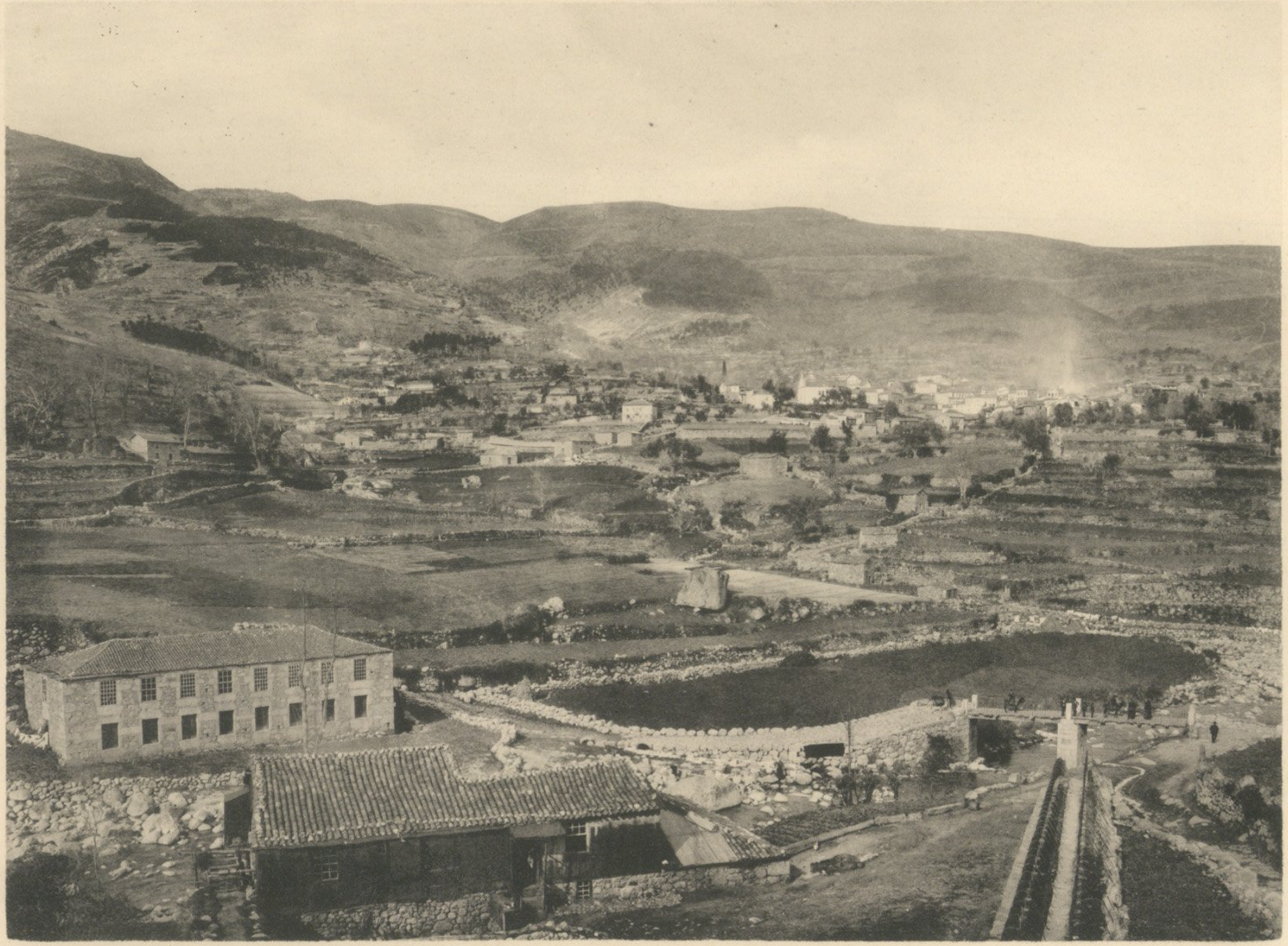
CELORICO DA BEIRA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

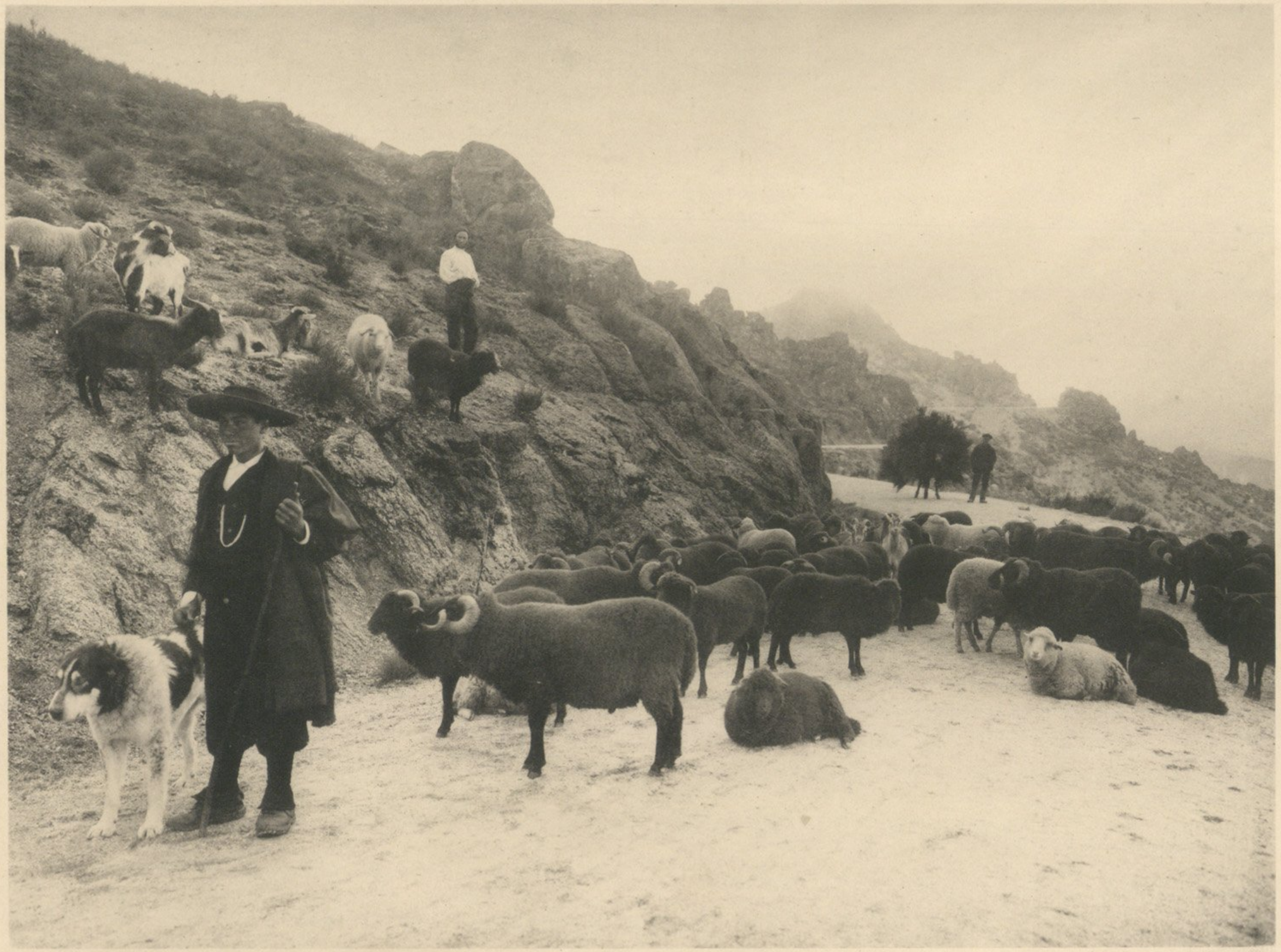
Ponte dos Juncaes, sobre o rio Mondego
FORNOS D'ALGODRES



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Vista geral
MANTEIGAS



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Rebanho d'ovelhas

SERRA DA ESTRELLA

Covilhã

Do desvairamento do lustre e gloria antigos ficou-nos, com effeito, na decadencia e na ruina o torvo delirio das grandezas e uma connexa farofia insensata que o temperamento ardente e prolixamente loquaz do peninsular mais aguça e requinta. Desconcertamos-nos e a proposito de tudo nos confrontamos com o estrangeiro menos para nos medirmos pela sua craveira que para lhe concedermos o favor do nosso parallelo. D'este defeito visceral muito se usou nos banaes, pretenciosos e polvilhados tempos das Arcadias e mais se abusou na época do merencoreo, languido e olheirento Romantismo, a ponto de, ainda hoje, se não achar obliterado por nossa desdita. Na verdade é vulgar vêr-se escripto, ou ouvir-se em oratoria balôfa, por exemplo, a respeito das nossas cidades e villas d'á beira d'agua, que umas são rainhas, outras princezas d'estes e d'aquelles rios e não se desce na escala hierarquica pela megalomana empafia que ingurgita o cerebro luso e porque seria um pungente e grosseiro desprimor para uma das nossas povoações alcunhal-a de infanta. Credo! As que não teem esses honorificos epithetos realengos e principescos enfardelam-se, quixotescamente e á má cara, nos pomposos nomes das mais notaveis terras europeias: Aveiro é a Veneza de Portugal, Braga é a Roma nacional e, para encurtarmos razões, a Covilhã é a Manchester portugueza! Que Manchester esta e que Covilhã aquella! Mas assim se diz e escreve e tem de ser. Póde a conhecida cidade ingleza, situada no historico condado de Lancaster á margem do Irwell e communicando immediatamente com Liverpool, não só pela via-ferrea, mas pelos dois canaes, Ship-Canal e Bridge-Water, dispôr d'uma população superior a meio milhão de habitantes, possuir a potente industria algodoeira, a do fabrico das sedas, a da construcção de mechanismos e ser o foco d'onde irradiou a celebre escóla economica, partidaria do Livre-cambio; póde ter magnificas praças e mercados, importantes museus, riquissimas bibliothecas, excellentes estabelecimentos de ensino, grandiosos edificios publicos e todos os requisitos indispensaveis a uma grande cidade moderna; póde concentrar tudo isso e mais que tudo isso, que a Covilhã não tendo, não sendo, não possuindo e não dispondo de nada d'isso, é e será todavia, por irreductivel vontade do jactancioso lusitanosinho, a Manchester portugueza.

Ora esta Manchester portugueza, que devéras faz sorrir, conta pouco mais de 20:000 habitantes e equilibra-se a cavalleiro d'um dos contrafortes da Serra da Estrella, quasi em disposição de amphitheatro, entre o tumido verdejar do fertilissimo valle e a tragica aridez da montanha, que se levanta, immensa, titanica, adusta, como escada maldita erguida por semideuses mythologicos para devassar e conquistar os intangiveis e sagrados dominios do olympico azul. Vista de fóra é, sem duvida, curiosissima na caprichosa confusão das suas linhas e dos seus planos.

A partir do alto para baixo, onde as fabricas formam a maioria da legião da vanguarda, os predios apresentam o aspecto d'uma foliona e ladina debandada, encarrapitados uns, debruçados outros, estes alapados, aquelles arremettentes, certos occultos, por entre taboleiros d'horta, socalcos de quintaes, pincelamentos d'arvoredo que fazem sobresahir o caiaço dos frontispicios espreitando simultaneamente os longes panoramicos por um infinito numero de rectangulos.

Mas depois de observada com attenção, abrangendo-se no conjuncto é interessantissimo o ar de timidez, de agachamento, de respeitosa attitude, que lhe transmitte o fundo pardacento da serrania estirando-se n'um pesado entorpecimento de monstro.

Interiormente, a Covilhã comporta os defeitos da situação e os inherentes ao modo especial de delinear povoações dos nossos avós que as aconchegavam, estreitavam, encurralavam, dentro do reduzido e acanhado cinto defensivo para, ao som alarmante do rebate, os corações mais depressa ficarem unidos palpitando no mesmo rythmo ante o perigo collectivo. De sorte que as ruas são estreitas, sombrias, tortuosas, ladeirentas e a angustia afflictiva e asphyxiante que opprime o forasteiro em taes vallas, com mais celeridade e viveza se desafoga, n'uma aberta ou ruptura dos tapumes citadinos, sobre a planicie impante de vegetação opulenta e feraz.

O mal intrinseco, resultante da irregularidade e accidente do solo e do inexoravel acanhamento constructivo dos tempos idos é, porém, acerbamente requintado com a mais completa carencia de lim-

Covilhã

Dans la décadence et dans la ruine, nous avons en effet conservé, du vertige de la splendeur et des gloires passées, un troublant délire des grandeurs et une hâblerie continuelle et insensée, que le tempérament péninsulaire, ardent et prolixement loquace, aiguise et raffine encore davantage. Nous perdons contenance, et, à tout propos, nous nous comparons aux étrangers, pas autant pour nous mettre à leur niveau que pour leur accorder la grâce de se mettre au nôtre. On a bien démontré ce défaut originel au temps prétentieux, banal et poudré de nos Arcadies, et on en a encore abusé à l'époque du Romantisme mélancolique languissant et contemplatif, à ce point que de nos jours et pour notre malheur, il n'est pas encore tout à fait corrigé. Il est vulgaire, de lire ou d'entendre, en des discours emphatiques et creux, quand il s'agit de nos villes et bourgs du bord de l'eau, que les unes sont reines, les autres princesses de tel ou tel fleuve et on ne déroge pas dans cette lignée hiératique à cause de la vanité mégalomane qui obsède le cerveau indigène et parce que ce serait une grossière impolitesse de donner le surnom d'*infante* à une de nos bourgades. Dieu nous en préserve! Celles qui ne sont pas gratifiées de ces epithètes honorifiques de royautés et de principautés s'affûblent ridiculement et de force, de noms pompeux des plus remarquables sites de l'Europe: Aveiro est la Venise du Portugal, Braga est la Rome nationale et pour en finir, Covilhã est la Manchester portugaise! Quelle Manchester et quelle Covilhã! Mais on le dit, on l'écrit et il faut que cela soit! La ville anglaise si connue, située dans l'historique comté de Lancaster sur la rive de l'Irwell, et communiquant immédiatement avec Liverpool, non seulement par le chemin de fer, mais par deux canaux, Ship-Canal et Bridge-Water, peut contenir une population supérieure à un demi million d'habitants; elle peut avoir la puissante industrie des cotons, la fabrication des soies, la construction de machines de toute espèce qui en font le foyer d'où a rayonné la célèbre école économiste, partisan du Libre échange; elle peut avoir des places et des marchés magnifiques, des musées importants, des bibliothèques somptueuses, d'excellents établissements d'instruction, de superbes édifices publics et toutes les conditions indispensables à une grande ville moderne; elle peut enfin concentrer tout cela et plus encore; mais, n'importe! Covilhã qui n'a, qui ne possède, qui ne dispose de rien de celà, est et sera quand même, par l'irréductible volonté de l'orgueil portugais, la Manchester portugaise.

Or, cette Manchester portugaise qui nous fait sourire, compte un peu plus de vingt mille habitants et elle s'équilibre sur un des contreforts de la Montagne d'Estrella, disposée presque en amphithéatre, entre la masse verdoyante de la vallée fertile et la tragique aridité de la montagne, qui s'élève immense, embrasée et gigantesque comme l'échelle maudite, dressée par des demidieux mithologiques pour pénétrer et conquérir les hauteurs intangibles et sacrées de l'azur olympique. Vue du dehors, c'est indubitablement une ville des plus curieuses, à cause de la capricieuse confusion de ses lignes et de ses plans.

À partir du haut vers le bas, où les fabriques forment la légion avancée, les maisons présentent l'aspect d'une débandade folle et joyeuse, les unes perchées, d'autres penchées, celles-ci accroupies, celles-là saillantes, quelques unes cachées parmi les carrés de potagers, les murs des jardins, et les nuances de verdure qui font ressortir la blancheur de chaux des façades, perçant les lointains du paysage d'une infinité de rectangles.

Mais en l'observant attentivement, son ensemble est des plus intéressants avec l'air de timidité, de soumission, d'attitude respectueuse, que lui donne le fond grisâtre de la montagne qui s'étire dans un lourd engourdissement de monstre.

Intérieurement, Covilhã présente des défauts de situation et d'autres, inhérents à la manière spéciale dont nos ancêtres traçaient les localités, en les resserrant, et les accumulant dans l'enceinte défensive la plus réduite, afin qu'à la première alarme, les cœurs fussent plus étroitement unis, palpitant également devant le danger collectif. Donc, les rues sont étroites, sombres, tortueuses, en pente et l'angoisse affligeante et étouffante qui oppresse le voyageur dans ces fossés, se dissipe d'autant plus vivement, quand, par une des ouvertures de ces murs citadins, on se trouve soudainement sur la plaine féconde de végétation riche et fertile.

peza publica e domestica. Sem vigilancia e policiamento urbano, sem respeito pelas mais rudimentares doutrinas hygienicas e sem o mais leve instincto do aceio, a população covilhanense, como a de todos ou quasi todos os povoados das Beiras e Traz-os-Montes, chafurda regaladamente n'uma sordidez pestilencial, a cuja acção deleteria, perniciosa e assoladora, se torna indifferente e incolume, graças talvez a uma dura crosta immunda que a coirace, immunise e insensibilise, ou ao milagre d'uma providencia compadecida e lembrada dos costumes biblicos. Ha um horror physiologico pela agua que na Covilhã, ironia caustica das coisas! tanto abunda resvalando em torrentes claras de cantante e fresco sussurro que brotam do seio maternal da montanha para espalhar movimento, seiva, fartura, vida, emfim!

São estas torrentes prestimosas que nas ribeiras da Carpinteira e da Delgodra ao atravessarem os bairros industriaes clamam, com impeto e fragor, o hossana do trabalho fabril e, lá mais ao fundo, entre as ricas e pujantes alluviões depositadas no valle, a caminho do Zezere, dizem mansamente o hymno amoravel da bucolica labuta rural reavivando a velhissima e sempre nova maravilha das intuitivas lendas mythicas da primeva humanidade...

A todo o instante, pois, o visitante que em épocas assoalhadas de estio se arrisca a percorrer a Covilhã, ergue continuamente os olhos ao céo e do intimo do coração supplíca uma copiosa e diluviana lavagem pluvial para desadubar os leitos dos arruamentos e suspender por algum tempo, o necessario á demora da visita, as exhalações latrinarias que os enchem, emquanto os municipios não descobrirem a verdade e o alcance d'este singelo raciocinio: que a agua utilisada como força motriz, nas fabricas, serve tambem para eliminar toda a immundicie, proveitosa aos cultivos da planura, e sanear e purificar a cidade. De resto, como facilmente se calcula, uma obra de tão inadiavel urgencia e de tamanha importancia para a hygiene publica, attentas a existencia pródiga do elemento fundamental e as condições accidentadas da terra ensejando a rapida deslocação e o perfeito escoamento dos esgôtos, não demandaria exhaustivos e penosos sacrificios ao activo povo covilhanense. D'est'arte, ao passo que melhorava sob o ponto de vista material, a Covilhã deixava de offerecer áquelles que a buscam cheios de esperança, com os olhos fitos na saudavel altitude banhada no ar impolluto e rarefeito, o prenuncio sinistro e agourento da morte, com o repellente espectaculo das ininterruptas montureiras em putrefacção e suas infectas escorrencias.

Seria faltar, porém, ao dever d'uma escrupulosa imparcialidade occultando que novos bairros se levantam subordinados a um criterio mais moderno e decente. Mas não é tudo e, felizmente, não escasseia o ambito para traçar uma agradavel cidade que mais digna seja do que a presente da alcunha de Manchester portugueza.

Assim se appellida erradamente pela sua tradicional e importantissima industria de lanificios. Esta quasi nasceu com a terra e atravez do correr dos seculos os seus destinos teem vindo intimamente ligados e a historia d'uma quasi não se explica sem a historia da outra.

A utilisação dos recursos naturaes levou o homem, na sua lucta com o meio, a manufacturar os pannos de lã, e esta, como é sabido, procede na essencia do regimen pastoril proprio, a bem dizer, da montanha. Claro é, pois, que a manufactura do filamento lanoso devia localisar-se de preferencia nos povoados serranos. Assim se deu entre nós, sendo a Covilhã uma das localidades para onde convergiu o exercicio da simples industria caseira que ahi se foi estabelecendo, mergulhando e enraizando com vigor, a ponto de adquirir uma reputação de mais vulto sobre outros centros manufactores. Com o tempo desinvolveu-se e cresceu, e, com ella, o numero de familias que no recinto recatado e virtuoso dos respectivos lares se entregavam á sua laboração. Recebeu o patrocinio de varios monarchas, mas só veio a tomar um extranho incremento depois de 1681 com o impulso protector do valoroso e memoravel estadista, o conde da Ericeira, reduzindo-se ao minimo a importação das fazendas inglezas que abasteciam o mercado nacional. A esta phase assaz próspera e florescentissima quiz a dura sorte, porém, que succedesse uma outra de calamidade e miseria com o famigerado tratado de Methwen de 1703. Por esta desassisada e absurda negociata, que será a eterna vergonha e o perenne estigma infamante dos signatarios portuguezes, concedeu-se á Inglaterra a livre entrada, no reino, dos seus pannos em troca d'uma ficticia compensação aduaneira com que ella favorecia os nossos vinhos em concurso com os das outras nações. E assim se estrangulou d'um modo ignobil e descaroavel a sympathica industria que, por satisfazer cabalmente ás necessidades da procura interna, havia provocado em 1684 e 1685 o regimen prohibitivo para a estrangeira! O producto britannico invadiu e inundou então o paiz n'uma

---

Le défaut originaire, provenant de l'irrégularité et des accidents du terrain et de l'irréparable étroitesse des constructions anciennes est encore lamentablement raffiné par le manque absolu de propreté publique et domestique. Il n'existe pas de surveillance ni de police urbaine, aucun respect pour les plus rudimentaires préceptes d'hygiène, pas le moindre instinct de propreté, et la population de Covilhã, ainsi que toutes, ou presque toutes celles des provinces des deux Beiras et de Traz-os-Montes, patauge délicieusement dans une saleté sordide, étant devenue indifférente et invulnérable à toute influence délétère, pernicieuse et dangereuse, peut-être grâce à la croûte immonde qui la couvre, la préserve et la rend insensible, ou alors par le miracle d'une providence charitable rappelant les temps bibliques. Il y a une horreur physiologique pour l'eau qui, par une ironie maline des choses, abonde à Covilhã, et que l'on voit couler en torrents limpides avec un murmure frais et sonore, jaillissant du sein maternel de la montagne pour répandre le mouvement, la sève, l'abondance et la vie!

Ce sont ces torrents utiles, qui, formant les cours de Carpinteira et Delgodra, viennent travesser les quartiers industriels, proclamant avec bruit et impétuosité, l'hosanna du travail des fabriques, et qui, tout au fond, parmi les riches et fécondes terres déposées dans la vallée, vers le fleuve du Zezere, entonnent doucement l'hymne amoureux du bucolique labeur rural, faisant revivre la vieille mais toujours nouvelle merveille des naïves légendes mythiques de l'humanité primitive.

Le visiteur qui pendant la saison ensoleillée d'été se hasarde à parcourir Covilhã, élève donc à tout moment les yeux au ciel et du fond du cœur il prie pour qu'un copieux lavage pluvial vienne enlever le fumier des rues et suspendre, au moins pendant la durée de sa visite, les exhalaisons putrides qui les remplissent, puisque les municipalités n'ont pas encore découvert la vérité et la portée de ce simple raisonnement; que l'eau employée comme force motrice dans les fabriques, sert aussi pour éliminer toute l'immondice, et qu'étant profitable à la culture des plaines elle peut aussi assainir et purifier la ville. Du reste, comme on le conçoit facilement, des travaux si urgents et si importants pour l'hygiène publique, grâce à la prodigue abondance de l'élément principal et aux conditions accidentées du terrain, qui permettent un rapide et parfait écoulement des égoûts, n'exigeraient pas, de l'active population de la ville, de lourds ni de pénibles sacrifices. De cette manière non seulement elle s'améliorerait au point de vue matériel, mais elle n'offrirait plus, à ceux qui la visitent pleins d'espoir, et attirés par la saine altitude baignée d'air pur et raréfié, le pronostic sinistre et de mauvais augure de la mort, sous l'aspect repoussant de tas de fumier qui se succèdent, en putréfaction et avec des écoulements infects.

Mais nous manquerions à un devoir de scrupuleuse impartialité en omettant de dire que les nouveaux quartiers sont tracés d'après un criterium plus moderne et convenable. Toutefois ce n'est pas assez et heureusement l'espace n'est pas insuffisant pour en faire une ville agréable et qui soit plus digne du surnom de Manchester portugaise.

On l'appelle ainsi à tort, à cause de son importante et traditionnelle industrie des lainages. Celle-ci est, à vrai dire, née avec la ville, et, à travers les siècles, leurs destinées sont devenues intimement liées et l'histoire de l'une ne s'explique pas sans celle de l'autre.

L'emploi des ressources naturelles a conduit l'homme dans sa lutte avec le milieu, à fabriquer les tissus de laine, et cette matière est, comme on le sait, une provenance du régime pastoral, inhérent pour ainsi dire à la montagne. Il est donc évident que la manufacture de la laine doit se localiser de préférence dans les localités de la montagne. C'est ce qui est arrivé chez nous et la Covilhã est un des endroits où a convergé cette industrie domestique, qui s'y est établie, et enracinée vigoureusement au point d'atteindre une réputation plus importante que celle des autres centres manufacturiers. Avec le temps elle s'est accrue et augmentée, de même que le nombre de familles, qui dans l'enceinte tranquille et retirée de leurs foyers, se livrent à cette industrie. Elle reçut la protection de quelques monarques, mais son plus grand développement s'est manifesté après 1681, sous l'impulsion protectrice du vaillant, et remarquable homme d'État le comte de Ericeira, qui fit réduire au minimum l'importation d'étoffes anglaises qui fournissaient le marché national. Après cette phase assez prospère et si florescente, le cruel destin fit suivre une autre de calamité et de misère, avec le fameux traité de Methwen en 1703. Dans cette affaire aussi déraisonnable qu'absurde, qui sera pour les portugais, qui l'ont signée, une eternelle honte et un perpétuel stigmate d'infamie, on accordait à l'Angleterre la libre entrée de ses draps dans le royaume en échange d'un dédommagement factice des droits de douane dont elle favorisait nos vins là-bas, au détriment de ceux des autres pays. Ce fut ainsi qu'on étouffa d'une manière ignoble et concorrencia sob todos os aspectos esmagadora, e a boa, a modesta, a patriotica manufactura nacional começou a repudiar-se, a ficar esquecida, a cahir em desuso, obrigando ao definhamento e quasi paralysação dos estimaveis e conceituados centros de trabalho. Á actividade, fartura e abastança dos lares seguiu-se um periodo funesto de estagnação, amofinamento e penuria pesando sobre a Covilhã a dolorosa amargura da espectativa d'uma catastrophe sem nome. Meio seculo se passou n'uma lucta desesperada e cruenta até á apparição de Pombal, que acudiu, com energia e presteza, á moribunda industria e a fez reviver e revigorar fundando uma fabrica-modêlo para aprendizagem e instrucção profissional, dirigida por technicos estrangeiros de reconhecida proficiencia, e providenciando sobre todas as condições economicas de favor e amparo tendentes a assegurar-lhe o futuro e a fortuna. Em boa hora se deu a interferencia salvadora de Pombal. Desde então até hoje a velha industria de fiação e tecidos não deixou de progredir e aperfeiçoar-se transpondo os velhos moldes e submetter-se ás exigencias complexas do moderno industrialismo de fórma a rivalisar com o estrangeiro. Occupa no presente umas setenta e poucas fabricas, algumas das quaes ostentam uma montagem mechanica verdadeiramente completa que nada deixa a desejar, e em todas ellas se empregam quasi onze mil operarios, ou seja mais de metade da população citadina.

Lastimoso é que esta não tenha, como convinha, uma escóla, um instituto, um estabelecimento d'ensino bem organisado, onde se intruisse e adquirisse o indispensavel cabedal scientifico, logo completado em cada fabrica pela sua applicação pratica. Ha uma escóla industrial que como quasi todas as outras do paiz é deficientissima e portanto inutil, mero espantalho de basbaques e casulo para anichamentos orçamentaes. É uma mystificação e decoroso seria liquidal-a, como ás outras, se não ha de funccionar d'harmonia com o louvabilissimo intuito para que foi creada. Aos industriaes covilhanenses que, inquestionavelmente, representam uma força compete lembrar ao Estado o exemplo de Pombal e exigir-lhe a remodelação da referida escóla com o pessoal, dotações e programma reclamados em tal meio fabril, pois n'isso vae não só o seu interesse, mas tambem o da sua terra.

De resto, não ligando importancia de maior a umas antigualhas artisticas de caracter religioso e civil, nada mais ha a referir da Covilhã, a não ser que ella constitue uma paragem forçada para as infelizes victimas da tuberculose que demandam o sanatorio, sito á distancia de seis a oito kilometros e a 1:530 metros acima do nivel do mar.

Triste romagem da fatalidade implacavel. Que a sorte propicia te cubra, leitor amigo, e te poupe a essa jornada inditosa que mais prolonga a illusão da vida ficticia e portanto esteril e frustre, como o bronco desnudamento da serrania onde poisa o lugubre santuario. Que os fados bons te preservem da amarga desolação da montanha taciturna e dormente, alçada sobre o riso e a fragrancia exuberante do valle, aliás por ella magnanimamente enriquecido de possança cultural onde se gesta e fecunda um farto, denso e esplendido revestimento de vegetação, cheia de polychromia e brilho, que se espraia e dilata para além do Fundão e Castello Branco até aos campos de Idanha a Nova.

Antes o destino benevolo desvie os teus passos da descarnada ossatura da rocha alpestre, que se erriça hostilmente por lombadas e dorsos descrevendo no espaço os mais enigmaticos signaes, e os conduza amavelmente, leitor amigo, para a surprehendente *Cova da Beira,* onde a vida é sã, forte e excellente e se passa contente e cantando, quer se lavre a terra e ceife o pão, quer se plante a vinha e colha a uva, quer se apascente o gado ou guie um lento carro de bois!

Sabugal

Minuscula villa do districto da Guarda contando muitas recordações historicas, pois diversas vezes foi escolhida como ponto de reunião e entrevista pelos antigos reis de Portugal e Leão e Castella para ajustes e pactos.

Segundo os velhos textos affirmam, pertenceu outr'ora ao reino aragonez e passou depois para a corôa portugueza como dote de D. Isabel, a santa rainha e doce esposa de D. Diniz.

Como povoação quasi raiana, mereceu d'este zeloso e providente monarcha as honras e a dadiva d'um valente castello para a guardar contra as provaveis sortidas que rapidamente se poderiam fazer

impudente, l'industrie sympathique, qui, étant suffisante aux besoins du pays, avait donné lieu en 1684 et 1685 au régime défensif des productions étrangères! Les produits britanniques envahirent et inondérent le Portugal avec une concurrence écrasante sous tous les rapports, et la manufucture nationale, si bonne, si modeste, commença à baisser, à être oubliée et démodée, entrainant le dépérissement, voire même la paralysation des centres de travail estimables et réputés. L'activité, l'aisance et l'abondance des foyers fut suivie d'une période funeste de stagnation, de découragement et de pauvreté, et, sur la ville de Covilhã s'abattit la douloureuse amertume de l'attente d'une catastrophe inouie. Un demi siècle s'écoula sous une lutte désespérante et cruelle jusqu'à l'avènement du marquis de Pombal, qui secourut, prestement et énergiquement, l'industrie mourante, la fit revivre et se réconforter, en établissant une fabrique-modèle, pour l'aprentissage et l'instruction professionnelle, dirigée par des chefs d'atelier étrangers, d'une capacité avérée, et s'occupa avec sollicitude de toutes les conditions économiques qui pourraient la soutenir, la favoriser et lui assurer l'avenir et la fortune. L'intervention salutaire de Pombal survint à temps. Dès cette époque jusqu'à nos jours la vieille industrie de filature et tissage augmenta et se perfectionna constamment, délaissant les anciennes formules, pour se soumettre aux exigences complexes de l'industrie moderne, de manière à pouvoir rivaliser avec l'étranger. Actuellement il existe à peu près soixante dix usines qui ne laissent rien à désirer, et l'on y emploie presque onze mille ouvriers, c'est-à-dire plus que la moitié de la population de la ville.

C'est dommage qu'on n'ait pas établi comme il convenait, une école, un institut, un établissement d'enseignement bien organisé où les habitants de l'endroit puissent s'instruire et acquérir les connaissances scientifiques indispensables, qui seraient aussitôt completées par l'application pratique dans les ateliers. Il y a une école professionnelle, qui, comme presque toutes celles du pays, est insuffisante, et, pour cela inutile, servant à peine d'épouvantail aux badauds et à nicher quelques employés du gouvernement. C'est une mystification et il serait plus décent de s'en débarrasser comme des autres si elle ne peut fonctionner d'accord avec la louable intention avec laquelle on l'a établie. Les industriels de Covilhã qui représentent indubitablement une force, doivent rappeler à l'Etat l'exemple du marquis de Pombal, et exiger la remodélation de cette école avec le personnel, la subvention et le programme que réclament ce milieu industriel, car non seulement il y va de leur interêt, mais aussi de celui de la ville.

Quant au reste, en considérant comme de moindre importance quelques vieilleries artistiques de caractère religieux et civil, il n'y a plus rien à dire de Covilhã, si ce n'est qu'elle est un point d'arrêt forcé pour les malheureuses victimes de la tuberculose qui se dirigent vers le sanatorium, situé à six ou huit kilomètres de distance et à 1:530 mètres au dessus du niveau de la mer.

Triste pélerinage de l'implacable fatalité. Que le destin propice te suive, ami lecteur, et t'épargne ce pénible voyage qui ne fait que prolonger l'illusion d'une vie factice et partant stérile et aride, comme l'âpre dénûment de la montagne où siège le lugubre édifice. Que le sort te préserve de l'amère désolation du mont taciturne et endormi, dressé sur la vallée exubérante et riante, que d'ailleurs il enrichit magnanimement de superbes cultures, où se féconde et se nourrit une masse splendide de végétation polychrome et brillante, qui s'étend et s'épanche plus loin que le Fundão et Castello Branco jusqu'aux plaines de Idanha a Nova.

Que la destinée bienfaisante écarte tes pas, de la charpente décharnée du rocher sauvage, qui se hérisse hostilement sur ses flancs décrivant dans l'espace les plus enigmatiques figures, et te conduise aimablement vers la surprenante *Cova da Beira* où la vie est saine, forte et excellente, où l'on passe en chantant, joyeusement, soit qu'on laboure la terre et qu'on moissonne le blé, soit qu'on plante la vigne et qu'on cueille le raisin, qu'on mène paître les troupeaux ou qu'on conduise lentement le char à bœufs!

Sabugal

C'est une ville minuscule du district de Guarda, qui contient beaucoup de souvenirs historiques, car maintes fois elle à été choisie comme point de réunion et d'entrevues, par les anciens rois de Portugal, de Léon et de Castille, pour des traités et des pactes.

de terras d'Hespanha. Pertence ao numero das destemidas atalaias fronteiriças que se destinavam não só a proteger o povoado acolhido á sua sombra, mas tambem a terra commum, a terra patria, para cuja consolidação e integridade todos haviam contribuido com o mesmo esforço desinteressado, suscitando a communhão affectiva no ideal que fundamenta a vida d'um povo, e que não podia ficar aberta e exposta á plena mercê do desejo audaz e rapace de qualquer invasor.

Ao alto d'um pequenino outeiro e envolvida n'uma patine de ferrugem a que a hera molle e verde-negra põe aqui e alli effeitos decorativos de scenario, a graciosa fortaleza medieva proporciona o encanto d'uma linda vinheta. As rijas muralhas incompletas, os firmes cubellos amputados reforçando ainda o circuito no ultimo amparo, e, em avanço, a torre de menagem, esbelta e senhoril, com o recorte das suas ameias, os seus ardilosos *machicoulis,* o exotismo das suas cinco faces, como se diz na trova:

Castello de cinco quinas
Não o ha em Portugal
Senão junto ao rio Côa
Na villa do Sabugal

seduzem, na verdade, o olhar contemplativo d'um artista que para logo idealisa, á luz crúa do sol ou á claridade sonhadora do luar, relumbrantes phantasias de epopeia e lenda. Vasio, abandonado, no silencio da ruina tem um ar de melancolica grandeza, como um tumulo de heroes, o bonito castello roqueiro, d'uma robusta estructura e d'uma sagaz e previdente disposição dos seus elementos integrantes. É uma das mais bellas construcções guerreiras da Idade Media que ainda sobrevivem no paiz, mas, como as outras, desprezivelmente votada ao olvido sem outra caricia de gratidão que não seja a das hervas parasitas encabellando ou toucando a silharia e o affago das azas da ave que n'ella vae construir o seu ninho. Não obstante a sua consistencia architectonica, o castello de Sabugal tem já descalabros na cantaria que irá ruindo pouco e pouco, no seu desconhecido retiro, sem ter a voz dolente d'um jeremias a cantar as lamentações ás aguas do Côa que no sopé do comoro, onde se levanta, derivam suavemente, sem um arrepio, quasi sem um murmurio, espelhando tudo o que veem, na sua crystallinidade, como enamoradas e presas da natureza envolvente.

Portas de Rodam

Assim se diz uma passagem estreita, esgalgada, violenta, que o Tejo tem junto de Villa Velha de Rodam, no seu obliquamento de nordeste a sudoeste. É celebrada pelo conspecto impressionante e sinistro da agua comprimida e profunda entre as margens escarpadas, terriveis, quasi unindo, no desnudamento selvagem da rocha escabrosa por onde espirram aqui e além rachiticos tufos d'hervagem bravia.

Na verdade, um extase horrivel empolga a fragil argilla humana quando faz a travessia da majestosa garganta entre a corrente fugaz e doidejante, desarestisando e polindo a bruta penedia, e a impassibilidade bondosa do céo de que se descortina apenas uma nesga por sobre as vertentes abruptamente alcantiladas.

Manuel Monteiro.

D'après les vieux textes, on assure qu'elle appartint autrefois au royaume d'Aragon et passa ensuite à la couronne de Portugal comme dot de D. Izabel, la reine sainte, la douce épouse de D. Diniz.

Etant une localité proche de la frontière, elle mérita de ce monarque prévoyant et zélé l'honneur et le don d'un château pour la défendre contre les attaques probables qui pourraient soudainement arriver d'Espagne. Elle appartient au nombre des vaillantes sentinelles de nos frontières qui non seulement étaient destinées à protéger les localités situées sous leur ombre, mais aussi la terre commune, la mère patrie, pour l'intégrité et la consolidation de laquelle tout le monde avait contribué avec la même effort désintéressé, faisant naître la même tendre communion vers l'idéal qui raffermit la vie d'un peuple, qui ne pouvait rester exposé aux désirs hardis et rapaces des envahisseurs.

Au sommet d'une petite colline et recouverte d'une patine de rouille que le lierre noirci et mou, décore cà et là, la gracieuse forteresse du moyen âge présente le charme d'une délicieuse vignette. Les fortes murailles délabrées, les solides tourelles amputées, consolidant encore l'enceinte du dernier rempart, et, plus en avant, la tour d'honneur svelte et hautaine avec le découpage de ses créneaux, ses rusés machicoulis, l'exotisme de ses cinq faces, comme on le dit dans les vers suivants:

Castello de cinco quinas
Não o ha em Portugal
Senão junto ao rio Côa
Na villa do Sabugal

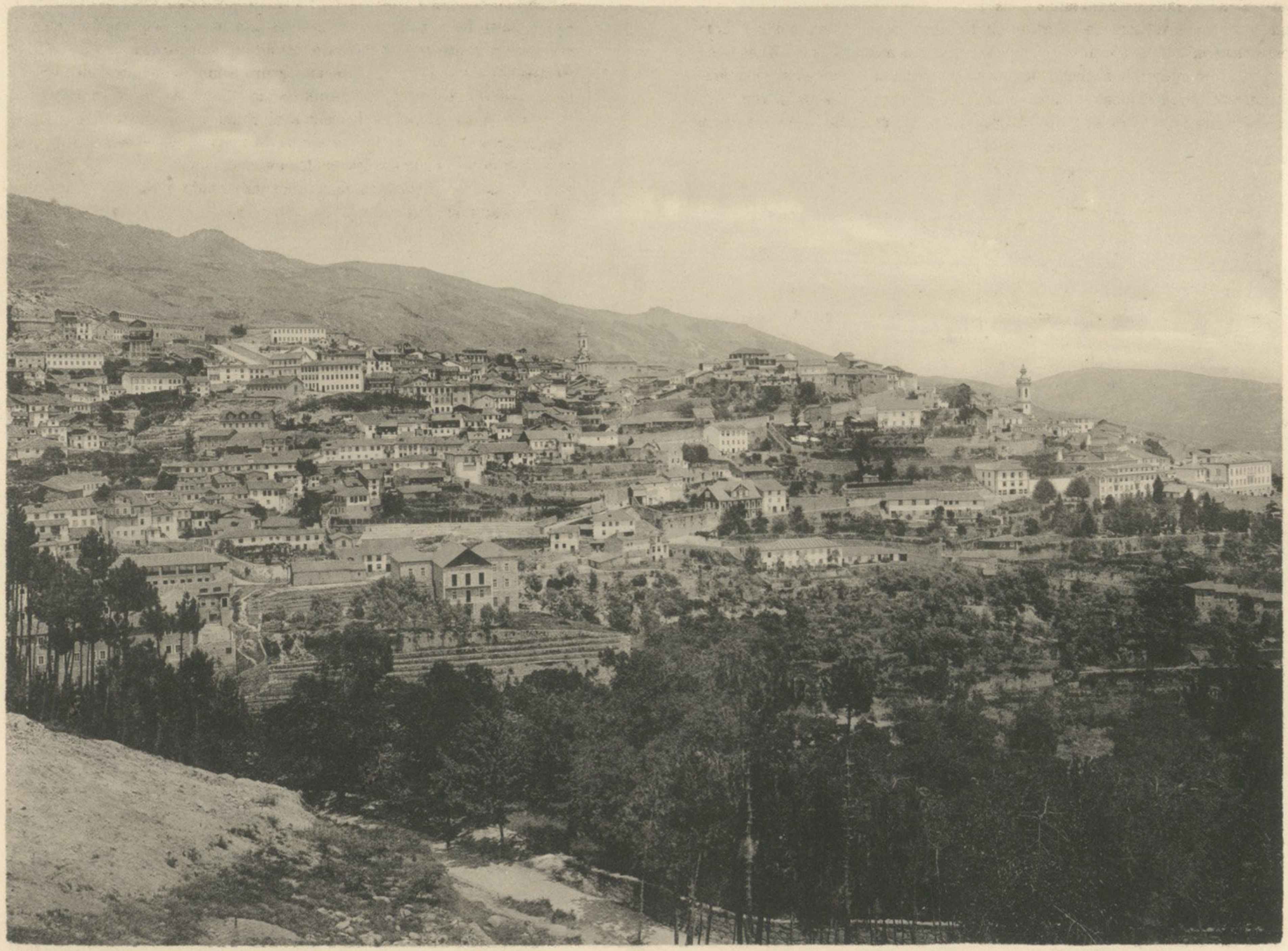
tout cela en vérité séduit le regard contemplatif d'un artiste qui idéalise aussitôt, à la lumière flamboyante du soleil ou à la clarté rêveuse de la lune, d'éblouissantes fantaisies d'épopée et de légende. Solitaire, abandonné, dans le silence des ruines le joli château sur le roc, solidement construit et dont les éléments principaux présentent une prévoyante et sage disposition, a un air de grandeur mélancolique, comme un tombeau de héros. C'est une des plus belles édifications guerrières du Moyen Age qui survivent encore dans le pays, mais comme toutes les autres, elle est vouée avec mépris, à l'oubli, sans d'autre caresse de reconnaisance que celle des plantes parasites qui s'enchevêtrent et couronnent ses pierres, et la douceur des ailes d'oiseaux qui vont y construire leurs nids. Malgré la résistance de son architecture, le château de Sabugal à déjà ses flancs assez endommagés et peu à peu il s'effondrera, dans sa solitude ignorée, sans qu'aucun prophète vienne chanter ses lamentations aux eaux du Côa, qui au pied du coteau où il se dresse, coulent doucement, sans un frisson, presque sans un murmure, réfléchissant tout le paysage de ses bords dans leur limpidité, comme si la nature enveloppante les attirait amoureusement.

Portas de Rodam

On nomme ainsi un étroit passage, étranglé et violent du Tage, près de Villa Velha de Rodam, lorsqu'il s'oblique du nord-est au sud-ouest. Sa réputation est dûe à l'aspect sinistre et émouvant des eaux profondes et resserrées entre les rives escarpées, terribles, qui se rejoignent presque, avec le denûment sauvage du rocher scabreux, d'où jaillissent cà et là de maigres touffes d'herbes sauvages.

En effet, une extase horrible empoigne la fragile humanité, lorsqu'il faut traverser la majestueuse gorge, entre le courant furieux et rapide, qui unit et polit le rocher vif, et la tranquille impassibilité du ciel dont on aperçoit à peine une bande au dessus des deux versants du roc si abruptement escarpés.

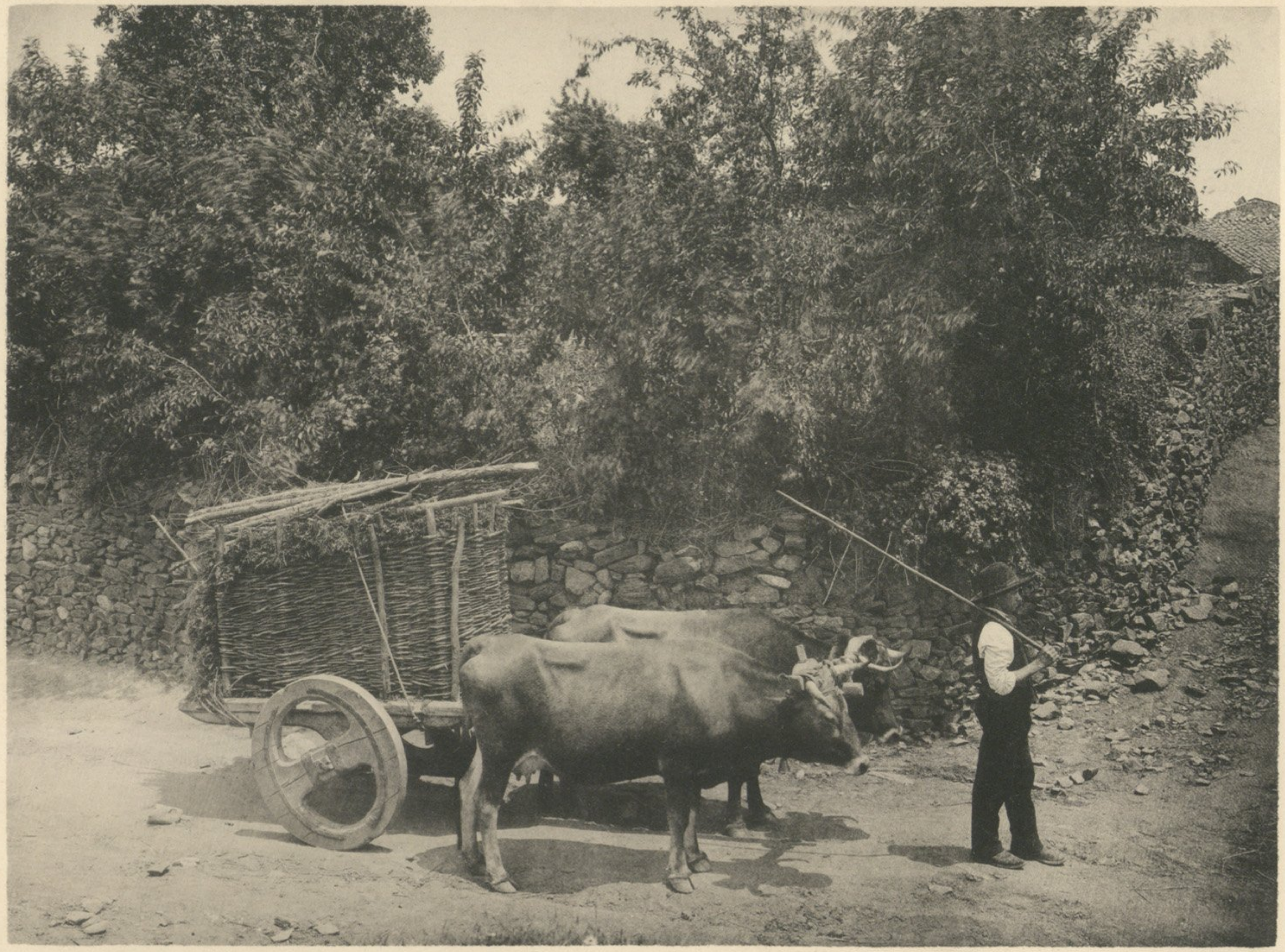
Manuel Monteiro.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Vista geral
COVILHÃ

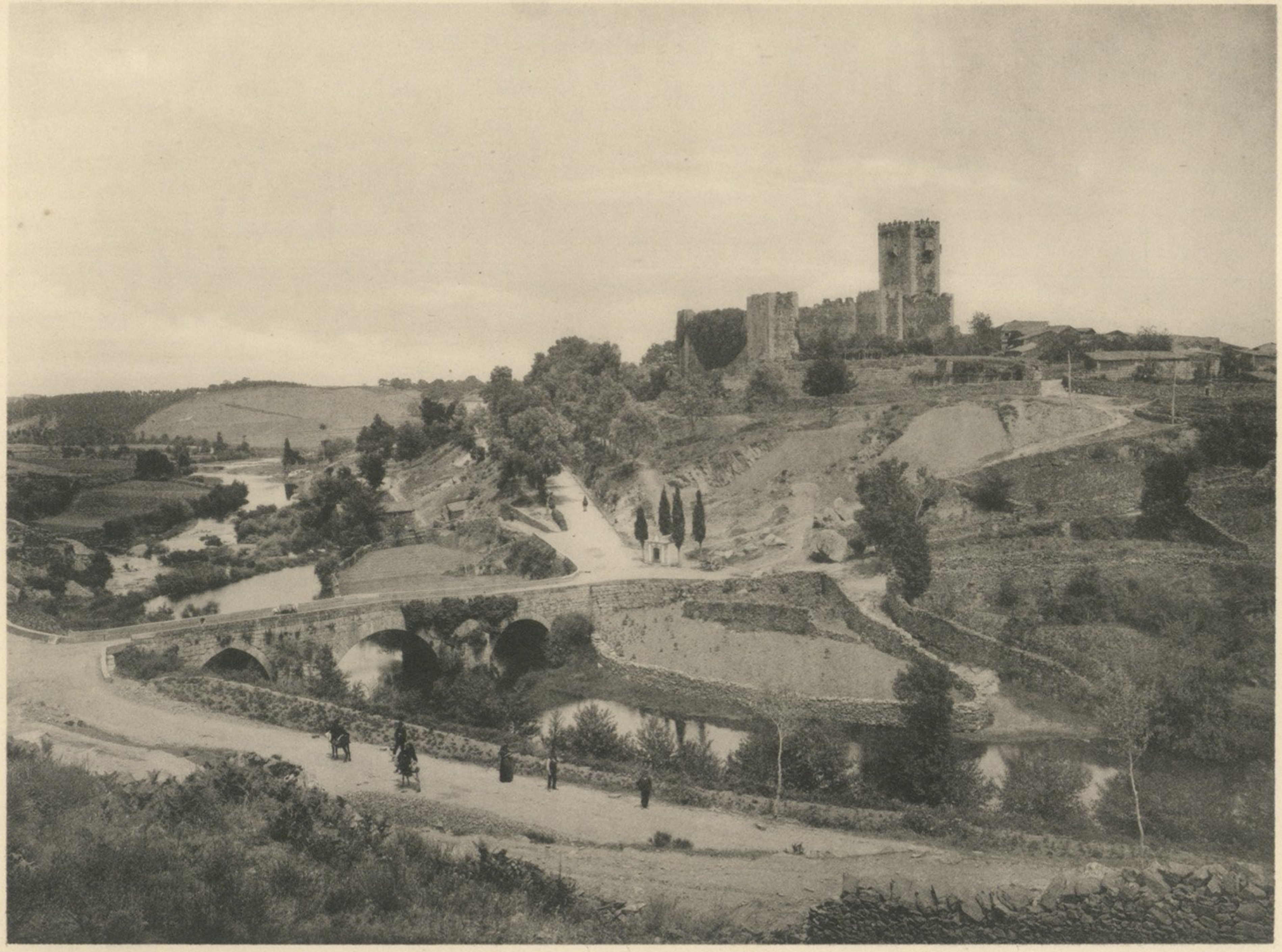


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Carro de bois

BEIRA

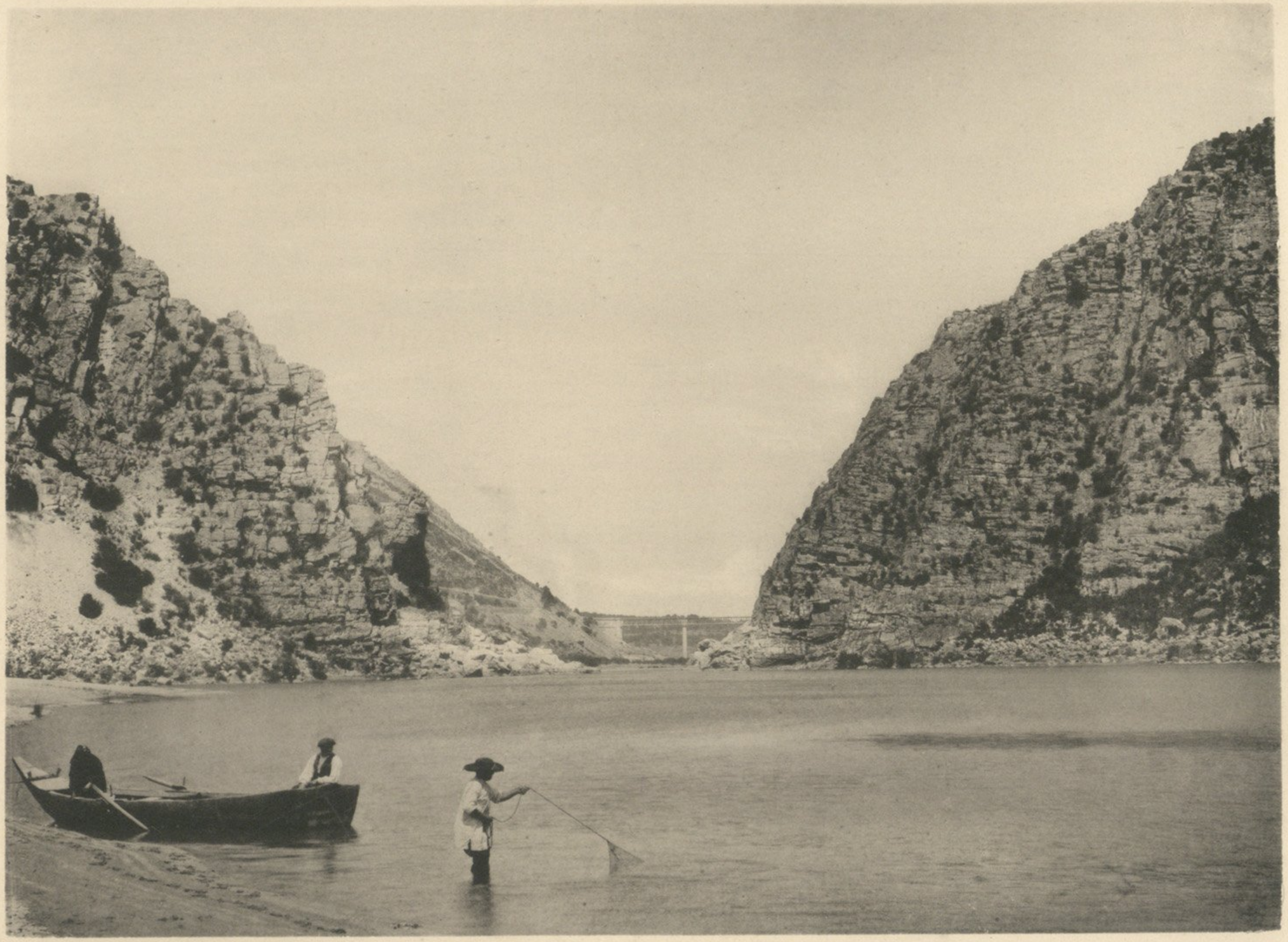


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Ponte no rio Côa e Castello

SABUGAL



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Portas de Rodam

VILLA VELHA DE RODAM

Guarda

Serra — Cidade — Cathedral

Alterosa no seu assento de granito, quasi inaccessivel, ergue-se a cidade entre duas quebradas formidaveis, que a separam dos terrenos circumvisinhos. Por uma corre em fundo valle o Mondego, pela outra um ribeiro (Nocime) que, ligado indirectamente ao Côa, põe a região da cidade em contacto com a bacia hydrographica do Douro. D'este modo, tendo muito perto, na Serra da Estrella, as nascentes do Mondego e do Zezere, com seus primeiros e mais caudalosos affluentes, que estão offerecendo no seu pendor uma força hydraulica valiosa e abrem na planicie valles ferteis, extensos, abrigados, uberrimos, participa a cidade de vantagens incalculaveis agricolas, commerciaes e industriaes, e até politicas. Como posição estrategica póde considerar-se talvez unica no paiz, pois defende a entrada para as Beiras Alta e Baixa, para o coração do reino. Os nomes historicos Trancoso, Valverde, Castello-Rodrigo, Almeida, representam por isso outros tantos campos de batalha, em que os filhos da Guarda viram jogar os destinos do paiz, a poucas horas de distancia. Hoje mesmo, com um systema de communicações muito differente d'aquelle que fez affluir outr'ora á Guarda as riquezas do centro do reino, pois só Vizeu lh'as disputou temporariamente, a cidade mantem a sua tradição de sentinella militar, para o lado da Hespanha, e alarga progressivamente a sua influencia, graças aos recursos da mais formidavel serrania de Portugal. São elles taes e tantos que podem dizer-se inexgotaveis, muito embora a nova cultura florestal esteja renascendo sómente ha poucos annos, quando podia bem ter já coberto os montes Herminios com incalculaveis riquezas, para quatro gerações, pelo menos. Colher sem semear, quem concebeu isso? Gastar as ultimas reservas naturaes da Serra, sem pensar no dia de ámanhã? [1]

Nem a auctoridade de um preclaro cultor da sciencia acordou as consciencias! Nem a fama da *Expedição scientifica* á Serra da Estrella em 1881, organisada pela benemerita Sociedade de Geographia de Lisbôa, a que me honro de pertencer desde a fundação (1875), conseguiu operar a transformação recommendada methodica e scientificamente em 1815. Temos vivido sempre de expedientes, até ha poucos annos, destruindo-se o ultimo pinheiro ou cerquinho, a derradeira moita de castanheiros bravos, o derradeiro tufo de zimbro, até que as fabricas, semeadas pelas vertentes da Serra, desde Castello-Branco até á Guarda, e desde a Guarda até á Louzã, se encontraram sem combustivel. Estivemos n'essa Expedição de 1881 e percorremos grande parte da Serra, devagar, quasi só, em boas quatro semanas, a pé, descendo e subindo pelos valles dos affluentes do Mondego e do Zezere para vêr, para sentir, para apalpar até onde chega a incuria lusitana n'aquelle ermo sem fim de granito, solidão sáfara e negra, tisnada pelo sol implacavel de agosto, ermo que poderia ser um paraiso alpino! E parece apenas um torvo mar de granito, sitio — « da natureza em tudo aborrecido, onde nem ave vôa, ou fera dorme ». Aos nossos illustres collegas da Sociedade de Geographia, á memoria sempre querida de Luciano Cordeiro e de Martins Sarmento, presidente da minha secção (Archeologia) devo esta singela referencia para provar aos sobreviventes que de lá, da Serra, trouxe mais do que as modestas antigualhas que entreguei em Lisboa, a convicção, a prova de que ha alli um problema nacional, um problema economico, complexo, a resolver.

Não posso collocar-me no ponto de vista de certos jornalistas prestigiosos que viram e julgaram a Serra em... tres dias, entre tres *pic-nics*. Foram depois para casa fazer estylo e fingir cousas que outros não viram. Nem posso acompanhar no seu devaneio poetico e sentimental, que muito respeito em filhos da região, o ingenuo chronista local [2]. Repito: a Serra da Estrella é para mim um problema nacional, com gestação já dolorosa, com todos os sombrios constrastes e agruras da nossa vida portugueza, desorganisada, em que andamos ha tanto tempo, qual rebanho sem pastor.

Soou a hora de acordarmos das nossas chimeras. Passou o tempo do *cuydar & sospirar*.

---

[1] Vid. os Estudos de José Bonifacio d'Andrade e Silva, *sobre o plantio dos Bosques nacionaes*, 1815.

[2] Vid. n'esta publicação (n.° 82) a linda descripção do snr. Emygdio de Brito Monteiro: *A Serra da Estrella;* e tambem o fasc. 87, com texto interessante do snr. Manoel Monteiro.

Guarda

La montagne — La ville — La cathédrale

Altière, sur son siège de granit, la ville s'élève presque inaccessible entre deux formidables ravins, qui l'isolent des terrains environnants. Au fond de l'un d'eux court le Mondego, et dans l'autre un cours d'eau (Nocime) qui, indirectement relié au Côa, met la région de la ville en contact avec le bassin hydrographique du Douro. De cette manière, ayant très proches, dans la montagne d'Estrella, les sources du Mondego, du Zezere, avec leurs premiers et plus abondants affluents, dont la chute produit une précieuse force hydraulique et qui sillonnent la plaine de vallées fertiles, la ville participe d'incalculables avantages au point de vue agricole, commercial et même politique. Elle peut être considérée comme position stratégique peut-être unique dans le pays, car elle protège les entrées des deux Beiras, Alta et Baixa, et celle de l'intérieur du royaume. Les noms historiques de Trancoso, Valverde, Castello Rodrigo, Almeida, répresentent pour cela autant de champs de bataille où les enfants de Guarda vinrent défendre les destinées du pays, à quelques heures à peine de distance. De nos jours encore, la ville maintient sa tradition de sentinelle militaire, du côté de l'Espagne et élargit progressivement son influence, grâce au secours de la plus formidable montagne du Portugal, quoique ses moyens de communication soient très différents de celui qui attirait jadis à Guarda les richesses du centre du royaume, que Vizeu seul lui a disputées pendant quelque temps. Ses ressources sont si nombreuses qu'on les dirait inépuisables, malgré que la nouvelle culture forestière soit à peine renaissante depuis quelques années, ayant pu, si on l'avait soignée, recouvrir les monts Herminios d'incalculables richesses pendant quatre générations au moins. Qui aura eu l'idée de récolter sans semer? Qui penserait à dépenser les dernières réserves naturelles de la montagne sans songer au lendemain? [1]

Toute l'autorité d'un savant homme de science, n'a pu réveiller les consciences! La célébrité de l'*Expédition scientifique* à la Montagne d'Estrella en 1881, organisée par la Société de Géographie de Lisbonne, à laquelle j'ai l'honneur d'appartenir depuis son installation (1875) n'a pas réussi à opérer la transformation recommandée méthodiquement et scientifiquement en 1815. On a toujours vécu au jour le jour, jusqu'à ces dernières années, détruisant la dernière sapinière, le dernier taillis de marronniers sauvages, le dernier massif de genévriers, jusqu'à ce que les fabriques, parsemées sur le flanc de la Montagne, depuis Castello Branco à Guarda, et de Guarda à Louzã, se soient trouvées à bout de combustible. Nous avons fait part de cette expédition en 1881, et avons parcouru une grande partie de la montagne, doucement, presque seul, et à pied, pendant quatre semaines, descendant et montant les vallées affluentes du Mondego et du Zezere, pour voir, sentir et tâter jusqu'à quel point peut atteindre l'incurie lusitaine, dans ce désert sans fin de granit, dans cette solitude sombre et farouche, brûlée par un soleil implacable, qui pourrait devenir un paradis alpin! Et nous avons trouvé à peine le morne océan de granit, le site «de la nature, dédaigné de tous, où l'oiseau ne vole pas ou le fauve même ne veut par dormir». À nos distingués collègues de la Société de Géographie, à la mémoire toujours chère de Luciano Cordeiro et de Martins Sarmento, président de ma section (Archéologie) je dois cet hommage sincère, afin de prouver aux survivants, que, du haut de la Montagne, j'ai rapporté un peu plus que les modestes antiquitées remises à Lisbonne, car j'y ai acquis la conviction et la preuve qu'il existe là un problème national, un problème complexe, qu'il faut résoudre.

Je ne saurais me placer au point de vue de quelques brillants journalistes qui ont vu et étudié la Montagne en... trois jours entre trois *pic-nics*, et qui, arrivés chez eux, ont produit de la prose stylée et imaginé des choses que d'autres n'ont pas vues. Je ne pourrais non plus accompagner dans ses rêveries poétiques et sentimentales, très appréciables chez des enfants du pays, le naïf chroniqueur local [2]. Je répète que la Montagne d'Estrella est pour moi un problème national, de douloureuse

---

[1] Vid. les Etudes de José Bonifacio d'Andrade e Silva, *sur la plantation des Forêts nationales*, 1815.

[2] Vid. dans cette publication (n° 82) la belle description de Mr Emygdio de Brito Monteiro: *La Montagne d'Estrella;* et aussi le n° 87, avec l'intéressant texte de Mr. Manuel Monteiro.

*

* *

Da Sé, á qual consagramos as nossas estampas, promettemos fallar quando nos occupámos do templo da Batalha. Com effeito, os dois monumentos estão intimamente ligados, fornecendo aliás um contraste perfeito, como succede tantas vezes entre irmãos, de uma mesma familia. A dissimilhança apparente desafia mesmo um confronto; e logo se revela a um olhar attento e experimentado nas coisas da Arte e versado nas condições da *technica* profissional, tal como esta apparece no nosso paiz em variadissimas fórmas, segundo o caracter do material empregado, e a influencia do meio climaterico que o gasta ou conserva, colóra ou destinge. Erigir uma Sé, um templo, no limite da Beira trasmontana e da Beira central [1] a 1:093 metros de altitude, em aspero granito; ou levantar uma egreja conventual nas ferteis e fartas planicies da Extremadura, com o brando e alvo calcareo, extrahido das mansas ondulações da Serra d'Ayres, são problemas bem diversos; traçar uma fortaleza — porque a Sé da Guarda era isso, ainda em 1881, quando a vimos e estudámos pela primeira vez [2] — ou realisar uma *solatio pauperum Deo grata et consolatio,* inclusivé para aquelles que vinham de longes terras orar por amigos mortos ou inimigos vencidos e reconciliados, era santificar por diversos modos a mesma cruzada nacional. Quantos aspectos e contrastes nas duas egrejas irmãs, talvez obra do mesmo mestre ou da mesma Junta de architectos!

A primeira impressão foi formidavel, á noite, quasi ás escuras (não havia então illuminação artificial) nas ruas ermas, apalpando o terreno, subindo e descendo os differentes planos em que a Sé assenta. Nenhum dos elementos que encantam a vista e põem em relevo o perfil de uma construcção gothica, convidando a entrar. Muros cerrados, frestas sombrias. Nem os arco-botantes abraçando os muros por cima das naves, descendo sobre os botareos; nem as agulhas esbeltas nas torres; nem largas janellas, prodigas de luz, nem laçarias que emmoldurassem as vidraças córadas, nem emfim a renda subtil que na Batalha corôa e remata todos os frisos, consagra e symbolisa a pureza do culto da Virgem e representa tambem o emblema heraldico da dynastia, o lyrio, repetido quatro vezes nos braços da cruz floreteada de Aviz.

Todo o conjuncto decorativo exterior reduz-se a dous centros: 1.º) a uma entrada lateral, desenhada em archivolta pouco funda, que remata em curva lanceolada (*dos d'âne* = arco em quilha) com uma flôr de liz estylisada no cume. A empena, armada em angulo sobre a archivolta e traçada dentro de um taboleiro quadrangular *fenestrado* (isto é, com arcaduras fingidas) prolonga as proporções do portal e corrige a extrema severidade da poderosa testa Norte do cruzeiro, temperada sómente pela janella polycentrica que illumina a nave, rasgando a parede no terço superior. Deve ser a janella de cêrca de 1500. 2.º) Á modesta porta principal, parcamente ornamentada; pobremente, deveriamos dizer.

---

[1] Esta classificação das regiões, unica scientifica, é devida a Barros Gomes, no seu Atlas: *Carta orographica e regional,* 1875. Na parte que nos interessa, temos no norte do reino: Além Douro littoral — Além Douro Trasmontano; e, descendo depois pela raia hespanhola: Beira trasmontana, ligada á Beira central e meridional, terminando a grande provincia no oceano, com a Beira littoral.

[2] Voltei á cidade da Guarda por differentes vezes, no verão e no inverno, no meio da neve, em 1882, 1885, 1887, e ainda posteriormente. Explorei toda a região circumvisinha até Trancoso e Pinhel ao norte, Covilhã e Belmonte ao sul. Em 1887 fui chamado officiosamente, pelo engenheiro Alexandre da Conceição, então director das Obras Publicas do districto, para examinar grande abundancia de fragmentos architectonicos, extrahidos de uma das grandes torres da muralha de D. Fernando, quando demoliram a que estava ligada ao convento de Santa Clara, e desfizeram o mesmo convento para construir um hospital. Os fragmentos eram ás centenas e representavam o arcabouço, perfeitamente conservado, de uma egreja de tres naves, de estylo de transição romanico-gothico. Fôra um atroz vandalismo formar o recheio de uma torre — n'uma occasião de guerra talvez — com tão preciosos elementos, que dariam, ainda em 1887, uma egreja perfeitamente acabada, com excellente material e lavor. Pareceu-nos ser a culpa de outrem; não das freiras. A egreja desenterrada seria a *segunda* (?) Sé, que D. Fernando mandou derrubar cêrca de 1370 «por ficar fóra da cidade e poder servir de presidio aos castelhanos, com quem andava em guerra»... (Man. Pereira da Sylva, *Catalogo dos Bispos da Idanha e Guarda,* XVIII, biographia do Bispo D. Affonso Corrêa). A reconstrucção da egreja desenterrada era facillima e opportuna; como tal a aconselhei, pois representava o aproveitamento de dezenas de contos, de mão de obra excellente, além de salvar-se um monumento rarissimo por estar o lavor quasi novo, e ser o estylo raro, a factura homogenea. O que resta hoje do templo desfeito? Talvez unicamente as photographias que então mandei tirar.

portée, avec tous les sombres contrastes et toutes les amertumes de notre existence portugaise, désorganisée, et où nous nous trouvons depuis si longtemps comme un troupeau sans berger.

L'heure du réveil de nos chimères a sonné. Le temps de penser et soupirer est passé.

*

* *

Nos gravures répresentent la Cathédrale dont nous avons promis de parler lorsque nous nous sommes occupés du temple de Batalha. En effet, ces deux monuments sont intimement liés, présentant néanmoins un parfait contraste, comme il arrive souvent entre des frères d'une même famille. La dissemblance apparente défie toute confrontation, mais se révèle aussitôt au regard attentif et expérimenté en des choses d'Art et exercé en matière de technique professionnelle, telle qu'elle apparait dans notre pays, sous les formes les plus variées, selon l'espèce de matériel employé, et l'influence du milieu climatérique qui le conserve ou le ruine, le colore ou le déteint. Elever une Cathédrale, un temple, sur la limite de la Beira *transmontana* et de la Beira Centrale [1], à 1:093 mètres d'altitude, en granit dur, ou construire une église conventuelle dans les plaines abondantes et fertiles de l'Extremadura, avec la pierre calcaire blanche et douce, extraite des suaves ondulations de Serra d'Ayres, sont des problèmes tout-à-fait différents; ériger une forteresse — car la Cathédrale de Guarda en 1881 lorsque nous l'avons vue et étudiée pour la première fois, n'était pas autre chose — ou exécuter une *solatio pauperum Dea grata et consolatio,* même pour ceux qui venaient de terres lointaines prier pour les amis morts ou pour les ennemis vaincus et reconciliés, c'était sanctifier de manières diverses la même croisade nationale. Combien d'aspects et de constrastes dans ces deux églises sœurs, œuvres peut-être du même maître ou de la même Société d'architectes!

La première impression a été formidable, la nuit, presque dans l'obscurité, (car il n'y avait pas alors d'éclairage artificiel) par des rues solitaires, tâtant le terrain, montant et descendant les différents plans sur lesquels repose la Cathédrale. Pas un seul de ces éléments qui charment la vue, mettant en relief le profil d'une construction gothique, et nous invitant à y entrer. Des murs fermés, de sombres impostes. Pas même les arcs-boutants qui embrassent les murs au dessus des nefs, et descendent sur les contre-forts; ni les flèches sveltes des clochers; ni les larges fenêtres, prodiguant la lumière, ni les entrelacs qui encadrent les vitraux, ni, enfin, la fine dentelle, qui, à Batalha, couronne et termine toutes les frises, consacrant et symbolisant la pureté du culte de la Vierge, et représentant aussi l'emblème héraldique de la dynastie, le lys, répété quatre fois dans les bras de la croix fleuronnée d'Aviz.

Tout l'ensemble décoratif extérieur se réduit à deux centres: 1° Une entrée latérale, dessinée en archivolte peu profonde, terminée en courbe lanceolée (*dos d'âne* = arceau en quille) avec une fleur de lys en stylet au sommet. Le gros mur, bâti en angle sur l'archivolte et tracé dans un encadrement quadrangulaire avec arcades simulées, prolonge les proportions du portail et corrige l'extrême sévérité de la puissante face Nord du transept, adoucie seulement par la croisée polycentrique qui éclaire la nef, perçant la muraille à son tiers supérieur; cette croisée doit dater à peu près de l'an 1500. — 2° La modeste porte principale, mesquinement ornementée; nous devrions même dire pauvrement.

Avec cette porte latérale et la fenêtre nous parvenons à déterminer les périodes les plus importantes de la construction, qui se résument en deux lignes: la fondation, du temps de D. João I, imaginée comme forteresse dans une époque de crise nationale, fut remise à D. Manuel, qui la fit alors recouvrir d'ornements que le granit supportait à peine. Auparavant, les entrepreneurs des travaux avaient au XIV^me^ siècle, prudemment, réprimé les caprices des sculpteurs. Le roi D. João III compléta intérieurement, avec le magnifique retable en pierre calcaire du maître-autel, (le seul de cette grandeur dans le pays), la décoration de la Cathédrale, avec une matière différente, puisque ni au dedans, ni au

---

[1] Cette classification des régions, la seule scientifique, est dûe à Barros Gomes dans son Atlas: *Carta orographica e regional,* 1875. Dans la partie qui nous intéresse nous avons, au nord du royaume: Além Douro littoral — Além Douro Transmontano — et descendant ensuite para la partie frontière à l'Espagne: Beira transmontana, liée à la Beira centrale et méridionale, la grande province se terminant à l'océan avec la Beira littorale.

Com essa porta lateral e janella chegamos a determinar os periodos mais importantes da construcção, que se resumem em duas linhas: a fundação de D. João I, ideada como fortaleza para um periodo de crise nacional, é entregue a D. Manuel; cobre-se então de enfeites que o granito mal comporta. Antes, os mestres da obra contiveram no sec. XIV, prudentemente, o capricho dos alveneis. El-rei D. João III completou interiormente, com o esplendido retabulo em calcareo da capella-mór (unico no paiz em semelhantes dimensões) a decoração da Sé, n'um material diverso, já que nem dentro, nem fóra era possivel realçal-a, pelas condições da materia prima: o granito, o bom granito nacional aspero, mas duradouro. D'esta maneira ficou austera esta Sé, casta e pura, sem as lentejoulas que offendem tantas irmãs suas n'este reino. Para essas ficou a Sé da Guarda talvez pobre; para mim ficou bella, d'aquella belleza máscula dos typos femininos nos nossos quadros gothicos, formosura um tanto esquiva, sobria sem parecer secca, cujo sereno olhar não queima, mas conforta e acalenta. Quem tiver olhos poderá vêl-a, passeando por toda a Beira; observal-a-ha na raça (a mulher beirôa, forte, fiel e fecunda!) e na natureza, no lar domestico e na tradição da arte. Creou-se na Beira trasmontana, no coração de Portugal.

Depois de D. João III continuou-se a lavrar na Sé por mais dois seculos, pois uma decoração de estylo *rocaille* desfeiava ainda em 1881 a entrada principal. Mas que mesquinha entrada! — entalada entre duas torres poderosas, que a esmagavam e ainda esmagam, apesar de vestida á *manoelina*, phantasia conservada em nossos dias, apesar dos restauros. Porque deixaram então ficar as quatro janellas, estylo *rocaille*, duas sobre o escudo do Bispo D. Pedro Vaz Gavião, e outras duas sobre o portal? Nas torres taparam umas aberturas do sec. XVI; as do terço inferior, flanqueando o brazão citado, são do sec. XIV. Não se percebe este fazer e desfazer, mantendo os ridiculos postigos quadrados, a *fôrca* do sino, (diria antes: sineta de collegio), que desfeiam o frontispicio. Urge remediar tudo isso, pois reclama apenas diminutissimo dispendio, quando é certo que se tem trabalhado nos ultimos annos, com bastantes recursos na restauração moderna, aliás louvavelmente planeada e executada. Mas sobre isso fallaremos em outro logar, com o desenvolvimento que o caso requer. (Vid., no emtanto, os interessantes estudos do restaurador snr. Rozendo Carvalheira na *Construcção moderna*, tomos III e IV).

Uma comparação d'essa frontaria com a da Batalha parecerá á primeira vista um capricho ocioso; mas a duvida cessa, se ampliarmos o estudo, confrontando tambem o aspecto da testa Norte do cruzeiro, com identico alçado na Batalha; porque n'esse cruzeiro temos o unico indicio do traçado que a porta principal (hoje manoelina) deveria ter apresentado no pergaminho original do architecto de D. João I.

Em tudo e por tudo a cathedral é um guia para a perfeita comprehensão do estylo gothico em Portugal, que triumpha definitivamente no mosteiro da Batalha.

A flôr de liz lá está, mas apparece estylisada de um modo especial, conforme a materia (granito) em que foi lavrada. Semelha quasi um trevo de tres folhas, (a flôr de liz tambem recorda na sua forma inicial, um trifolio) que alterna com outro recórte lobular; a vegetação que guarnece as pyramides terminaes dos botareos e, em baixo, as linhas da porta lateral, foi desenhada e executada quasi em esboço, como convinha n'um clima e n'uma altitude em que a neve, abundante no inverno, destruiria as arestas da pedra friavel, se fossem muito vivas. O mesmo louvavel criterio foi seguido nos lavores decorativos que pertencem ao sec. XVI (lavor de cordas e de molduras torcidas ou quebradas — *batons-rompus*). As poucas laçarias que restam nas janellas, barbaramente tapadas na abside, são de uma sobriedade de perfis, verdadeiramente admiravel. Quem houver examinado com attenção os edificios religiosos da época de D. João I, construidos em granito (egrejas dos conventos de S. Domingos e S. Francisco em Guimarães, os templos das mesmas ordens no Porto, na Covilhã, em Villa Real, Santarem, em plantas quasi irmãs) e os comparar ás obras em calcareo do mesmo estylo gothico e do mesmo reinado, por ex. Graça em Santarem, egrejas dos castellos de Leiria e Palmella, ou aos lavores em marmore, no Carmo de Lisboa (admiravel abside, com cinco capellas), reconhecerá que os mestres de obras dos quatro primeiros reis da dynastia de Aviz sabiam a fundo o seu officio, porque foram ensinados desde D. Affonso III; sabiam, portanto, differençar o lavor do granito, do *fouillis*, no calcareo e no marmore. Ainda D. João II, que Garcia de Rezende, seu chronista, descreve como muito entendido em architectura, nos legou em S. Francisco de Evora um admiravel especimen do estylo gothico do seu tempo, sobrio e caracteristico na planta e na decoração, original sem pretensões ostentosas, calculado sabiamente para o clima e para o material: o granito pesado e grosso do Alemtejo, corrigido ahi com o

dehors il était possible de la réhausser, vu les conditions de la matière première: le granit, le bon granit national rude mais durable. La Cathédrale resta donc austère, chaste et pure sans les oripeaux qui nuisent à tant d'autres églises du royaume. Comparée à celles-ci la Cathédrale de Guarda est restée peut-être pauvre; pour moi elle est restée belle, de cette beauté mâle des types féminins de nos tableaux gothiques, beauté un peu farouche, sobre sans être dure, dont le regard serein ne brûle pas, mais encourage et console. Ceux qui observent bien, pourront la voir en circulant dans toute la Beira; ils la retrouveront dans la race, dans la femme de la région, forte, fidèle et féconde, dans la nature, le foyer domestique et la tradition de l'art. Elle a été créée dans la Beira montagneuse, au cœur même du Portugal.

Après D. João III le travail d'ornementation de la Cathédrale continua pendant plus de deux siècles, car une décoration de style *rocaille* enlaidissait encore en 1881 l'entrée principale. Mais quelle entrée mesquine! pressée entre deux énormes tours qui l'écrasaient et l'écrasent encore, malgré son revêtement *manoelino*, fantaisie que l'on a conservée jusqu'à nos jours en dépit de toutes les restaurations. Pourquoi a-t-on laissé les quatre fenêtres, genre *rocaille*, deux sur l'écusson de l'évêque D. Pedro Vaz Gavião, et deux autres sur le portail? Sur les tours on a bouché des ouvertures du XVI^me^ siècle; celles de la partie du tiers inférieur, flanquant le blason dont nous avons parlé, sont du XIV^me^ siècle. On ne comprend pas ce système de faire et défaire, conservant les ridicules lucarnes carrées, la potence du clocher (ou plutôt de la clochette) qui nuisent à la façade. Il faut absolument réparer tout cela; la dépense aurait été insignifiante et il est certain que pendant les dernières années on a eu assez de ressources pour travailler à la restauration moderne, assurément bien tracée et exécutée. Mais nous reparlerons de ceci ailleurs, avec tout le développement que le cas exige. (Vid., toutefois, les intéressantes études du restaurateur Mr. Rosendo Carvalheira dans la *Construcção moderna*, tom. III et IV).

Une comparaison de cette façade avec celle de Batalha semblera, au premier abord un caprice inutile; mais le doute cessera si nous amplifions l'étude, comparant aussi l'aspect de la partie Nord du transept avec l'élévation identique de celui de Batalha; dans ce transept nous trouvons le seul vestige du dessin, que la porte principale, aujourd'hui *manuelina*, devait avoir présenté sur le parchemin original de l'architecte de D. João I.

Sous tous les rapports la cathédrale est un guide, pour la parfaite compréhension du style gothique en Portugal, qui triomphe définitivement au monastère de Batalha.

La fleur de lys y parait, mais stylée de manière spéciale selon la matière (granit) dans laquelle on l'a sculptée. Elle ressemble plutôt au trèfle à 3 feuilles, (la fleur de lys rappèle aussi dans sa forme initielle un trifolium) alternant avec un autre feston arrondi; la végétation qui orne les pyramides terminales des arcs-boutants, et, en bas les lignes de la porte latérale, a été dessinée et exécutée presque en ébauche, comme il convenait dans un climat et sur une hauteur où la neige, très abondante pendant l'hiver, aurait détruit les arêtes en pierre friable, si elles avaient été très définies. La même louable sagesse a été suivie dans les ornements décoratifs qui appartiennent au XVI^me^ siècle (travail de cordages et moulûres torses ou brisées — *bâtons-rompus*). Le peu d'entrelacs qui restent aux fenêtres, ignoblement bouchées, et dans l'abside, sont d'une sobriété de dessin vraiment admirable. Ceux qui auront observé attentivement les édifices religieux de l'époque de D. João I, construits en granit (les églises des couvents de S^t^ Dominique et de S^t^ François à Guimarães, les temples des mêmes ordres à Porto, Covilhã, Villa Real, Santarem, avec des plans presque semblables) en les comparant aux travaux en pierre calcaire de même style gothique et du même règne, comme par exemple l'église de Graça à Santarem, celles des châteaux de Leiria et Palmella, ou encore aux ornements en marbre du Carmo de Lisbonne, abside admirable à cinq chapelles, reconnaîtront que les entrepreneurs des quatre premiers rois de la dynastie d'Aviz savaient à fond leur métier, parce qu'il l'avaient appris dès D. Affonso III; ils savaient bien distinguer le travail en granit, du fouillis en pierre calcaire et en marbre. D. João II aussi, que Garcia de Rezende, son chroniqueur, décrit comme très compétent en architecture, nous a légué à S^t^ François d'Evora un spécimen admirable de style gothique de son temps, sobre et caractèristique comme dessin et décoration, original sans fastueuses prétentions, savamment calculé selon le climat et le matériel; le lourd et gros granit de l'Alemtejo, un peu atténué là, par l'emploi de la maçonnerie et de la brique. Les orgies décoratives du granit (!) étaient réservées à d'autres; à Thomar elles ont atteint leur paroxysme. Les marbriers avaient peut-être dans l'esprit la emprego da alvenaria e do tijolo. As orgias decorativas no granito (!) estavam reservadas a outrem; em Thomar chegaram ao paroxismo. Os alveneis tinham na mente talvez a visão dos lavores do Norte, por ex. da *Pedra formosa* da Citania, ainda hoje conservada e de muitas outras similares que se perderam. Quem houver estudado, a valer, os preciosos thesouros da arte romanica, frequentes e variadissimos, semeados por todo o Norte do paiz, e considerar a sua ornamentação phantasiosa, producto já de uma imaginação decorativa, mal contida pelo rigor canonico do vedor ecclesiastico, não se admirará de contemplar e ouvir, como n'uma partitura, os effeitos polyphonos d'esse accorde final, assombroso sim, mas desordenado, que as mãos dos alveneis de Thomar fizeram vibrar.

Forasteiros que não conhecem da alma portugueza senão vagas tradições [1], e filhos do paiz que não sabem senão inventar tropos patrioticos e repetir as sentenças de pseudo-oraculos estrangeiros, não entenderam essa concepção polymorpha, não presentiram o seu caracter protheico.

Em Thomar revive a alma aventureira e enamorada do celta, o espirito guerreiro do normando, o symbolismo mystico do cruzado, tudo isso traduzido pelo capricho imponderavel do artifice popular, rompendo todos os diques, rejubilando porque poude soltar todo o freio á sua imaginação, exaltada por uma quasi contínua *Fata Morgana.* E com a lampada maravilhosa de Aladino os alveneis poderiam evocar tanto as monstruosidades decorativas da India, como as maravilhas da arte mourisca peninsular, (mozarabe) os lavores da terra — *saudades* das suas aldeias! que tinham bem mais perto, e lhes eram certamente mais familiares.

A Sé, depois de mudada de Idanha para a Guarda no tempo de D. Sancho I, soffreu tres reconstrucções. É o que affirmam os chronistas do Bispado Egitaniense, sujeito primeiro á diocese de Braga no meado do sec. VI, reinando alli os Suevos; subordinado depois a Merida (anno de 672, concilio de Toledo), e finalmente unido á Egreja metropolitana de Compostella no tempo de D. Sancho I, o mesmo rei que deu foral á cidade da Guarda em 26 de novembro de 1199 e a fundou. Foi este principe que transferiu a Sé, auctorisado pelo Papa Innocencio III, e levantou a *primeira* das tres Sés. No tempo do Bispo D. Vicente (fallecido em 1248) principiou D. Sancho II a *segunda* Sé, por mercê feita ao prelado, que lhe prestou grandes serviços. Em 1301 ainda este segundo templo não estava acabado (testamento do Bispo D. Frei João Martins), nem mesmo em 1321 (morte do Bispo D. Martinho II).

Pouco tempo devia durar o segundo edificio, porque el-rei D. Fernando mandou cêrca de 1370 derrubar a cathedral, pelo motivo já allegado; quando muito seriam uns cento e vinte annos (1248-1370); e, completa, viveria apenas uns cincoenta. O estado de boa conservação dos numerosos fragmentos architectonicos, desenterrados em 1887 junto do convento de Santa Clara; e, mais do que isso, os caracteres do estylo em que elles foram lavrados (romanico, na flora decorativa; gothico, no systema constructivo) levam-me a concluir que essas formosas pedras eram as da segunda Sé. Com el-rei D. João I chegamos finalmente á *terceira,* o templo actual. A iniciativa do Bispo D. Fr. Vasco IV (1384-94) foi decisiva; pediu elle ao monarcha que principiasse a edificar o novo templo dentro da cidade, e assim se fez. Continuando a obra na vida dos bispos seguintes, só veio a acabar no governo de D. Pedro Vaz Gavião (1496-1516, datas approximadas), prelado muito da affeição d'el-rei Manoel, faustoso como seu amo e senhor, e como elle, generoso protector das artes. Accentuou por toda a parte, em Vizeu, na Guarda e em Coimbra, a sua passagem com o grande, severo e decorativo brazão dos cinco gaviões heraldicos, que distribuiu com singular profusão e fidalga consciencia na Sé da Guarda e na egreja de Santa Cruz de Coimbra, dentro e fóra d'ella.

Joaquim de Vasconcellos.

---

[1] Robinson em 1881 e Haupt que o copiou em 1890 e 1895. Robinson foi quem fez a singular descoberta da ornamentação *hindu* nas *Capellas Imperfeitas* da Batalha, em 1881. Haupt copiou-o em 1890 e 1895, sem o citar. Respondemos ao primeiro em 1885 (Da *Architectura manoelina*) e ao segundo em 1896 e 1899 (edição portugueza e allemã do Francisco de Hollanda); e mais amplamente em 1905, n'uma publicação do Porto (*A Revista* n.º 12, anno II). A recentissima obra do snr. Haupt sobre a Architectura em Portugal, na grande publicação de Borrmann & Graul (*Die Baukunst*, fasc. V), em que pretende reforçar novamente o seu antigo parecer, é uma prova clarissima de que o professor hanoverano nada sabe do que se publicou em Portugal desde 1895, época em que sahiu o seu segundo volume. Prova tambem nada haver aprendido desde essa data; aos erros antigos accrescentou outros novos, ainda peores.

vision des travaux du Nord comme ceux de la *Pedra Formosa* de Citania, conservée encore aujourd'hui, et de beaucoup d'autres similaires qui se sont perdus. Ceux qui ont étudié soigneusement, les précieux trésors de l'art roman, si fréquents et si variés, parsemés dans tout le Nord du pays, et qui ont considéré leur ornementation fantaisiste, produite déjà par une imagination décorative, à peine réprimée par la rigueur canonique de l'inspecteur ecclésiastique, ne s'étonneront pas de contempler et d'entendre, comme dans un orchestre, les effects polyphones de cet accord final, vraiment prodigieux, mais désordonné, qui a fait vibrer les mains des sculpteurs de Thomar. Les étrangers qui ne connaissent que les vagues traditions [1] de l'âme portugaise, et les enfants du pays, qui ne savent que forger des phrases patriotiques et répéter les sentences des pseudo-oracles étrangers, n'ont pas compris cette conception polymorphe, n'ont pas pressenti son caractère prothéique.

À Thomar on voit revivre l'âme aventureuse et passionnée du celte, l'esprit guerrier du normand, le symbolisme mystique du croisé, tout cela traduit par le caprice inappréciable de l'ouvrier populaire, brisant toutes ses chaines, se réjouissant de pouvoir lancer à toutes voiles son imagination exaltée par une presque continuelle *Fata Morgana.* Et, avec la lampe merveilleuse d'Aladin, les sculpteurs pourraient évoquer, aussi bien que les monstruosités décoratives de l'Inde et que les merveilles de l'art mauresque péninsulaire, mosarabe, les décorations qui leur rappelaient leurs villages, certainement plus familières et plus rapprochées d'eux.

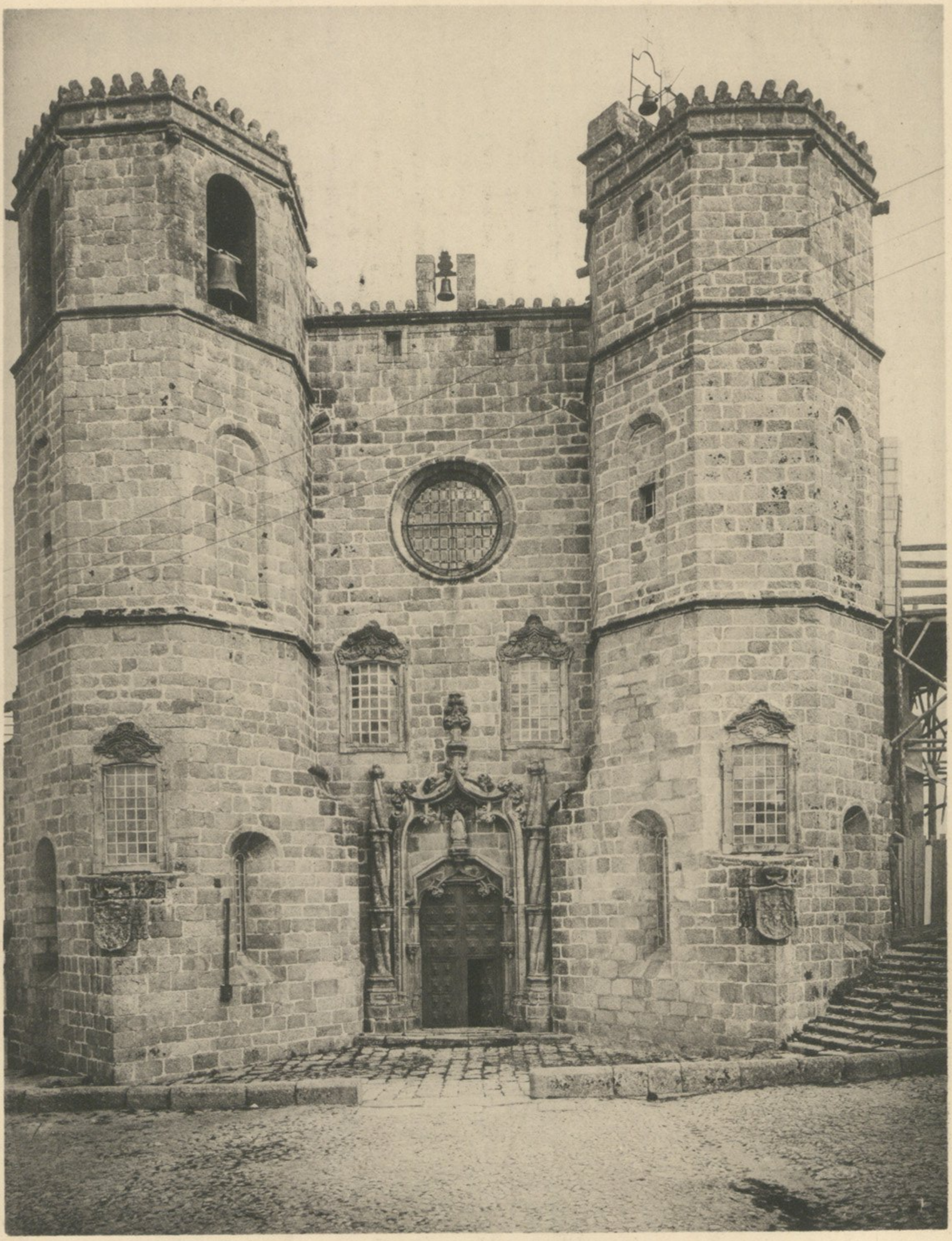
Après avoir été transférée de Idanha à Guarda, au temps de D. Sancho I, la Cathédrale a souffert trois reconstructions. C'est ce qu'assurent les chroniqueurs de l'Evêché d'Egytaine, assujetti d'abord au diocèse de Braga vers le milieu du VI^me^ siècle, sous le règne des Suèves; dépendant ensuite de Merida (an 672, concile de Tolède) et enfin réuni à l'Eglise métropolitaine de Compostella sous D. Sancho I, le même roi qui donna une charte à la ville de Guarda, le 26 novembre 1199 et la fonda. C'est ce prince qui a transféré la Cathédrale avec l'autorisation du Pape Innocent III, et qui érigea la *première* des trois Cathédrales. Du temps de l'Evêque D. Vicente, décédé en 1248, D. Sancho II commença la *deuxième* Cathédrale, par une concession faite au prélât qui lui avait rendu de grands services. En 1301, ce deuxième temple n'était pas encore fini (testament de l'Evêque D. Frei João Martins, ni même en 1321, lors de la mort de l'Evêque D. Martinho II).

Le second édifice devait être de peu de durée; vers 1370 le roi D. Fernando fit démolir la cathédrale pour la raison déjà citée; ce qui était bâti dura tout au plus cent vingt ans (1248-1370), et si on l'avait complété, il aurait vêcu à peine une cinquantaine. L'état de conservation des nombreux fragments d'architecture, recueillis en 1887 dans les fouilles, près du couvent de Sainte Clara, et, plus encore, les caractères de styles dont ils furent exécutés (roman pour la flore décorative, gothique dans la partie constructive) me portent à croire que ces belles pierres étaient de la deuxième Cathédrale. Sous D. João I nous arrivons enfin à la *troisième,* le temple actuel. L'initiative de l'Evêque D. Frei Vasco IV (1384-94) fut décisive; il solicita du monarque le commencement de l'édification du nouveau temple dans la ville et on le fit. Les travaux continuèrent pendant la vie des évêques qui suivirent, et ne furent achevés que sous le gouvernement de D. Pedro Vaz Gavião (1496-1516, dates approximatives), prélât très estimé du roi Manuel, aussi fastueux que son seigneur et maître et, comme lui, protecteur généreux des arts. Partout, à Vizeu, à Guarda et à Coimbra il laissa des traces de son passage avec le grand, sévère et décoratif blason des cinq éperviers (gaviões) héraldiques, qu'il distribua avec une profusion singulière et une noble sagesse dans la Cathédrale de Guarda et l'église de Santa Cruz de Coimbra, en dedans et au dehors.

Joaquim de Vasconcellos.

---

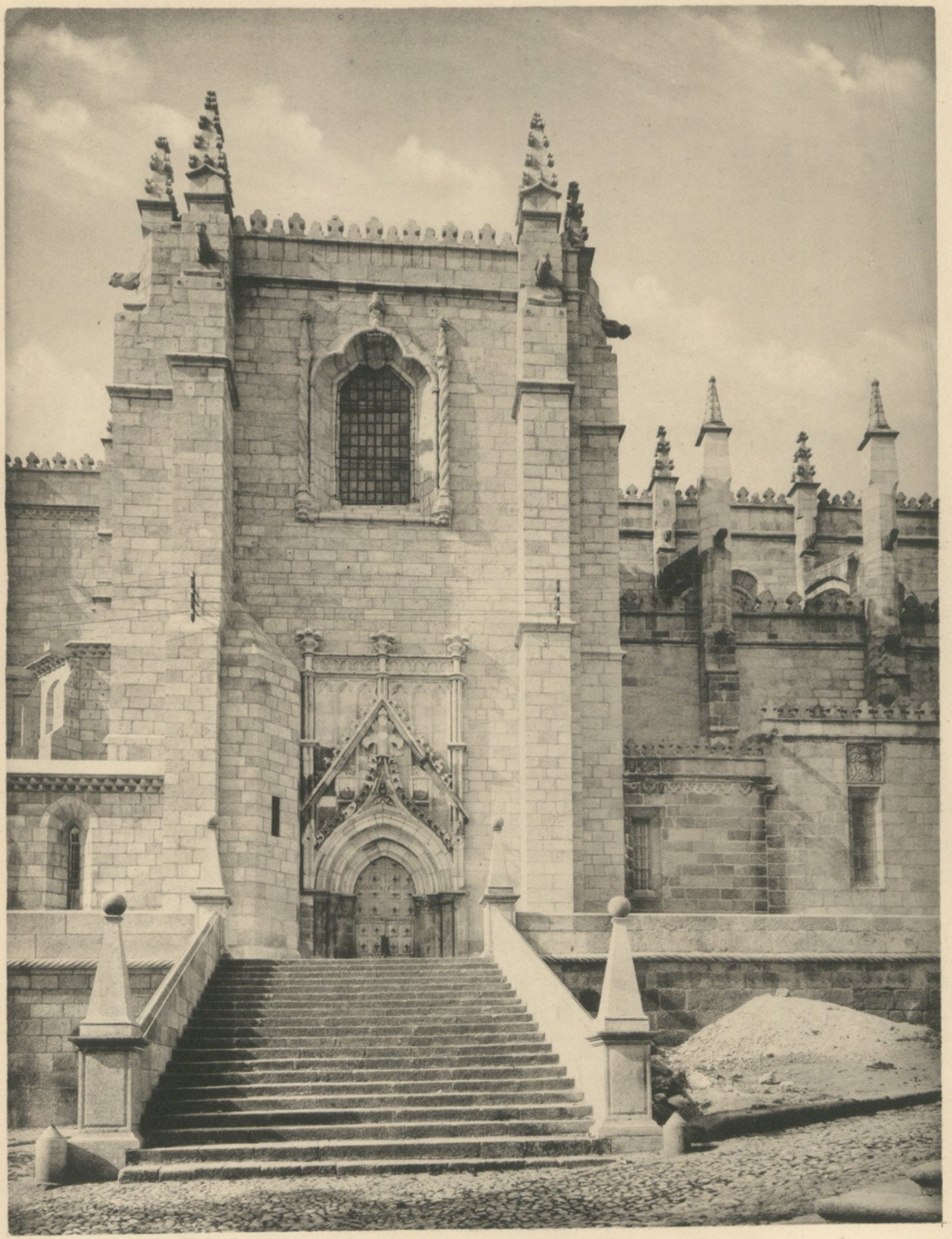
[1] Robinson en 1881 et Haupt qui le copia en 1890 et 1895. Robinson est celui qui a fait l'étrange découverte de l'ornementation *hindoue* dans les *Chapelles incomplètes* de Batalha, en 1881. Haupt répéta la même chose en 1890 et 1895 sans le citer. Nous avons répondu au premier en 1885 (Da *Architectura manoelina*) et au deuxième en 1896 et 1899 (édition portugaise et allemande de Francisco de Hollanda); et plus amplement en 1905, dans une publication de Porto (*A Revista*, nº 12, an II). Le récent travail de Mr. Haupt sur l'Architecture en Portugal, dans la grande publication de Borrmann et Graul (*Die Baukunst*, fasc. V) où il prétend encore appuyer son ancienne opinion, est une preuve évidente que le professeur hanovrien ne sait rien de ce qui a été publié en Portugal depuis 1895, époque où a paru son deuxième volume. Il prouve aussi qu'il n'a rien appris depuis cette époque; aux anciennes fautes il en a ajouté d'autres encore pires.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

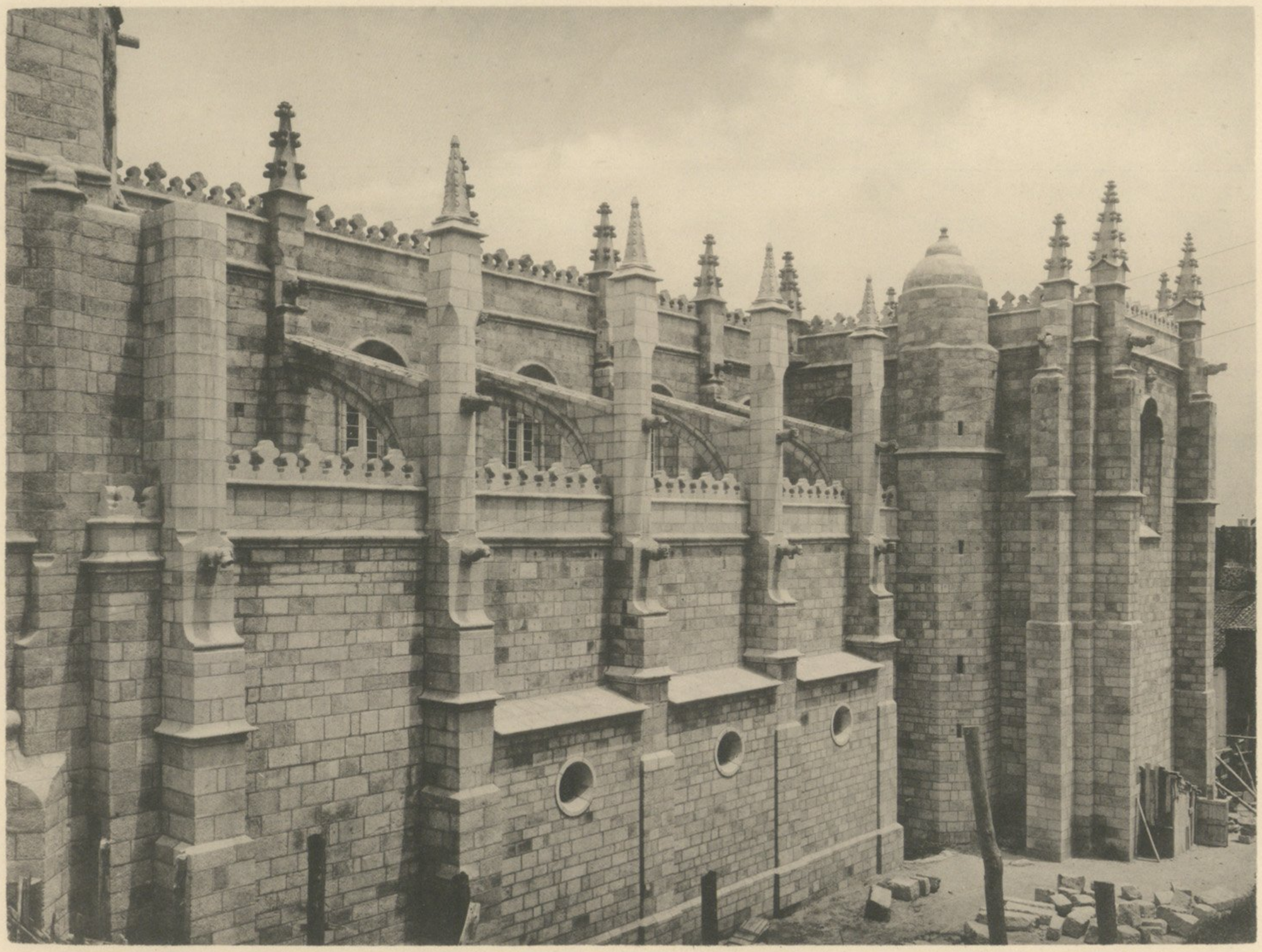
EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Fachada principal da Sé
GUARDA

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Entrada lateral da Sé (norte)
GUARDA

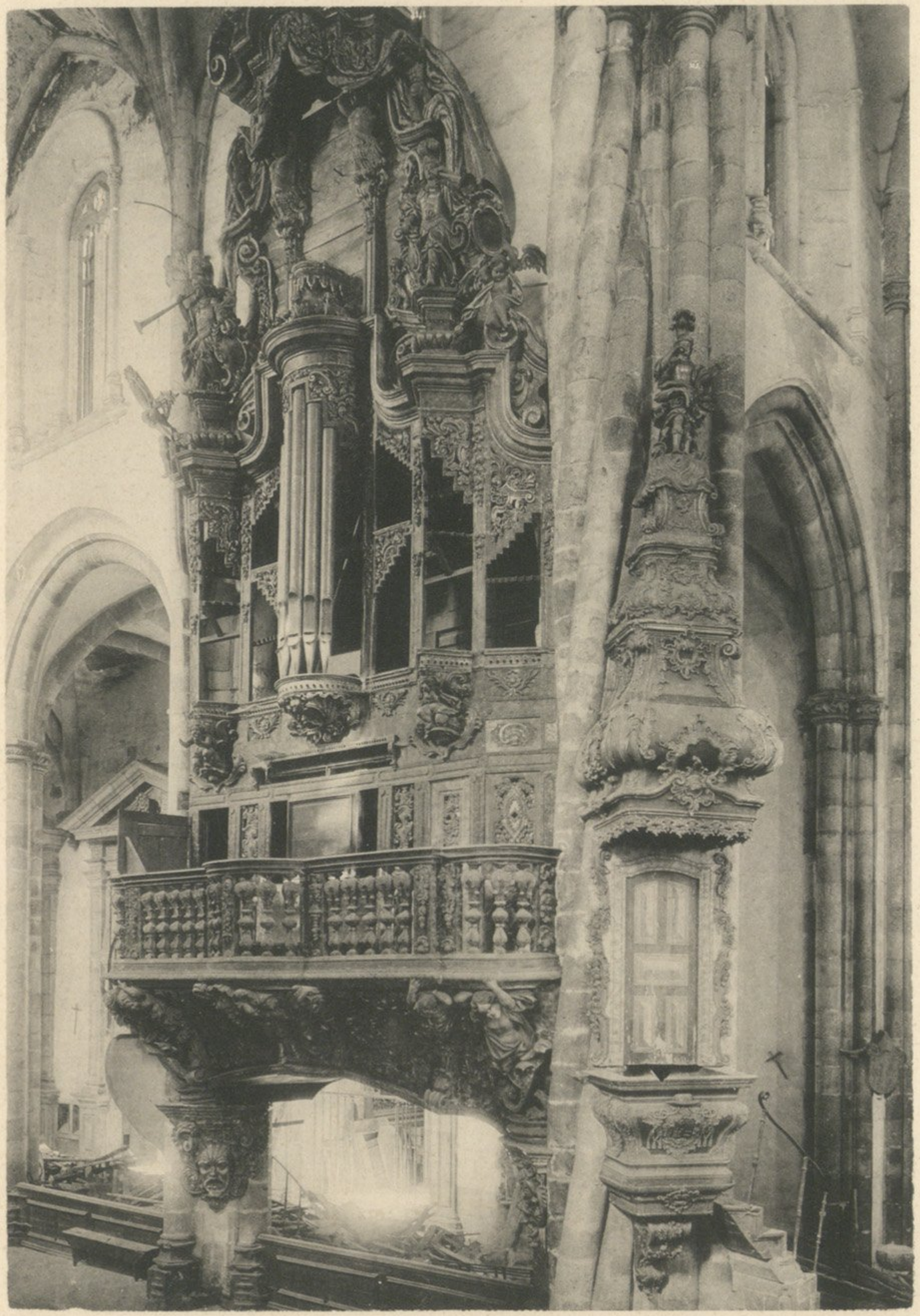


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

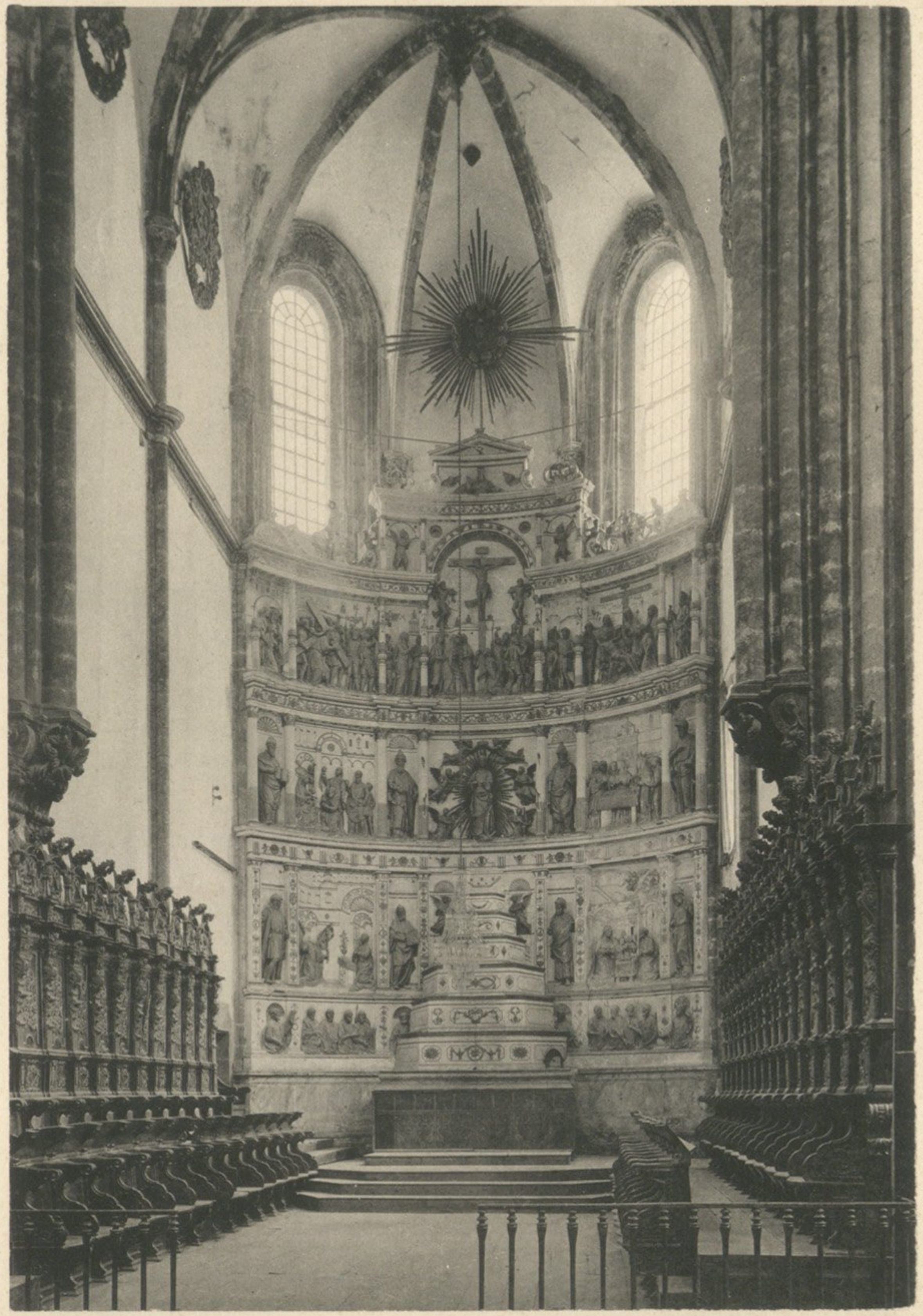
Fachada sul da Sé

GUARDA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

Orgão da Sé



EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Capella mór da Sé

GUARDA

O Convento da Madre de Deus

A historia da fundação do convento e egreja da Madre de Deus, no sitio de Xabregas, encontra-se na *Historia serafica* de frei Fernando da Soledade (Lisboa, 1709, t. IV, pag. 54 e segg.), e mais minuciosamente na parte terceira da *Chronica serafica da Santa Provincia dos Algarves*, por frei Jeronymo de Belem (Lisboa, 1755).

Historia muito singela. A rainha D. Leonor, viuva de D. João II, desejou fundar um mosteiro. A mãe, a infanta D. Brites, foi a fundadora do convento da Conceição, de Beja; D. Leonor seguia o exemplo da mãe. Residindo a rainha na sua casa de Xabregas, a pouca distancia do convento de S. Francisco, afamado pela religiosidade e austera vida dos seus frades, naturalmente escolheu ahi terreno para a nova edificação. Comprou casas, horta, agua em 1509; a obra foi rapida; em 1510 entravam n'elle as primeiras freiras, vindas do convento de Jesus de Setubal. Já estava habitavel o modesto conventinho; em breve se completou com as respectivas officinas e commodidades.

Aquelle sitio tem soffrido mudanças; especialmente a construcção da linha ferrea do Norte e Leste alterou-lhe a feição. O Tejo chegava ao paredão do caminho ou estrada para onde deitava a egreja, de sorte que nos temporaes as ondas bravas do vasto estuario salpicavam os fieis que concorriam ás festas; ia lá muita gente; a devoção pelas boas freirinhas protegidas pela rainha D. Leonor, por todos venerada e estimada, augmentava no publico de Lisboa. Por isto D. João III ampliou a construcção; a egreja primitiva passou a ser casa do capitulo; junto a este, na mesma linha, fez a egreja nova, com o pavimento mais alto; novo côro e capella-mór, e um claustro espaçoso e mui elegante com varandas de pedraria, e suas capellas onde as freiras devotas no tempo livre das obrigações da communidade faziam vida eremitica.

Frei Fernando da Soledade refere na chronica as muitas coisas preciosas que havia no mosteiro; um santo sudario, enviado pelo imperador Maximiliano I, e egual ao celebre de Turim, que ha poucos annos tão discutido foi: um espinho da corôa de Christo, um fragmento do Santo Lenho, ossos dos martyres de Marrocos, e muitas reliquias de grande estima nos seus cofres de ouro, de prata, de marfim lavrado, em artisticos relicarios. Estava lá tambem uma tigelinha de páo por onde bebia Santo Antonio, engastada em prata. Outra reliquia havia, o corpo de Santa Auta offerecido tambem pelo imperador Maximiliano, no seu cofre de madreperola. O corpo chegou por via maritima a Lisboa, em setembro de 1517. A embarcação chegou-se o mais possivel á terra em frente do mosteiro, para mais facil desembarque do cofre; com a maior solemnidade se fez o transporte, acompanhado o corpo da santa pelo arcebispo de Lisboa D. Martinho da Costa, estando presentes a rainha fundadora e o principe D. João, suas comitivas e muita fidalguia. Esta scena se representa n'um quadro agora applicado no arcaz da sacristia pequena, precioso por muitos motivos, e que felizmente se encontra em boa conservação.

A primeira abbadessa foi Soror Collecta, senhora mui virtuosa; muitas freiras aqui viveram santamente; o chronista conta milagres famosos. Uma chegou a brigar com Satanaz, que não queria que ella fosse ao côro, e tal foi a violencia da refrega que o mafarrico a pisou com pancadas e lhe quebrou uma perna. Entre os nomes das freiras apparecem appellidos de familias fidalgas, Ericeira, Tavora, Vimioso. Era o convento da rainha D. Leonor, creado por ella; na devoção lhe fazia companhia sua irmã, tambem viuva; a duqueza de Bragança, D. Izabel; o marido, o mallogrado duque D. Fernando II, morrera decapitado no cadafalso de Evora, na lucta feroz travada entre a fidalguia privilegiada e a realeza democratica. Tiveram horas tristes essas duas viuvas; por isto as duas irmãs desoladas se abraçaram na santa clausura, e vieram repousar no conventinho da beira do Tejo.

Esta rainha D. Leonor tinha alma caridosa, levantado coração, e espirito muito culto, a avaliar pelas obras que deixou. Foi a fundadora do Hospital das Caldas. Passou pelo sitio, impressionou-se á vista de certos enfermos que ella viu a banharem-se em poços; informou-se e mandou fazer um hospital. Feito o hospital, dotou-o com rendimentos, e viu que era bom, que servia; assistiu ao seu progresso e desenvolvimento: a sua bella alma experimentou prazer ao cuidar da saude do corpo e do espirito dos pobres enfermos, sem esperar retribuição nem precisar de esmola.

Le Couvent de Madre de Deus

L'HISTOIRE de la fondation du couvent et de l'église de Madre de Deus, dans le faubourg de Xabregas se trouve dans la *Historia serafica* de Fr. Fernando da Soledade (Lisbonne, 1709, t. IV, pag. 54 et suiv.), et, plus minutieusement encore, dans la troisième partie de la *Chronica serafica da Santa Provincia dos Algarves*, par Fr. Jeronymo de Belem (Lisbonne, 1755).

L'histoire est simple. La reine D. Leonor, veuve de D. João II, désira fonder un monastère. Sa mère, l'infante D. Brites, avait institué le couvent de Conceição à Beja et D. Leonor voulût suivre son exemple. La reine demeurait dans son palais de Xabregas, proche du couvent de S. Francisco, réputé pour la vie pieuse et austère de ses moines, et naturellement elle choisit là l'emplacement de la nouvelle édification. Elle acheta des maisons, des enclos et de l'eau en 1509; les travaux furent rapides, et, en 1510, les premières religieuses y entraient, venant du couvent de Jesus à Setubal. Le modeste couvent était habitable et bientôt il fut complètement prêt avec ses dépendances et ses ateliers.

L'endroit a subi quelques changements, et surtout la construction des chemins de fer du Nord et de l'Est en a altéré l'aspect. Le Tage arrivait jusqu'à la muraille de la route sur laquelle était l'église, de manière qu'aux jours de tempête les vagues furieuses du vaste estuaire, déferlaient sur les fidèles qui allaient aux offices, et qui étaient nombreux, car le public de Lisbonne était de plus en plus pris de dévotion pour bonnes religieuses protégées par la reine D. Leonor, que tout le monde estimait et vénérait. D. João III augmenta la construction; l'église primitive devint le siège du chapitre; près de celui-ci sur la même ligne, on fit la nouvelle église avec le pavé plus élevé, un nouveau chœur, de même que le maître-autel, et un cloître vaste et élégant avec des balustrades en pierre de taille et des chapelles où les religieuses menaient une vie d'ermites aux heures libres des devoirs de la communauté.

Fr. Fernando da Soledade, dans sa chronique, décrit les choses précieuses qu'il y avait dans le couvent; un saint suaire, envoyé par l'empereur Maximilien I et pareil à celui de Turin, dont on a tant parlé il y a quelques années; une épine de la couronne du Christ, un fragment de la Sainte Croix, des os des martyrs du Maroc et beaucoup de reliques très précieuses dans des coffrets, d'or, d'argent, d'ivoire sculpté, et des reliquaires artistiques. On y voyait une petite écuelle de bois, enchassée en argent, où Saint Antoine buvait de l'eau. Il y avait aussi le corps de Sainte Aude, relique offerte par l'empereur Maximilien, dans un coffre en nacre. Le corps arriva à Lisbonne, par mer, au mois de Septembre 1517. Le navire s'approcha de terre le plus possible et en face du couvent, pour que le débarquement fut plus facile; le cortège se fit avec grande solemnité, accompagné par l'archevêque de Lisbonne D. Martinho da Costa, avec l'assistance de la reine fondatrice, du prince D. João, de leurs suites et de beaucoup de personnages de la noblesse. Cette scène est représentée dans un tableau qui est actuellement dans la petite sacristie, précieuse sous tous les rapports et heureusement assez bien conservée.

La première abbesse fut la Sœur Collecte, dame très vertueuse; beaucoup de religieuses y vivaient en odeur de sainteté; le chroniqueur raconte de remarquables miracles. Il y en eut une qui se disputa avec Satan, qui ne voulait pas la laisser aller au chœur, et, dans l'ardeur de la lutte le démon la meurtrit de coups et lui cassa une jambe. Parmi les noms des religieuses on trouve des familles des plus nobles, telles que Ericeira, Tavora, Vimioso. C'était le couvent de la reine, institué par elle; sa sœur la duchesse de Bragança D. Izabel, dont le mari, le malheureux duc D. Fernando II, était mort sur l'échafaud, à Evora, dans la lutte acharnée entre la noblesse ancienne et la royauté démocratique, l'accompagnait dans toutes ces dévotions. Les deux veuves eurent de tristes moments; et les deux sœurs désolées s'étreignirent dans la retraite sacrée et vinrent se reposer dans le petit couvent du bord du Tage.

Cette reine D. Leonor avait une âme charitable, un cœur haut placé et un esprit très cultivé, à en juger par les œuvres qu'elle laissa. Elle fonda l'Hôpital de Caldas. Passant par cet endroit, elle s'émût de voir quelques malades se baigner dans des puits; s'informant de ce qui arrivait, elle fit faire un hôpital, qu'elle dota de belles rentes, et vit qu'il était bon et qu'il servait; elle assista à ces pro-

A fundação do hospital das Caldas é um documento singular de altruismo christão. Ella teve a felicidade de vêr progredir o seu hospital, e a villa que logo se desenvolveu á sombra da obra da rainha, e que por isto se chamou Caldas da Rainha. Outra fundação de grande alcance de D. Leonor é a da Confraria da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, em 1498. A confraria tinha por obrigação a pratica das obras de Misericordia, a sua esphera de beneficencia chegava a todas as necessidades, abrigo aos expostos, cuidados aos orphãos, dotes ás donzellas pobres, esmolas aos pobres, tratamento aos doentes, resgate dos captivos, pousada aos peregrinos, sustento aos presos, amparo aos condemnados, sepultura aos mortos. A santa instituição chegou no momento opportuno, enraizou logo; todo o paiz a applaudiu. Aquella irmandade onde entravam e governavam, note-se, nobres e plebeus, operarios, mercadores e fidalgos, em poucos annos se propagou pelo reino todo; doações e legados a protegeram; algumas de taes casas chegaram em poucos annos a possuir grandes bens. E como Portugal começava então na sua extraordinaria expansão ultramarina, com as caravellas e as náos foi a ideia da Casa da Misericordia, ao Brazil, á Africa, á Asia. Mas a protecção da rainha D. Leonor chegou a outros ramos, ao theatro nacional, por exemplo, pois ella animou Gil Vicente, o dos Autos; e á imprensa, invenção do seu tempo; por sua ordem se imprimiram a *Vita Christi* (1495), os *Autos dos Apostolos* (1505), trabalhos typographicos monumentaes executados em prelos de Lisboa. Foi feliz nas suas instituições; viu-as viver e crescer. A rainha D. Leonor falleceu em 1525 com sessenta e sete annos. Viu todo o reinado de D. Manuel, e os primeiros annos do reinado de D. João III. Ao marido chamaram o *principe perfeito*, e o *homem*, ella foi a *mulher piedosa*. Na Madre de Deus, ao canto do claustro sob campa rasa, jaz a rainha D. Leonor; ao lado a irmã, D. Izabel, a mulher do duque malaventurado; e proxima a campa de Soror Collecta, a austera abbadessa.

O edificio da Madre de Deus faz parte agora do Asylo Maria Pia. Alterado pelos homens e pelos terremotos conserva todavia ainda as suas linhas geraes e muitas particularidades.

A egreja, a grande quadra, a casa capitular estão no seu plano. O terremoto de 1755 arruinou grande parte do mosteiro; na egreja foi preciso para a restauração apear as meias paredes da capella-mór e a parte correspondente do côro. El-Rei D. José mandou reparar convenientemente a egreja, com o esplendor necessario para ficar em harmonia com o resto da egreja. As télas pintadas por Bento Coelho, destruidas no terremoto, foram substituidas por outras do pincel de André Gonçalves. Ao padre José Pacheco da Cunha, homem de apurado gosto, se devem muitas das obras d'arte que na egreja, na sacristia pequena, no ante-côro e no côro nos maravilham pela execução e harmonia do conjuncto.

O snr. Gomes de Brito descreve com grande nitidez e verdade a singular sacristia pequena da capella-mór: «Ao fundo o custoso arcaz de pau santo, guarnecido de bellos gavetões, a que uma bem moldada espelharia de bronze dourado e elegantes argolas do mesmo metal, dão o mais opulento realce. Em volta do arcaz e a elle sobrepostos, os nichos e charola central, de bella talha dourada do mais franco estilo, aos lados as finissimas pinturas quinhentistas attribuidas a Christovão d'Utrecht, com a famosa taboa de Santa Auta formando as costas da porta do armarinho da Epistola, taboa que tantos cuidados e enlevo mereceu a Raczinsky. A parte inferior das paredes toda reluzente com os seus notaveis azulejos de vivissimas e bem distribuidas côres, desespero da ceramica moderna; no fundo fronteiro á parede do arcaz, ladeando a janella ogivada que se rasga na frontaria do edificio, uns armarinhos com suas portas inteiriças de pesada almofada; no pavimento o fino xadrez; ao centro aquella meza, cujo taboleiro de uma só pedra de excellente marmore só por si é uma belleza; no tecto em suavissimas tintas a apotheose da Virgem Mãe e Senhora dos Anjos, e, finalmente, ao longo das paredes lateraes, na sua parte superior, e nas do fundo encimando os armarios a que já me referi e emmolduradas em riquissimos caixilhos do mais fino dourado, e da mais phantasiosa talha, as oito preciosas telas de André Gonçalves, representando a «Vida de José do Egypto». (Boletim da Associação dos Conductores de Obras Publicas, vol. III, 1899, n.º 2, pag. 38, da *Monographia do Mosteiro e egreja da Madre de Deus,* por Liberato Telles).

Junto ao mosteiro estava o paço de *Enxobregas,* como se dizia antigamente. Este paço, de alta importancia historica, foi doado por D. João IV á condessa de Unhão. Esta casa de Unhão entrou depois na casa dos marquezes de Niza. Ao ultimo marquez foi o palacio comprado pelo governo para alli se installar o asylo D. Maria Pia.

grès et à son développement et sa belle âme éprouva une satisfaction en soignant la santé du corps et de l'esprit des pauvres malades, sans aucune récompense ni aucune aumône.

La fondation de l'hôpital de Caldas est un remarquable exemple de charité chrétienne. La reine eût le bonheur de voir augmenter sa belle œuvre, ainsi que la ville qui se forma près de l'hôpital et qui fut nommée Caldas da Rainha (de la Reine). Une autre œuvre de grand mérite de D. Leonor est la fondation de la Confraria da Santa Casa da Misericordia de Lisboa en 1498. Cette confrérie avait à sa charge la pratique des œuvres de Miséricorde, et sa sphère de bienfaisance atteignait tous les besoins; elle donnait un réfuge aux enfants trouvés, des soins aux orphelins, des dots aux jeunes filles pauvres, des ammônes aux indigents, un soutien aux condamnés, et une tombe aux morts. La sainte institution où entraient et gouvernaient des nobles et des plébeiens, des ouvriers, des commerçants et des gentilshommes se propagea en peu d'années dans tout le royaume, protégée par des legs et des donations; quelques unes de ces maisons arrivèrent à posseder d'importantes richesses. Le Portugal commençait alors son extraordinaire expansion coloniale, et les navires emportèrent aussi au loin l'idée de la Casa da Misericordia (Maison de la Miséricorde) qui s'implanta au Brésil, en Afrique et en Asie. Mais la protection de la reine ne se borna pas aux bonnes œuvres: elle se tourne vers le théatre national, encourageant Gil Vicente, l'auteur des *Autos;* la presse, invention de son temps; par son ordre on imprima la *Vita Christi* (1495), les *Autos dos Apostolos* (1505), travaux typographiques remarquables exécutés dans les imprimeries de Lisbonne. Elle eut du bonheur en toutes ses institutions, qu'elle vit croître et prospérer. La reine D. Leonor mourût en 1525 à l'âge de soixante sept aus. Elle vit tout le règne de D. Manuel et les premières années de celui de D. João III. Son mari fut surnommé le *principe perfeito* (prince parfait) et *o homem* (l'homme), et elle fut la *mulher piedosa* (la femme pieuse). Dans un coin du cloître de la Madre de Deus, la reine D. Leonor repose sous une tombe rase; près d'elle gisent sa sœur D. Izabel, femme du malheureux duc, et Sœur Collecte, l'austère abbesse.

L'édifice de Madre de Deus fait maintenant partie de l'Asile Maria Pia. Altéré par de successifs travaux et par des tremblements de terre, il conserve toutefois ses lignes principales et beaucoup de détails.

L'église, la grande cour, et la maison capitulaire sont à leur emplacement primitif. Le tremblement de terre de 1755 ruina une grande partie du couvent; dans l'église, lorsqu'il fallût la restaurer, on dût démolir les cloisons du sanctuaire et la partie correspondante du chœur. Le roi D. José fit faire les réparations convenables avec la splendeur nécessaire pour s'harmoniser avec le reste de l'église. Les tableaux peints par Bento Coelho, détruits par le tremblement de terre, furent remplacés par d'autres dûs au pinceau de André Gonçalves. On doit au prêtre José Pacheco da Cunha, homme d'un goût raffiné, beaucoup des œuvres d'art qui se trouvent dans l'église, la petite sacristie, l'avant chœur et le chœur, et qui nous émerveillent par l'exécution et l'harmonie de leur ensemble.

Mr. Gomes de Brito décrit avec une grande netteté et beaucoup de vérité l'exquise petite sacristie du maître-autel: «Au fond, le précieux chapier en palissandre muni de beaux tiroirs auxquels les belles moulures et les élégantes ferrures en bronze doré donnent le plus opulent relief. Autour de ce chapier et au dessus, sont les niches et le brancard en boiserie dorée et sculptée d'un style défini, flanqués par les belles peintures du xvime siècle, attribuées à Christovão d'Utrecht, avec le fameux tableau de Sainte Aude qui forme l'envers de la porte de la petite armoire du côté de l'Epitre, tableau qui mérita tant de soins et de sollicitude de Raczinsky. La partie inférieure des murs paraît toute reluisante avec les remarquables faïences aux vives et savantes couleurs, qui font le désespoir de la céramique moderne; sur le fond qui fait face au mur du chapier, aux deux côtés de la fenêtre ogivale, percée sur la façade de l'édifice, on voit d'autres petites armoires avec les portes d'une seule pièce, aux lourds vantaux; le sol est finement carrelé; au centre, la table dont le dessus d'un beau marbre entier, est à lui seul une merveille; au plafond, de douces teintes représentant l'apothéose de la Vierge Mère et Notre Dame des Anges, et, enfin, le long des murs latéraux, sur leur partie supérieure, et au fond, au dessus des armoires dont j'ai déjà parlé, les huit précieuses toiles de André Gonçalves, dans de riches cadres finement dorés et d'une capricieuse sculpture, et qui représentent la «Vie de Joseph d'Egypte» (Boletim da Associação dos Conductores de Obras Publicas, vol. III, 1899, nº 2, pag. 38, de la *Monographia do Mosteiro e Egreja da Madre de Deus,* par Liberato Telles).

Em 1871, depois da morte da ultima freira da Madre de Deus, o extincto mosteiro foi annexado ao asylo; em 1872 começou a obra de reparações e adaptações, sob a direcção do architecto Nepomuceno. Foi este que remodelou a fachada da egreja; para isto foi favorecido por um achado inesperado. Entaipado n'uma parede estava o portal primitivo. Havia trezentos annos, provavelmente depois das obras feitas em tempo de D. João III, que alli escondido jazia a elegante obra d'arte. Ora este portal apparece nitidamente pintado no quadro que representa o cortejo do corpo de Santa Auta; a pintura mostra o portal e a frontaria do antigo templo; era um guia seguro para a restauração da frontaria que o architecto Nepomuceno logo aproveitou. A este architecto succedeu na obra Liberato Telles, homem intelligente, cauteloso e estudioso, que poz o edificio no estado actual.

O que succede actualmente n'este edificio é um tanto estonteador. Estão lá agora muitas coisas que foram aproveitadas d'outras partes. Salvaram-se, é verdade. Mas fazem confusão. Por exemplo na sala chamada de D. Manuel, primitiva casa do capitulo, vemos bellos azulejos, em quadros de boa execução; o Crucificado ou Calvario veio do pharol de S. Vicente; os outros do extincto convento de Sant'Anna. Na egreja primitiva ha azulejos antigos bons, e outros de imitação moderna. Na egreja actual ha azulejos antigos e outros pintados recentemente. O guarda vento é moderno, imitação do antigo. No claustro grande as paredes têm um envasamento de azulejo azul e branco, que veio do extincto convento das Grillas.

N'este claustro ha uma fonte de merecimento; sobre o tanque ergue-se uma grande taça, inteiriça, e sobre esta outra menor, de linhas elegantes, d'onde rompe o repuxo. A grande taça assenta sobre quatro columnas, uma ao centro por onde passa o cano do repuxo, e tres aos lados, de capiteis ornados de folhagens; o grande capitel da columna central mostra seis figuras, que simulam sustentar com esforço a taça; e umas fitas com letreiros em caracteres gothicos: «Ajuda-me bem — O melhor que posso — E tu que não ajudas — Não posso mais — Muito pesado — Deus nos ajude».

No claustro, junto da porta que conduz ao *claustrim*, está a chamada capella arabe; é uma casa quadrada de alto pé direito; o tecto é de madeira com ornatos mosarabes, os engenhosos laços geometricos que o operario mourisco, ainda no seculo XVI, usava fazer em Portugal, obedecendo á sua tradição artistica.

Junto do ante-côro, ou capella de Santo Antonio, ha um espaço ou vestibulo; era a casa do presepe. Ha ahi restos do afamado presepe, e nas Janellas Verdes estão algumas figuras que lhe pertenceram. O esculptor barrista foi Antonio Ferreira, conhecido pelo Ferreirinha de Chellas, primoroso artista que viveu no seculo XVIII.

O tecto do ante-côro é formado por caixotões com talha dourada, de bom acabamento, encerrando onze quadros allusivos á vida de Santo Antonio, attribuidos ao pintor André Gonçalves. Os azulejos do envasamento representam passos da vida dos eremitas. O altar de Santo Antonio é todo de talha dourada, sendo o retabulo, de bello risco, decorado com columnas salomonicas.

Passemos ao côro; é um conjuncto cheio e opulento. Nas paredes e tecto ha caprichosa talha e pinturas de valor artistico. Quinze caixotões com ricas molduras formam o tecto, onde se vêem quadros allusivos á *Vida de Christo*. Na parede do fundo (representada na nossa estampa) abre-se a entrada do côro; apresenta seis quadros de diversas fórmas e dimensões, de assumptos sacros; o do centro representa *A ultima ceia*.

Como a nossa estampa mostra, sobre o duplo cadeirado, como que formando alto espaldar, segue uma serie de vinte e dois nichos ou armarios, de fina talha dourada; é o precioso relicario. Na parede da frente, onde se abre o grande vão antigamente occupado pela grade, ha um admiravel tabernaculo de grande trabalho e seis quadros. Entre estes o quadro da *Cidade Santa* ou *Jerusalem*, que foi, dizem, uma das offertas do imperador Maximiliano I á rainha D. Leonor.

As nossas estampas representam o portal, o interior da egreja, vendo-se a capella-mór, o côro de cima, e um angulo do claustro menor ou claustrim.

O portal manuelino é elegante, e sobrio; a ornamentação está longe da exuberancia do portal da Conceição Velha, ou dos Jeronymos.

As columnas lateraes têm bases gothicas facetadas e recortadas; os seus capiteis representam co-

---

Près du couvent se trouvait le palais de *Enxobregas*, comme on disait autrefois. Ce palais, de grande valeur historique fut donné par le roi D. João IV à la comtesse de Unhão. La maison de Unhão fit depuis partie de celle des marquis de Niza. Le gouvernement acheta le palais au dernier Marquis de Niza pour y installer l'asile D. Maria Pia.

En 1871 après la mort de la dernière religieuse, le couvent de Madre de Deus, déjà aboli, fut annexé à l'asile; en 1872 on commença les travaux de réparation et d'adaptation sous la direction de l'architecte Nepomuceno. Ce fut lui qui retraça la façade de l'église, qu'un hasard inespéré vint favoriser. On trouva muré dans la construction le portail primitif. Il y avait probablement trois cents ans, c'est-à-dire après les travaux faits du temps de D. João III, que ce beau chef d'œuvre était là caché. Or, ce portail parait nettement peint dans le tableau qui représente le cortège du corps de Sainte Aude; la peinture montre la façade de l'ancien temple avec le portail; c'était donc une donnée assurée pour la restauration de la façade, et dont l'architecte Nepomuceno sût aussitôt tirer profit. Cet architecte fut remplacé plus tard par Liberato Telles, homme intelligent, soigneux et studieux, qui mit l'édifice dans l'état où il se trouve actuellement.

Ce qui se passe maintenant dans cet édifice est un peu étourdissant. On voit là beaucoup de choses qui sont venues d'autres endroits. Elles sont sauvées évidemment; mais une certaine confusion règne dans l'ensemble. Par exemple, dans l'ancienne salle nommée de D. Manuel, primitivement salle du chapitre, on voit de belles faïences, en tableaux très bien exécutés; le Calvaire ou Crucifié est venu du phare de S. Vicente, les autres de l'ancien couvent de Sant'Anna. Dans l'église primitive il y a des faïences anciennes assez belles et d'autres d'imitation moderne; dans le temple actuel des faïences antiques et d'autres récemment peintes. Le paravent est moderne, imité de l'ancien. Dans le grand cloître les murs ont des lambris en faïences bleues et blanches venus de l'ancien couvent des Grillas.

Dans ce cloître il y a une fontaine remarquable; sur le bassin s'élève une grande vasque, d'une seule pièce, surmontée d'une autre plus petite, de lignes élégantes, d'où sort le jet d'eau. La grande vasque se pose sur quatre colonnes, dont une au centre, par laquelle passe le jet d'eau, et les autres trois autour avec des chapiteaux ornés de feuillages; le grand chapiteau de la colonne centrale montre six figures qui semblent soutenir la vasque avec effort, et des rubans avec des inscriptions en caractères gothiques: «Aidez moi bien — Le mieux possible — Et toi qui n'aides pas — Je n'en peux plus — Trop lourd — Que Dieu nous aide».

Dans le cloître, près de la porte qui mène au petit cloître se trouve la chapelle arabe; c'est une salle carrée, au plafond élevé, en bois avec des ornements mosarabes, et les ingénieux entrelacs géométriques que l'ouvrier mauresque, obéissant à sa tradition artistique, avait l'habitude de faire en Portugal, encore au XVIme siècle.

Près de l'avant chœur, ou de la chapelle de Saint Antoine, il y a un espace ou vestibule; c'était la crèche dont on voit encore des restes, et quelques images qui lui appartenaient sont au musée des Janellas Verdes. Le sculpteur potier se nommait Antonio Ferreira, surnommé Ferreirinha de Chellas, artiste remarquable qui vécût au XVIIIme siècle.

Le plafond de l'avant-chœur est formé par des caissons en boiserie dorée très bien finie renfermant des tableaux de la vie de Saint Antoine attribués au peintre André Gonçalves. Les faïences du lambris représentent des scènes de la vie des ermites. L'autel de Saint Antoine est tout en bois sculpté et doré et le retable, d'un beau dessin, est décoré de colonnes salomoniques.

Passons dans le chœur dont l'ensemble est riche et opulent. Sur les murs et le plafond il y a de belles boiseries et des peintures de grand mérite artistique. La voûte est formée par quinze caissons richement encadrés renfermant des tableaux de la *Vie du Christ*. Sur le mur du fond (représenté dans notre gravure) s'ouvre l'entrée du chœur; on y voit six tableaux de grandeurs et formes différentes, tous de sujets sacrés; celui du centre représente *La dernière cène*.

Notre gravure montre la double rangée de stalles formant une espèce de dossier élevé, suivi d'une série de vingt deux niches ou armoires en fine boiserie dorée; c'est le précieux reliquaire. Sur le mur d'en face, où s'ouvre la grande baie autrefois occupée par la balustrade, on voit un admirable tabernacle de précieux travail et six tableaux. Entre autres il y a celui de la *Ville Sainte* ou *Jerusalem*, qui, d'après ce que l'on dit, a été un des cadeaux offerts par l'empereur Maximilien à la reine D. Leonor.

rôas, os fustes imitam cordas de tres ramaes, como as columnas da egreja do convento de Jesus de Setubal. Ao alto o brazão da rainha; aos lados os symbolos ou divisas de João II, o pelicano; e a rede de D. Leonor.

No lindo quadro do cortejo de Santa Auta vê-se este portal tendo ao lado uma esculptura representando a Virgem e o Menino em moldura de folhagens douradas. Esta esculptura, me parece, existe; é uma das que estão no museu das Janellas Verdes. Outras esculpturas em molduras de majolica havia nos claustros do mosteiro. Creio que as das Janellas Verdes, preciosas, têm essa origem.

Na estampa, que representa o interior da egreja, vê-se bem o estylo classico do arco triumphal da capella-mór. É um arco romano com o florido brazão d'armas de D. José em obra de talha muito levantada. Todas as faces, frisos e angulos d'este arco são bordados de madeira esculpida e dourada; as columnas floridas, as pilastras vestidas de grinaldas; mas os perfis todos livres.

Chama a attenção a grade da teia da egreja sustentada por seis balaustres de fino mosaico florentino; e o pulpito, o opulento pulpito dourado, cheio de curvas, de caracoes, de volutas, de grandes folhagens retorcidas.

Na monographia de Liberato Telles já citada se mencionam os nomes dos artistas que o coadjuvaram na reparação da egreja. É incontestavel que em Lisboa se encontram actualmente bons entalhadores, douradores, pintores e restauradores de azulejos, serralheiros, etc. As escolas industriaes têm servido para o progresso das artes applicadas.

Ha na capella-mór algumas pinturas em madeira, de pequenas dimensões, de muito merecimento. Em tom, desenho, figuras, afinam com uns quadros que estão no côro. Creio que formam uma serie allusiva á fundação do mosteiro.

Outra estampa representa um angulo do claustrim; linda construcção; luminosa, com seus azulejos antigos de alegre vista. O arco que se vê á direita na parede, é a fonte de Santa Auta, cuja agua tem virtude curativa. O claustrim foi restaurado pelo architecto Nepomuceno. E já precisa concerto no seu andar superior. O estuque e o fasquiado do tecto está em grande ruina, alguns pedaços cahidos, o que faz máo effeito.

Finalmente a quarta estampa mostra-nos o opulento côro. Todos esses relevos são dourados finamente, as telas enchem todo o recinto de suaves côres e de vida espiritual. Estão ahi quadros de valor; os retratos de D. João III e da rainha D. Catharina são de primeira ordem. Um tanto escurecido, a um canto, infelizmente com pouca luz, admira-se a *Paixão* ou *Cidade Santa,* grande pintura de um *primitivo,* flamengo ou allemão, em madeira, cheia de edificios convencionaes, onde se representam os passos da Paixão, em centos de figuras; n'um angulo do quadro á esquerda, o retrato de D. Leonor, a rainha fundadora. Está ajoelhada, vestida de escuro habito, a touca branca moldurando o rosto levemente vincado pela edade; absorvida na sua oração; reza talvez pelo marido, com certeza pelo filho. É trabalho de fino miniaturista; deve ser um retrato parecido. E tão bem conservado! atravez seculos e tantos perigos de terremotos e restauradores! E tambem não esmoreceu ainda a devoção popular por Santa Auta. No claustrim vê-se a fonte de virtuosa agua para curar enfermidades; dentro está um cofre de prata com um osso da santa. Na pequena egreja do Asylo, onde ha culto, vê-se uma urna de cristal com os restos da santa, alguns ossos entre rolos d'algodão, e um pequeno craneo, a santa era creança quando soffreu o martyrio, n'uma caixa de prata, que parece querer imitar uma coifa, com seus lavores e abertos. Proximo, abaixo da urna, fica um berço, tapado por um panno vermelho; ahi collocam as creanças enfermas que pessoas crentes entregam á protecção da santinha.

Gabriel Pereira.

Nos gravures représentent le portail, l'intérieur de l'église dont on voit le maître-autel, le chœur supérieur, et un angle du petit cloître.

Le portail, de style manuelino est sobre et élégant, toutefois son ornementation est loin de la richesse de ceux de Conceição Velha et de Jeronymos.

Les colonnes latérales ont les bases gothiques facetées et découpées; leurs chapiteaux représentent des couronnes, les fûts imitent des cordes à trois branches, comme les colonnes de l'église du couvent de Jésus à Setubal. En haut on voit l'écusson de la reine et aux côtés les symboles ou devises de D. João II, le pélican, et le filet de D. Leonor.

Dans le beau tableau du cortège de Sainte Aude on voit ce portail flanqué d'une sculpture de la Vierge avec l'Enfant, dans un cadre de feuillages dorés. Il me semble que cette sculpture existe et que c'est une de celles qui sont au musée de Janellas verdes. Il y en avait d'autres, dans des cadres en majolique, qui étaient dans les cloîtres du couvent. Je pense que les plus précieuses existant au musée de Janellas Verdes ont cette origine.

Dans la gravure représentant l'intérieur de l'église on aperçoit bien le style classique de l'arc triomphal du sanctuaire. C'est un arc romain avec le blason fleuri de D. José, en boiserie sculptée très en relief. Toutes les faces, les frises et les angles sont rebrodés en bois sculpté et doré; les colonnes fleuries également et les piliers revêtus de guirlandes, mais laissant les profils libres.

La balustrade intérieure de l'église soutenue par six balustres en fine mosaïque florentine est digne de remarque ainsi que la somptueuse chaire dorée, pleine de courbes, de volutes, de rinceaux et de grands feuillages retordus.

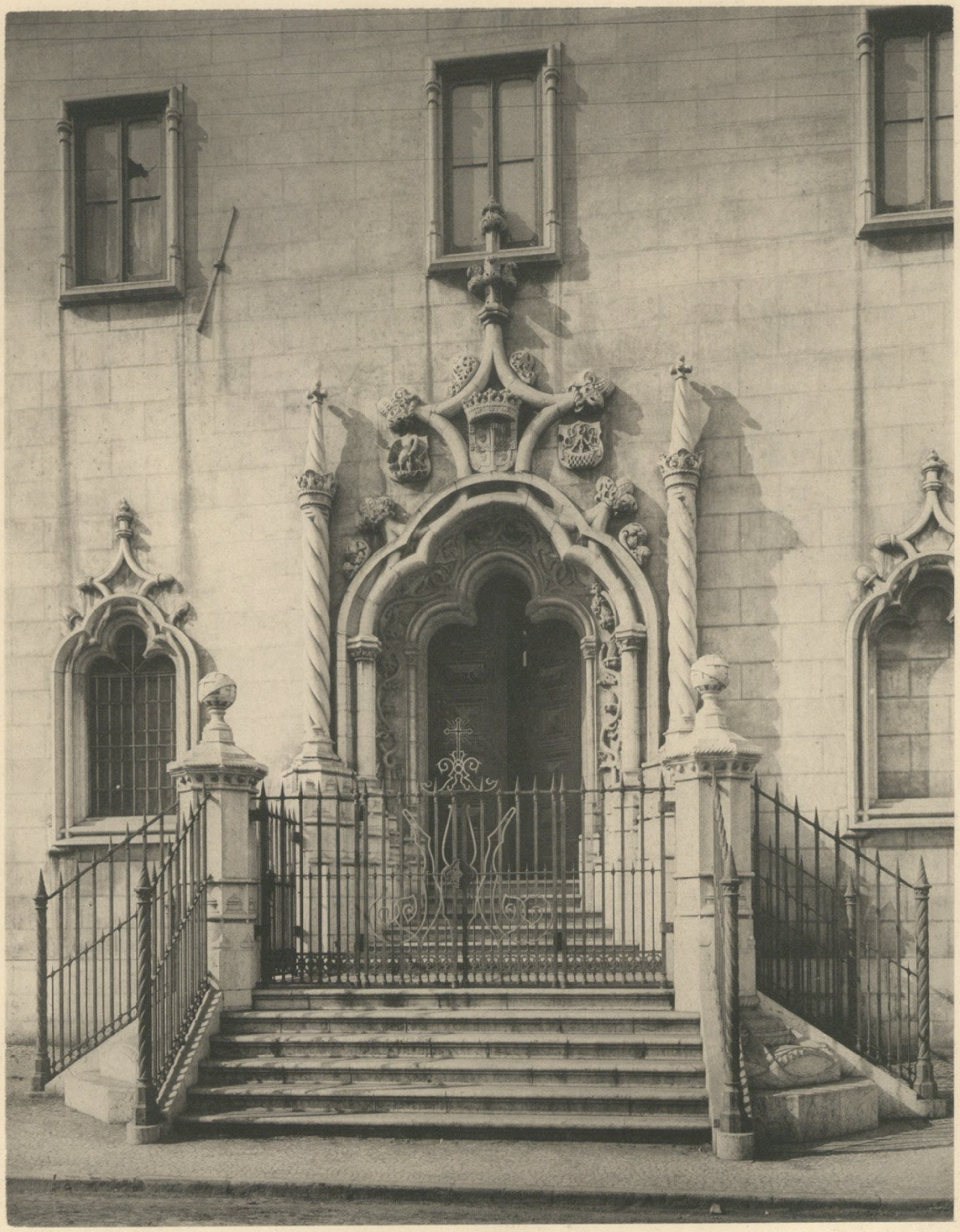
Dans la monographie de Liberato Telles dont nous avons parlé, on cite les noms des artistes qui ont travaillé à la restauration de l'église, et on voit qu'incontestablement il existe encore à Lisbonne de bons ébénistes, doreurs, peintres et restaurateurs de faïences, des serruriers, etc. Les écoles professionnelles ont contribué au progrès de l'art appliqué.

Dans le maître-autel on voit quelques peintures sur bois, de petites dimensions, mais de grand mérite. La tonalité, le dessin, et les figures s'harmonisent avec quelques tableaux du chœur. Je pense que cela doit composer une série faisant allusion à la fondation du couvent.

Une autre gravure représente un angle du petit cloître; c'est une belle construction, pleine de lumière avec ses belles faïences anciennes qui réjouissent la vue. L'arc que l'on voit sur le mur de droite est la fontaine de Sainte Aude, dont l'eau a des propriétés curatives. Le petit cloître a été réparé par l'architecte Nepomuceno. L'étage supérieur a encore besoin d'être restauré. Les stucs et la charpente du plafond sont très abimés, quelques parties tombent en ruine ce qui produit un très fâcheux effet.

La quatrième et dernière gravure montre le somptueux chœur. Tous les reliefs sont finement dorés, les tableaux remplissent l'enceinte de douces couleurs et de vie spirituelle. Il y a quelques toiles de valeur, telles que les portraits de D. João III et de la reine D. Catharina. Dans un coin, malheureusement peu éclairé, on admire la *Passion* ou *Ville Sainte,* grande composition d'un peintre *primitif,* flamand ou allemand, faite sur bois, pleine d'édifices conventionnels, où l'on représente les stations du Chemin de la Croix avec des centaines de figures; dans un angle du tableau, à gauche, on voit le portrait de D. Leonor, la reine qui a fondé le couvent. Elle est agenouillée, vêtue de l'habit religieux de couleur sombre, avec la coiffe blanche encadrant le visage légèrement ridé par l'âge; absorbée dans la prière, elle prie peut-être pour son mari, certainement pour son fils. C'est une délicate miniature et ce doit être un portrait ressemblant. Il est admirablement conservé, malgré les siècles et les dangers des tremblements de terre et des réparations! La dévotion populaire pour Sainte Aude n'a pas encore diminué. Dans le petit cloître on voit la fontaine dont l'eau miraculeuse guérit les maladies; à l'intérieur il y a un coffret d'argent avec un os de la sainte. Dans la petite église de l'Asile, ouverte au culte, on voit un cercueil en cristal avec les restes de la sainte, quelques os enveloppés dans du coton et, dans un coffre d'argent qui semble vouloir imiter une résille, avec ses ornements et ses mailles, on voit un petit crâne, car la sainte était encore enfant quand elle subit le martyre. Tout près, au dessous du cercueil se trouve un berceau, couvert d'un drap rouge; c'est là qu'on place les enfants malades que les personnes croyantes mettent sous la protection de la petite sainte.

Gabriel Pereira.

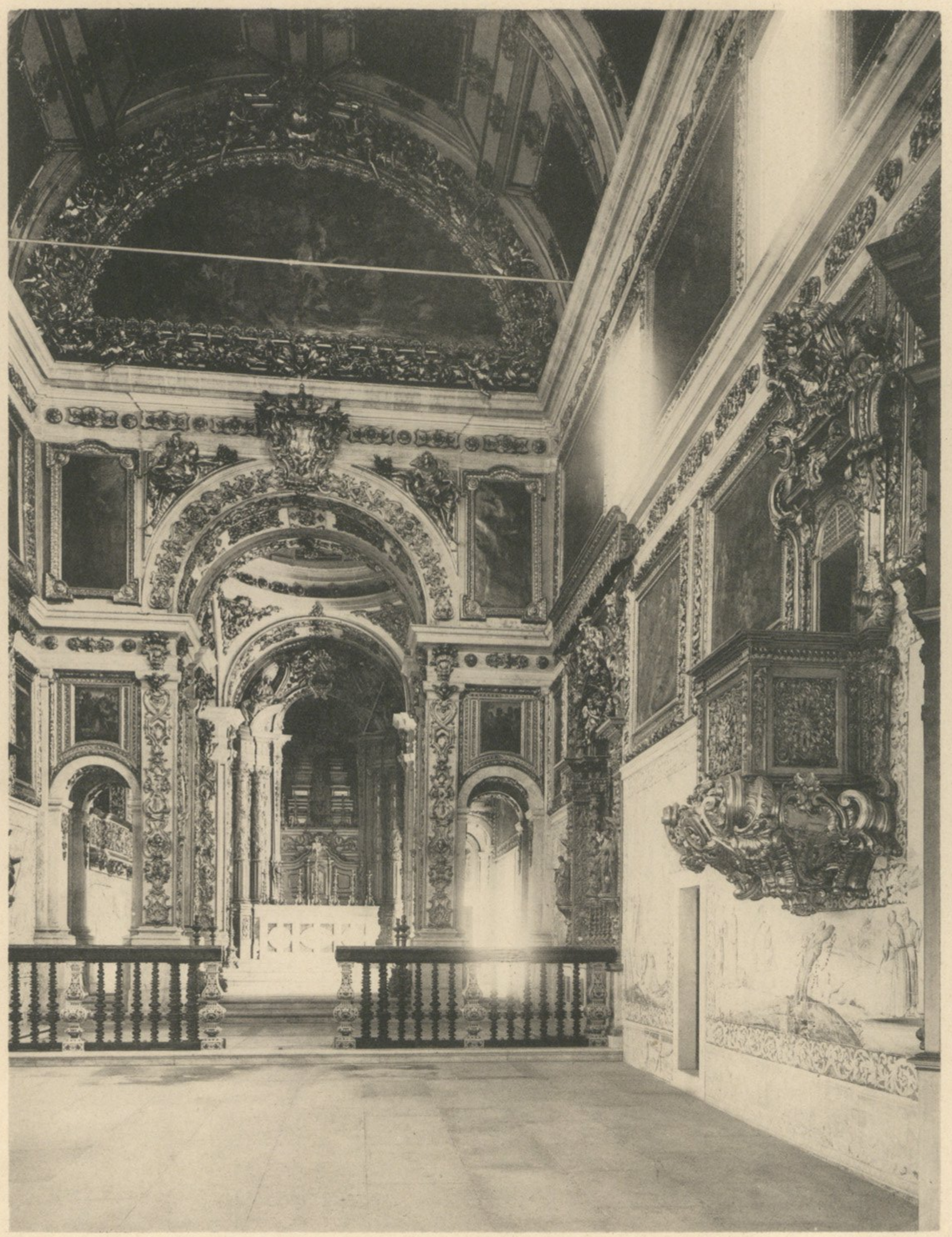


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Portal da Egreja da Madre de Deus

XABREGAS

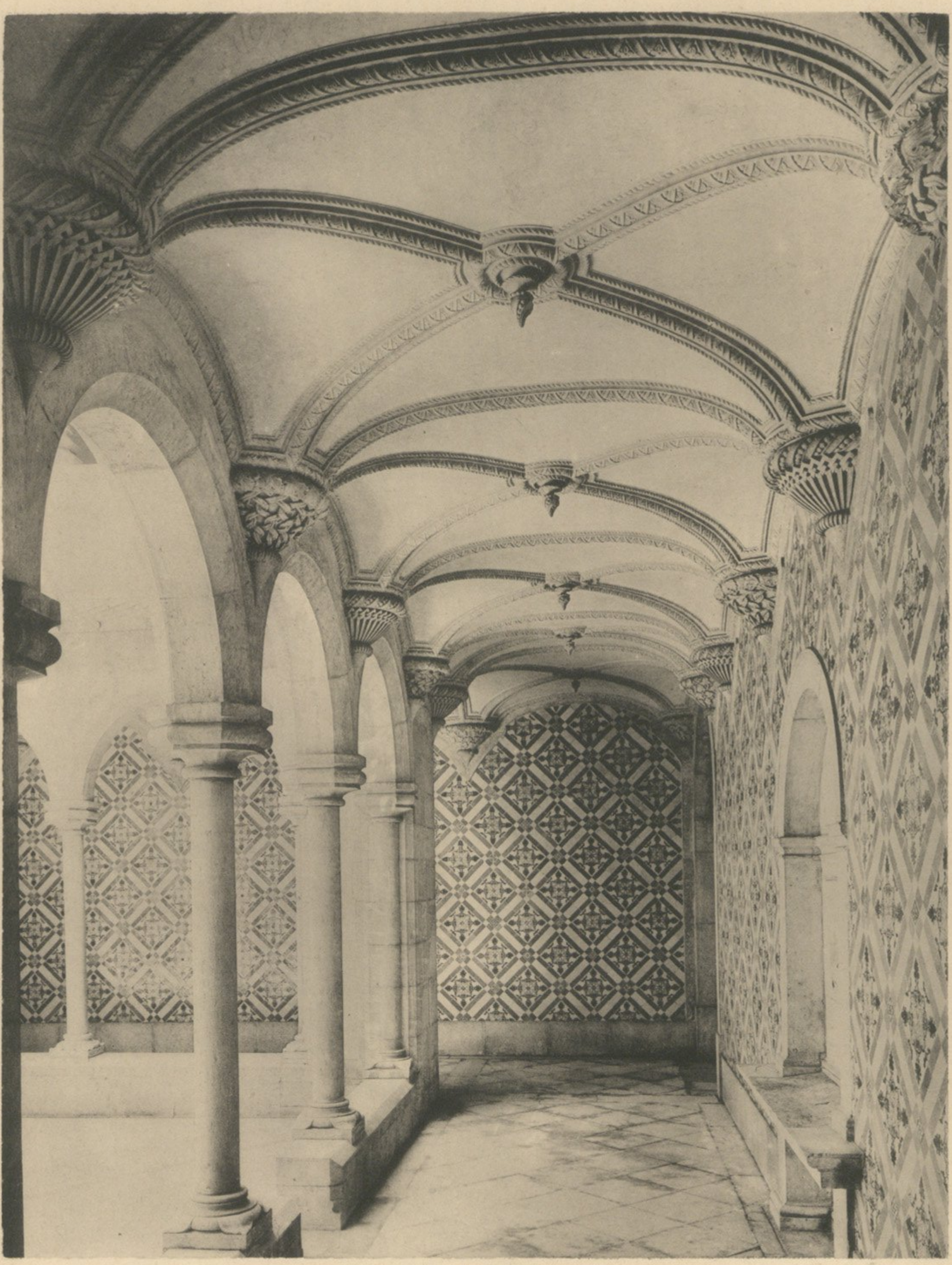


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Interior da Egreja da Madre de Deus
XABREGAS

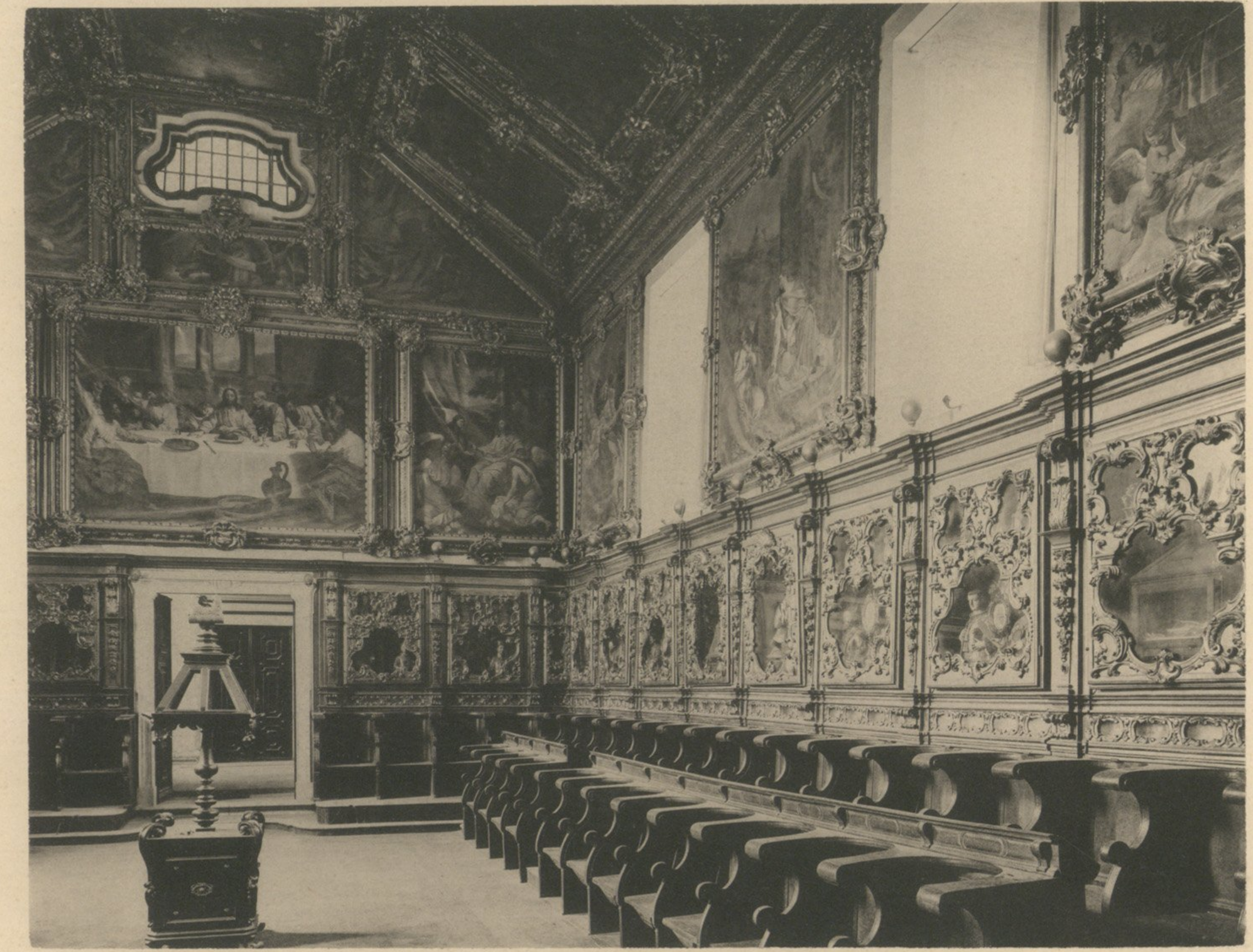
4



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Claustro do Convento da Madre de Deus
XABREGAS



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Côro da Egreja da Madre de Deus
XABREGAS

Quinta da Bacalhôa

(JUNTO DE AZEITÃO)

Como se inventou nome tão feio e vulgar para obra tão linda e rara? *Bacalhau* é uma alcunha que apparece já no principio do seculo xvi n'um filho do primeiro Marquez de Villa Real (familia dos Menezes e Noronhas), chamado D. Henrique. Um filho d'este: D. Jeronymo Manuel, o *Bacalhau*, entrou na posse do morgado de Azeitão em virtude do seu casamento com D. Maria de Mendonça e veio residir para a quinta de Azeitão, onde falleceu em 1620. Representava sua esposa a familia dos Albuquerques, instituidores do morgado e constructores da casa, a qual teve por fundador Braz de Albuquerque, filho natural do grande capitão, cujo nome de baptismo adoptou.

Tendo vindo a alcunha pelos Noronhas para a fundação dos Albuquerques, bem se vê que o nome *Bacalhôa* é uma importação. Mas ficou vinculado á casa, porque no seculo xvi raro foi o fidalgo que se livrou dos sobrenomes e escapou á má lingua dos cortezãos; que o digam as abundantes trovas satyricas do Cancioneiro de Garcia de Rezende! De resto, o sobrenome *Bacalhau* nada tem de deshonroso; pelo contrario. Conta uma tradição que D. Jeronymo Manuel o adquirira depois de uma tormentosa viagem á India, onde os capitães soffreram grandes privações para salvarem a tripulação enferma do escorbuto, distribuindo a esta o melhor alimento e ficando os fidalgos só com o bacalhau, n'esse tempo havido como nocivo á saude. Voltemos porém aos factos positivos.

Temos de resumir muito a historia. Em 1515 morre o grande Albuquerque em Gôa. Seu filho natural, unico herdeiro, casa por 1520; e em 1521 vae na esquadra que conduzia a Saboia a infanta D. Brites, noiva do duque. A armada fundeia em Villa Franca de Niza e emquanto se prepara a entrada triumphal da joven duqueza, os fidalgos portuguezes do sequito percorrem as cidades da Italia, então no auge da sua fama litteraria e grandeza artistica. Todos podem lêr nos nossos chronistas do reinado de D. Manuel o que foi essa viagem da infanta por mar, um roteiro triumphal, com um fausto nunca visto, mesmo no reinado do monarcha venturoso e perdulario!

Braz, que chamaremos d'ora avante Affonso d'Albuquerque, trouxe provavelmente d'essa excursão artistica pela Italia o gosto da arte e a imagem ideal da sua futura quinta. As casas de recreio da Italia, com seus jardins e fontes, cascatas e jogos hydraulicos; as suas *Loggie* ornadas de frescos; as longas, umbrosas avenidas povoadas de estatuas heroicas, onde se desenrolam ora as processões devotas, ora os *trionfi* profanos e symbolicos; a arte incomparavel de combinar as linhas architectonicas da construcção com a perspectiva natural dos jardins e parques, deixaram no espirito do fidalgo portuguez a visão de um mundo novo. Ou fosse a *Farnesina* de Baldassare Peruzzi, construida para Agostino Chigi em 1509, ou a Villa Madama — *la vigna dei Medici* do cardeal Giulio, que o nosso Francisco de Hollanda tanto admirou; ou fossem as phantasiosas invenções de Florença e Napoles (*Poggio reale*) que Serlio desenhou (De *Archit.*, livro III, pag. 121; ibi, livro VII) e o seu traductor hespanhol Villalpando teve de recommendar aos nossos — é certo que o fidalgo portuguez não poderia aprender senão na Italia de Leão X o apurado gosto que revelou em Azeitão, embora a concepção architectonica se traduzisse depois n'um *capricho* hispanico.

Mas antes d'elle comprar a propriedade em 1528 transformando-a logo, existiu alli uma construcção notavel, pelo menos, levantada pela infanta D. Brites, filha do infante D. João, mestre de Santiago e portanto neta de el-rei D. João I. Esta senhora recebeu-a de seu pae que possuiu a quinta de 1427 até 1442, anno em que morreu. Fallecido o mestre, o condestavel, fica-se chamando a propriedade *Quinta da Condestablessa*, em lembrança da possuidora, que a gosou sessenta e quatro annos, de 1442 até 1506, data da sua morte. Sua bisneta D. Brites de Lara começou a desmanchar o morgado em 1521 e, passados mais sete annos, vendeu até a quinta principal aos Albuquerques, que a baptisaram com um nome illustre.

A localidade no tempo da infanta é citada com a designação *Villa-Fraiche* ou *Freche*, nome que apparece transformado em *Villa fresca* do meado do seculo XVIII em diante, e dá ideia da amenidade e belleza do sitio. Ainda ninguem pensava no *Bacalhau*.

Devemos suppôr que foi o possuidor mais rico e de maior categoria quem iniciou os paços de *Villa-Freche*, mórmente sendo esse dono o que os usufruiu mais tempo (64 annos). Com effeito, a in-

---

Palais et jardin de Bacalhôa

(PRÈS DE AZEITÃO)

Comment a-t-on pu inventer un nom si laid et si vulgaire pour une chose si belle et si rare! *Bacalhau* est un surnom qui paraît déjà au commencement du xvime siècle, comme étant donné à un fils du premier Marquis de Villa Real (de la famille des Menezes et Noronhas) qui se nommait D. Henri. Un de ses enfants D. Jeronymo Manuel, le *Bacalhau*, entra en possession du majorat de Azeitão par son mariage avec D. Maria de Mendonça et il vint habiter le palais de Azeitão, où il mourût en 1620. Sa femme représentait la famille des Albuquerques, fondateurs du majorat et constructeurs de la maison, qui avait été instituée par Braz de Albuquerque, fils naturel du grand capitaine dont il avait adopté le nom de baptême.

Le surnom étant venu par les Noronhas pour la fondation de la lignée des Albuquerques, on voit bien que le nom de Bacalhôa est une importation. Mais il resta greffé dans la maison et au xvime siècle il était rare qu'un gentilhomme pût échapper à un surnom et à la médisance des courtisans; il suffit de lire les abondantes chansons satyriques du Cancioneiro de Garcia de Rezende! Du reste, le surnom de *Bacalhau* (*morue*) n'a rien de déshonorant; au contraire. Une tradition raconte que D. Jeronymo Manuel l'avait adopté après un pénible voyage aux Indes, où les capitaines avaient souffert de grandes privations pour sauver l'équipage malade de scorbut, en lui donnant la meilleure nourriture, tandis que les gentishommes ne mangeaient que de la morue, réputée alors comme nuisible à la santé. Mais revenons aux faits positifs.

Il faudra bien abréger l'histoire. En 1515 le grand Albuquerque mourait à Gôa. Son fils naturel, seul héritier, se mariait en 1520; en 1521 il partait avec l'escadre qui conduisait en Savoie l'infante D. Brites, fiancée du duc. La flotte mouillait à Ville Franche de Nice et pendant que l'on préparait l'entrée triomphale de la jeune duchesse, les gentilshommes portugais de la suite parcouraient les villes d'Italie, alors à l'apogée de sa renommée littéraire et de sa grandeur artistique. Tout le monde peut lire dans nos chroniques du règne de D. Manuel, ce que fut ce voyage de l'infante, par mer, une route triomphale, avec une pompe inouie, même au temps de ce monarque si heureux et si prodigue!

Braz, que nous nommerons donc Affonso de Albuquerque, apporta probablement de cette excursion artistique en Italie, le goût de l'art et le dessin idéal de sa future propriété. Les maisons de plaisance d'Italie avec leurs jardins, leurs fontaines, leurs cascades et leurs jeux d'eaux; les *Loggie* décorées de fresques; les longues avenues ombragées, peuplées de statues héroïques, où se déroulent tantôt les processions pieuses, tantôt les *trionfi* profanes et symboliques; l'art incomparable d'allier les lignes architecturales de la construction à la perspective naturelle des jardins et des parcs, tout cela laissa dans l'esprit du noble portugais la vision d'un monde nouveau. Que ce fut la *Farnesina* de Baldassare Peruzzi, construite pour Agostino Chigi en 1509, ou la Villa Madama — *la vigna dei Medici* du cardinal Giulio, que notre Francisco de Hollanda tant admira; ou les capricieuses inventions de Florence et de Naples (*Poggio reale*) que Serlio dessina (De *Archit.*, livre III, pag. 121; ibid, liv. VII) et que son traducteur espagnol Villalpando dût recommander aux nôtres — il est certain que le gentilhomme portugais n'aurait pu apprendre que dans l'Italie de Léon X, le goût exquis qu'il déploya à Azeitão, quoique la conception architecturale se soit depuis transformée en un *caprice* hispanique.

Mais, en 1528, avant d'acheter la propriété qu'il restaura aussitôt, il y avait là une construction remarquable, pour le moins, élevée par l'infante D. Brites, fille de l'infant D. João, maître de Santiago, et, partant, petite fille du roi D. João I. Cette dame la reçut de son père qui fut propriétaire du domaine de 1427 à 1442, année où il mourût. Après la mort du maître, le connétable, la propriété s'appela *Quinta da Condestablessa*, en souvenir de sa propriétaire, qui en eut la jouissance pendant soixante quatre ans, de 1442 jusqu'à sa mort, en 1506. Son arrière-petite-fille D. Brites de Lara commença à détruire le majorat en 1521 et sept ans après, elle vendit même la partie principale aux Albuquerques qui la baptisèrent d'un nom illustre.

Du temps de l'infante, la localité est citée sous le nom de *Villa-Fraiche* ou *Frèche*, qui vers le milieu du XVIIIme siècle et ensuite, devint *Villa fresca*, et donne une idée de la douceur et de la beauté de l'endroit. Personne ne pensait alors au *Bacalhau*.

fanta D. Brites, por si, pela casa de seu pae, pelos bens de seu marido, o infante D. Fernando, duque de Vizeu e de Beja, pela generosidade de seu cunhado D. Affonso v e de seu genro D. João II, viveu com um fausto e uma grandeza só excedidas pelas prodigalidades do proprio marido, cujos habitos imitou. Em vinte e tres annos de convivencia teve tempo á farta para lhe tomar os usos, se já lhe não eram peculiares. O filho de ambos, D. Manuel, depois rei, mostrou bem que a semente fructificára e encheu o reino com as maravilhas da arte e os esplendores das industrias decorativas. O que fariam seus paes nos paços da quinta? Podemos conjectural-o por uma obra que estudámos e desenhámos em Beja em 1882, e que foi d'elles, authentica, visto não podermos admittir a existencia das construcções que Rasteiro lhes attribue na Bacalhôa.

A construcção de Beja era ha vinte e cinco annos apenas um grande fragmento, uma ala do Paço dos Infantes, mas dava uma perfeita ideia da primitiva grandeza e traduzia bem, nas duas galerias sobrepostas, o pensamento do architecto, a alliança da belleza e da força [1].

O mesmo apurado gosto, a mesma, senão superior riqueza em todo o convento da Conceição, annexo, e na sumptuosa egreja. Tudo desappareceu, menos o templo, perante os modernissimos vandalos! Esta perda é tanto mais sensivel em face da eliminação das obras que os conjuges deviam ter promovido nos seus paços de Villa-Freche, onde tanto tempo habitaram.

Um escriptor benemerito quiz, na melhor intenção, para pôr em concordancia valiosos documentos que achou [2], com as construcções ainda existentes — descobrir na Bacalhôa fragmentos architectonicos do seculo xv [3]. Encontrou «duas casas cobertas com abobadas em ogiva e de arestas, cujas nervuras nascem tão proximas do chão, a não restar duvida de que o pavimento correspondente deve achar-se muito soterrado, e de que se levantou outro sobre elle para alcançar o novo nivel». (Rasteiro, pag. 21). Em vista d'esta passagem, o nosso primeiro empenho ao visitar cuidadosamente a Bacalhôa, foi sujeitar a rigoroso exame todos os pavimentos terreos das differentes casas. Que ha construcções soterradas, isso não soffre duvida; mas ninguem póde adivinhar o que valerá a parte sepultada. Argumentemos com o que está á vista. Ninguem ganha, transformando uma edificação clara, harmonica, homogenea, n'uma manta de retalhos architectonicos [4], e complicando um episodio clarissimo da historia da nossa arte com

---

[1] Assim a caracterisámos em outro logar n'uma descripção detalhada. Poderiamos dizer, ao mesmo tempo: o contraste do novo elemento da Renascença italiana com a tradição nacional mosarabe, galeria aeria, aberta e rendilhada sobre arcadas da ordem toscana. (Vide *A Ceramica portugueza e sua applicação decorativa*. Parte II: A ceramica applicada ás construcções, pag. XIV. Na Bibliotheca de instrucção profissional. Lisboa, 1907).

[2] Joaquim Rasteiro, *Quinta e Palacio da Bacalhôa em Azeitão*. Monographia historico-artistica. Lisboa, 1895, 8.º Completa-se este trabalho com a obra das estampas e plantas por A. Blanc, Lisboa, 1898; são 54 est. O trabalho de investigação paleographica é valioso. Tudo o que diz respeito á critica e historia da arte sahiu deploravelmente confuso, bordado com as mais singulares contradições! Rasteiro creou proselytos, infelizmente. Carlos Malheiro Dias repetiu-lhe os erros (*Commercio do Porto,* folhetim de 29 de maio de 1904) e o allemão Th. Rogge, que figurou entre nós como professor de uma escola de desenho industrial, foi phantasiar n'uma revista d'arte allemã (1896) a intervenção de Andrea Contucci na Bacalhôa. Não quiz imitar o seu patricio A. Haupt que descobriu a obra do grande italiano no castello de Alvito (Alemtejo), sem lá ter entrado (sic). Liquidamos com ambos, em allemão, na Introducção e nas Notas da ed. allemã dos *Dialogos da Pintura* por Francisco de Hollanda, publicada em Vienna d'Austria em 1899, a expensas do governo austriaco. Nenhum d'elles se dignou responder. Rasteiro tem uma nota sufficiente a pag. XIX do ensaio citado: *A ceramica portugueza,* etc. (Parte II, 1907) e no texto a refutação de pag. XVIII a XX. Ahi mesmo apontámos a affinidade electiva da Quinta dos Marquezes de Fronteira (Bemfica) com a dos Albuquerques (pag. XX). Vid. no fasc. n.º 38 d'esta publicação as estampas de Bemfica.

[3] «Conto a Bacalhôa como obra do ultimo quartel do seculo XV, mandada executar por D. Brites, filha do infante D. João.» (Rasteiro, pag. 10). Teriamos pois o periodo de 1475-1500! Compare-se com o que o auctor diz mais adiante, pag. 26: «Tem, pois, a Bacalhôa o caracteristico da transição da velha para a nova arte do ultimo quartel do seculo XV para o XVI.» Emfim, uma terceira citação curiosa, pag. 46: «O palacio e demais construcções da Bacalhôa, repito, formam um monumento de alta significação para a historia das artes em Portugal. Delimita dois periodos distinctos, a architectura *medieva* e o estylo da Renascença. O genero architectural que se creou no paiz em nada alli ainda influiu.» Tudo isto não passa de meras affirmações gratuitas, aggravadas pelo tom dogmatico com que são declamadas ao leitor.

[4] «Quem attentamente observar o palacio e quinta da Bacalhôa e os vir minuciosamente encontrará nas edificações *tres idades e influencias das epocas*. Duas casas com *abobadas ogivaes,* restos da habitação do tempo do monteiro-mór João Vicente (funccionario de D. João I que trazia emprazada a quinta) ou do principe D. João, mestre de Sant'Iago; palacio e cerca torreada de D. Brites sua filha; construcções e decoração polychromica de Affonso de Albuquerque.» (Rasteiro, *Quinta,* etc., pag. 19). O grifo é nosso, assim como a explicação do parenthese. Toda essa historia de *abobadas em ogiva e de ares-*

Il faut croire que ce fut le possesseur le plus riche et hautement placé, qui initia le palais de *Villa-Freche,* surtout parce qu'il en a joui le plus longtemps, pendant 64 ans. En effet, l'infante D. Brites, par elle même, par la maison de son père, par les biens de son mari l'infant D. Fernando duc de Vizeu et de Beja, par la générosité de son beau frère D. Affonso v et de son gendre D. João II, vécût avec un faste et une opulence qui ne furent excédés que par les prodigalités de son propre époux, dont elle imitait les habitudes. Pendant vingt trois ans de vie commune, elle eut assez de temps pour prendre ses coutumes, si elle ne les avait pas déjà dans son caractère. Leur fils, D. Manuel, qui fut roi, montra bien que la graine avait germé et remplit le royaume avec des merveilles d'art et des splendeurs d'industries décoratives. Qu'auraient pu faire ses parents dans ce palais? On le suppose, par un travail que nous avons étudié et dessiné à Beja en 1882, et qui leur a appartenu authentiquement, car nous ne saurions admettre l'existence des constructions que Rasteiro leur a attribuées à Bacalhôa.

La construction de Beja était, il y a vingt cinq ans, un grand fragment à peine, une aile du Palais des Infants, mais il donnait une idée parfaite de la grandeur primitive et dans ses deux galeries superposées il traduisait bien la pensée de l'architecte, l'alliance de la beauté et de la force [1].

Le même goût raffiné, la même, ou peut-être une plus grande richesse se retrouve dans tout le couvent de Conceição, annexé, et la somptueuse église. Hormis le temple, tout cela a disparu, grâce à ces vandales modernes! Cette perte est d'autant plus sensible, à en juger par l'élimination des travaux que les époux avaient dû entreprendre dans leur palais de Villa-Freche où ils habitèrent si longtemps.

Un écrivain de mérite, afin de mettre d'accord de précieux documents qu'il a trouvés [2], a voulu, avec la meilleure intention, découvrir à Bacalhôa des fragments d'architecture du xvme siècle [3]. Il a trouvé «deux pièces recouvertes de voûtes en ogive et d'arêtes, dont les nervures sortent si près du sol, que sans nul doute le pavé correspondant doit être profondément enterré, et que l'on en a construit un autre pour atteindre le nouveau niveau.» (Rasteiro, pag. 21). En lisant ce passage notre premier intérêt, en visitant soigneusement Bacalhôa, a été de procéder à une rigoureuse analyse de tous les pavés des différentes pièces du rez-de-chaussée. Il n'est pas douteux qu'il y ait des construction souterrées, mais nul ne peut deviner la valeur des parties enfoncées. Il nous faut donc argumenter avec ce que nous voyons. Il n'y a rien à gagner, en transformant une édification harmonieuse, nette, homogène, en un rapiéçage de morceaux d'architecture [4], compliquant ainsi un épisode très clair de notre histoire artisum dos problemas mais difficeis e obscuros, a intervenção de Andrea Sansovino na Renascença portugueza, precisamente no momento critico em que a architectura passava das concepções puramente nacionaes para a imitação dos novos modelos italianos, primeiro hesitando e sem guia claro. Em 1526 já o tinha (Diogo de Sagredo). O assumpto e os problemas que envolve, não são para este logar. Sobre os dois Sansovinos: Andrea e Jacopo vide a ed. all. do *Hollanda. Wien*, 1899, e tambem a ed. portug. *Porto*, 1896, pag. 88 e seg.

---

[1] C'est ainsi que nous l'avons caractérisé ailleurs dans une description détaillée. Nous pourrions dire en même temps: le contraste du nouvel élément de la Renaissance italienne avec la tradition nationale mosarabe, à galerie aérienne, ouverte et dentelée sur des arcades d'ordre toscan. (Voir la *Ceramica portugueza e sua applicação decorativa*. Part II: A ceramica applicada ás construcções, pag. XIV. À la Bibliothèque d'Instruction professionnelle. Lisbonne, 1907).

[2] Joaquim Rasteiro, *Quinta e Palacio da Bacalhôa em Azeitão*. Monographie historico-artistique. Lisbonne, 1895, 8.º Cet ouvrage est complété avec le travail des gravures et des plans par A. Blanc, Lisbonne, 1898; il y a 54 gravures. Le travail d'investigation paléographique est de grande valeur. Mais tout ce qui se rapporte à la critique et à l'histoire de l'art est déplorablement confus, et plein des plus singulières contradictions! Rasteiro a malheureusement engendré des proselytes. Carlos Malheiro Dias a répété ses erreurs (*Commercio do Porto,* feuilleton du 29 Mai 1904) et l'allemand Th. Rogge, qui a figuré parmi nous comme professeur d'une école professionnelle de dessin, a été inventer dans une revue d'art allemande (1896) l'intervention de Andrea Contucci à Bacalhôa. Il n'a pas voulu imiter son compatriote Haupt qui a découvert l'œuvre du grand italien dans le château d'Alvito (Alemtejo) sans jamais y avoir mis les pieds (sic). Nous avons éclairci l'affaire, avec les deux, en allemand, dans l'Introduction et Notes de l'édition allemande des *Dialogos de Pintura* par Francisco de Hollanda publiée à Vienne en 1899 aux frais du governement autrichien. Aucun d'eux n'a daigné nous répondre. Rasteiro a une note suffisante à la pag. XIX de l'essai cité: *A ceramica portugueza,* etc. (Part II, 1907) et dans le texte la réfutation des pag. XVIII à XX. Là même, nous avons signalé l'affinité élective du Domaine des Marquis de Fronteira (Bemfica) avec celui des Albuquerques (pag. XX). V. fasc. 38 de cette publication les gravures de Bemfica.

[3] «Je compte Bacalhôa comme une œuvre de la dernière partie du XVme siècle, commandée par D. Brites, fille de l'infant D. João.» (Rasteiro, pag. 10). Nous aurions donc la période de 1475 à 1500. Que l'on compare avec ce que l'auteur dit plus loin, pag. 26: «Bacalhôa a donc le caractère de transition du vieux au nouvel art du dernier quart du XVme au XVIme siècle.» Enfin une dernière citation curieuse, pag. 46: «Le palais et les autres constructions de Bacalhôa, je le répète, forment un monument de haute signification pour l'histoire des arts en Portugal. Il définit deux périodes distinctes, l'architecture du moyen âge et le style Renaissance. Le genre architectural qui se créa dans le pays n'eut jusque-là aucune influence sur ce que l'on y voit.» Tout cela se borne à des assertions inutiles, accrues par le ton dogmatique avec lequel elles sont déclamées au lecteur.

[4] «Ceux qui observeront attentivement le palais et le domaine de Bacalhôa et les verront minutieusement trouveront dans les édifications *trois époques et leurs influences*. Deux pièces avec des *voûtes ogivales,* restes de l'habitation du temps

As photographias representam a galeria lado norte do Paço que dá para um laranjal (a extensão da ala, incluindo as duas torres, é de 37^{m},40). Está no primeiro plano, mais alto, da quinta (extensão 116^{m},60). N'esse plano vê-se, com a mesma orientação do paço, a Casa das Aguas, tres pavilhões, ligados por arcadas abrindo sobre um lago quadrado (31^{m},90) e, formando angulo recto, uma parede ornada de bellissimos medalhões de faiança polychromica (genero *Della Robbia*). D'ahi corre a agua, com delgada veia agora. Uma extensa avenida, ornamentada com outros medalhões e uma prodigiosa riqueza de azulejos nos alegretes, canteiros, bancos, nichos, etc., liga o Paço á Casa das Aguas, a qual mais ainda do que o edificio principal, constitue um museu de ceramica decorativa incomparavel, que abrange o periodo de 1525-1600. Os grandes medalhões em calcário que realçam as tres arcadas inferiores da ala norte (certamente retratos de familia) são esculpturas de grande valor, revelações de um artista de raça, que tinha diante de si temperamentos heroicos, e se inspirou n'elles.

Castello de Palmella

A proposito de Leiria (fasc. 84) já nos referimos a este grandioso monumento militar, da Ordem de S. Thiago, comparando-o de passagem com o formidavel castello que cinge, qual diadema, a pittoresca cidade do Liz [1]. Ambos são marcos indeleveis da nossa historia, embora a incuria humana os apresente hoje em deploravel estado. Com Palmella a culpa é mais grave, porque existindo ainda hoje a Ordem, embora transformada, competia a el-rei, como Grão-Mestre e a tódos os dignitarios, ricos, remediados e humildes, a guarda, conservação e restauração do monumento.

Que havemos de dizer hoje? Está o convento de Thomar um pouco resguardado dos modernos vandalos; mas a Ordem de Christo, que el-rei D. Luiz tanto desejava reformar, não renasceu com a feição moderna, que o decreto de 1862 imprimiu á Ordem de S. Thiago; nem tambem o monumento da Ordem de Aviz foi salvo da ruina, embora reservassem exclusivamente para a classe militar a insignia do fundador da segunda dynastia.

Titulos antigos, honras novas ou renovadas, mas sem nenhuma responsabilidade moral. *Titre n'oblige pas*... Os dignatarios das Ordens de Christo e Conceição de Villa-Viçosa nem se dignam comparecer nas ceremonias religiosas de maior importancia a que el-rei os convida pelo *Diario do Governo* — e o estatuto os obriga!

O decreto de 31 de outubro de 1862, assignado por el-rei D. Luiz e referendado por Anselmo José Braamcamp, reformou em sentido moderno a ordem: «a qual de hoje em diante se ha de intitular «antiga, nobilissima e esclarecida Ordem de S. Thiago do merito scientifico, litterario e artistico». Tratando das *habilitações* diz: «O assignalado merecimento pessoal e relevantes serviços prestados ás sciencias, ás letras e ás boas artes, tanto em ensino publico, como em obras escriptas e obras artisticas, constituem o unico titulo por que póde ser conferida esta distincção.» E logo em seguida declara que a mercê poderá ser conferida a todos os cidadãos portuguezes, sem excepção de classe, jerarchia ou profissão, uma vez que possuam as qualidades requeridas.

O novo estatuto da ordem creou em quarenta e cinco annos de vida annaes novos, que registam glorias pacificamente conquistadas, perduraveis, com um proveito ideal que o tempo não diminue, antes

---

tas do seculo XV reduz-se ao seguinte: são simples fachas largas, triviaes, do 1.º terço do seculo XVI; a secção ou córte das fachas é rectangular. Para o entendedor basta isto. Concluindo: Vimos uma construcção dos annos de 1525-55, um enxerto italiano n'um tronco nacional, prevalecendo o elemento nacional, mosarabe, mosarabe na planta e na decoração ceramica.

[1] Supunhamos então poder dar o mesmo numero de illustrações para Palmella.

O estudo sobre Leiria (n.º 84), Vizeu (n.º 86) e o presente foram escriptos a seguir, em fins de julho de 1907.

tique, avec un des problèmes les plus obscurs et les plus difficiles, l'intervention de Andrea Sansovino dans la Renaissance portugaise, précisément à l'occasion critique où l'architecture passait, des conceptions purement nationales, à l'imitation des nouveaux modèles italiens, hésitant d'abord, et sans guide éclairé. En 1526 il y en avait déjà un (Diogo de Sagredo). Le sujet et les problèmes qu'il contient ne sont pas ici à leur place. À propos des deux Sansovinos: Andrea et Jacopo, voir l'édition allemande de *Hollanda. Wien*, 1899, et aussi l'édition portug. *Porto*, 1896, pag. 88 et suiv.

Les photographies représentent la galerie nord du palais, qui donnent sur une orangerie (l'étendue de l'aile, comprenant les deux tours est de 37^{m},40). Elle se trouve sur le premier plan, et le plus élevé de la propriété, (étendue 116^{m},60). Sur ce plan on voit, avec la même orientation du palais, la Casa das Aguas, trois pavillons, reliés par des arcades ouvertes sur un bassin carré (31^{m},90) et formant angle droit, un mur orné de magnifiques médaillons en faïences polychromes (genre *Della Robbia*) L'eau coule de là, actuellement en un mince filet. Une longue avenue enjolivée avec d'autres médaillons et une prodigieuse richesse de faïnces sur les plates-bandes, les bancs, les niches, etc., conduit du palais à la Casa das Aguas, laquelle, plus encore que l'édifice principal, est un musée de céramique décorative incomparable, qui comprend la période de 1525-1600. Les grands médaillons en pierre calcaire qui ressortent sur les trois arcades inférieures de l'aile nord (certainement des portraits de famille) sont des sculptures de grande valeur, qui dénoncent un artiste de race, ayant sous les yeux des tempéraments héroïques où il s'est inspiré.

Château de Palmella

À propos de Leiria (fasc. 84) nous avons déjà parlé de ce majestueux monument militaire de l'Ordre de S. Thiago, en le comparant avec le formidable château qui couronne comme un diadème la pittoresque ville du Liz [1]. Ils sont tous deux des signes indélébiles de notre histoire, quoique l'incurie humaine les présente actuellement en un état déplorable. Avec Palmella la faute est plus grave, parce que l'Ordre existant encore, quoique transformé, le roi, comme Grand-Maître et tous les dignitaires, riches, aisés, et humbles, devaient se charger de la garde, la conservation et la restauration du monument.

Que dirons nous aujourd'hui? Le couvent de Thomar est un peu à l'abri des vandales modernes; mais l'Ordre du Christ, que le roi D. Luiz désirait tant réformer, n'a rien gagné avec la forme moderne que le décret de 1862 a donné à l'Ordre de S. Thiago; de même le monument de l'Ordre d'Aviz n'a pas été sauvé de la ruine, quoique l'on ait réservé exclusivement pour la classe militaire, les insignes du fondateur de la deuxième dynastie.

Ce sont des titres anciens, des honneurs nouveaux ou renouvelés mais sans aucune responsabilité morale. *Titre n'oblige pas*. Les dignitaires des Ordres du Christ et de Conceição de Villa Viçosa ne daignent pas même paraître aux cérémonies religieuses les plus importantes où ils sont invités par le roi dans le *Diario do Governo* — et auxquelles les règlements les obligent de faire acte de presence!

Le décret du 31 Octobre 1862, signé par le roi D. Luiz et contre-signé par Anselmo Braamcamp, réforma l'ordre dans un sens moderne: «dorénavant il s'intitulera — ancien, très noble et éclairé Ordre de S. Thiago de mérite scientifique, littéraire et artistique». Parlant des conditions du dignitaire on dit: «Le mérite personnel et les services distingués prêtés aux sciences, aux lettres et aux beaux arts, tant dans l'enseignement public, comme en des travaux écrits et des œuvres artistiques, sont les seuls titres qui peuvent mériter cette distinction». Et il déclare ensuite que la dignité peut être accordée à

---

du grande veneur João Vicente (fonctionnaire de D. João I qui avait pris la propriété à bail) ou du prince D. João, maître de Sant'Iago; palais et enclos fortifiés de sa fille D. Brites; constructions et décoration polychrome de Affonso de Albuquerque.» (Rasteiro, *Quinta*, etc., pag. 19). L'italique est à nous, ainsi que l'explication de la parenthèse. Tout cette histoire de *voûtes en ogive et d'arêtes* du XV^{me} siècle se réduit à ce qui suit: se sont de simples bandes larges, vulgaires du 1er tiers du XVI^{me} siècle; la section ou coupe des bandes est rectangulaire. À bon entendeur cela suffit. En conclusion: Nous avons trouvé une construction des années 1525-55, un greffe italien dans un tronc national, mais l'élément national, mosarabe, a prévalu dans le plan et dans la décoration céramique.

[1] Nous pensions alors pouvoir donner le même nombre de gravures pour Palmella.

L'étude á propos de Leiria (nº 84), Vizeu (nº 86) et celui-ci ont été écrites en se suivant, vers la fin de Juillet 1907.

augmenta; porque a sciencia, a arte, as letras geram dia a dia novos beneficios. As sombras errantes dos velhos cavalleiros heroicos de Alcacer, Mertola e Palmella não deixarão de saudar os seus pacificos, modernos e esclarecidos companheiros, que trocaram a espada pela penna.

Os cavalleiros de S. Thiago não nasceram, como os de Christo, no patrio solo. O seu berço esteve em Castella, a sua séde em Ucles (hoje provincia de Cuenca). Instituida a ordem em 1175, apparece logo depois senhora de Almada e Alcacer. A primeira casa religiosa é em Lisboa, junto da egreja de Santos, depois estabelecem-se os freires em Alcacer, tomada e perdida com vária sorte; mudam para Mertola, onde encontram o inimigo mouro, mais perto; voltam novamente a Alcacer e firmam-se depois em Palmella. No meio d'esta viagem secular que decorre de 1175 até 1442, até á fixação no ultimo castello, no mestrado do infante D. João, quarto condestavel do reino, a ordem prestou os mais assignalados serviços. Basta recordar dous: a lucta tenaz e difficilima, para manter a independencia da ordem portugueza contra o Grão-Mestre de Ucles. A contenda começada em tempo de D. Diniz só acabou no reinado de D. Affonso IV. O segundo facto é a conquista do Algarve sob a direcção do Mestre portuguez Payo Peres Correa, de celebre memoria, feito tão insigne que até na arte da pintura encontrou echo. Uma serie de quadros muito notaveis (1510-1520) da escola antiga portugueza celebra as acções do inclito cavalleiro contra os mouros. Essas taboas existem hoje no Museu Nacional (Lisboa), mas procedem, segundo a tradição, do convento principal da Ordem, junto do Castello.

A unica estampa que representa n'este fasciculo o Castello (ainda assim um mui pequeno fragmento) devia ser completada com uma vista do paço dos freires e outra da egreja conventual, onde repousavam os restos do duque de Coimbra, D. Jorge, mestre das Ordens de S. Thiago e Aviz, fallecido em 1550. Este principe, filho natural e predilecto do grande D. João II, tinha alli um severo, mas formoso monumento sepulchral no estylo da Renascença. Em 1882 ainda encontrámos na pequena arca, collocada n'uma edicula de apurado lavor (como eram outras obras: porticos e capellas, sepulturas e brazões, altares e retabulos de optima cantaria cinzelada), alguns ossos. A arca fôra violada; por toda a parte, na egreja, os signaes de uma devastação brutal, uma apagada e vil tristeza; o ceu azul, unica abobada do templo, como... no de Leiria; o sol inundando de luz as paredes núas, testemunhas de um saque, bradando: justiça! E na villa dos freires, outr'ora opulenta, uma tão grande pobreza que, nem a mais humilde pousada encontrámos, onde por dinheiro matassemos a fome. Fomos deitar pregão pelas ruas (que um rapazinho, munido de uma alcofa, soltava), para combinar os elementos de magrissima merenda. Certa velhinha cozinhou-a particularmente, quasi por esmola; com ella a dividimos, no seu albergue. Isto foi no anno de 1882 da era de Christo, quasi ás portas e á vista de Lisboa!

Alcacer

É uma villa antiga da Ordem de S. Thiago, residencia dos freires durante longos annos. As ruinas formidaveis do seu alcaçar, os templos de Santa Maria do Castello e de S. Thiago ainda revelam as façanhas dos cavalleiros. Hoje, os seus industriosos filhos chamam-lhe Alcacer do Sal, producto que uma população muito activa (uns 10:000 habitantes do concelho) extrae de vastas e ricas marinhas. Situada na margem direita do rio Sado, onde fórma um excellente porto, ligado ao mar, com fundo notavel, mas ainda susceptivel de grandes melhoramentos, tem diante de si um bello futuro, quando o caminho de ferro do valle do Sado valorisar melhor a sua grande producção cerealifera e o commercio da cortiça. Foi patria do celebre mathematico Pedro Nunes (1492-1577), professor em Coimbra e cosmographo-mór do reino. As datas que indicamos para o nascimento e obito são incertas.

Joaquim de Vasconcellos.

tous les citoyens portugais, à quelque classe, position, ou profession qu'ils appartiennent, dès le moment qu'ils possèdent les qualités requises.

Les nouveaux statuts de l'ordre ont créé pendant quarante cinq ans de vie, de nouvelles annales, qui enregistrent des gloires paisiblement conquises, perpétuelles et d'un profit idéal, que le temps ne diminuera pas, et augmentera plutôt, car la science, l'art, les lettres créent tous les jours de nouveaux bienfaits. Les ombres errantes des anciens chevaliers héroïques de Alcacer, Mertola et Palmella, ne sauraient oublier de saluer leurs pacifiques compagnons, modernes et éclairés, qui échangèrent l'épée pour la plume.

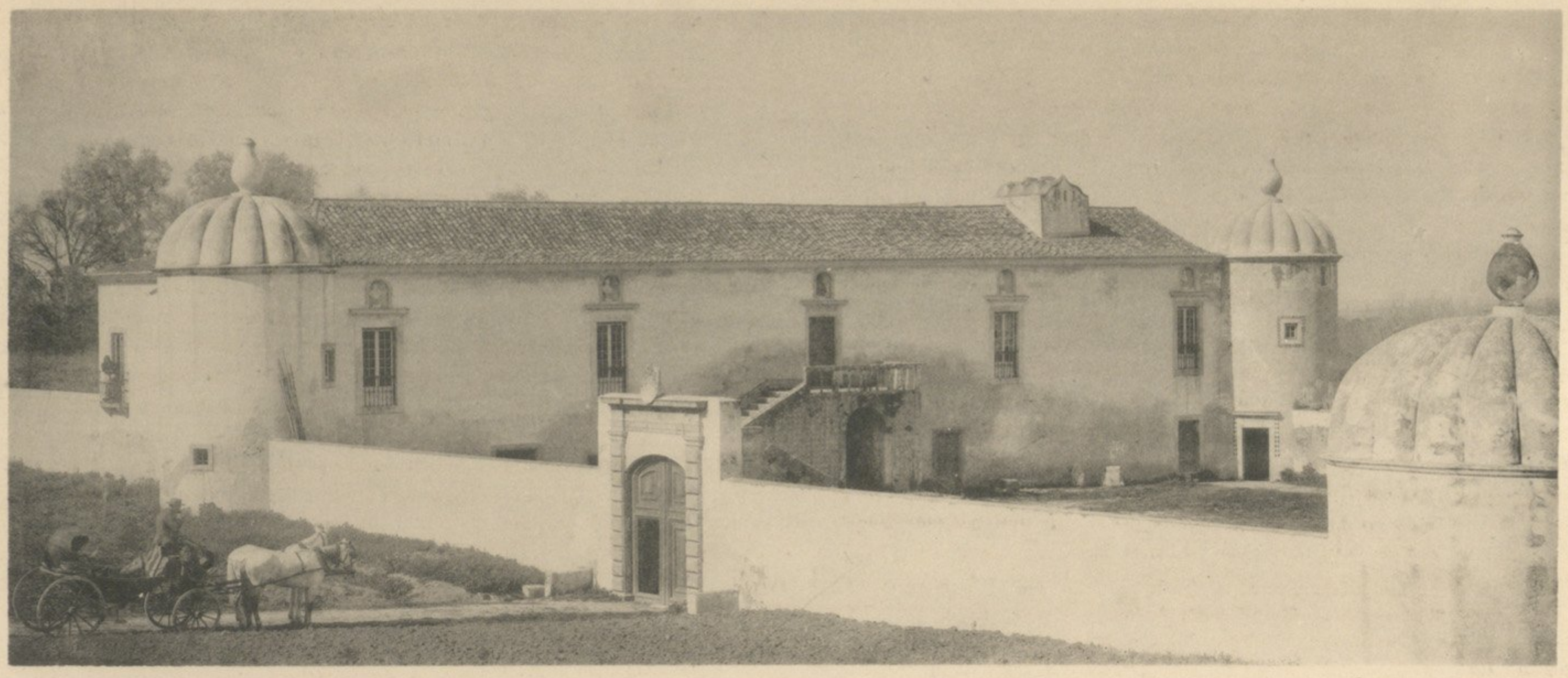
Les chevaliers de S. Thiago ne naquîrent pas dans notre patrie, comme ceux du Christ. Leur berceau était en Castille, leur siège à Ucles (aujourd'hui province de Cuenca). L'ordre, institué en 1175, parait aussitôt souverain à Almada et Alcacer. La première maison religieuse fut à Lisbonne près de l'église de Santos; ensuite les moines s'établirent à Alcacer, qu'ils prirent et perdirent plusieurs fois; ils s'en allèrent après à Mertola, où ils trouvèrent plus près les maures ennemis; ils revinrent de nouveau à Alcacer et se fixèrent enfin à Palmella. Au milieu de ce voyage séculaire qui dura depuis 1175 à 1442, jusqu'à l'emménagement définitif dans ce dernier chateau, pendant la maîtrise de l'infant D. João, quatrième connétable du royaume, l'ordre rendit les services les plus signalés. Il suffit d'en rappeler deux: la lutte tenace et difficile pour maintenir l'indépendance de l'ordre portugais contre le Grand-Maître de Ucles. Le débat commencé au temps de D. Diniz ne finit que sous le règne d'Affonso IV. Le deuxième fait est la conquête de l'Algarve sous la direction du Maître portugais Payo Peres Correia, de célèbre mémoire et si remarquable que la peinture même le trouva digne d'être perpétué. Une série de tableaux de l'ancienne école portugaise, très remarquables (1510-1520) célèbre les actions du courageux chevalier contre les maures. Ces tableaux existent aujourd'hui au Musée National de Lisbonne, mais d'après la tradition ils viennent du couvent principal de l'Ordre auprès du château.

La seule gravure qui dans ce numéro représente le château et (même seulement en une petite partie) devait être completée par une vue du palais des moines et une autre de l'église conventuelle où gisaient les restes du duc de Coimbra, D. Jorge, maître des Ordres de S. Thiago et Aviz, mort en 1550. Ce prince, fils naturel et préféré du grand D. João II, avait là un sévère mais très beau tombeau de style Renaissance. En 1882 dans un petit coffret, placé dans un édicule de précieux travail (comme tous les autres œuvres: portiques, chapelles, tombeaux, blasons, autels, retables, en belle pierre ciselée) nous avons encore trouvé quelques ossements. Le tombeau avait été violé; partout, dans l'église on retrouve les signes d'une dévastation brutale, une tristesse morne et éteinte; la seule voûte du temple est, comme à Leiria, le ciel bleu; le soleil inonde de lumière les murailles nues, temoin d'un tel pillage et semble crier: justice! Et, dans la ville des moines, jadis opulente, la pauvreté est telle, que nous ne trouvons pas même une misérable auberge, où l'on puisse se payer un peu de nourriture. Il a fallu faire la leçon a un gamin qui, avec un panier allait crier de porte en porte quêtant les éléments du maigre repas. Une bonne vieille se chargea de la cuisine, après de longues instances et chez elle nous partageâmes notre dîner. Ceci se passait l'an 1882 de l'ère chretienne, presque dans l'enceinte et vis-à-vis Lisbonne!

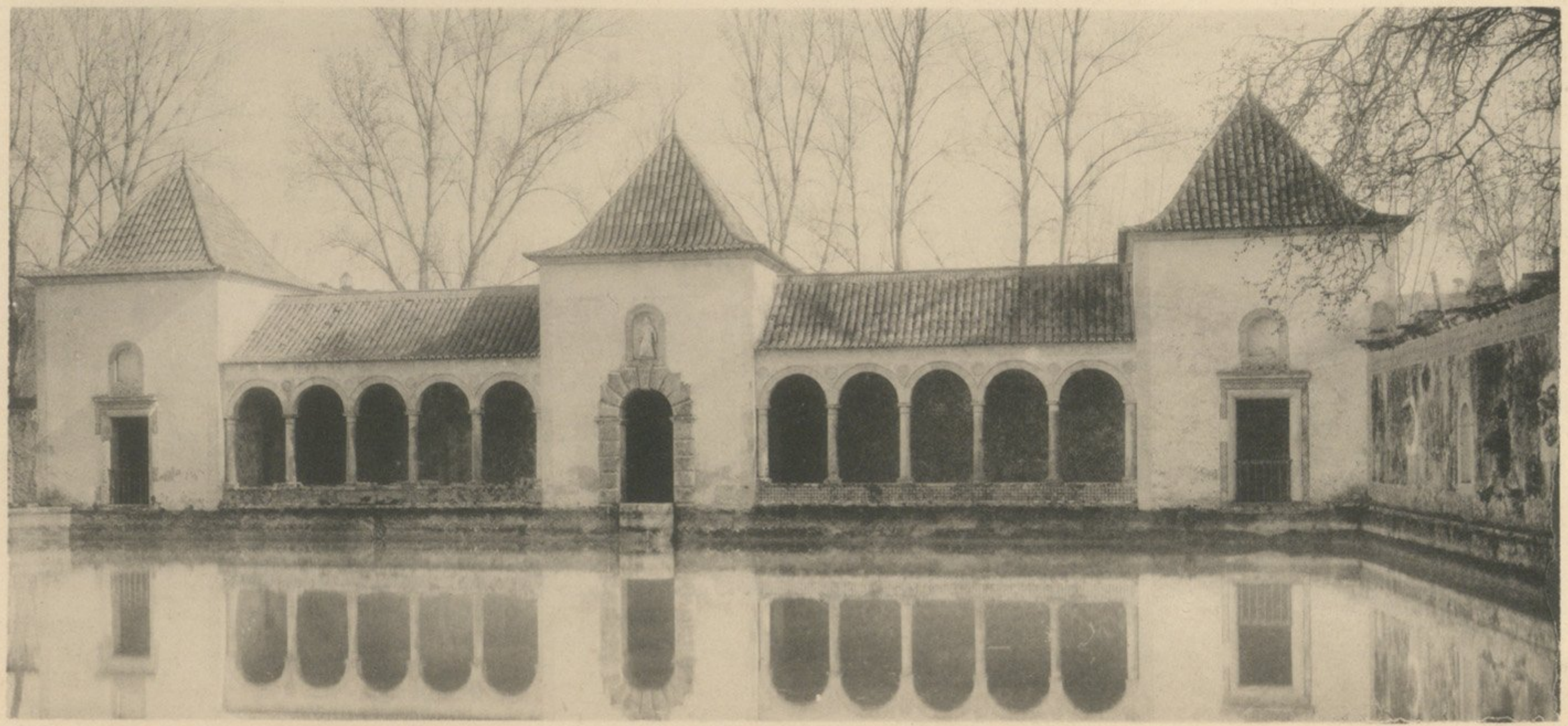
Alcacer

C'est un ancien bourg de l'Ordre de S. Thiago, résidence des moines pendant bien longtemps. Les ruines formidables de son alcazar, les temples de Santa Maria do Castello et de S. Thiago révèlent encore les prouesses des chevaliers. Aujourd'hui les industrieux enfants du pays le nomment Alcacer do Sal (du Sel), produit extrait des vastes et riches salines par une population très active, à peu près 10:000 habitants de la commune. Situé sur la rive droite du Sado où il forme un excellent port, tout près de la mer, avec une profondeur remarquable, le petit bourg susceptible encore de grandes améliorations, a devant soi un riant avenir lorsque le chemin de fer de la vallée du Sado fera augmenter sa grande production de céréales et le commerce du liège. Il a été la patrie du célèbre Pedro Nunes (1492-1577), professeur à Coimbra et premier cosmographe du royaume. Les dates indiquées pour sa naissance et sa mort sont incertaines.

Joaquim de Vasconcellos,



Entrada principal do Paço

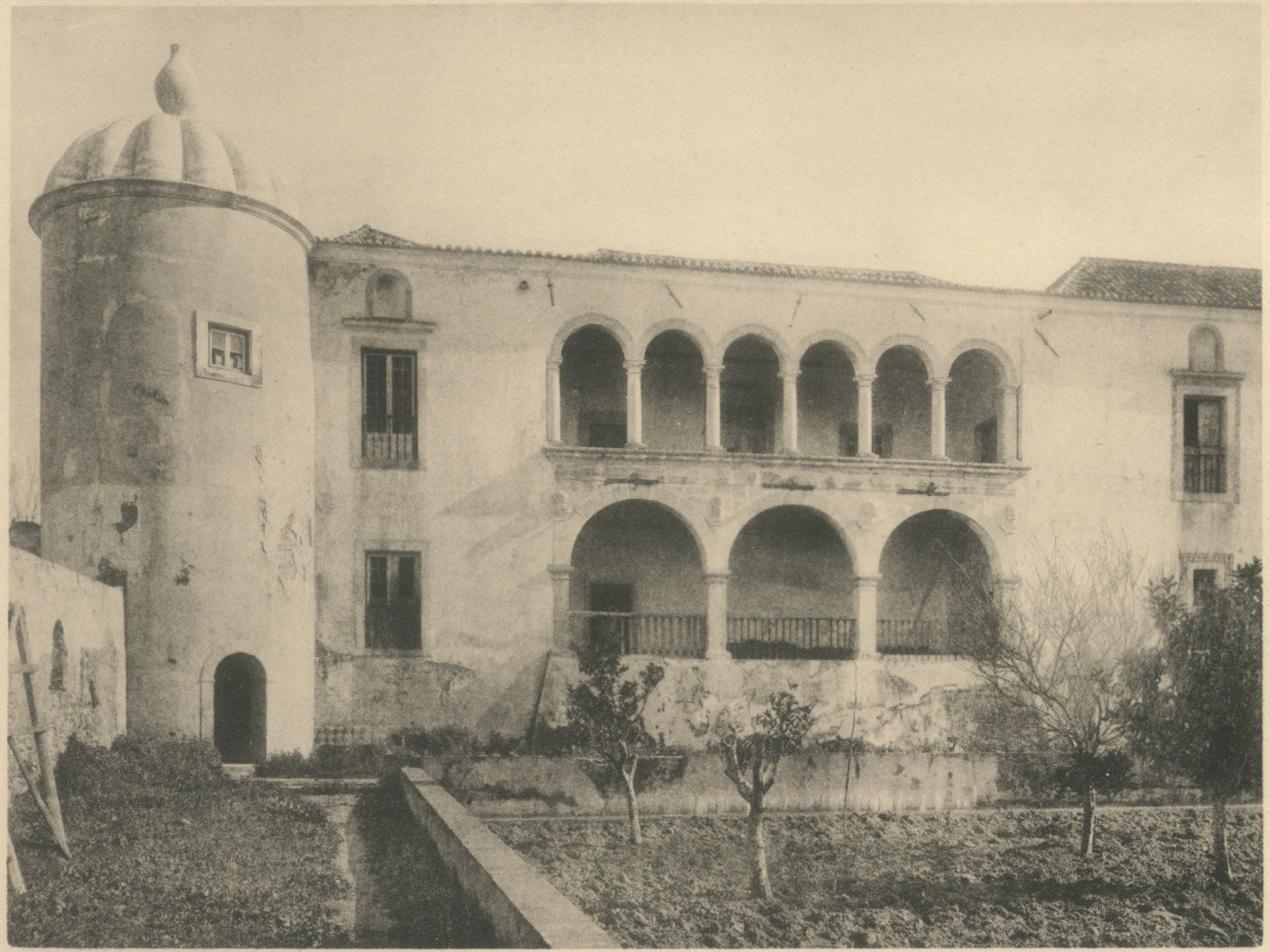


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Casa das Aguas

QUINTA DA BACALHÔA

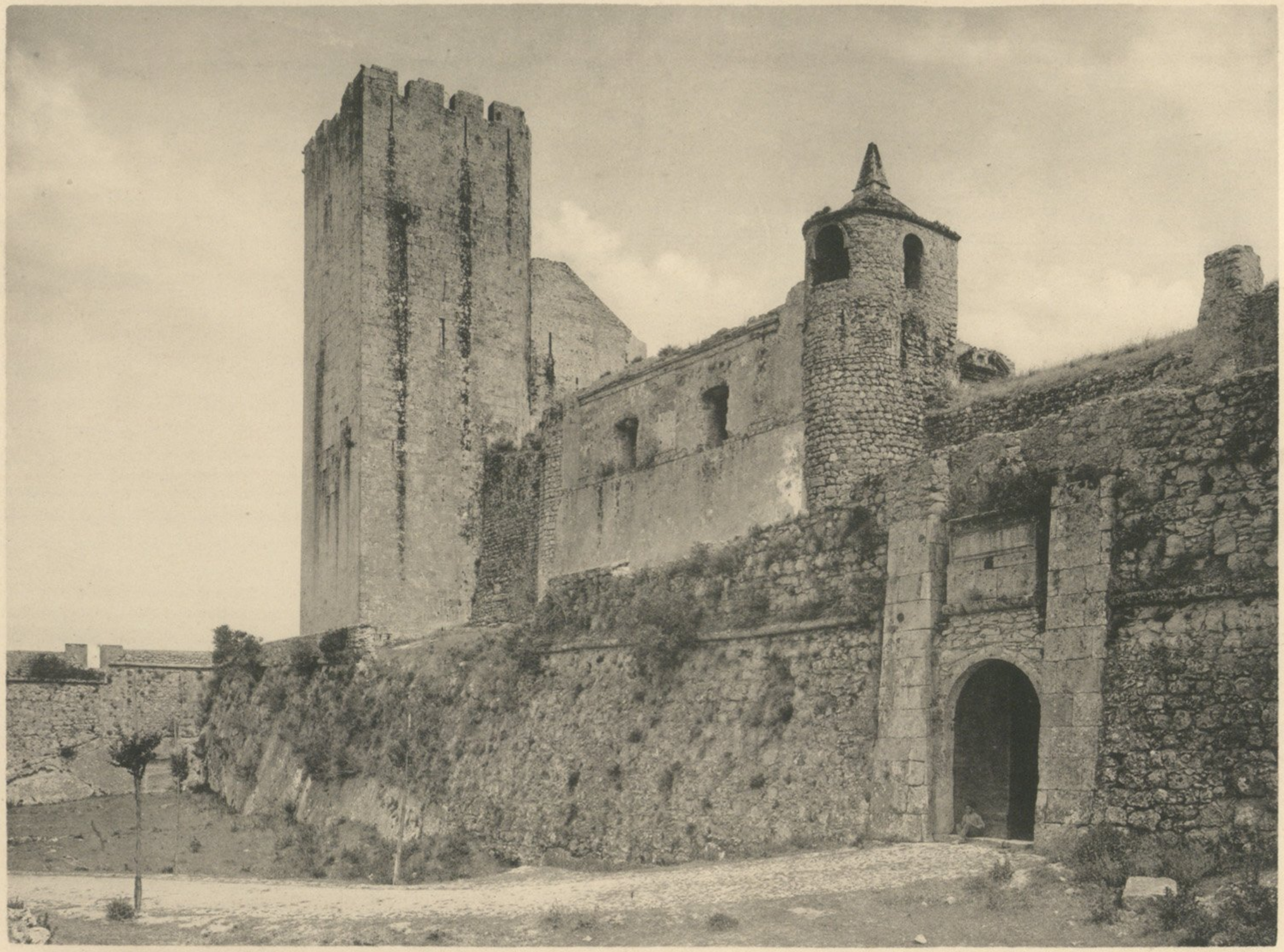


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Galeria do Paço

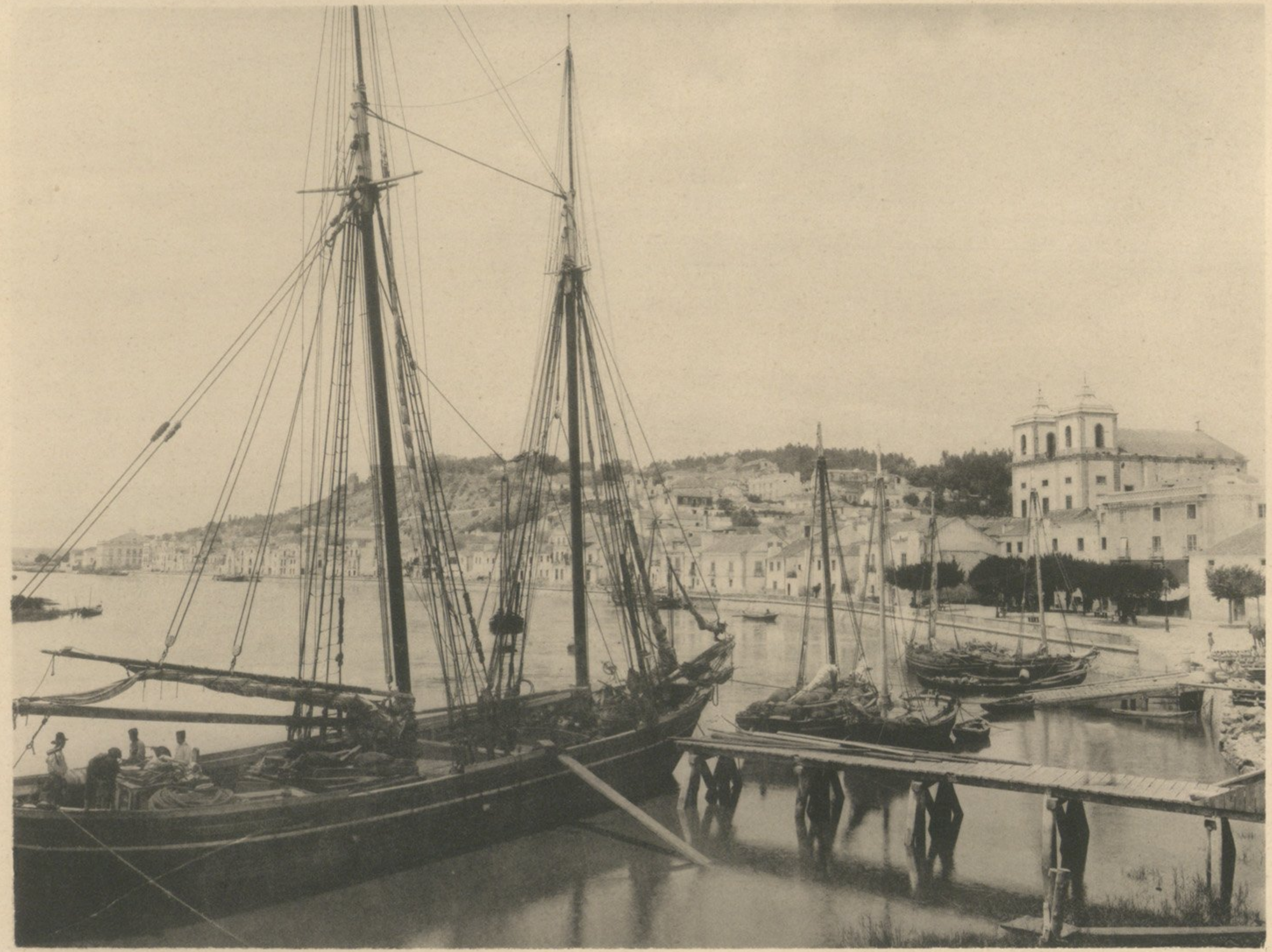
QUINTA DA BACALHÔA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Entrada e torre de Menagem de Castello
PALMELLA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Vista geral

ALCACER DO SAL

Algarve

Silves

Já em artigos anteriores me tenho referido a Silves, uma das mais antigas cidades do Algarve, fallarei hoje um pouco mais particularmente d'essa vetusta povoação.

Não é completamente conhecida a sua origem, nem podemos tambem explicar a do nome da povoação, se vem do grego *sileus* se do latim *silvis*. Basta-nos saber que já era conhecida e tinha certa importancia no tempo da invasão e conquista muçulmana.

Transformado o seu nome pelos fanaticos islamitas em Chelb, parece que cedo os seduziria a sua posição, de certo encantadora n'essa época.

Um cabeço elevado com uma chapada de certa amplidão, correndo-lhe ao sopé um rio sereno de aguas crystallinas, que, serpenteando por meio de uma veiga ridente, se vae alargando até vir confundir-se com o mar, onde fórma um porto abrigado e de sufficiente capacidade, era recinto agradavel para attrahir as attenções dos voluptuosos companheiros e successores de Musa e Taric.

A primeira noticia que temos da passagem d'aquelles em terras do Algarve de Hespanha, foi na entrada de Musa-ben-Noseir, em seguida á de Taric, que se havia dirigido a Toledo. Depois das desordens que occasionou a vinda á Hespanha dos caudilhos Baleg-ben-Baxir e Taalaba-ben-Salema, quando Hussein-ben-Dhirar, Abulchatar tomou posse do emirado, e pacificou a peninsula, repartindo as suas terras por varias tribus pelos annos 125 da egira (742 de Christo), couberam as dos districtos de Ossónoba e Beja aos do Egypto e primeiros arabes valedís, sendo portanto estes quem começou a repovoação do Algarve.

N'este tempo ainda não achamos menção de Silves, nem tão pouco, quando por 729 ou 30 o emir Iussuf-el-Fehri dividiu a Hespanha em cinco provincias, posto que devia ser já conhecida. Depois de aclamado rei Abderraman-ben-Moauia em 755, passados oito annos, quando o vali de Cairuan Ali-ben-Mogueith desembarcou nas costas do Algarve com o fim de reconquistar a peninsula para o califa do oriente e expulsar d'ella o novo rei intruso, como lhe chamavam, este, reunindo a cavallaria de Cordova e de suas comarcas, marchou rapidamente para o Algarve, onde aquelle já se havia internado, e discorrendo por Cacela, Ossónoba, Chelb (*Silves*) até Mertola, onde deviam reunir-se as forças de Merida, veio a dar a importante batalha de Beja, onde o vali foi derrotado e morto.

É então que vemos mencionada pela primeira vez aquella cidade, que já devia ter bastante importancia, para concorrer com as suas gentes a engrossar as hostes do novo rei.

Não nos cabe nem seria facil seguir o desenvolvimento da forte cidade durante todo o periodo da dominação muçulmana. Nos derradeiros annos do reinado de Hescham el Motad-Bila, o ultimo dos Omiadas, começando varias cidades e provincias a rebelar-se, vemos entre ellas Chelb e Ossónoba por 1024 ou 1030.

Depois do esfacelamento do califado tomou Silves maior importancia, já com certa independencia, já sujeita aos reis de Badajoz e de Sevilha.

Tiveram então bastante celebridade os seus palacios, os seus jardins adornados de todos os encantos que a natureza e a arte n'elles accumulava. Não devia ser muito inferior a sua policia a Sevilha, a côrte dos Beni-Abed, visto que uma celebre dama, natural de Silves, Mirian, foi convidada para ir leccionar as donzellas da sultana do Guadalquibir em sciencias e poesia; e o rei Almotadid enviou o seu filho querido e successor Almotamed ao Algarve, onde, tomando posse de Santa Maria de Haron (Faro) e de Silves, n'esta forte cidade veio a gozar os annos mais deliciosos e ditosos da sua vida.

Nos embates successivos por que passou a peninsula durante os seguintes periodos da dominação muçulmana, seguíra Silves a sorte das outras povoações do Algarve. Primeiro vergada ao jugo aspero dos ferozes almorávides, depois sob o dos mais illustrados almóhades, caindo então em poder de D. Sancho I de Portugal em 1189, auxiliado por uma frota de cruzados que passavam para a Terra Santa. Não podia, porém, conservar-se tal conquista no meio de uma região dominada ainda toda pelos muçulmanos, e por isso logo que a noticia de tal desastre chegou ao conhecimento do emir Jacub, que tinha voltado á Africa para subjugar alguns rebeldes, estranhando a incuria dos seus caudilhos da

Algarve

Silves

Dans d'autres articles précédents je me suis déjà occupé de Silves, comme d'une des plus anciennes villes de la province de l'Algarve, et j'en parlerai aujourd'hui un peu plus spécialement.

Son origine n'est pas complètement reconnue, et nous ne saurions non plus expliquer celle du nom de la localité, s'il vient du grec *sileus* ou du latin *silvis;* mais il nous suffit de savoir qu'elle était déjà connue et avait une certaine importance au temps de l'invasion et de la conquête musulmane.

Son nom transformé en Chelb par les fanatiques islamites, ils furent bientôt séduits par sa position, assurément charmante à cette époque.

Un coteau élevé dominé par un plateau assez vaste; au pied de la montagne, une rivière tranquille aux eaux limpides, serpentant comme un ruisseau verdoyant qui s'élargit jusqu'à se confondre avec la mer, où il forme un port abrité et suffisamment ample, tout cela composait un ensemble assez attrayant pour les voluptueux compagnons et successeurs de Musa et Tarik.

La première notion que nous avons de leur passage dans les régions de l'Algarve d'Espagne, a été l'entrée de Musa-ben-Noseir, après celle de Tarik, qui s'était dirigé vers Toledo. Après les désordres occasionnés en Espagne par la venue des chefs de guerre Baleg-ben-Baxir et Taalaba-ben-Salema, lorsque Hussein-ben-Dhirar, Abulchatar prit possession des domaines de l'émir et pacifia la péninsule, partageant les terres en diverses tribus vers les années 125 de l'hégire (742 de l'ère Chrétienne), les districts de Ossónoba et Beja appartinrent aux Egyptiens et premiers arabes *valedís,* et ce furent donc ceux-ci qui commencèrent la repopulation de l'Algarve.

Cependant à cette époque nous ne trouvons pas encore qu'on fasse mention de Silves, ni même, lorsque vers 729 ou 30, l'émir Iussuf-el-Fehri divisa l'Espagne en cinq provinces, quoique cette localité devait alors être déjà connue. Après l'avènement du roi Abderraman-ben-Moauia en 755, passé huit ans, lorsque le vali de Cairuan Ali-ben-Mogueith débarqua sur la côte de l'Algarve afin de reconquerir la Péninsule pour le calife d'Orient et en chasser le nouveau roi intrus, comme on le nommait, celui-ci, réunissant la cavalerie de Cordoue et de ses communes, marcha rapidement sur l'Algarve, où l'autre s'était déjà rendu, et, passant par Cacela, Ossónoba, Chelb (Silves) jusqu'à Mertola, où devaient se réunir les troupes de Merida, ils livrèrent la fameuse bataille de Beja, où le vali fut vaincu et mort.

C'est alors que nous voyons parler pour la première fois de cette ville, qui devait déjà avoir une certaine importance, puisque ses habitants furent augmenter les armées du nouveau roi.

Il ne nous appartient pas, et même il ne serait guère facile de suivre le développement de la puissante ville pendant toute la période de la domination musulmane. Dans les dernières années du règne de Hescham el Motad-Bila, dernier des Omiades, nous trouvons, vers les années 1024 ou 1030, quelques villes et provinces qui commençaient à se rébeller, entre autres Chelb et Ossónoba.

Après le morcellement des domaines du calife, Silves acquit plus d'importance, avec une certaine indépendance, déjà soumise aux rois de Badajoz et de Séville.

Ses palais eurent alors assez de célébrité, avec leurs jardins ornés de tous les charmes que la nature et l'art y prodiguaient. Son gouvernement ne devait pas être bien inférieur à celui de Séville, la cour des Beni-Abed, car une dame célèbre, naturelle de Silves, nommée Mirian, fut invitée à aller enseigner les sciences et la poésie aux demoiselles de la sultane du Guadalquibir; le roi Almotadid envoya son fils chéri et successeur Almotamed, en Algarve, et celui-ci prenant possession de Santa Maria de Haron (Faro) et de Silves, s'installa dans cette ville et y passa les plus heureuses et délicieuses années de sa vie.

Dans les luttes successives qui sévirent sur la péninsule pendant les périodes suivantes, de la domination musulmane, Silves avait subi le sort des autres localités de l'Algarve. Courbée d'abord sous le joug âpre des féroces Almoravides, ensuite, sous celui des almohades plus civilisés, elle tomba enfin en 1189 au pouvoir de D. Sancho I de Portugal aidé par une flotte de croisés qui passaient pour aller fronteira de Andaluzia, lhes ordenou que se fizessem prestes para a reconquista do Algarve, que em breve viria unir-se a elles, o que elles executaram com prospero exito, antes da sua chegada.

Depois de varias peripecias e tentativas de concentração muçulmana, conservaram-se, ainda por mais de cincoenta annos varios reinos, no sul da peninsula, sendo um d'elles o de Silves. Mas a hora final havia soado para elles. A conquista definitiva d'esse ultimo baluarte do islamismo em terras portuguêsas veio a realizar-se em 1248, primeiro do reinado do pouco escrupuloso Affonso III. Os antigos historiadores encheram de lendas o periodo d'essa conquista, mas parece que Mohamed-ibn-Mafot, ultimo rei de Silves, entregou a cidade por um convenio, concedendo-lhe o rei de Castella um dominio em Niebla, como se infere de varios documentos bem conhecidos.

A reconquista christã não trouxe melhoria alguma aos povos algarvios, salvo no tocante á tranquillidade e paz, quanto ao mais tanto a cultura intellectual, como a do solo deveram resentir-se, retrogradando de modo, que só a pouco e pouco tem melhorado lentamente.

Dos edificios que ennobreciam Silves nada resta. Ostentam-se, porém, no alto da cidade, affrontando o vandalismo de muitas gerações, parte das grossas muralhas do velho castello, e o corpo principal da antiga cathedral, apesar da séde do bispado haver sido transferida no meado do seculo XVI para Faro.

Agora novos edificios vão melhorando as feições da cidade, como os paços do concelho, a Misericordia, as fabricas consideraveis de cortiça, industria hoje alli muito desenvolvida que occupa centenares de braços. É este o principal ramo da riqueza da cidade, a que devemos juntar os productos agricolas, nomeadamente as fructas, em que tem a primazia a deliciosa laranja.

O caminho de ferro, durante tantos annos desejado, e que só ha pouco se approximou da velha cidade, deve dobrar-lhe a animação e a vida, dando mais facil desenvolvimento á sua industria e commercio.

Mostram as nossas gravuras o aspecto, ainda hoje majestoso, da antiga cathedral, apesar dos estragos do tempo e das convulsões sismicas, e alli se conservam algumas sepulturas dos antigos bispos e de cavalleiros de grande renome outr'ora.

Cruz de Portugal

A cerca de 400 metros da entrada de Silves encontra-se um monumento curioso, que não póde deixar de despertar a attenção do viandante. É um lindo e soberbo cruzeiro de pedra lavrada conhecido pela designação de *cruz de Portugal*.

D'onde lhe vem a designação, por quem, por que motivo e em que tempo foi alli erguido, ignoramol-o. Não está na raia dos dois reinos de Portugal e Algarve, embora se levante a poucas leguas d'ella; o facto, porém, é que alli existe, e assim é conhecido.

Attribue-se-lhe grande antiguidade; mas se alli foi erguida alguma cruz desde o tempo da conquista, deve essa ter desapparecido, talvez por effeito de ruina, e sido substituida pelo formoso cruzeiro, que hoje contemplamos.

Segundo parece, a notavel cruz ostentava-se com soberba elegancia sobre aquelle local; trabalhos de terreplanagens e aterros entulhavam o terreno, ficando então o monumento, como que enterrado. Parece que ultimamente se desobstruiu um tanto o sitio, e a cruz está mais desaffrontada.

Compõe-se o monumento de um fuste, lavrado em guisa de madeiro, que rompe de dois toscos degraus, que lhe servem como que de plintho. A certa altura tem uma especie de nó, d'onde se levanta a cruz.

Esse nó tem nas faces, verticalmente inferiores ao plano dos braços da cruz, dois escudetes oppostos, e nas outras duas faces que com ellas cruzam, apresenta umas especies de frestas gothicas, por baixo e por cima ornadas de certas molduras.

Sobre o nó levanta-se a cruz floreteada, lindamente cinzelada, tendo em uma das faces o divino Jesus crucificado, e na opposta a *Mater Dolorosa,* tudo em alto relevo.

A estructura, o lavor e a ornamentação d'este famoso cruzeiro, um tanto semelhante a alguns outros que se encontram no paiz, está denunciando um trabalho artistico posterior á época de D. João I, em plena vigencia do gothico florido.

Quiz-me parecer que o fuste houvesse partido por algum d'esses abalos, que tantas vezes tem ar-

en Terre Sainte. Cependant cette conquête ne pouvait se conserver, au milieu d'une région encore totalement dominée par les musulmans; ainsi, lorsque la nouvelle d'un tel désastre parvint à la connaissance de l'émir Jacub, qui était retourné en Afrique pour subjuguer quelques rebelles, celui-ci, étonné de la négligence de ses chefs de guerre des frontières de l'Andalousie, leur ordonna de courir prestement à la reconquête de l'Algarve, promettant de venir bientôt les rejoindre, mais avant son retour, l'opération était exécutée avec un plein succès.

Après diverses péripéties et tentatives de concentration musulmane, quelques royaumes subsistèrent encore, pendant plus de cinquante ans, au sud de la péninsule; l'un d'eux fut celui de Silves. Mais la dernière heure avait sonné pour eux. La conquête définitive de ce dernier rempart de l'islamisme sur la terre portugaise se réalisa enfin en 1248, première année du règne du peu scrupuleux Affonso III. Les anciens historiens ont rempli de légendes la période de cette conquête, mais il paraît que Mohamed-ibn-Mafot, dernier roi de Silves, rendit la ville par un traité, dans lequel le roi de Castille lui accordait un domaine à Niebla, ainsi que l'attestent quelques documents bien connus.

La reconquête chrétienne n'apporta aucun bienfait aux peuples de l'Algarve, sauf au point de vue de la tranquillité et de la paix; quant à la culture intellectuelle et à celle du sol, elles dûrent s'en ressentir, et rétrogradèrent de telle manière, qu'elles ne se sont améliorées que peu à peu et très lentement.

Il ne reste rien des édifices qui ennoblissaient Silves. Mais sur la partie la plus élevée de la ville, bravant le vandalisme de plusieurs générations, on voit encore une partie des grosses murailles du vieux château et le corps principal de l'ancienne cathédrale, quoique le siège de l'évêché ait été transféré à Faro, vers le milieu du XVI^{me} siècle.

Actuellement l'aspect de la ville a beaucoup gagné avec les nouveaux édifices de l'Hotel de ville, et de la Miséricorde, de considérables fabriques de liège, industrie aujourd'hui très développée, qui occupe des centaines de bras. C'est la principale source de richesse de la ville et l'on doit y ajouter les produits agricoles, surtout les fruits, dont la primauté revient aux délicieuses oranges.

Le chemin de fer, si longtemps désiré, n'est arrivé que dernièrement aux environs de la vieille cité et doit redoubler son entrain et sa vie, donnant un plus grand développement à son industrie et à son commerce.

Nos gravures montrent l'aspect encore grandiose de l'ancienne cathédrale, malgré les outrages du temps et les convulsions sismiques, et l'on y trouve encore quelques tombeaux des anciens évêques et de personnages autrefois très renommés.

La Croix de Portugal

À 400 mètres à peu près de l'entrée de Silves se trouve un monument curieux, qui ne passe pas inaperçu au voyageur. C'est une belle et altière croix, en pierre sculptée, connue sous le nom de *croix de Portugal.*

D'où lui vient cette désignation, par qui, pour quelle raison et à quelle époque a-t-elle été élevée? Nul ne le sait. Elle n'est placée sur la limite d'aucun des royaumes, ni du Portugal ni de l'Algarve, quoiqu'elle soit à peine à quelques lieues de la frontière; mais, le fait est, qu'elle se trouve à cet endroit et on la désigne comme du Portugal.

On lui attribue une grande antiquité; toutefois si on a élevé là quelque croix depuis le temps de la conquête, elle doit avoir disparu, peut-être ruinée, étant remplacée par celle que nous voyons actuellement.

À ce qu'il paraît, la remarquable croix s'étalait avec une superbe élégance en ce lieu; des travaux de terrassement et de remblai encombraient le terrain, et le monument était à peu près caché. Dernièrement on a un peu dégagé l'emplacement, et la croix est tout à fait en vue.

Elle se compose d'un fût, travaillé comme une buche, sortant de deux grossières marches, qui lui servent de plinthe. À une certaine hauteur, il y a une espèce de nœud d'où s'élève la croix.

Ce nœud a, sur les faces verticalement inférieures au plan des bras de la croix, deux petits écussons, et, sur les deux autres faces, des espèces de lucarnes gothiques ornées de moûlures en haut et en bas.

ruinado os nossos monumentos, e que o que se vê alli hoje, e que seria replantado após o provavel cataclismo, é apenas uma parte d'elle.

Foi esta a impressão que senti ao contemplal-o, sem que tenha a pretensão de affirmar que esta impressão constitua uma verdade.

Em todo o caso este bellissimo monumento que os silvenses devem conservar e proteger contra todas as offensas dos tempos e dos homens, é digno de ser visto e admirado.

Olhão

Ha cerca de dois seculos o bispo do Algarve D. Simão da Gama, encontrando n'essa localidade um certo ajuntamento de pescadores entregues ás fainas do mar, considerando quanto era conveniente conservar esse nucleo de trabalhadores, para augmentar o numero das povoações da costa algarvia, erigiu esse agrupamento em parochia, separando-a de Quelfes, para cujo effeito fez levantar alli uma egreja.

Previu bem o illustre prelado. A sua ideia fecundou. A pequena freguezia foi crescendo, desenvolvendo-se, e os seus habitantes, todos, em geral pescadores, foram-se aventurando cada vez mais no mar.

Os successos politicos do ultimo quartel do xviii seculo, em que fôra creada a pequena povoação, vieram auxiliar poderosamente o seu feliz progredimento.

Nem tudo, porém, são flôres não só na nossa existencia, como na vida dos povos, por mais pacificos e laboriosos que sejam. As luctas politicas da primeira metade do xix seculo vieram affectar um tanto a tranquillidade e progresso da nova villa.

Povo trabalhador e ousado, pendia naturalmente para o systema liberal e democratico recentemente implantado no paiz; por isso desde que rebentou a reacção absolutista de 1828, os olhavenses, sempre sectarios das novas ideias, tiveram que soffrer as consequencias da sua orientação politica. De 1828 a 1834 em constante hostilidade com a predominancia reaccionaria, houveram de sustentar cruenta lucta contra as hostes do absolutismo, tendo padecido inclemencias e grandes prejuizos. A esses males veio accrescentar-se ainda a devastação infligida pela terrivel epidemia da colera morbus, o que tudo produziu uma diminuição consideravel na industriosa villa.

Encerrado, porém, aquelle triste parenthesis do desenvolvimento olhavense, quebradas as cadeias do despotismo e firmada a liberdade politica, soltou de novo Olhão as suas velas á aragem do progresso, e hoje ao cabo de dois seculos apenas, é uma das villas mais florescentes e populosas do paiz. O numero de seus habitantes regula por dez mil almas.

Á borda do mar, assentada sobre uma praia arenosa, em dilatada planicie, elevando-se suavemente para o interior, só tem a receiar os éstos ou enchentes extraordinarias, já até descriptas por Estrabão, e que algumas vezes tem chegado a inundar parte da villa.

Tem boa agua. Os seus territorios produzem boas hortaliças, excellentes fructas, incluindo a batata doce. É abundante de vinhas, figueiras e alfarrobeiras, que servem para o sustento publico e exportação. A sua riqueza principal provém do mar.

O seu pescado é abundante de pargos, gorazes, corvinas, pescadas, cachuchos, sardinha, atum, etc.

Hoje, além de edificios particulares de alguma importancia, ennobrecem a villa varias fabricas de preparação do peixe em conserva, principalmente de sardinha, a fonte principal da sua riqueza.

A vegetação é opulenta, os homens são robustos e as mulheres, em geral, formosas e bem formadas.

Villa Real de Santo Antonio

Sobre a margem direita do Guadiana existia desde tempos antigos uma povoaçãosinha denominada de Santo Antonio de Arenilha. Não se sabe porque se foi obliterando esse logarejo; consta porém que já no ultimo quartel do seculo xvii, havia apenas memoria entre os anciãos d'aquelles sitios, da sua existencia pela noticia que d'elle tinham ouvido aos seus velhos antepassados.

É de crêr que pelo avantajado proveito que produziam as pescarias de Montegordo, os habitantes do antigo logar o fossem abandonando a pouco e pouco e se fossem passando áquelle, caindo o primeiro em completo anniquilamento.

Sur le nœud s'élève la croix fleuronnée, délicieusement ciselée, ayant sur l'une des faces le divin Jésus crucifié, et du côté opposé la *Mater Dolorosa,* en superbe relief.

La construction, le travail et l'ornementation de cette belle croix un peu semblable à quelques autres que l'on trouve dans le pays, révèlent une œuvre artistique postérieure à l'époque de D. João i, en pleine existence du style gothique fleuri.

Il m'a semblé que le fût se serait brisé lors d'un de ces tremblements de terre qui ont ruiné tant de nos monuments, et que celui que l'on y voit actuellement est à peine un fragment replanté après la catastrophe probable.

C'est l'impression que j'ai ressentie en l'observant, quoique je n'aie pas la prétention que cette idée soit la véritable.

Quoiqu'il en soit, le magnifique monument mérite d'être conservé et protégé par les habitants de Silves, contre les outrages du temps et des hommes, et il est digne d'être visité et admiré.

Olhão

Il y a à peu près deux siècles, l'évêque de l'Algarve D. Simão da Gama, trouvant dans cet endroit un certain nombre de pêcheurs qui se livraient au labeur de la mer; pensant qu'il serait convenable de conserver ce noyau de travailleurs, afin d'augmenter le nombre de localités de la côte *algarvia,* il fit ériger en faveur de ce groupe d'habitants une paroisse, qu'il sépara de Quelfes, et y fit élever une église.

L'insigne prélât avait bien prévu que son idée serait profitable. La petite paroisse prospéra, se développa et ses habitants, presque tous pêcheurs, se hasardèrent de plus en plus sur l'océan.

Les évènements politiques de la dernière partie du xviiime siècle, époque de la fondation de la petite localité, vinrent aider puissamment son heureux développement.

Mais, tout n'est pas rose dans la vie, de même que dans l'existence des peuples, quelles que soient leurs tendances pour la tranquillité et le travail. Les luttes politiques de la première moitié du xixme siècle, vinrent affecter à un certain point les progrès de la nouvelle ville.

Le peuple, hardi et laborieux, penchait naturellement vers le système libéral et démocratique récemment introduit dans le pays; donc, aussitôt qu'éclata la réaction absolutiste de 1828 les habitants d'Olhão, toujours sectaires des nouvelles idées, eurent à souffrir les conséquences de leur orientation politique. De 1828 à 1834 ils furent en constante hostilité avec la prépondérance réactionnaire, et dûrent soutenir une lutte cruelle contre les armées absolutistes, qui leur infligèrent toute sorte de vexations et de graves préjudices. À ces maux il fallût encore ajouter la dévastation produite par la terrible épidémie cholera-morbus; tout cela se réunit pour produire une grande décadence dans le bourg si travailleur.

Mais après cette triste parenthèse dans son développement, lorsque les chaînes du despotisme furent brisées et la liberté politique se trouva raffermie, Olhão déploya de nouveau ses voiles au souffle du progrès, et actuellement, malgré son existence d'àpeine deux siècles, c'est un des bourgs les plus florissants et populeux du pays, et sa population compte à peu près dix mille âmes.

Au bord de la mer, situé sur une plage sablonneuse, et sur une plaine étendue, qui s'élève en pente très douce vers l'intérieur, il n'a à craindre que les reflux et les crues extraordinaires, déjà décrits par Estrabon, et qui parfois ont inondé une partie du bourg.

L'eau y est excellente; les terrains produisent de beaux légumes, des fruits magnifiques, y compris les patates. On y trouve aussi d'abondants vignobles, des figuiers et des caroubiers, qui servent pour la nourriture publique et l'exportation. La principale richesse vient de la mer.

La pêche est superbe et variée; les brochets, brêmes, merluches, sardines et le thon y abondent.

Aujourd'hui, outre des édifices particuliers assez importants on trouve à Olhão diverses fabriques de conserves de poisson, surtout de sardines, source principale de richesse de l'endroit.

La végétation est splendide, les hommes sont beaux et les femmes généralement bien faites et très jolies.

Villa Real de Santo Antonio

Sur la rive droite du Guadiana il y avait autrefois une petite localité nommée Santo Antonio de Arenilha. On ne sait pas comment a disparu ce village, mais il parait que déjà, vers la fin du xviime

Assim essa margem direita do rio achava-se por consequencia desprovida de povoação desde Castro Marim até Alcoutim, em tanto que a margem opposta, da nossa visinha Hespanha, estava mais bem guarnecida, ostentando em local intermedio a formosa villa de Aiamonte. Esta não só era um ponto regularmente fortificado, mas um centro commercial de certa importancia, sendo um verdadeiro interposto das relações dos dois paizes.

O Marquez de Pombal havendo reconhecido, durante a guerra de 1762, estas circumstancias, sabendo da existencia outr'ora da povoação de Santo Antonio de Arenilha, teve a ideia de levantar em frente de Aiamonte uma villa. Pensar e executar era a caracteristica d'aquelle cerebro potente. Logo fez elaborar o respectivo plano, reuniu os elementos indispensaveis para o complemento de tal projecto, e em breve, no largo areal sobre o qual adejavam as gaivotas e os alcatrazes, se erguia uma villa regular e bem assente, com o cunho da sobriedade e alinhamento que distingue as creações pombalinas. É um verdadeiro resumo da *baixa* de Lisboa.

Uma praça rectangular ao centro, em uma de cujas faces se ergue o edificio municipal, e da qual partem ruas largas que se cruzam e cortam em angulo recto, eis a feição geral da povoação que recebeu o nome de Villa Real de Santo Antonio. Estrondosas foram as festas da sua inauguração; mas o grande marquez não pôde vêr o resultado da sua creação.

Decorridos pouco mais de dois annos depois da inauguração da villa, finava-se o rei D. José, e com elle affundava-se o genio e o poderío do seu grande ministro. Quanto valia o gigante, reconhece-se nas obras dos pigmeus que o substituiram.

O estabelecimento e desenvolvimento das minas de S. Domingos, a creação de uma carreira de vapores entre Lisboa e os portos do Algarve, cujo *terminus* é Villa Real, a carreira diaria de barcos d'esta natureza entre esta villa e Mertola, e a fundação de varias fabricas de conserva de peixe na villa, deram a esta uma importancia e progresso que não seria facil augurar muitos annos antes.

Assente, como dissemos, n'um vasto areal, que lhe permitte desdobrar-se, se não offerece aos olhos o porte ridente e engraçado da fronteira Aiamonte, contenta-se com a sua firmeza e solida pujança. Cercada de hortas e fazendas extensas, muito bem tratadas, que durante uma legua ou mais verdejam com primor luxuriante, é abundosamente provida com os saborosos e sadios productos d'ellas.

Pela parte do rio, ao seu extenso caes aporta com frequencia uma infinidade de barcos de varias denominações portuguêses e hespanhoes, além dos grandes vapores que vêm receber os seus productos perfeitamente fabricados e convenientemente acondicionados.

Alli se encontra tambem uma formosa praça de peixe, com todos os melhoramentos modernos, como tanques ou piscinas para conservação de pescado vivo, que julgo terão augmentado.

É o clima de Villa Real agradavel e salubre. Para temperar-lhe os ardores acodem-lhe as brizas impregnadas dos effluvios maritimos; havendo porém em muitas noites, assim como em Lagos, demasiado fresco, contra o qual é mister precaver-se.

Os ultimos censos dão á villa cerca de seis mil almas.

Agora, com o ultimo e poderoso melhoramento do caminho de ferro, que a liga facilmente com o resto do paiz, Villa Real crescerá e progredirá.

Brito Rebello.

siècle les vieillards se souvenaient à peine de cet endroit et de son existence, par ce que leur avaient raconté leurs vieux ancêtres.

Il est présumable que les abondantes pêches de Montegordo avaient attiré les habitants de l'ancien village qui peu-à-peu se trouva abandonné et fut complètement anéanti.

Cette rive droite du fleuve se trouvait donc sans aucune localité depuis Castro Marim jusqu'à Alcoutim, tandis que sur la rive opposée, de notre voisine l'Espagne, elle était bien habitée et étalait dans un site intermédiaire la belle ville de Ayamonte. Celle-ci n'était pas seulement un point assez bien fortifié, mais aussi un centre commercial important et un véritable entrepôt des deux pays.

Le Marquis de Pombal, pendant la guerre de 1762, s'étant rendu compte de ces circonstances et sachant qu'il y avait eu là autrefois un endroit nommé Santo Antonio de Arenilha, eut l'idée d'y élever une ville même en face de Ayamonte. Penser et agir, c'était un des caractères de ce cerveau puissant. Il fit donc esquisser le plan, réunit les éléments indispensables à l'exécution de son projet, et bientôt sur la vaste grêve où voletaient les mouettes et les goëlands on vit émerger une ville régulière et bien bâtie, avec le cachet de sobriété et d'alignement qui caractèrise les travaux du Marquis de Pombal. C'est, en petit, la ville basse de Lisbonne.

Au centre, une place rectangulaire, sur un côté de laquelle s'élève l'édifice municipal, et d'où partent des rues larges qui se croisent et se coupent, en angles droits, tel est le type de la localité qui reçut le nom de Villa Real de Santo Antonio. Les fêtes de son inauguration furent brillantes, mais le grand Marquis ne pût jouir du résultat de son œuvre.

Deux ans, à peu près, après l'inauguration de la petite ville le roi D. José mourait, et avec lui sombrait le génie et la puissance de son premier ministre. La valeur du géant se reconnait à l'œuvre des pygmées qui le remplacèrent depuis.

L'établissement et le développement des mines de S. Domingos, la fondation d'une ligne de bateaux à vapeur entre Lisbonne et les ports de l'Algarve, dont le *terminus* est Villa Real, les voyages quotidiens de bateaux similaires entre cette ville et Mertola, et l'installation de plusieurs fabriques de conserves de poisson, tout cela a donné à Villa Real une importance et une prospérité qu'il n'aurait pas été facile de prévoir quelques années auparavant.

Située, comme nous l'avons dit, sur une immense grève qui lui permet de s'étendre considérablement, elle s'étale avec toute sa force et sa solidité, sans offrir aux regards le port gracieux et riant de sa voisine d'en face, Ayamonte. Entourée de potagers et de grandes propriétés, très bien cultivées, qui sur plus d'une lieue d'étendue verdoient avec une luxuriante fraicheur, elle est abondamment pourvue de produits savoureux et sains.

Du côté du fleuve, on voit accoster au long quai, une infinité de bateaux portugais et espagnols, sans parler des grands vapeurs qui viennent y chercher les produits parfaitement fabriqués et convenablement préparés.

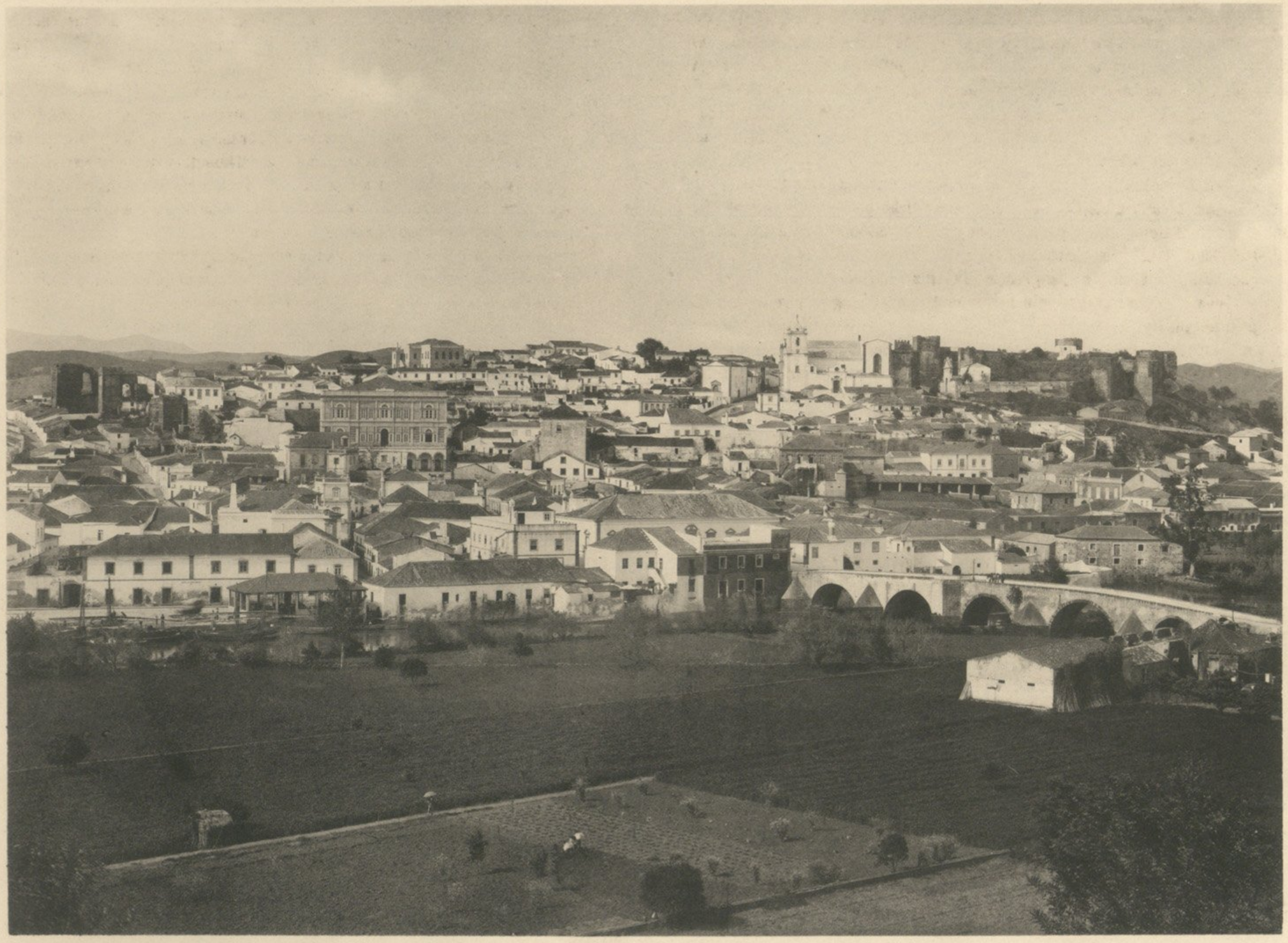
On y voit aussi une belle halle au poisson avec les perfectionnements modernes, des bassins et piscines pour conserver le poisson vivant.

Le climat de Villa Real est sain et agréable. Pour en tempérer les ardeurs on reçoit les brises imprégnées d'effluves maritimes; il y a, de même qu'à Lagos, des soirées où l'air est si frais, qu'il faut se couvrir fortement.

Les derniers cens accusent près de six mille âmes.

Dernièrement, avec l'importante amélioration du chemin de fer, qui communique avec le reste du pays, Villa Real a encore gagné, et certainement elle augmentera et prospérera davantage.

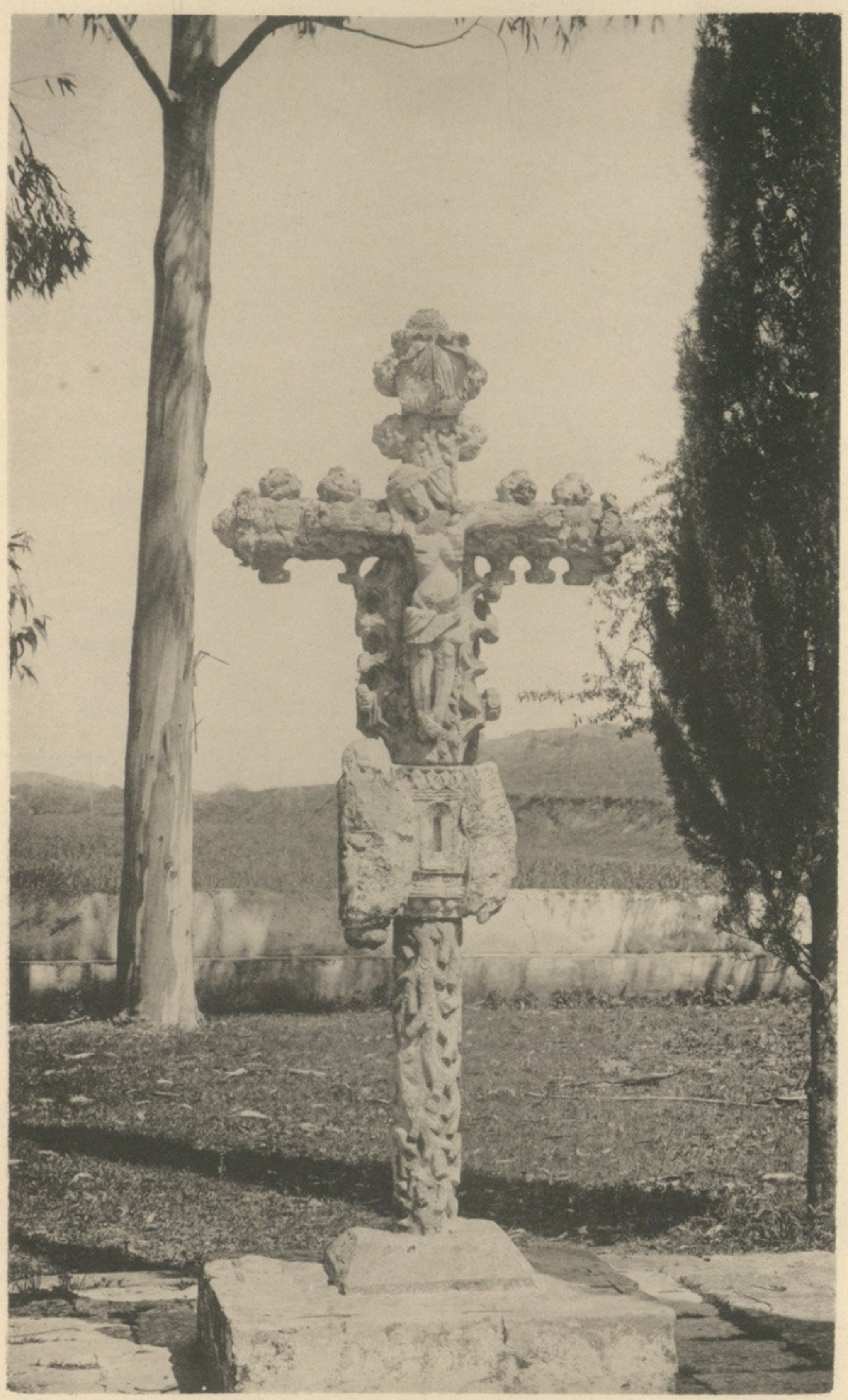
Brito Rebello.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

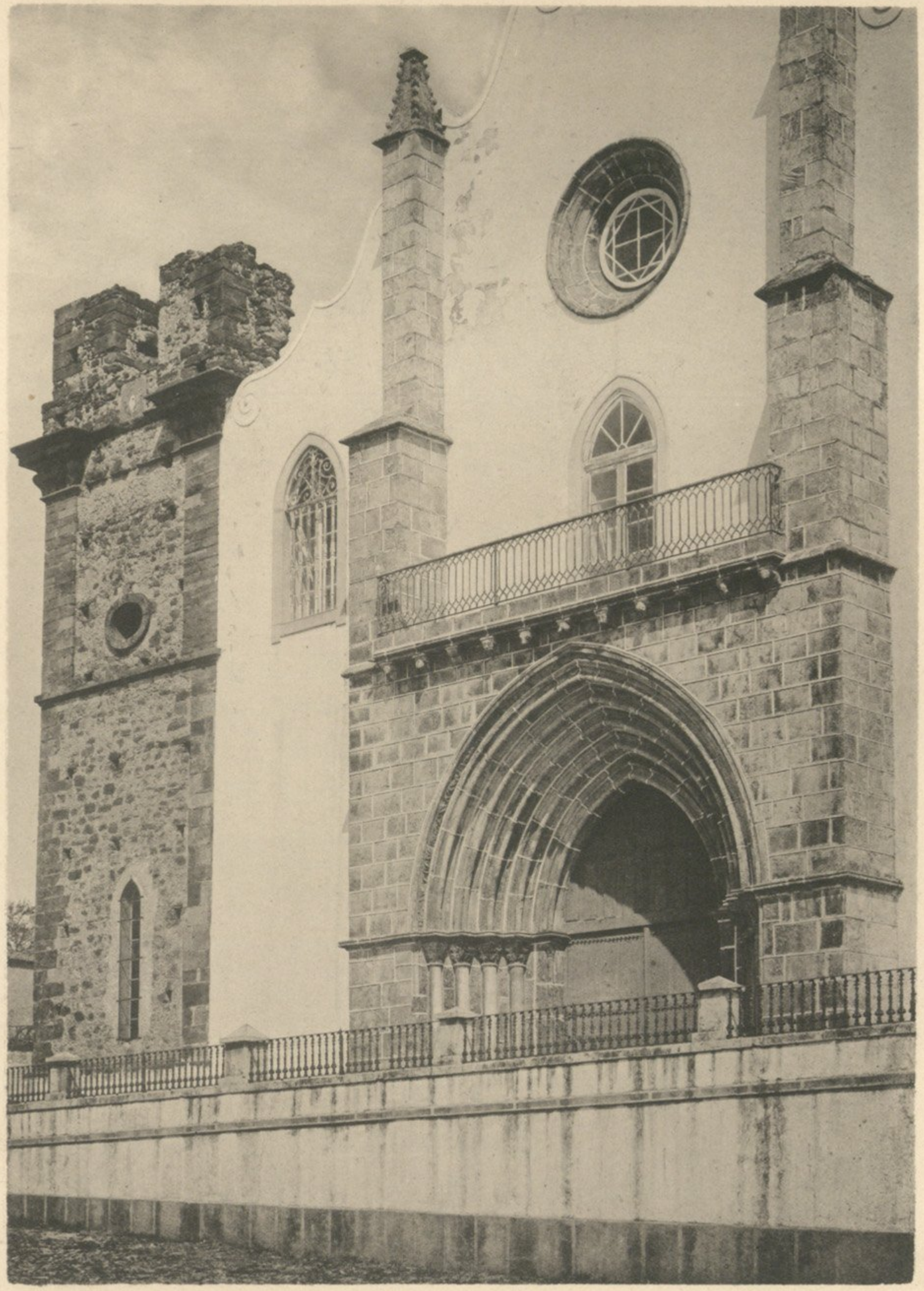
EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Vista geral
SILVES



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

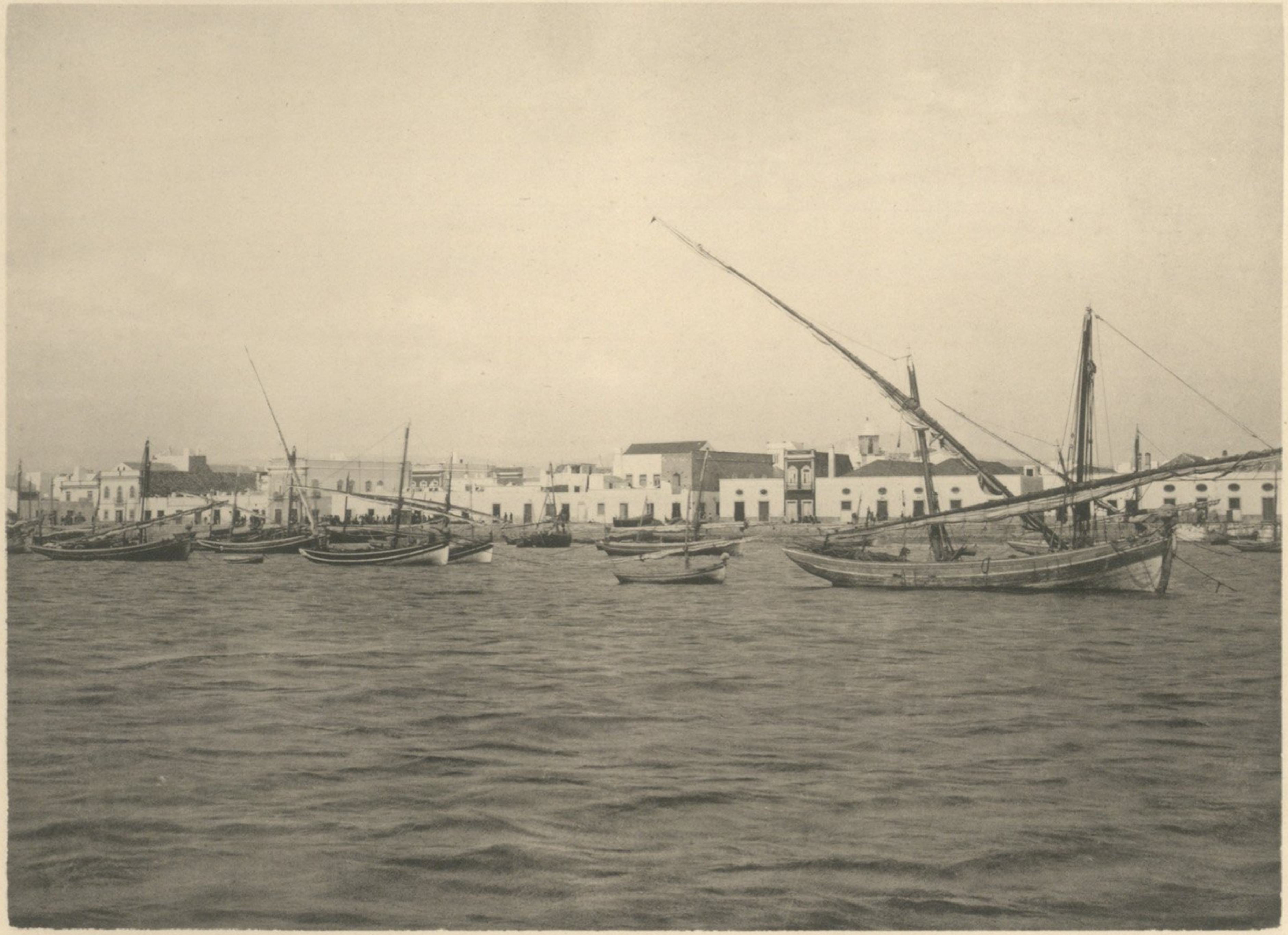
Cruz de Portugal



EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Sé

SILVES

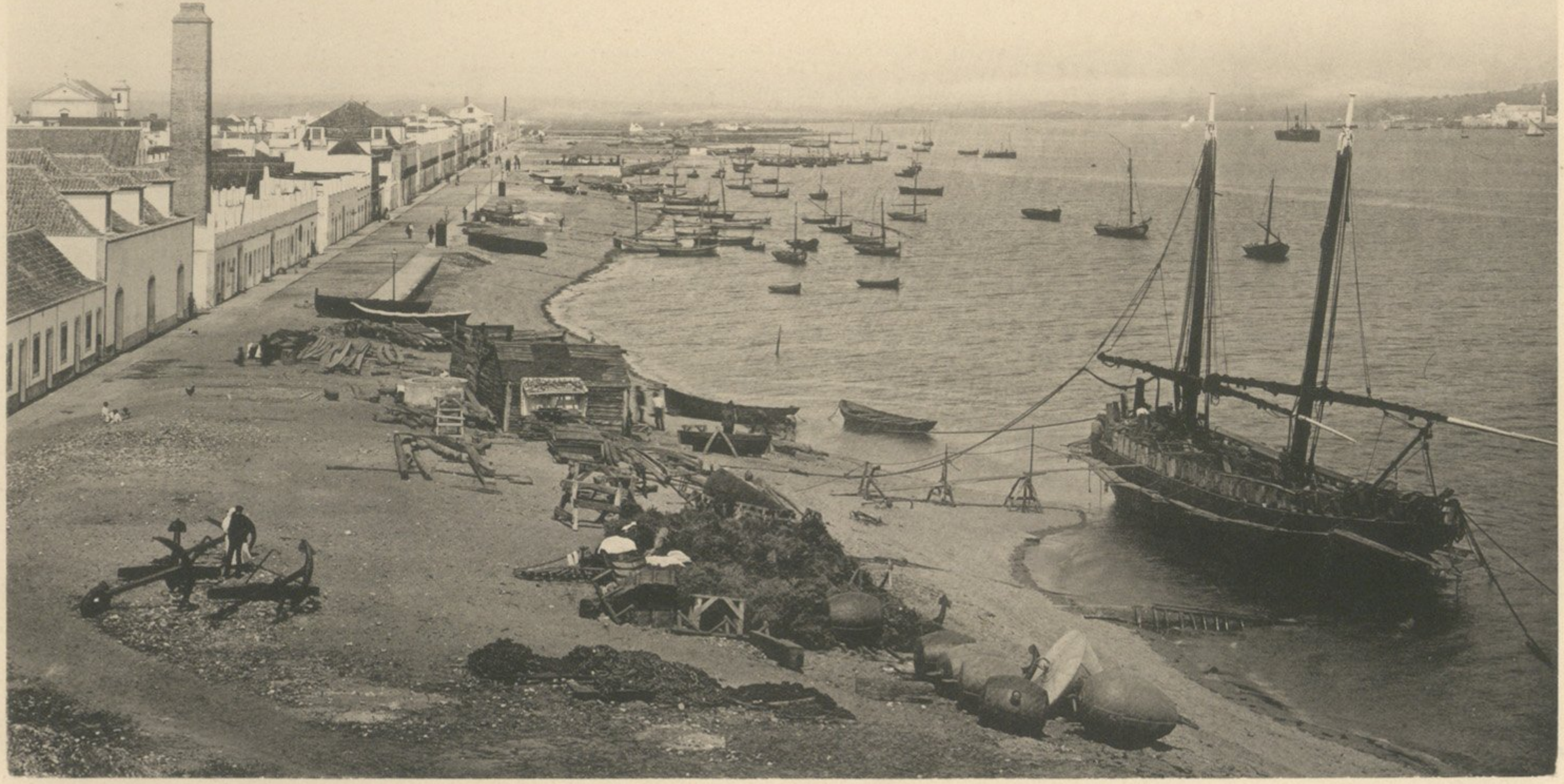


A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Vista geral

OLHÃO



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Vista parcial

VILLA REAL DE SANTO ANTONIO

A Sé de Lisboa

A velha Sé de Lisboa, escrevemos na *Architectura Religiosa na Edade-Media,* deve ser considerada verdadeiro monumento da epocha, recordando a constituição e a independencia da Nação Portugueza. Não pretendemos nós affirmar que não existam no paiz outros edificios romanicos de construcção coéva, ou até anterior á da cathedral lisbonense; é certo, porém, que a constituição da nacionalidade portugueza data da conquista de Lisboa em 1147, havendo logo depois começado a construcção da respectiva Sé, concluida por D. Affonso Henriques em curtos annos.

Os estreitos limites d'este artigo não permittem discutir opiniões, quer de ordem historica, quer de ordem artistica, existentes ácerca d'este edificio; por isso, diremos apenas que a supposição da actual egreja haver sido elevada em sitio, onde existira uma mesquita arabe, nos parece cada vez mais infundada. Nas obras de restauração da Sé de Lisboa, temos removido milhares de metros cubicos de entulho; ora, até hoje, não encontrámos em tão grande volume o mais leve indicio da arte arabe, sobretudo, restos dos caracteristicos estuques com arabescos e versiculos do Alcorão. Tambem é absolutamente falsa a supposição de ter tido a primitiva egreja cinco naves; nunca teve mais do que tres.

Sem entrar em grandes pormenores architectonicos, o estudo da planta actual e as investigações directas, que temos feito no antigo edificio, permittiram-nos, sem grande receio de erro, reconstituir o plano, seguido pelo architecto de D. Affonso Henriques. O primitivo estylo da Sé de Lisbôa foi o romanico secundario, em florescencia na Europa central e na Inglaterra no seculo XI e em principios do seculo XII. Escrevemos que o estylo *foi,* porque na realidade hoje apenas é accusado principalmente nas linhas geraes do edificio; por tal fórma tem elle soffrido incrustações de elementos de outros estylos e de camadas de modernos estuques, cobrindo os restos arruinados e venerandos da ornamentação romanica.

A planta era elegante, desenhando a nave central, o transepto e a capella-mór uma cruz latina. As naves lateraes avançavam, envolvendo a capella-mór, isto é, formavam *deambulatorio* ou *charola,* não guarnecida de capellas circundantes.

O interior da egreja, do qual nas linhas geraes se póde ainda formar claro juizo, manifestava-se tambem simples e elegante. A nave central, o transepto e a capella-mór, offerecendo quasi identica largura, foram cobertos por abobadas de volta inteira, nascendo a egual altura. Sobre os quatro arcos do cruzeiro, repousava uma torre, que, tendo no interior da egreja secção octogonal, formava uma especie de cupula, dando luz para o interior por oito estreitas e altas janellas. Esta grande torre, elevando-se muito acima dos terraços do edificio, era chamada pelo seu emprego a torre sineira. As naves lateraes, uma de cada lado da central, offereciam as abobadas menos elevadas do que as d'esta nave. Todo o systema de abobadas repousava sobre as muralhas periphericas e sobre os fortes pés direitos dos arcos das naves, formados de feixes de quatro grossas columnas, segundo o estylo romanico. Nos lados da nave central e nas paredes do transepto, corria ao longo elegantissimo *triforio,* bem superior ao existente, que ainda assim não deixa de dar bom aspecto á egreja.

A primitiva fachada principal era formada por duas elevadas torres quadradas, massiças e revestidas de fortes botaréus, ornadas de elegantissimas janellas, parte d'ellas já restauradas, e coroadas por altas agulhas. Entre as torres, corria a parte da fachada correspondente á nave central. Uma grande rosacia rasgada por cima do arco do vestibulo da egreja, dava luz a esta nave. N'este trecho da fachada, do qual hoje nada resta, devia estar reunida a melhor e mais caracteristica ornamentação do edificio e do estylo.

Tal seria, sem entrar em mais largos pormenores impossiveis n'este escripto, a velha e primitiva Sé de D. Affonso Henriques. Edificio pequeno era-o, sem duvida, porque parece que D. Affonso Henriques foi mais rico em fé religiosa do que em dinheiro; mas, em verdade, constituia um bello exemplar do estylo romanico, que honra o seu primeiro architecto. Quem seria elle?

Uma hypothese póde apresentar-se, que não nos parece muito forçada. Sabe-se que os architectos romanicos foram, quasi exclusivamente, os monges e os frades. Havia-os excellentes em certos conventos, sendo os seus projectos aproveitados de mosteiro para mosteiro, o que explica até certo ponto a uni-

---

La Cathédrale de Lisbonne

Comme nous l'avons écrit dans la *Architectura Religiosa da Edade-Media,* la vieille Cathédrale de Lisbonne doit être considérée comme un veritable monument de son époque, rappelant la constitution et l'indépendance de la Nation Portugaise. Nous ne prétendons pas assurer qu'il n'existe pas dans le pays d'autres édifices romans du même temps, ou même plus anciens encore que la cathédrale de Lisbonne; mais il est certain que la constitution de la nationalité portugaise date de la conquête de Lisbonne en 1147, et que la construction du temple commencée aussitôt après, a été achevée par D. Affonso Henriques en peu d'années.

Le peu d'espace de cet article ne permet guère de discuter les opinions, historiques, ou artistiques, émises à propos de cet édifice; nous nous bornerons donc à dire que la supposition d'avoir élevé cette église dans un endroit où il y avait eu une mosquée arabe, nous semble de plus en plus erronée. Dans les travaux de restauration de la Cathédrale de Lisbonne, nous avons reuni des milliers de mètres cubes de décombres; or, dans de si grandes masses, nous n'avons pas encore trouvé jusqu'ici la moindre trace de l'art arabe, surtout, aucun reste des stucs caractéristiques avec arabesques et versicules du Koran. La supposition de cinq nefs dans l'église primitive est aussi absolument fausse; elle n'en a jamais eu plus de trois.

Sans entrer dans de grands détails architectoniques, l'étude du plan actuel et les recherches que nous avons opérées directement dans l'édifice, nous ont permis, sans crainte d'erreur, de reconstituer le plan suivi par l'architecte de D. Affonso Henriques. Le style primitif de la Cathédrale de Lisbonne a été le roman secondaire, florissant dans l'Europe centrale et en Angleterre au XI$^{\text{me}}$ siècle et au commencement du XII$^{\text{me}}$. Nous disons que le style *a été,* parceque, en réalité, aujourd'hui on s'en aperçoit à peine dans les lignes principales de l'édifice, qui a tant souffert d'incrustations d'éléments d'autres styles, de couches en stucs modernes, recouvrant les restes ruinés et vénérables de l'ornementation romane.

Le plan était élégant; la nef centrale, le transept et le sanctuaire dessinaient une croix latine. Les nefs latérales avançaient jusqu'au sanctuaire et formaient *déambulatorium,* sans chapelles dans le pourtour.

L'intérieur de l'église, dont on peut encore clairement se rendre compte dans les lignes principales, était aussi élégant et simple. La nef principale, le transept et le sanctuaire presque de même largeur, ont été recouverts de voûtes en plein cintre, partant de la même hauteur. Sur les quatre arcades du transept, il y avait une tour, dont la section, à l'intérieur du temple était octogonale, formant une espèce de coupole, percée de huit fenêtres étroites et hautes qui éclairaient l'intérieur. Cette grande tour, bien plus élevée que les terrasses de l'édifice, était nommée le clocher ou beffroi. Les nefs latérales aux deux côtés de la principale, avaient des voûtes moins élevées que celle du centre. Tout ce système de voûtes reposait sur des murailles périphériques et sur les puissants jambages des arcades des nefs, formés par des faisceaux de quatre grosses colonnes, de style roman. Aux côtés de la nef centrale et sur les murs du transept, courait tout le long, un élégant *triforium,* bien supérieur à celui qui existe actuellement, lequel toutefois donne un assez bon aspect à l'église.

La façade principale primitive de l'église était formée par deux hautes tours carrées, massives, revêtues de forts arcs-boutants, ornées de fenêtres élégantes dont quelques unes restaurées, et couronnées de hautes flèches. Entre les deux tours, courait la partie correspondante à la nef centrale, éclairée par une grande rosace percée au dessus de l'arc du vestibule de l'église. C'est dans cette partie de la façade, dont il ne reste rien aujourd'hui, que devait être concentrée la plus caractéristique ornementation de l'édifice et du style.

Telle devait être, sans plus de détails impossibles à décrire ici, la vieille et primitive Cathédrale de D. Affonso Henriques. C'était évidemment un petit édifice, car il semble que D. Affonso Henriques était plus riche en croyances religieuses qu'en argent; cependant c'était un bel exemplaire de style roman qui fait honneur à son premier architecte. Quel était son nom?

Il se présente une hypothèse qui nous parait croyable. On sait que les architectes arabes furent presque exclusivement des religieux et des moines. Il y en avait d'excellents en de certains couvents et leurs projets étaient exécutés d'un monastère à l'autre, ce qui explique à un certain point l'uniforformidade das construcções, ou a sua similhança, em localidades bem differentes e afastadas; ora, entre os cruzados, auxiliares de D. Affonso Henriques na conquista, vinha um frade inglez, chamado Gilberto, depois sagrado primeiro Bispo de Lisboa. Então, em Inglaterra florescia ainda o estylo romanico; assim, o nosso primeiro bispo póde bem ter sido o architecto da cathedral lisbonense.

Seja como fôr, é certo que o primeiro e desconhecido architecto da Sé de Lisboa teve valor e sciencia, emquanto que depois, a partir do seculo XVII principalmente, o pobre edificio da Sé foi torturado pelos mais detestaveis *mestres d'obras*, talvez canonicos, se tal nome merecem os ignorantes barbaros, que partiam á marreta capiteis, columnas e ornatos, para que as paredes de branco estuque, com que mascararam os venerandos muros, ficassem bem lisas e eguaes!

A pequenez relativa do edificio da Sé de Lisboa começou logo a contribuir para a propria ruina. Passado não era um seculo, já lhe haviam juxtaposto outras construcções. Em seculos seguintes, continuou-se o systema; mas, diga-se em verdade, a pequena capella sepulchral de Bartholomeu Joannes, hoje reconstruida, não lhe fez grande mal e constituia um rico exemplar do estylo ogival francez. Data esta capella dos meiados do seculo XIV.

Depois, segundo as maiores probabilidades, ainda dentro d'este seculo, toda a capella-mór de estylo romanico, por ser de pequenas dimensões, ou, o que nos parece mais provavel, por ter cahido talvez pelo terramoto de 1384, foi substituida por outra maior, com *charola* e capellas circumdantes, constituindo um soffrivel conjuncto do estylo ogival. O claustro, na nossa opinião, seguiu de perto esta reconstrucção da capella-mór, não existindo primitivo claustro romanico. Estas duas peças architectonicas, a capella-mór e o claustro, sem deverem ser consideradas do melhor estylo ogival, não deixavam de manifestar qualidades apreciaveis. A *charola*, principalmente, tal como devia existir em principios do seculo XV, seria muito interessante, se as suas grandes e bellas janellas, hoje restauradas, e as das capellas circumdantes foram ornadas de vitraes coloridos, o que aliás nos parece pouco provavel.

A destruição e a profanação artistica da Sé de Lisboa data, sem a menor duvida, dos começos do seculo XVII. Temos quasi a prova do facto na lapide, encimando a porta d'uma pequena sacristia, para construir a qual foi necessario mutilar parte importante, interior e exterior, da *charola;* a inscripção rezava assim: «*esta sancristia se fez no anno D 1629*» (sic).

De então para cá, foram infligidos horriveis tratos ao pobre edificio. As incrustações de feios altares, o tapamento e emparedamento dos elegantes arcos ogivaes, abertos entre a capella-mór e a *charola*, devem datar d'este tempo, bem como no exterior a construcção do edificio da sacristia e da casa capitular, encostada á fachada sul da Sé. Todas as restaurações e incrustações feitas na Sé, a partir d'este seculo, são de um pesado e pobre estylo da Renascença, que nem ao menos se recommenda pela elegancia das linhas geraes.

Muita gente suppõe que o detestavel coroamento das torres, de uma das quaes já desappareceu, a substituição das antigas e bellas janellas romanicas d'essas torres, por outras quadradas, e a pesada e deselegante fachada, com varanda de ferro e janellas saccadas, são obras, provenientes das restaurações no edificio da Sé, arruinado pelo terramoto de 1755. É um engano. Uma gravura das ruinas, mandada fazer logo depois do terramoto e publicada em França, mostra claramente que estes absurdos, sem possivel justificação, foram praticados em data anterior. Na realidade, depois do terramoto, pelo qual a Sé foi muitissimo damnificada, podia-se ter aproveitado o ensejo para bem a restaurar; mas as ideias e os recursos do tempo não o consentiram. Então, não só os estylos primitivos, o romanico e o ogival, eram considerados barbaros, como a economia e as necessidades do culto exigiam obras mais rapidas e menos dispendiosas.

Assim continuou em desprezo o velho monumento nacional, encravando-se-lhe por toda a parte no interior e no exterior verdadeiros casebres pára habitação dos empregados e outros fins, até que, em meiados do seculo passado, o *estylo obra-publica* lhe deu o golpe mortal. O interior da egreja foi mascarado de ridicula Renascença, feixes de columnas classicas, feitas de estuque e desproporcionadas, com grandes capiteis de madeira pintada e bases de madeira dourada e marmore, substituiram os velhos e solemnes feixes de columnas romanicas; escaiolas pintalegradas cobriram as antigas e ornamentadas muralhas, e grandes janellas fingidas fôram *penduradas* pelas paredes. No terrado do claustro levantaram-se casas e, para desenvolver as respectivas construcções, foi destruida uma das antigas alas do claustro, embora arruinada, sendo aproveitado o espaço na construcção d'um predio de dois andares!

mité des constructions ou leur ressemblance, en des localités éloignées et différentes; or, parmi les croisés, auxiliares de D. Affonso Henriques lors de la conquête, il y avait un moine anglais nommé Gilbert, sacré plus tard premier évêque de Lisbonne. Le style roman florissait alors en Angleterre; ainsi notre premier évêque peut, bien vraisemblablement, avoir été l'architecte de la Cathédrale de Lisbonne.

Quoiqu'il en soit, il est certain que le premier et inconnu architecte de la Cathédrale avait du talent et de la science, tandis que plus tard, à partir du XVII$^{\text{me}}$ siècle surtout, le malheureux édifice a été torturé par les plus détestables entrepreneurs, peut-être religieux, si l'on peut donner ce nom, aux barbares ignorants, qui brisaient à coups de marteau, des chapiteaux, des colonnes et des ornements, pour que les couches blanchies de stuc dont ils recouvraient les murs vénérables, puissent rester bien égales et lisses!

La petitesse relative de la Cathédrale commença aussitôt à contribuer pour sa propre ruine. Avant moins d'un siècle on y avait dejà juxtaposé d'autres constructions. Dans les siècles suivants on continua le même système; mais, en vérité, la petite chapelle sépulcrale de Bartholomeu Joannes, aujourd'hui reconstruite, ne lui fit pas grand'mal et constituait un bel exemplaire du style ogival français. Cette chapelle date du milieu du XIV$^{\text{me}}$ siècle.

Plus tard, selon les plus grandes probabilités, et encore pendant ce même siècle, tout le sanctuaire, de style roman, était de dimensions exigües, ou, ce qui est plus probable, ayant été détruit par le tremblement de terre de 1384, il fut remplacé par un autre plus grand, avec *déambulatorium* et chapelles du pourtour, formant un ensemble passable de style ogival. Nous pensons que le cloître a suivi de près cette reconstruction du sanctuaire, et qu'il n'y a pas existé de cloître roman primitif. Ces deux morceaux d'architecture, le sanctuaire et le cloître, sans toutefois mériter d'être considérés comme du meilleur style ogival, présentent des qualités appréciables. Le *déambulatorium* surtout, tel qu'il devait être au commencement du XV$^{\text{me}}$ siècle serait très intéressant, si ses grandes et belles fenêtres, aujourd'hui restaurées, et celles des chapelles du pourtour étaient ornées de vitraux coloriés, ce qui d'ailleurs nous semble peu probable.

La destruction et la profanation artistique de la Cathédrale de Lisbonne datent, sans aucun doute, du commencement du XVII$^{\text{me}}$ siècle. Nous en avons presque la preuve dans une plaque surmontant la porte d'une petite sacristie, pour la construction de laquelle il a fallu mutiler une partie importante, intérieure et exterieure du *déambulatorium;* l'inscription dit que: «*cette sacristie a été faite l'an D 1629*» (sic).

Dès lors on a infligé au pauvre temple les plus cruelles tortures. Les incrustations de vilains autels, le bouchage et le murage d'élégantes arcades ogivales, ouvertes entre le sanctuaire et le *déambulatorium* doivent dater de ce temps là, de même qu'extérieurement, la construction de l'édifice de la sacristie et de la salle du chapitre, adossée à la façade sud de la Cathédrale. Toutes les incrustations et restaurations qu'on y a faites, à partir de ce siècle, sont d'un style pauvre et lourd de la renaissance, qui ne se recommande même pas par l'élégance des lignes principales.

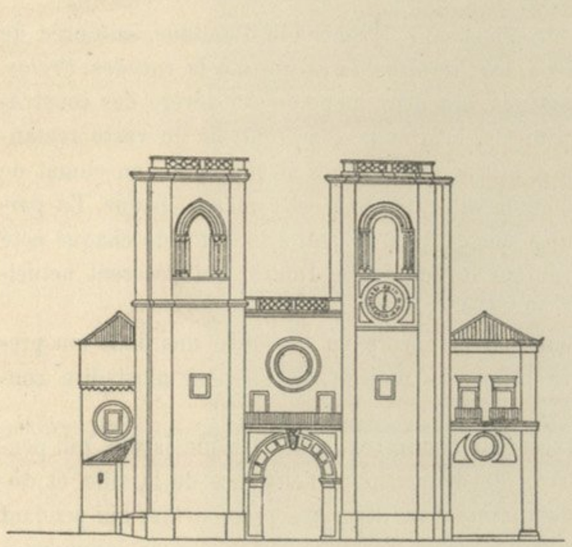
Beaucoup de personnes pensent que le détestable couronnement des tours, une desquelles a déjà disparu, la substitution des belles et anciennes fenêtres romanes de ces tours, par d'autres carrées, et la lourde et desgracieuse façade avec fenêtres à balcon de fer, sont des travaux, provenant de restaurations de l'édifice, ruiné par le tremblement de terre de 1755. Pure erreur. Une gravure des ruines, faite aussitôt après la catastrophe, et publiée en France, montre clairement, que ces absurdités, nullement justifiées, furent pratiquées auparavant. En réalité, après le tremblement de terre, qui a beaucoup endommagé la Cathédrale, on aurait pu profiter de l'occasion pour la restaurer; mais les idées et les ressources de l'époque ne le permirent pas. Dans ce temps, non seulement les styles primitifs, le roman et l'ogival, étaient considérés comme barbares, mais l'économie et les nécessités du culte exigeaient des travaux plus rapides et moins dispendieux.

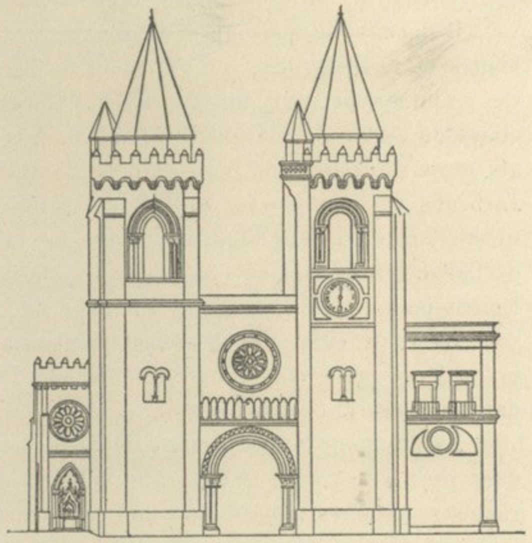
Le vieux monument continua donc à être abandonné; on y a ajouté de tous les côtés à l'intérieur et à l'extérieur de véritables masures pour l'habitation des employés et autres destinations, jusqu'à ce que, vers le milieu du dernier siècle, le style *travaux-publics* lui donna le coup de grâce. L'intérieur de l'église fut travesti en Renaissance ridicule, des faisceaux de colonnes classiques, faites en stuc et disproportionnées, avec de grands chapiteaux en bois peint et des socles en bois doré et marbre, ont remplacé les vieux et solennels faisceaux de colonnes romanes; des escayoles peinturlurées ont recou-

Um dia, emfim, faça-se justiça a quem a merece, um Ministro das Obras Publicas, o snr. Manoel Francisco Vargas, interessou-se pela existencia do pobre monumento, mandando começar a sua restauração. Será esta longa, sem duvida, e um pouco dispendiosa; não só, porém, o edificio historica e architectonicamente a merece, como seria uma verdadeira vergonha nacional conservar em tal estado a cathedral da primeira cidade do paiz.

⁂

O estado actual das fachadas da Sé, mascaradas por altos e fortes andaimes, não consentiu que fossem tirados *clichés* photographicos; assim, este artigo vae, apenas acompanhado de gravuras de alguns elementos antigos e modernos do edificio. É possivel, todavia, formar clara ideia do monumento, no estado anterior á actual restauração e n'aquelle em que ficará depois d'ella finalisada, estudando as duas pequenas zincographias, intercaladas no texto.





No projecto de restauração da fachada, convem observar que a parte, comprehendida entre as torres e correspondente á nave central, deverá ser completamente reconstruida. Os elementos na actualidade existentes, o arco do vestibulo, a varanda e as janellas sacadas, bem como a rosacia, obras de restauração talvez do principio do seculo XVIII, constituem um conjuncto detestavel e sem possivel aproveitamento. A pequenez e a simplicidade da gravura não dão clara idêa do plano da restauração; mas esta lacuna póde ser preenchida, até certo ponto, por algumas explicações.

O grande arco do vestibulo será formado por feixes lateraes de tres grossas columnas romanicas, coroadas de ricos capiteis, sobre os quaes virão repousar grandes molduras de volta inteira, isto é, semicirculares. Por cima d'este arco, uma galeria aberta, no typo do antigo triforio interno da egreja e formada de pequenas columnas e capiteis ligados por arcos de volta inteira, embellezará a fachada, dando luz ao côro. A grande rosacia, com tympano rendilhado de pedra, será fechada por vitraes coloridos, illuminando a nave central da egreja. Ao lado esquerdo da fachada, em plano mais affastado, vê-se a capella de Bartholomeu Joannes — mais cedo ou mais tarde, o Baptisterio da Sé — em cuja frente está já construido um *passo*, ou altar exterior, de Nossa Senhora da Piedade, gravura, acompanhando este artigo, a que adeante nos referiremos.

Assim, julgamos que as ligeiras considerações historicas e artisticas, acima expostas, ficaram por esta fórma tão completas, quanto o consentem os estreitos limites d'este artigo. Emquanto ás gravuras devem ellas tambem merecer leves esclarecimentos.

O claustro da Sé, sem dever considerar-se excellente em paiz, que possue os admiraveis claustros da Batalha, de Alcobaça e de Belem, deve constituir, depois de restaurado, uma boa peça architectonica. Para este claustro abre a antiga Casa do Capitulo, hoje em completo estado de ruina, que foi uma ampla e magnifica sala ogival.

vert les murailles anciennes et ornementées, et de grandes fenêtres simulées ont été *pendues* sur les murs. Sur l'emplacement du cloître on a fait des maisons, et, pour agrandir ces constructions, on a détruit une des anciennes ailes du cloître, quoique ruinée, et on a comblé cet espace avec une maison à deux étages!

Mais rendons justice à ceux qui le meritent. Un jour, un ministre des Travaux Publics, mr. Manuel Francisco Vargas, s'intéressa au sort du malheureux monument, et fit commencer sa restauration. Sans nul doute elle devra être longue et assez dispendieuse; mais, non seulement l'édifice la mérite au point de vue historique et architectonique, comme ce serait une véritable honte nationale de conserver en un tel état la cathédrale de la première ville du pays.

⁂

L'état actuel des façades de la Cathédrale, masqué par de grands échafaudages n'a pas laissé prendre des *clichés* photographiques; cet article est donc à peine illustré de gravures de quelques éléments anciens et modernes de l'édifice. Il est toutefois possible de se rendre clairement compte du monument, tel qu'il était avant la restauration actuelle, et de l'aspect qu'il aura lorsque les travaux seront terminés, en observant les deux petites zincographies, intercalées dans le texte.

Dans le projet de restauration de la façade, il faut dire que la partie comprise entre les tours et correspondant à la nef centrale, devra être complètement reconstruite. Les éléments qui existent actuellement, l'arc du vestibule, le balcon et les fenêtres, ainsi que la rosace, œuvres de restauration, peut-être du commencement du XVII^{me} siècle, composent un ensemble détestable et impossible d'en tirer le moindre parti. L'exiguité et la simplicité de la gravure ne donnent pas une idée nette du plan de la restauration; mais cette lacune peut être remplacée, jusqu'à un certain point par quelques explications.

Le grand arc du vestibule sera formé par des faisceaux latéraux de trois grosses colonnes romanes, couronnées de riches chapiteaux, sur lesquels viendront s'appuyer de grandes moulures en plein cintre, c'est-à-dire en demi cercle. Au dessus de cet arc, une galerie ouverte, du genre de l'ancien triforium intérieur de l'église, formée de colonnettes et de chapiteaux reliés par des arcs en plein cintre, embellira la façade, en éclairant le chœur. La grande rosace, avec tympan de pierre dentelée, sera close par des vitraux coloriés qui éclaireront la nef centrale de l'église. À gauche de la façade, un peu en retrait, on voit la chapelle de Bartholomeu Joannes — qui tôt ou tard deviendra le Baptistère de la Cathédrale, — en face duquel on a déjà construit un autel extérieur de Notre Dame de la Piété, gravure qui accompagne cet article, dont nous parlerons plus loin.

Ainsi, nous pensons que les légers aperçus historiques et artistiques que nous avons cités, sont aussi complets que le permettent les étroites limites de cet article. Quant aux gravures, elles doivent aussi être à-peu-près expliquées.

Dans un pays comme le nôtre qui possède les admirables cloîtres de Batalha, Alcobaça et Belem, celui de la Cathédrale ne doit pas être considéré comme excellent, mais il doit, après sa restauration, devenir un beau morceau d'architecture. Sur ce cloître s'ouvre l'ancienne Salle du Chapitre, aujourd'hui complètement ruinée, et qui a été une vaste et magnifique salle ogivale.

L'entrée latérale de la Cathédrale, tournée au nord, appartient déjà à la restauration actuelle. C'est une grande arcade ogivale qui donne accès dans le vestibule voûté, au fond duquel s'ouvre le portail roman de l'église. Ce vestibule est original, avec son mélange d'éléments romans et ogivaux. Cette circonstance singulière s'explique par la juxtaposition de constructions d'époques différentes, à l'édifice primitif de la Cathédrale. À l'intérieur du vestibule, une niche romane abrite une belle statue de la Vierge, de grandeur naturelle, œuvre de Teixeira Lopes.

La *station* ou autel de Notre Dame de la Piété, est tout-à-fait moderne. Comme le mur, à l'ouest de la chapelle de Bartholomeu Joannes, présentait quelques vestiges de ruine par effondrement, et, aussi la belle rosace ouverte dans ce mur était hors de son centre, nous avons profité de cette occasion pour enrichir cette partie extérieure de la Cathédrale, parant ainsi aux deux inconvénients cités. Le groupe de la Vierge et du Christ est aussi l'œuvre de l'illustre sculpteur Teixeira Lopes, et dans ce beau travail il faut remarquer la tête de la Vierge dont la beauté et l'expression indiquent admirable-

A entrada lateral da Sé, virada ao norte, é já obra da actual restauração. Um grande arco ogival dá ingresso para o vestibulo abobadado, no fundo do qual se abre o portal romanico da egreja. É original este vestibulo, onde se casam elementos romanicos e ogivaes. Este singular facto explica-se pela juxtaposição de construcções de differentes épocas ao primitivo edificio da Sé. No interior d'este vestibulo, um nicho romanico protege uma bella estatua de tamanho natural, da Virgem, obra de Teixeira Lopes.

O *passo* ou altar de Nossa Senhora da Piedade é obra inteiramente moderna. Como a parede oeste da capella de Bartholomeu Joannes offerecia alguns vestigios de ruina por escorregamento e, por outro lado, a bella rosacia, aberta n'essa parede, estava descentralisada, aproveitámos o ensejo para enriquecer este ponto exterior da Sé, obviando aos dois inconvenientes apontados. O grupo da Virgem e do Christo é tambem obra do illustre esculptor Teixeira Lopes, devendo n'este bello trabalho notar-se a cabeça da Virgem, cuja expressão e belleza traduzem admiravelmente o sentimento das tres palavras, escriptas em caracteres ogivaes na banqueta do altar: *amor, pietas, dolor*.

O presepio de Machado de Castro é obra d'este celebre esculptor portuguez, auctor da magnifica estatua equestre de D. José I. É, sem duvida, o melhor exemplar d'este genero, existente em Portugal; não tanto pela grandeza, porque ha ou houve maiores presepios, como pela admiravel perfeição das estatuetas e pela belleza da paisagem, que, povoada de centenas de figuras e de variados episodios, mantem, pelas habeis proporções dadas a todos os elementos, a illusão de extenso espaço, com excellente perspectiva. É escusado dizer que a architectura e as roupagens são do estylo Renascença decadente do seculo XVIII, constituindo verdadeiros anachronismos artisticos. Este defeito, se defeito se póde chamar a esta falta de consideração pela archeologia, não desmerece o valor real d'esta pequena obra d'arte.

Avenida da Liberdade

Ainda está na memoria de muita gente o antigo Passeio Publico, vasto recinto, circumdado de altas e fortes grades, que se estendia da actual Praça dos Restauradores até á Rua das Pretas. Offerecia este jardim publico um typo especial e caracteristico: a grandeza monotona e severa das construcções pombalinas. Em primitivos tempos, a larga rua central do vasto rectangulo fôra ladeada por bello arvoredo, de ulmeiros, talvez, a magnifica arvore tão adequada ao clima de Lisboa e tão empregada nas estradas pombalinas das cercanias da capital. A parte ajardinada limitava-se ás superficies lateraes, ainda reduzidas por pequenos lagos, um de cada lado da rua central, onde se viam as estatuas, representando o Tejo e o Douro, que hoje adornam mesquinhos lagos na Avenida da Liberdade.

A ruina do antigo e alteroso arvoredo — parte do qual ainda vi na minha primeira mocidade — tirou a principal grandeza ao Passeio Publico, que assim foi condemnado á morte. *Ceci tuera cela...*

A primeira grande avenida de Lisboa foi traçada sobre a sepultura do classico jardim, que, durante quasi um bom seculo, ao domingo, depois da missa, desenfastiou a elegancia lisbonense e, nos ultimos tempos, aborreceu e constipou os raros frequentadores, que, durante as noites ventosas do verão, passeavam em continuo vae-vem, entre dois renques de candieiros de gaz de luz oscillante e triste, ouvindo a musica monotona de qualquer banda regimental.

É exactamente o principio da Avenida da Liberdade, na extensão occupada pelo antigo Passeio Publico, que representa a gravura. Esta bella avenida, de 90 metros de largura, depois de um percurso de 1:200 metros, termina na Rotunda do Marquez de Pombal, d'onde irradiam outras avenidas de menor importancia e largura. Coroando a Avenida da Liberdade, está projectado um grande parque.

A arborisação e o ajardinamento da avenida são bem cuidados, como se manifestam, em regra, todos os jardins da capital. Assim, d'aqui a vinte ou trinta annos, será famosa pelas magnificas aleas de palmeiras. Pena é que a extensão mais frequentada d'esta avenida offereça construcções lateraes assaz deselegantes e feias, o que se deve á existencia de antigas casas, mal, bem mal, modernisadas. Nas restantes extensões, bem como em outras avenidas, a pobreza esthetica vae desapparecendo, o que, infelizmente, não significa ser ainda o estylo das construcções particulares digno de uma capital moderna.

Augusto Fuschini.

ment le sentiment des trois mots écrits en caractères ogivaux sur le devant de l'autel: *amor, pietas, dolor*.

La crèche de Machado de Castro est l'œuvre de ce célèbre sculpteur portugais, auteur de la magnifique statue équestre de D. José I. Dans son genre c'est le meilleur exemplaire qui existe en Portugal, pas autant pour sa grandeur, car il y en a et il y en a eu de plus grands, mais pour la perfection admirable des statuettes et la beauté du paysage, qui, peuplé de centaines de figures et d'épisodes variés, donnent, par l'habile proportion de tous les éléments, l'illusion d'un espace étendu, avec une excellente perspective. Inutile de dire que l'architecture et les vêtements sont de style Renaissance de la décadence, du XVIII^{me} siècle, et l'on y trouve de veritables anachronismes artistiques. Mais ce défaut, si l'on peut ainsi nommer le manque de considération pour l'archéologie, ne nuît pas au mérite réel de ce petit chef d'œuvre.

Avenue de la Liberté

Beaucoup de personnes se souviennent encore de l'ancienne Promenade Publique, entourée de hautes et fortes grilles, qui s'étendait de l'actuelle Place des *Restauradores* jusqu'à la rue des *Pretas*. Ce jardin public avait un type spécial et caractéristique: la grandeur monotone et sévère des constructions du temps du Marquis de Pombal. Aux temps primitifs, la grande allée centrale du vaste rectangle avait été garnie de beaux arbres, d'ormes, peut-être, arbres magnifiques si appropriés au climat de Lisbonne et si employés sur les routes des environs de la ville, faites à cette même époque. La partie du jardin, se bornait aux surfaces latérales, réduites encore par de petits lacs, un de chaque coté de l'allée centrale, et où l'on voyait les statues, représentant le Tage et le Douro, qui décorent actuellement les mesquins étangs de l'Avenue de la Liberté.

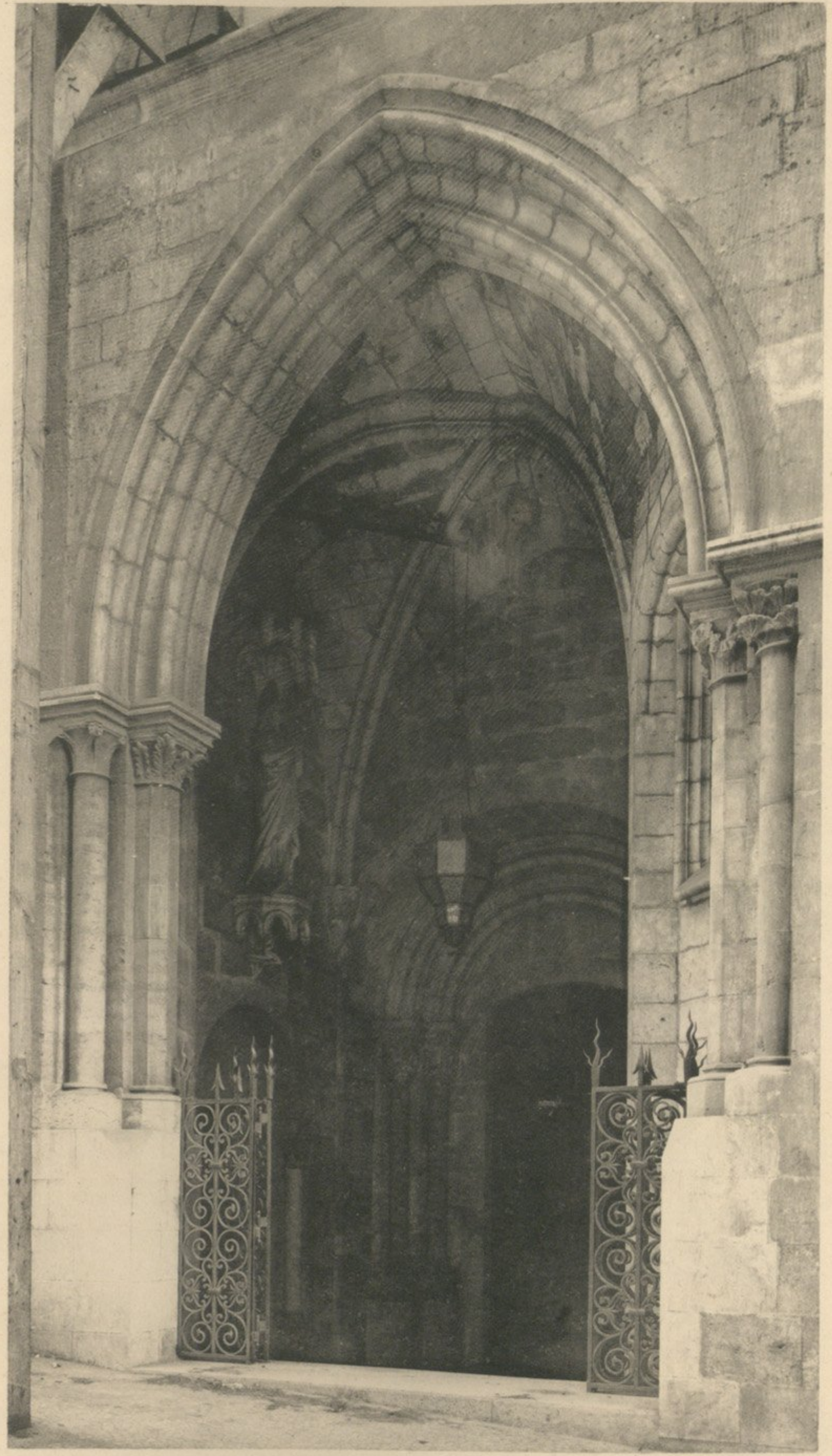
La destruction des beaux et anciens arbres, dont j'en ai encore vu quelques uns dans ma première jeunesse, a enlevé à la Promenade Publique sa principale majesté, et l'a pour ainsi dire condamnée à mort. *Ceci tuera cela...*

La première grande avenue de Lisbonne a été tracée sur le tombeau du classique jardin, qui pendant près d'un siècle, le dimanche après la messe, servait de distraction à l'élégance de la ville, et durant ses dernières années était une cause d'ennui et de rhumes pour les rares promeneurs, qui pendant les nuits d'été où le vent soufflait, se promenaient de long en large entre deux rangées de lampions à la lumière vacillante et triste du gaz, écoutant la musique monotone d'un orchestre militaire.

Le commencement de l'Avenue de la Liberté se trouve justement sur l'emplacement occupé par l'ancienne Promenade Publique, que notre gravure représente. Cette belle avenue, de 90 mètres de largeur, sur un parcours de 1:200 mètres se termine à la Rotonde du Marquis de Pombal, d'où partent d'autres avenues plus étroites et de moindre importance. On a le projet d'un grand parc, comme couronnement de l'Avenue de la Liberté.

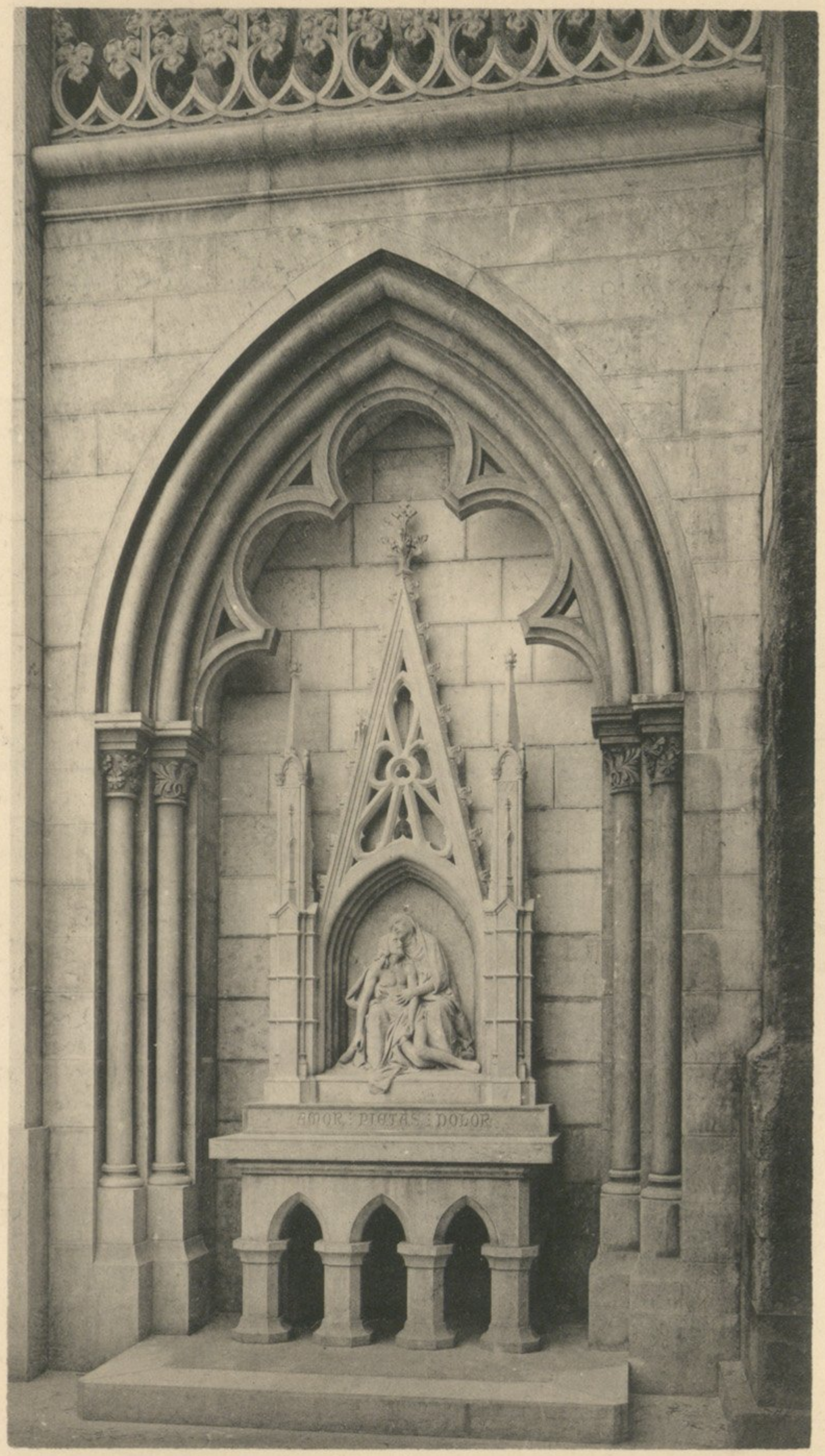
Les arbres et les jardins de l'avenue sont bien soignés, comme le sont, du reste, tous les jardins de la capitale. Ainsi dans vingt ou trente ans elle se fera remarquer pour ses belles allées latérales de palmiers. Il est regrettable que l'étendue la plus fréquentée de l'avenue présente des constructions laides et peu élégantes, ce qui est dû à l'existence des anciennes maisons modernisées tant bien que mal. Plus loin, et dans les nouvelles avenues, la pauvreté esthétique disparait peu-à-peu, quoique l'on soit encore, malheureusement, assez loin du style de constructions particulières, digne d'une capitale moderne.

Augusto Fuschini.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

Porta lateral da Sé

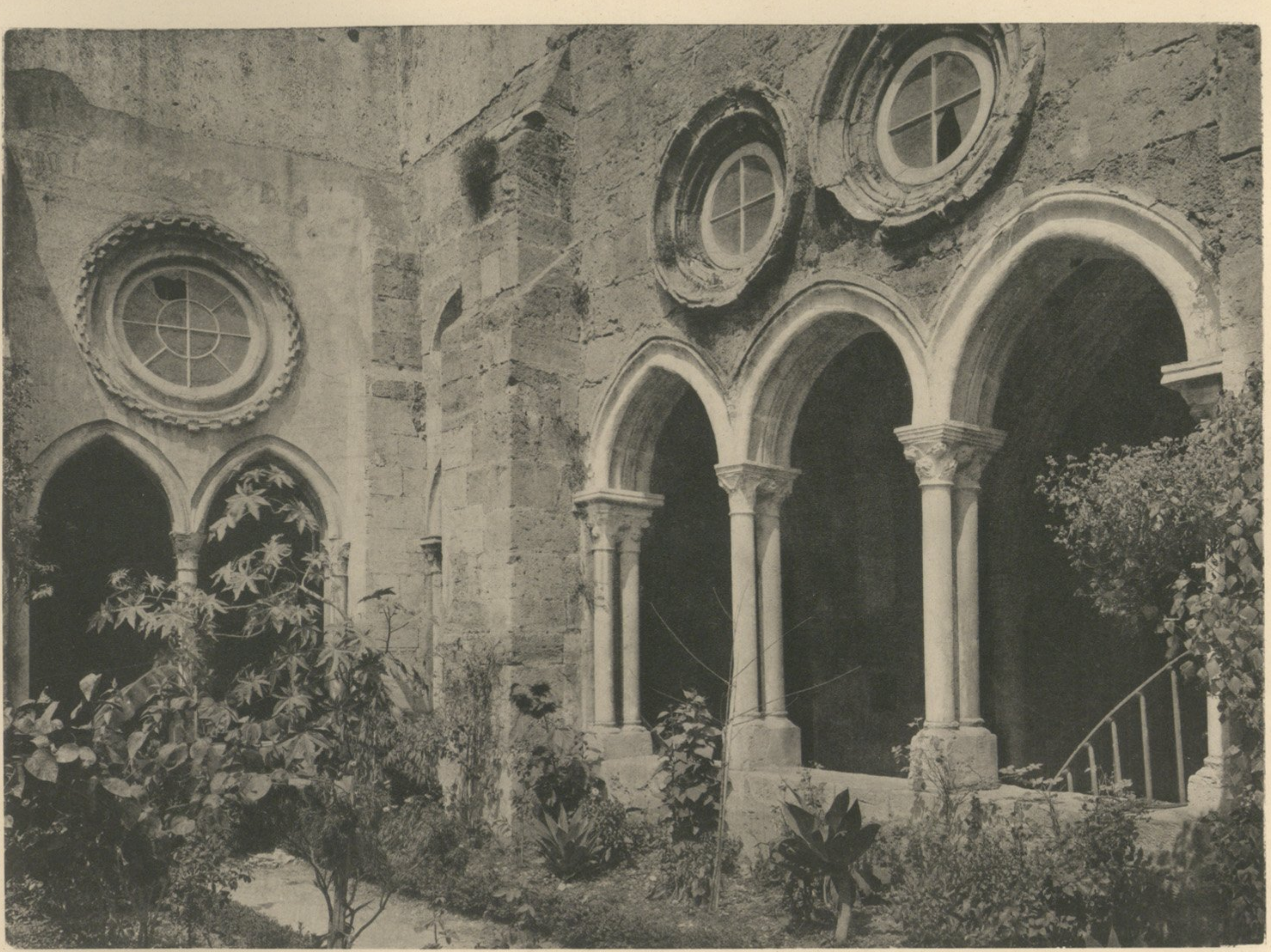


AMOR · PIETAS · DOLOR

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Altar de Nossa Senhora da Piedade na Sé

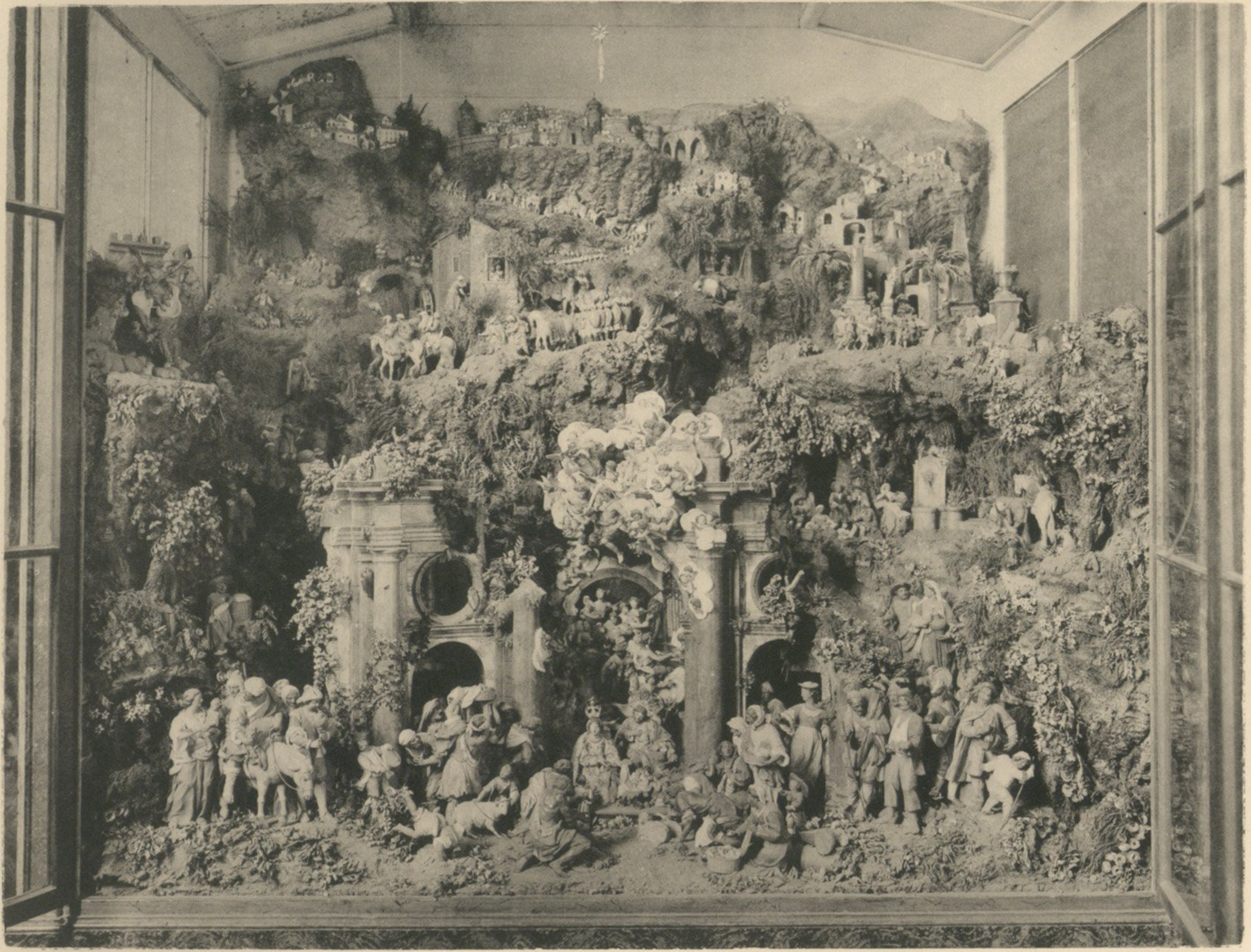
LISBOA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

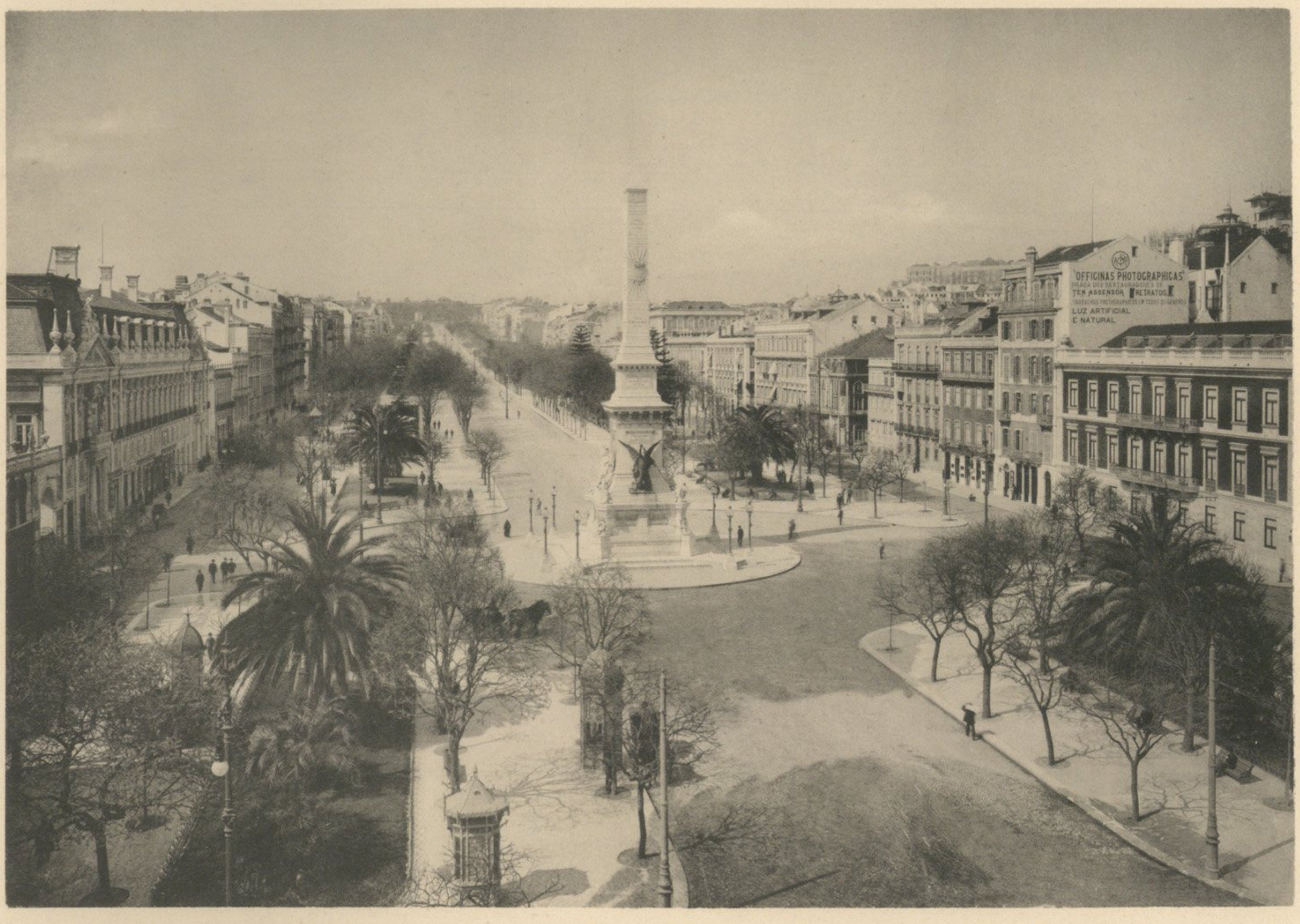
Claustro da Sé
LISBOA



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Presepio na Sé
LISBOA


OFFICINAS PHOTOGRAPHICAS
PRAÇA DOS RESTAURADORES
TEM ASSENSOR RETRATOS
TRABALHOS PHOTOGRAPHICOS EM TODOS OS GENEROS
LUZ ARTIFICIAL
E NATURAL

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Avenida da Liberdade
LISBOA

Sé do Porto

Algumas terras, como Coimbra, Lisboa, Evora, repartem as honras que competem ás suas cathedraes com outros templos não menos celebres, dentro da mesma cidade.

Coimbra possue até um duplicado, a Sé Nova, para contrapôr á Sé Velha, o estylo novo, barôco, ostentoso, em lucta com a austeridade medievica — arte nova, captivando a imaginação, estimulando os sentidos por meio de um artificio raro, que combina o lavor prodigioso do entalhador e a polychromia harmoniosa do oleiro consummado [1].

Lisboa apresenta outro contraste, mas effeito semelhante: o templo monumental de S. Vicente [2], ao lado da sua vetusta Basilica de Santa Maria Maior, convidando a um confronto. Pois não será contraste? De um lado o sobrio lavor de uma Renascença posthuma, cheia de luz, combinando as suas linhas airosas, bem ponderadas, n'um rythmo equivalente a um madrigal guerreiro [3]; do outro o severo perfil da pesada mole, agigantada, agreste, cheia de cicatrizes, desfigurada, é certo, pelas fundas lesões organicas que o terramoto de 1755 n'ella engendrou, mas ainda assim imponente na sua penuria, immersa em tristeza, por um abandono immerecido? ... *facta est quasi vidua!* E fica á capital ainda a fabrica da Estrella, esse formoso capricho cheio de casquilha elegancia, que despede do seu carrilhão um *Minuete,* solta uma *Gavota* ou chilreia uma *Pastorella* por pouca cousa; quando mais não seja para despertar a melancholica Niobe longinqua, essa Santa Maria de Belem que herdou as tristezas do Restello e foi chronica manoelina, visão magnifica de um Rei afortunado.

Mas tristezas não pagam dividas. *Viva pois o carrilhão!* dizia a Lisboa da beata rainha D. Maria I.

Evora, emfim, póde mostrar, com desvanecimento, a obra de S. Francisco, prodigio de construcção no equilibrio da sua technica, nave incomparavel, que só tem uma rival no cruzeiro de Belem; pode consolar o viajante das mutilações que observa na cathedral, romanica e gothica a um tempo.

Comtudo, o Porto só possue uma Sé, uma grande e veneranda avó, porque os outros templos, aliás notaveis, como S. Bento da Victoria, Santo Agostinho, os Grillos, são repetição do mesmo typo severo, grandioso, mas pouco original.

O leitor diligente que consultar as velhas chronicas do reino, catalogos de prelados e livros de topographia local [4] encontrará ahi a Sé envolvida nas mais curiosas teias da tradição. Lendas sobre

---

[1] Diremos para quem a não conheça que os altares da Sé-Nova offerecem a serie chronologica mais completa da obra de talha nacional que conhecemos, desde cêrca de 1580-1780. É caso unico, no paiz. A polychromia dos azulejos lisos, nos quaes predomina o estylo decorativo, quasi uniforme de 1580 a 1620 (azulejo só com arabescos e motivos de tapete, *sem figuras*) espalha por todo o interior uma harmonia incomparavel, que surprehende e encanta n'um edificio de estylo barôco, destinado a Jesuitas. Quem imaginou essa decoração ceramica, bem consciente, foi um grande artista, de certo!!

[2] Este templo, obra de Felipe Terzo, foi levantado primeiro no Terreiro do Paço; e, estando a construcção já adiantada, foi demolido e mudado para o novo local; as settas symbolicas, que ornamentam os capiteis das pilastras interiores, alludem claramente ao martyr S. Sebastião. O orago S. Vicente tem por emblema uma náu com o côrvo. Vide Francisco de Hollanda, *Da fabrica que fallece á cidade de Lisboa.* Ms. de 1571, por nós editado pela primeira vez em 1879. Cap. x *Da igreja de S. Sebastiam,* pag. 19 e seg.

[3] Ficava bem, n'um templo dedicado ao martyr militar S. Sebastião; *Madrigali* havia-os de todo o genero na Livraria de Musica do insigne compositor que se chamou D. João IV; por exemplo, os *Madrigali guerrieri & amorosi* de Claudio Monteverde, *Íl Lauro verde* e *Íl Lauro seco* de Luca Marenzio — *il più dolce cigno dell' Italia;* os *Madrigali cromatici* de Cipriano de Rore, de Martoretta, etc. Era Musica de camara, ao lado da Musica de capella, o sagrado e o profano, com a serena e intelligente tolerancia de um espirito superior, que até admittia os Psalmos e Hymnos da escóla dos cantores protestantes. Vide os nossos estudos sobre D. João IV: *Ensaio critico* sobre a Livraria de Musica d'El-rei — Porto, 1873; o *Catalogo* da sua Livraria, em nova edição de 1874, feita pela edição original de 1649; emfim, a grande Biographia de D. João IV — Porto, 1901-1905.

[4] Bastará citar entre uma grande variedade de volumes, o *Catalogo dos Bispos do Porto* de D. Rodrigo da Cunha (1623); as *Memorias de El-Rei D. João I* (1732, por Joseph Soares da Silva), grande bemfeitor da Sé, que n'ella casou com D. Felipa de Lencaster; a *Descripção topographica e historica da cidade do Porto* por Agostinho Rebello da Costa. (Porto, 1789). O volume *Origens e desenvolvimento da população do Porto,* notas historicas e estatisticas por Ricardo Jorge, Porto, 1897, tambem deve ser consultado; emfim: differentes romances de Arnaldo Gama que tratam da historia antiga da cidade e dos arredores; teem nas Notas espalhadas documentos interessantes, colhidos nos archivos portuenses.

Cathédrale de Porto

Quelques villes portugaises, telles que Coimbra, Lisbonne, Evora, partagent les honneurs de leurs cathédrales avec d'autres temples, non moins célèbres, qu'elles possèdent.

Coimbra même, a, en double, la nouvelle Cathédrale, pour contrecarrer la Vieille Cathédrale, le style nouveau, baroque, fastueux en lutte avec l'austérité du moyen âge, l'art nouveau séduisant l'imagination, stimulant les sens au moyen d'un rare artifice où se réunissent le travail prodigieux de l'ébéniste à la polychromie harmonieuse du potier habile [1].

Lisbonne, sous un autre contraste, présente un effet semblable; le temple de St Vincent [2] à côté de la vieille Basilique de Sainte Marie Majeure, invite aussi à une confrontation. D'un côté le travail sobre d'une Renaissance posthume, pleine de lumière, harmonisant ses lignes élégantes, bien étudiées en un rythme équivalant à un madrigal guerrier [3], et de l'autre le profil sévère de la lourde masse, gigantesque, sauvage, pleine de cicatrices, défigurée, il est vrai, par les profonds dégâts organiques engendrés par le tremblement de terre de 1755, mais, malgré tout, imposante dans sa détresse, plongée dans sa misère, par un abandon si peu mérité! ... *facta est quasi vidua!* Et la capitale a encore le temple de Estrella, ce superbe caprice plein de coquette élégance, qui au moindre prétexte carillonne un *Menuet,* une *Gavotte* ou une *Pastourelle,* quand ce ne serait que pour réveiller de sa mélancolie, cette lointaine Niobé, de Sainte Marie de Belem, héritière des tristesses du Restello, vision magnifique du Roi fortuné, qui en a fait la chronique de son époque.

Mais ne nous abandonnons point à de tristes souvenirs. *Vive donc le carillon!* comme disait la Lisbonne de la dévote reine D. Maria I.

Evora peut montrer avec orgueil l'église de St François, qui est un prodige de construction, dans l'équilibre de sa technique, une nef incomparable, qui n'a d'autre rivale que le transept de Belem et qui peut dédommager le voyageur des mutilations observées dans la cathédrale, romane et gothique en même temps.

Cependant, Porto ne possède qu'une Cathédrale, une grande et vénérable aïeule, car d'autres temples quoique remarquables, comme St Bento da Victoria, St Augustin, les Grillos, sont la reproduction du même type sévère, grandiose, mais sans originalité.

Le lecteur studieux, en consultant les vieilles chroniques du royaume, les catalogues des prélâts et les livres de topographie locale [4], y trouvera la Cathédrale enveloppée des plus curieux voiles de la lendas, opiniões e sentenças as mais desencontradas, verdade e ficção em singular connubio a respeito dos fundadores da cathedral, dos patronos, que por vezes lhe alteraram as feições primitivas; ouvirá os amigos entendidos e os devotos mal inspirados, sectarios de novas modas architectonicas, — porque de tudo houve — que transformaram o venerando templo na mais curiosa manta de retalhos archeologicos que póde vêr-se. É apenas uma rapida analyse, o que vamos fazer [1].

---

[1] Pour ceux qui ne la connaitraient pas, nous dirons que les autels de la Nouvelle Cathédrale présentent la série chronologique la plus complète de la sculpture en bois nationale, depuis à-peu-près 1580-1780. Chose rare dans le pays. La polychromie des faïences unies dans lesquelles prédomine le style décoratif, presque uniforme de 1580 à 1620, (faïences seulement avec arabesques et motifs de tapisserie *sans figures*) répand dans toute l'enceinte une harmonie incomparable qui surprend et charme, dans un édifice de style baroque, destiné à des Jesuites. C'est assurément un grand artiste qui a imaginé cette décoration céramique si bien étudiée!

[2] Ce temple, œuvre de Felipe Terzo, a été premièrement élevé sur le Terreiro do Paço; lorsque la construction était déjà avancée, on l'a démoli et transféré sur son nouvel emplacement, les flèches symboliques qui ornent les chapiteaux des piliers intérieurs sont une claire allusion au martyr St Sebastien. Les emblêmes de St Vincent sont un navire et un corbeau. V. Francisco de Hollanda, *Da fabrica que fallece á cidade de Lisboa.* Ms. de 1571, édité par nous pour la première fois en 1879. Chap. x *Da Egreja de S. Sebastiam,* pag. 19 e suiv.

[3] Très approprié dans un temple dédié au martyr militaire St Sebastien; il y avait des *Madrigali* de toute espèce à la Librairie musicale de l'insigne compositeur qui s'est nommé D. João IV; par exemple les *Madrigali guerrieri & amorosi* de Claudio Monteverde; *Il Lauro verde* et *Il Lauro seco* de Luca Marenzio — *il più dolce cigno dell' Italia;* les *Madrigali cromatici* de Cipriano de Rore, de Martoretta, etc. C'etait de la musique de chambre à côté de la musique de chapelle, le sacré et le profane, avec toute la tolérance tranquille et intelligente d'un esprit supérieur qui admettait jusqu'aux Psaumes et aux Hymnes de l'école des chantres protestants. Voir nos études sur D. João IV: *Ensaio critico* sur la Librairie musicale du Roi — Porto, 1873; le *Catalogo* de sa Librairie, nouvelle édition de 1874, faite d'après l'édition originale de 1649; et enfin la grande Biographie de D. João IV — Porto, 1901-1905.

[4] Il suffira de citer, parmi une grande variété de volumes le *Catalogo dos Bispos do Porto,* de D. Rodrigo da Cunha (1623); *Memorias de El-Rei D. João I* (1732, par Joseph Soares da Silva), grand bienfaiteur de la Cathédrale, qui y a épousé D. Felipa de Lencaster; la *Descripção topographica e historica da cidade do Porto* par Agostinho Rebello da Costa. (Porto,

O edificio hoje conservado não é decerto o primitivo do Conde D. Henrique (cêrca de 1100), levantado sobre fabrica modesta, que os mouros destruiram mais de uma vez; ha porém, a meu vêr, um nucleo antigo, do qual temos de partir para a nossa viagem archeologica atravez das naves. É o cruzeiro coroado de ameias, romanico ainda, em parte da ornamentação p. ex. na faixa *enxaquetada,* que cinge o primeiro terço da estructura. Este nucleo foi talhado exactamente segundo a planta da Sé Velha de Coimbra! As torres do Porto são antigas sómente até á parte marcada com uma cinta de espheras (um terço da altura actual, aproximadamente).

Tal como o cruzeiro se apresenta hoje exteriormente, coroado de ameias, assim se apresentavam na primitiva as longas linhas parallelas da grande nave e as torres quadradas, que agora terminam n'uma varanda de balaustres (seculo xviii) e projectam para o céo umas cupulas achatadas, em feitio de cebola, que fizeram imaginar ao crédulo Vilhena Barbosa um artificio *mourisco!* (sic). Seria sómente por serem achatadas, com uma vaga semelhança de turbante? Não sei.

Um friso de modilhões, muito simples, amparava o beiral da nave mestra e do cruzeiro; n'este ultimo ainda estão visiveis e bem conservados. É de crêr que a torre-lanterneta, quadrada, assente na intersecção da nave e do cruzeiro, represente uma ideia do plano primitivo (vid. Sé Velha de Coimbra e Sé de Lisboa); as ameias e outros detalhes da lanterneta parecem indicar o seculo xvii. A factura é de alvenaria ligeira, reforçada com cantaria nos quatro arcos grandes, gothicos, distribuidores da luz.

Esta ideia — luz a jorros para dentro das naves — importava uma remodelação da planta primitiva, romanica, onde a luz ficára, muito pelo contrario, distribuida com parcimonia, em frestas esguias, como era de rigor em edificios d'esse estylo, que representavam a um tempo egreja e fortaleza, com muros cerrados. Basta attentar na construcção das torres, cujas frentes muito caracteristicas estão intactas no primeiro e segundo lance; no terceiro rasgaram-lhes no seculo xvi as arcadas redondas dos sinos grandes; e no primeiro terço do seculo xviii coroaram os poderosos gigantes, postos de reforço ás duas formidaveis atalaias, com uns florões pesados, que se repetem, em feitio mais airoso, nos angulos das varandas de balaustres.

Tudo isto e ainda a *Loggia* do lado Norte, mui elegante, bem concebida e bem traçada, se executou no primeiro terço do seculo xviii — *sede vacante,* de 1722 a 1736. A primeira data está sobre a entrada principal da Sé; a segunda no interior da *Loggia,* a qual parece obra de um scenographo habil, talvez do architecto da torre dos Clerigos [2].

Elle alindou, corrigiu tambem a severa composição do grande portal com dous pares de columnas toscanas e um frontão, transformado em varandim *à jour,* sobre o qual varios cherubins se entreteem, brincando; depois assentou um segundo corpo de ordem jonica, com anjinhos menores, foliando de permeio; e rematou com outro frontão, cortado, para dar ensejo a um terceiro andar e novas invenções minusculas. Temos ahi mais meninos, mais florões, mais grinaldas, mais arabescos, pyramides, urnas e conchas. A composição é toda theatral, uma especie de frontispicio de presepio, muito animado, pois d'alli ao minuete e á gavota não vae meio passo.

D'este modo destruiram a severa arcaria gothica e romanica da entrada, e quasi taparam a grande rosacea, formada de arcos trilobados, em disposição radiante, verdadeiras petalas de uma grande, mys-

---

[1] As classificações do variado mosaico architectonico são o resultado de um estudo demorado, sobre a planta, o alçado e as secções ou córtes do edificio. Nada teem de commum com as phantasias dos roteiros antigos e modernos, começando com as singulares lucubrações do nosso fallecido amigo Vilhena Barbosa, archeologo diligente, mas pouco criterioso, (*Archivo Pittoresco*) que escreveu sobre a Sé, em revistas e folhetins, cousas muito singulares.

[2] Foi seu auctor o architecto italiano Nicolau Nasoni, tambem auctor da frontaria da Misericordia Nova do Porto. Vide Souza Viterbo, *Dicc. dos Architectos,* etc., vol. ii, pag. 189. Faltou dizer n'essa biographia que é d'elle, ainda, o projecto de reconstrucção interior da Sé de Lamego, em cujo archivo vi em 1881 importantes documentos sobre o artista.

tradition, une quantité de légendes, d'opinions et de sentences les plus en désaccord, la vérité et la fiction singulièrement mêlées, à propos des fondateurs de la Cathédrale, de patrons, qui parfois en ont altéré le cachet primitif; il entendra les amis bien renseignés, les dévotes mal inspirés, sectaires des innovations architectoniques, car il y en a eu aussi, qui ont fait du vénérable temple le plus curieux rapiéçage archéologique que l'on puisse voir. Nous allons en faire à peine une rapide analyse [1].

L'édifice actuellement conservé n'est certainement pas celui du Comte D. Henrique, datant à peu près de 1100, élevé sur un plan modeste et détruit plus d'une fois par les maures; mais à mon avis, il en existe cependant un ancien noyau, qui devra être notre point de départ pour un voyage archéologique à travers les nefs. C'est le transept, couronné de créneaux, roman encore, en une partie de sa décoration, par exemple dans la frise échiquetée qui entoure le premier tiers de la construction. Ce noyau a été fait exactement selon le plan de la Vieille Cathédrale de Coimbra! Les tours de Porto sont anciennes seulement jusqu'à la partie marquée par une rangée de sphères, à peu près à un tiers de la hauteur actuelle.

Tel que nous voyons aujourd'hui le transept extérieurement, avec son couronnement de créneaux, telles étaient primitivement les longues lignes parallèles de la grande nef et les tours carrées qui se terminent par un balcon à balustres du xviiime siècle, et qui profilent sur le ciel leurs coupoles aplaties en forme d'oignons, ce qui a fait croire au crédule Vilhena Barbosa, que c'était un artifice *mauresque!* (sic). Y aurait-il aperçu quelque ressemblance avec un turban? Je l'ignore.

Le rebord de la grande nef et du transept était soutenu par une frise à modillons très simples; ceux du transept sont encore visibles et bien conservés. Il est présumable que la lanterne carrée, posée sur l'intersection de la nef et du transept, représente une idée du plan primitif (vid. Vieille Cathédrale de Coimbra et Cathédrale de Lisbonne); les créneaux et d'autres détails de cette lanterne semblent indiquer le xviime siècle. Le travail est en maçonnerie légère renforcée avec de la pierre de taille aux quatre grands arceaux gothiques par où pénètre la lumière.

Cette idée du grand jour dans les églises, indiquait une remodélation du plan primitif, roman, par lequel la lumière était, au contraire, parcimonieusement distribuée, en d'étroites lucarnes, comme il était de rigueur dans ce genre d'édifices qui répresentaient en même temps des temples et des forteresses, avec des murs clos. Il suffit de remarquer la construction des tours, dont les faces, très caractèristiques, sont intactes au premier et au deuxième palier; au troisième on a percé pendant le xvime siècle les arcades en plein cintre des grosses cloches; et pendant le premier tiers du xviiime siècle on a couronné les puissants arcs boutants placés comme renfort des deux formidables tourelles, avec des lourds fleurons qui se répètent d'une forme plus élégante aux angles des balcons à balustres.

Tout cela, et encore la *Loggia* du côté nord, très bien dessinée et élégante, a été éxécuté pendant le premier tiers du xviiime siècle — *sede vacante,* de 1722 à 1736. La première date est inscrite sur l'entrée principale de la Cathédrale; la deuxième à l'intérieur de la *Loggia,* qui semble l'œuvre d'un habile scénographe, peut-être l'architecte de la tour des Clerigos [2].

C'est lui qui a embelli et corrigé également la sévère composition du grand portail, avec deux paires de colonnes toscanes et un fronton transformé en balconnet à jour, sur lequel quelques chérubins se jouent; ensuite il a posé un deuxième corps d'ordre ionique, avec des anges plus petits, folâtrant parmi les ornements et il a terminé le tout par un autre fronton, coupé afin de permettre l'adjonction d'un troisième étage et de nouveaux détails minuscules. On y voit encore des enfants, des fleurs, des

---

1789). Le volume *Origens e desenvolvimento da população do Porto,* notes historiques et statistiques par Ricardo Jorge, Porto, 1897, doit être aussi consulté; enfin: divers romans de Arnaldo Gama qui s'occupent de l'histoire ancienne de la ville et des environs; dans les Notes éparses il y a des documents intéressants, puisés dans les archives de Porto.

[1] Les classifications des mosaïques architectoniques si variées sont le résultat d'études prolongées, sur le plan, l'élévation et les sections ou coupes de l'édifice. Elles n'ont rien de commum avec les fantaisies d'anciens et de nouveaux guides, à commencer par les étranges lucubrations de feu notre ami Vilhena Barbosa, archéologue studieux mais peu scrupuleux. (*Archivo Pittoresco*) qui a écrit, dans des revues et des feuilletons, de singulières choses à propos de la Cathédrale.

[2] Son auteur a été l'architecte italien Nicolau Nasoni, auteur aussi de la façade de la Nouvelle Miséricorde de Porto. Vid. Sousa Viterbo, *Dicc. des Architectes,* etc., vol. ii, pag. 189. On a omis de dire dans cette biographie qu'il est également l'auteur du projet de reconstruction intérieure de la Cathédrale de Lamego, dans les archives de laquelle j'ai vu en 1881 d'importants documents à propos de cet artiste.

tica flôr, realçada com lavores tão archaicos que nos obrigam a dizer: foi gothica e romanica (na decoração) a grande entrada.

Esses periodos de descanço, — da sé vacante, em que as rendas copiosas da mitra se iam accumulando — desafiavam naturalmente a vontade e a vaidade do cabido e especialmente a dos conegos, encarregados da fabrica das sés. Quantas vezes se *inventaram* obras, superfluas, só proprias para deturparem um monumento, aliás bem conservado, alterando ainda em cima as suas condições de equilibrio, compromettendo o futuro!

Seria injustiça desconhecer, por causa d'isso, as boas obras que certos interregnos no governo do Bispado do Porto produziram para a cathedral. No principio e primeiro terço do seculo xvii gastou-se com gosto, por exemplo na feitura da magnifica capella-mór, que não é a primeira da peninsula, como affirma complacentemente Rebello da Costa, mas merece um logar entre as melhores.

«O interior do Templo he dividido em tres naves, que finalizão em hum espaçozo, e cumprido Arco cruzeiro, onde péga o Coro principal, e Capella mór, que he a maior e mais regular de toda a Hespanha.»

Depois attribue a *admiravel fabrica* a um discipulo de Miguel Angelo, chamado *Valentim*. Para que não falte na Sé tambem Raphael, contam ao visitante ingenuo que o quadro da Sacra Familia, collocado na parede ao fundo da sacristia, sobre o faustoso relogio rocôcó, é do celebre pintor, quando o menos versado em arte reconhece desde logo na téla um discipulo da escóla amaneirada dos Caracci (fim do seculo xvi e principio do seculo xvii). Não faltou aqui, é claro, o inglez, o indispensavel inglez, que se promptificou a comprar o quadro, cobrindo-o préviamente com dobrões de D. João v, etc.

Esse pomposo recinto da sacristia é antes um Salão de Palacio italiano, á moda de Genova, do que casa de oração, invento eminentemente decorativo, mas muito profano. O seu precioso recheio é composto de moveis raros, marmores de valor, espelhos de preço, lavores de talha riquissimos, e arcazes repletos de paramentos deslumbrantes, muito bem conservados e tratados com esmero.

Uma custodia manoelina tem a Sé, dadiva de D. Diogo de Sousa, do grande, do sabio, do illustre e mais que generoso Arcebispo de Braga; só ella vale uma visita especial ao templo[1]. E ainda fica muito que vêr, por exemplo na capella-mór, que o Bispo D. Fr. Gonçalo de Moraes tomou a seu cargo e concluiu em 1609, por um traçado, a um tempo nobre, singelo e grandioso, pondo n'ella, entre outras preciosidades, que a arte espectaculosa do seculo xviii desthronou — uma Estante de bronze, datada de 1616 e duas vezes marcada com o seu brazão d'armas. Fez bem o generoso prelado! É um primor d'arte, n'um estylo de Renascença posthuma, hispanica. São de bronze, mas de data posterior, outros lavores importantes da egreja, por exemplo as cancellas cinzeladas da capella-mór (meado do seculo xviii) que lhe dão um ar de solida elegancia e evidente riqueza.

Dissemos haver o seculo xviii apagado e substituido toda a armação interna da capella-mór, que o Bispo Moraes mandaria desenhar em estylo sobrio, solido e no apurado gosto que lhe conhecemos. O que ora alli se mostra é talha do meado do seculo xviii, de grande effeito scenico. A esculptura do cadeiral revela certa moderação e bom engenho; não é uma pompa pesada, penosa, profana, como no da Sé bracharense.

No altar-mór devia existir uma das joias mais notaveis da ourivesaria nacional do seculo xv, exemplar unico e do mais alto valor. Era a grande arca que encerrava o corpo de S. Pantaleão, padroeiro do Porto, hoje esquecido, *radicalmente esquecido*, desde que, roubada a obra d'arte, ao Cabido aprouve pôr pedra no caso, e cobrir com um silencio singular a historia do desapparecimento de tão valiosa joia. Isso obrigou-me a pegar no fio de tão singular meada. E orgulho-me de haver levantado uma ponta do veu, mas uma ponta bem larga[2], publicando o desenho inedito e a historia do cofre desapparecido,

---

[1] Esteve este primor da arte nacional na Exposição de Lisboa de 1882, onde foi muito admirado, mas não tanto como o merecia, pois a sua conservação é perfeita; a belleza e originalidade do seu desenho, dos seus esmaltes, excepcional. Veja-se a figura n.º 67 do vol. das estampas e a descripção no texto, a pag. 13 do *Catalogo da Sala 14.*

Sobre as generosidades do eminente prelado em Braga e no Porto, vide os nossos *Estudos: Historia da Arte em Portugal*, n.º 2.

[2] Vide um extenso Estudo na *Arte Portugueza*, revista do Centro Artistico do Porto, 1882-83. Posteriormente achei mais documentos sobre o roubo do cofre, que escapou aos francezes, para ser roubado por portuguezes, em data relativamente recente entre 1844-45.

guirlandes, des arabesques, des pyramides, des urnes et des coquillages. La composition est tout-à-fait théatrale, une espèce de frontispice de crèche très mouvementé, car de là au ménuet et à la gavotte il n'y a qu'un pas.

Suivant cette idée, on a détruit les sévères arcades gothiques et romanes de l'entrée et presque recouvert la grande rose, formée par des arceaux trilobés disposés en rayonnement, comme de véritables pétales d'une fleur énorme et mystérieuse, réhaussée d'ornements si archaïques qu'ils nous portent à dire que la grande entrée, au point de vue décoratif était gothique et romane.

Ces périodes de repos, où la Cathédrale était vacante, et pendant lesquelles s'accumulaient de copieux revenus, aiguisaient naturellement l'envie et la vanité du chapitre et surtout celle des chanoines chargés de l'administration des Cathédrales. Bien souvent ils *inventèrent* des travaux superflus, servant à peine à endommager un monument bien conservé, et altérant encore les conditions de son équilibre et le compromettant pour l'avenir.

Il serait toutefois injuste de méconnaitre pour cette raison, les bonnes œuvres que certains interrègnes du gouvernement de l'Evêché de Porto ont produites dans cette cathédrale. Au commencement et au premier tiers du xviiime siècle on a dépensé avec goût, comme par exemple dans le magnifique maître-autel, qui cependant n'est pas le premier de la péninsule, comme l'assure complaisamment Rebello da Costa, quoiqu'il mérite d'être classé parmi les plus remarquables.

«L'intérieur du Temple est divisé en trois nefs, qui se terminent en une vaste et longue Arcade du transept, auquel est contigü le chœur principal et ensuite le maître-autel qui est le plus grand et le plus régulier de toute l'Espagne.»

Ensuite il attribue l'*admirable* fabrique à un élève de Michel Ange, nommé Valentim. Pour qu'il y ait aussi un Raphael dans la Cathédrale, on dit au visiteur naïf que le tableau de la Sainte Famille, placé sur le mur au fond de la sacristie, au dessus de la fameuse horloge rococo, est dû à ce peintre célèbre, quoique les moins éclairés en sujets artistiques reconnaissent facilement sur cette toile un élève de l'école maniérée de Caraccio (fin du xvime et commencement du xviime siècle). On n'omet pas, naturellement, l'anglais, l'indispensable anglais qui a voulu acheter le tableau, moyennant force doublons de D. João v dont il l'aurait recouvert.

Ce fastueux recoin de la sacristie, nous rappèle plutôt un Salon de Palais italien, du genre de ceux de Gênes, qu'une maison religieuse, avec son cachet éminemment décoratif mais très profane. Le précieux mobilier se compose de meubles rares, de marbres superbes, de glaces magnifiques, de riches boiseries sculptées et de bahuts remplis d'ornements éblouissants, très bien conservés et soigneusement gardés.

La Cathédrale possède un ostensoir, donné par D. Diogo de Sousa, le grand, le savant, l'illustre et généreux Archevêque de Braga, qui, lui seul, mérite une visite au temple[1]. Et il y a encore beaucoup à admirer, comme par exemple dans le maître-autel que l'Evêque D. Fr. Gonçalo de Moraes prît à sa charge et qu'il acheva en 1609, d'après un dessin à la fois noble, simple et grandiose et où il mît, avec d'autres préciosités que l'art pompeux du xviiime siècle a détrônées, une armoire en bronze, datée de 1616 et deux fois marquée de ses armoiries. Honneur au généreux prélât! C'est une merveille artistique d'un style Renaissance posthume, hispanique. On voit encore dans l'église d'autres décorations importantes également en bronze, telles que les grilles ciselées du maître-autel, du milieu du xviiime siècle qui lui donnent un air de solidité élégante et d'évidente somptuosité.

Nous avons dit que le xviiime siècle a effacé et remplacé toute l'armature intérieure du maître-autel, que l'Evêque Moraes devait avoir fait tracer d'une manière sobre et solide avec le goût raffiné que nous lui reconnaissons. Ce que l'on y montre actuellement est de la boiserie sculptée du milieu du xviiime siècle, qui produit un grand effet scènique. La sculpture des stalles révèle assez de modération et un beau travail; ce n'est pas une richesse lourde, pénible et profane comme celle de la cathédrale de Braga.

---

[1] Cette préciosité de l'art national a été à l'Exposition de Lisbonne 1882, où on l'a beaucoup admirée mais pas autant qu'elle le méritait, car elle est parfaitement conservée, et la beauté et originalité de son dessin et des emaux sont exceptionnelles. Voir la gravure 67 du vol. des gravures et la description dans le texte pag. 13 du *Catalogo da Sala 14.*

À propos des générosités de l'eminent prélât à Braga et Porto, voir nos *Estudos: Historia da Arte em Portugal*, nº 2.

com a descripção da arca do Santo. E gabo-me de não ter largado, ainda a estas horas (janeiro de 1908), o fio da dita meada, que ha de ser desfiada, peze a quem pezar.

Teria ainda de referir muita cousa interessante da Sé [1].

O claustro foi sempre, quer nas Sés, quer nas egrejas conventuaes, um logar privilegiado: cemiterio, *pantheon* de homens illustres, ponto de reunião para palestras amenas e considerações devotas, e até, logar de abrigo para as procissões e outros cortejos, quando o mau tempo não permittia manifestações religiosas ao ar livre.

O claustro da Sé do Porto é datado, segundo a tradição, de 1385; a Camara do Porto cedeu ao cabido para a obra, mil pedras lavradas [2].

A sua figura actual é tão curiosa que desafia a desenhal-a, para a restituirmos á sua primitiva pureza. Está sobretudo desequilibrada por successivos abalos; as arcarias soffreram differentes alterações. O lavor dos capiteis — fustes, bases e capiteis, sempre geminados — é sobrio e puro; a execução segura, como a das abobadas artezoadas.

Está rebaixado o nivel em cêrca de 0,60 cent. debaixo das arcadas, de sorte que a parte central apparece alteada, abaúlada. O andar superior, com tres lances sómente — o quarto, o mais soalheiro, foi reservado para passeio dos conegos e familiares, ao sol. Os meninos do côro, guias do visitante, explicam, com certo humorismo innocente, os episodios mythologicos, pintados em lindissimos azulejos do seculo XVIII. Os do lance inferior, não menos bellos, commentam o *Cantico dos Canticos* de Salomão, os *Psalmos* de David e — as metamorphoses de Ovidio, singularissima mistura do sagrado e do profano. Nos claustros de S. Vicente em Lisboa, o pintor do azulejo houve por bem recorrer ainda ao fabulario classico, mas com tal malicia o fez que parece um sectario de Lafontaine!

Resumindo: o claustro de hoje não é o do seculo XII, da planta original; d'este apenas existe uma capella com um valioso sarcophago em calcareo da época de D. Diniz [3]. O actual é contemporaneo da Batalha e tem evidente affinidade com os dos conventos de S. Francisco em Santarem, S. Domingos de Guimarães (Soc. Martins Sarmento), S. Francisco de Alemquer, etc.

Joaquim de Vasconcellos.

---

[1] Merece especial louvor o bello baixo-relevo em bronze de Teixeira Lopes, pae — Baptismo de Christo — excellentemente composto, modelado e fundido pelo velho mestre de Gaia. Está na capella, um pouco escura, onde baptisam.

É muito celebre o altar de prata — com frontal, sacrario e retabulo — da capella do Santissimo, onde trabalharam quatro gerações dos melhores lavrantes do Porto. Merece um estudo especial. Foi lavrado de 1632-1732 pelos ourives-mestres seguintes, e seus officiaes: os Portuenses Bartholomeu Nunes, Manoel de Sousa, Miguel Pereira, Pedro Francisco, e pelos lavrantes de Lamego, Manoel Teixeira e Manoel Guedes. É a mesma gloriosa officina de prateiros portuenses, que executou os grandes cofres de prata das santas princezas de Lorvão: D. Thereza e D. Sancha (ourives Joaquim Carneiro da Silva, 1715).

[2] Foi promotor da fabrica o bispo D. João o III. Agostinho Rebello da Costa, *Op. cit.*, pag. 76.

[3] Pelo estylo aproxima-se do cenotaphio do monarcha em Odivellas. Já o pretenderam raptar para o Museu do Carmo; a nossa intervenção, junto do presidente da *Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes*, o fallecido architecto Possidonio da Silva, evitou mais uma espoliação em beneficio da insaciavel capital, onde quasi tudo se desencaminha depois, para *bric-à-bracs* mais ou menos altisonantes, para ornamentação de paços, chalets, quintas de recreio, *solitudes* galantes *et similia*.

Au maître-autel il devait y avoir un des bijoux les plus précieux de l'orfévrerie nationale du XV^{me} siècle, exemplaire unique et de grande valeur. C'etait le grand coffret où l'on gardait le corps de S^t Pantaléon, patron de Porto, aujourd'hui oublié, *radicalement oublié,* depuis que l'on a volé l'object d'art, et que le Chapitre a voulu étouffer l'affaire, et envelopper d'un étrange silence l'histoire de la disparition de ce rare joyau. Cela m'a obligé a prendre le fil de si singulier écheveau et je m'énorgueillis d'avoir pu soulever un coin du voile, mais un coin assez large [1] qui m'a permis de publier le dessin inédit et l'histoire du coffret disparu, avec la description du tombeau du Saint. Et je me vante de ne pas avoir encore lâché, en Janvier 1908, un fil de cet écheveau, qui sera dévidé jusqu'au bout, quoique cela puisse mécontenter peut-être quelqu'un.

Il y aurait encore à parler de beaucoup de choses intéressantes à propos de la Cathédrale [2].

Dans toutes les Cathédrales et églises conventuelles, le cloître a toujours été un lieu privilégié; cimetière, panthéon d'hommes célèbres, point de réunion pour les conversations agréables ou les considérations mystiques et même, parfois, endroit abrîté pour des processions et cortèges, lorsque le mauvais temps ne permettait pas de manifestations religieuses en plein air.

D'après la tradition le cloître de la Cathédrale de Porto est daté de 1385; la municipalité de Porto a donné au chapitre pour la construction mille pierres sculptées [3].

Son aspect actuel est tellement curieux qu'il nous engage à le dessiner pour lui rendre sa pureté première. Elle est surtout ébranlée par de successifs tremblements de terre; les arcades ont subi diverses altérations. Le travail des chapiteaux est sobre et pur; fûts, socles et chapiteaux sont toujours géminés; l'exécution est ferme et sûre comme celle des voûtes nervurées.

Son niveau est abaissé d'à peu près 0,60 cent. au dessous des arcades, de manière que la partie centrale parait réhaussée et courbée; l'étage supérieur n'a que trois paliers, le quatrième plus exposé au soleil a été réservé pour la promenade des chanoines et leurs serviteurs. Les enfants de chœur, guides du visiteur expliquent avec un naïf entrain les épisodes mythologiques peints sur les belles faïences du XVIII^{me} siècle. Les faïences du palier inférieur, également belles, commentent le *Cantique des Cantiques* de Salomon, les *Psaumes* de David et les métamorphoses d'Ovide, singulier mélange du sacré au profane. Dans les cloîtres de S^t Vincent à Lisbonne, le peintre en faïences a bien voulu aussi recourir au fabulaire classique mais avec une telle malice qu'il semble un sectaire de Lafontaine!

Bref: le cloître d'aujourd'hui n'est pas celui du XII^{me} siècle, d'après le plan originel dont il existe à peine une chapelle avec un précieux sarcophage en pierre calcaire de l'époque de D. Diniz [4]. Le cloître actuel est contemporain de Batalha et il présente une affinité évidente avec les couvents de S^t François de Santarem, S^t Dominique, à Guimarães (Soc. Martins Sarmento), S^t François de Alemquer, etc.

Joaquim de Vasconcellos.

---

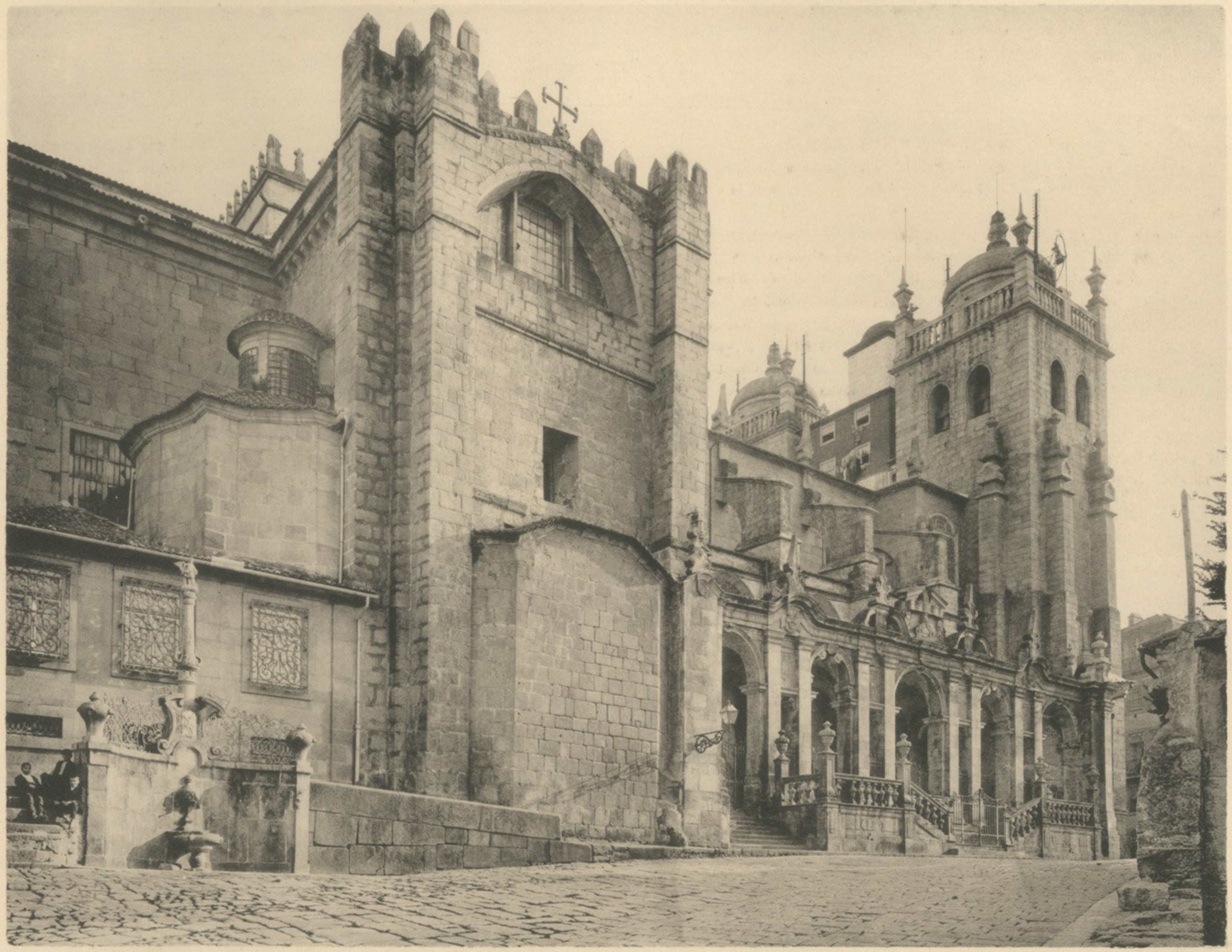
[1] Voir une longue étude dans la *Arte Portugueza,* revue du Centre Artistique de Porto, 1882-83. Postérieurement j'ai trouvé d'autres documents, ayant rapport à la disparition du coffret qui a échappé aux français, parce qu'il a été volé par des portugais, en une date récente, entre 1844-45.

[2] Il faut mentionner spécialement le beau bas-relief en bronze de Teixeira Lopes, père — Baptême du Christ — excellent comme composition, moulé et fondu par le vieux maître de Gaia. Il se trouve dans le baptistère malheureusement peu éclairé.

Très remarquable aussi, l'autel en argent, — avec devant d'autel, tabernacle et retable — que l'on voit dans la chapelle du Saint Sacrement et auquel ont travaillé quatre générations des meilleurs ciseleurs de Porto. Il mérite une étude spéciale et a été fait de 1632-1732 par les maîtres orfèvres suivants et leurs ouvriers: de Porto, Bartholomeu Nunes, Manoel de Sousa, Miguel Pereira, Pedro Francisco, et pas les ciseleurs de Lamego, Manoel Teixeira et Manoel Guedes. C'est la même glorieuse école des orfèvres en argent de Porto qui a exécuté les grands tombeaux d'argent des saintes princesses de Lorvão D. Thereza et D. Sancha (orfèvre Carneiro da Silva, 1715).

[3] L'évêque D. João III a été l'initiateur de la fabrique. Agostinho Rebello da Costa, *Op. cit.,* pag. 76.

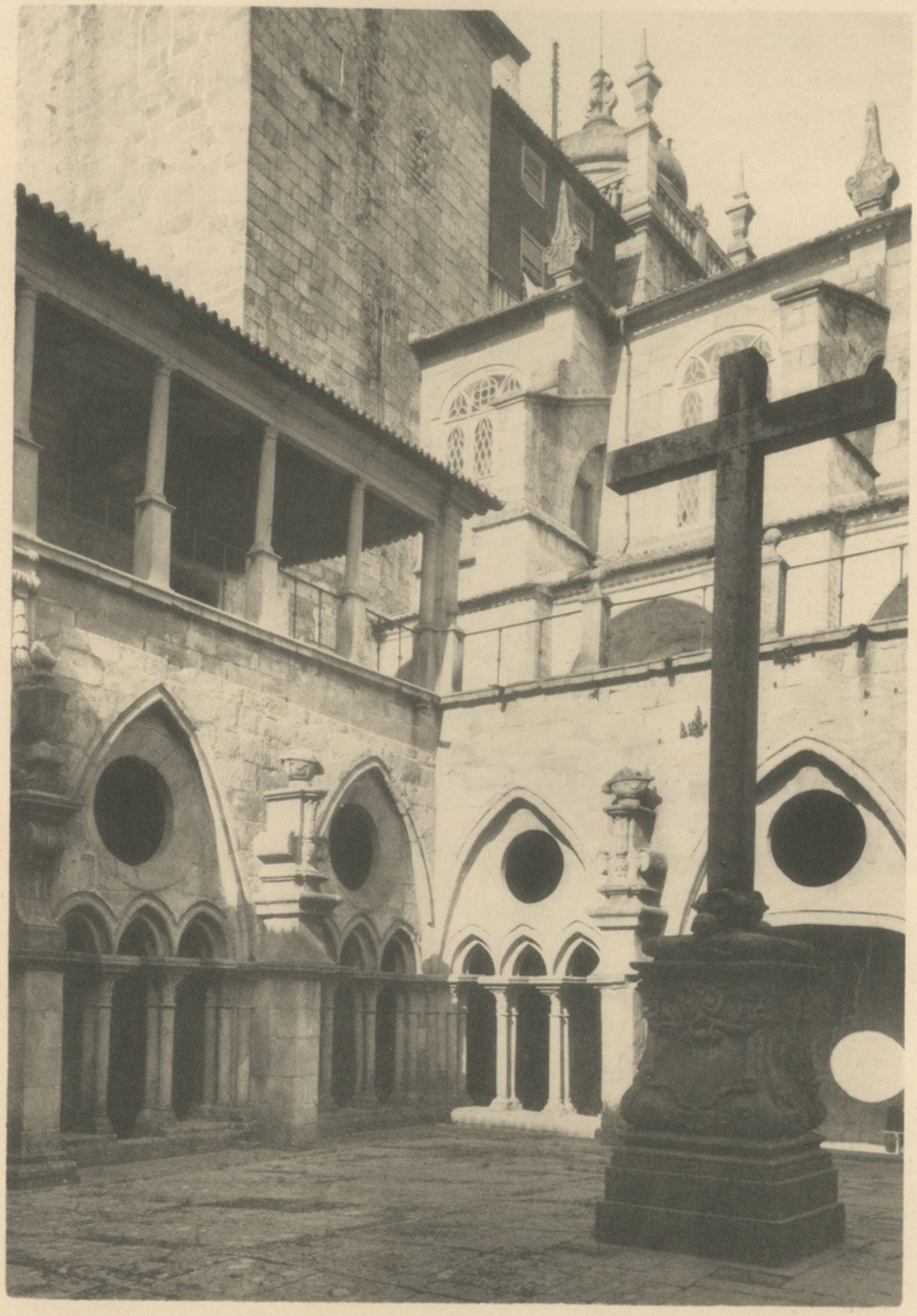
[4] Par le style il rappèle le cénotaphe de ce roi à Odivellas. On a déjà voulu l'emporter au Musée du Carmo; notre intervention, près du président de l'*Associação dos Architectos e Archeologos portuguezes,* feu l'architecte Possidonio da Silva, a réussi a éviter cette spoliation en bénéfice de l'insatiable capitale où presque toutes les préciosités disparaissent plus tard dans des *brics-à-bracs* plus ou moins réputés, pour ornement de palais, de chalets, de maisons de plaisance, de solitudes galantes et autres choses semblables.



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

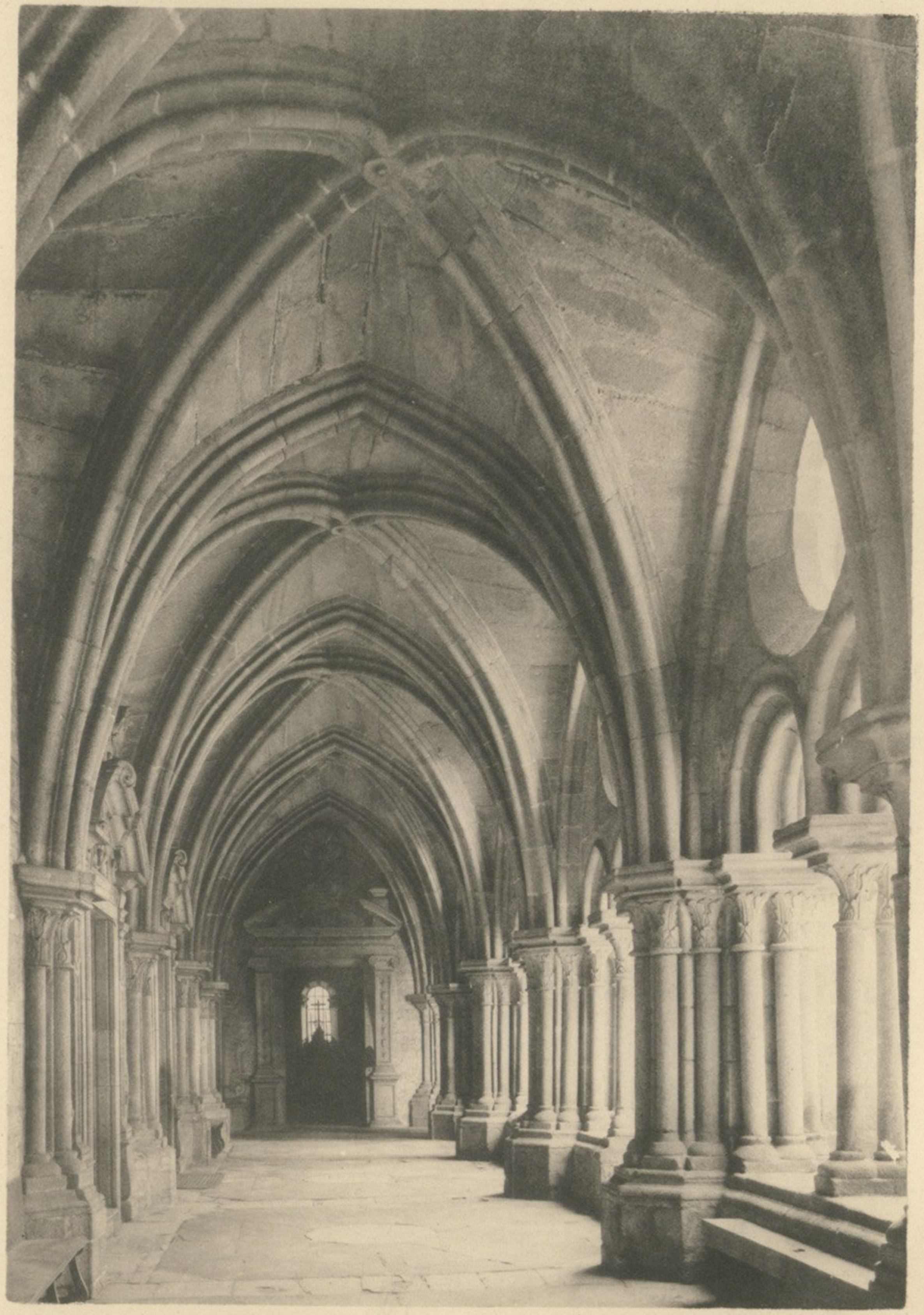
EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Fachada lateral da Sé
PORTO



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

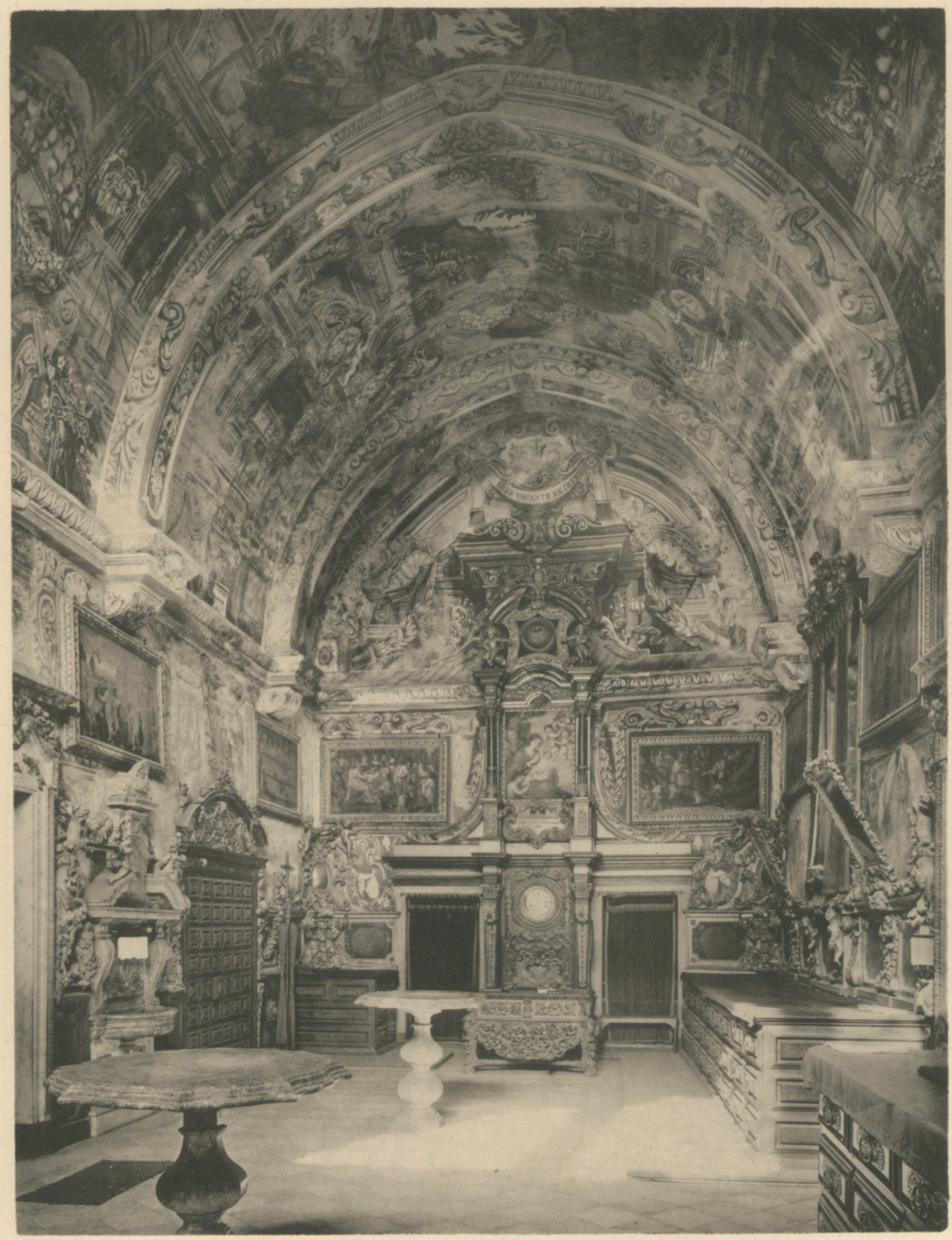
Claustro da Sé



EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Claustro da Sé

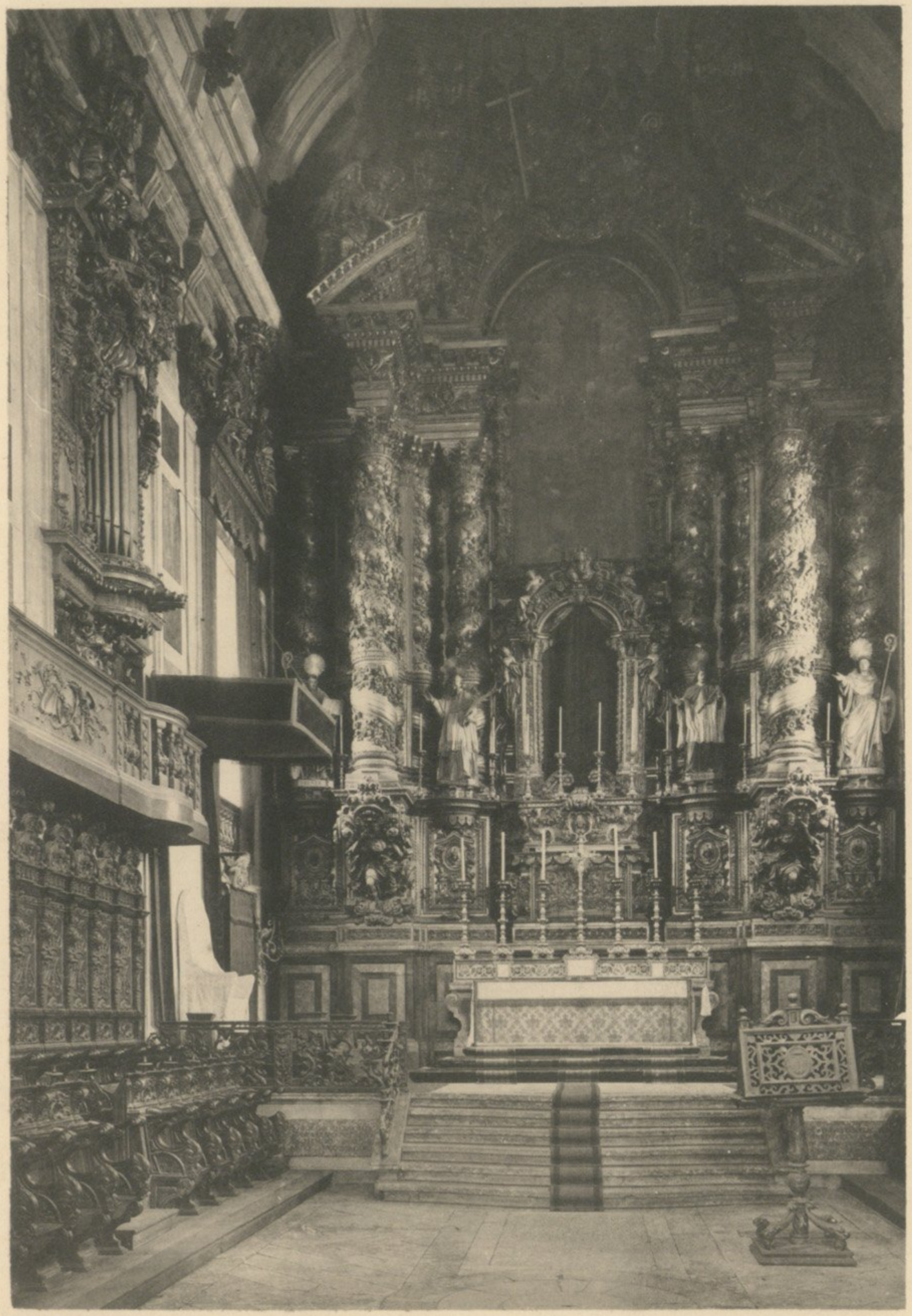
PORTO



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

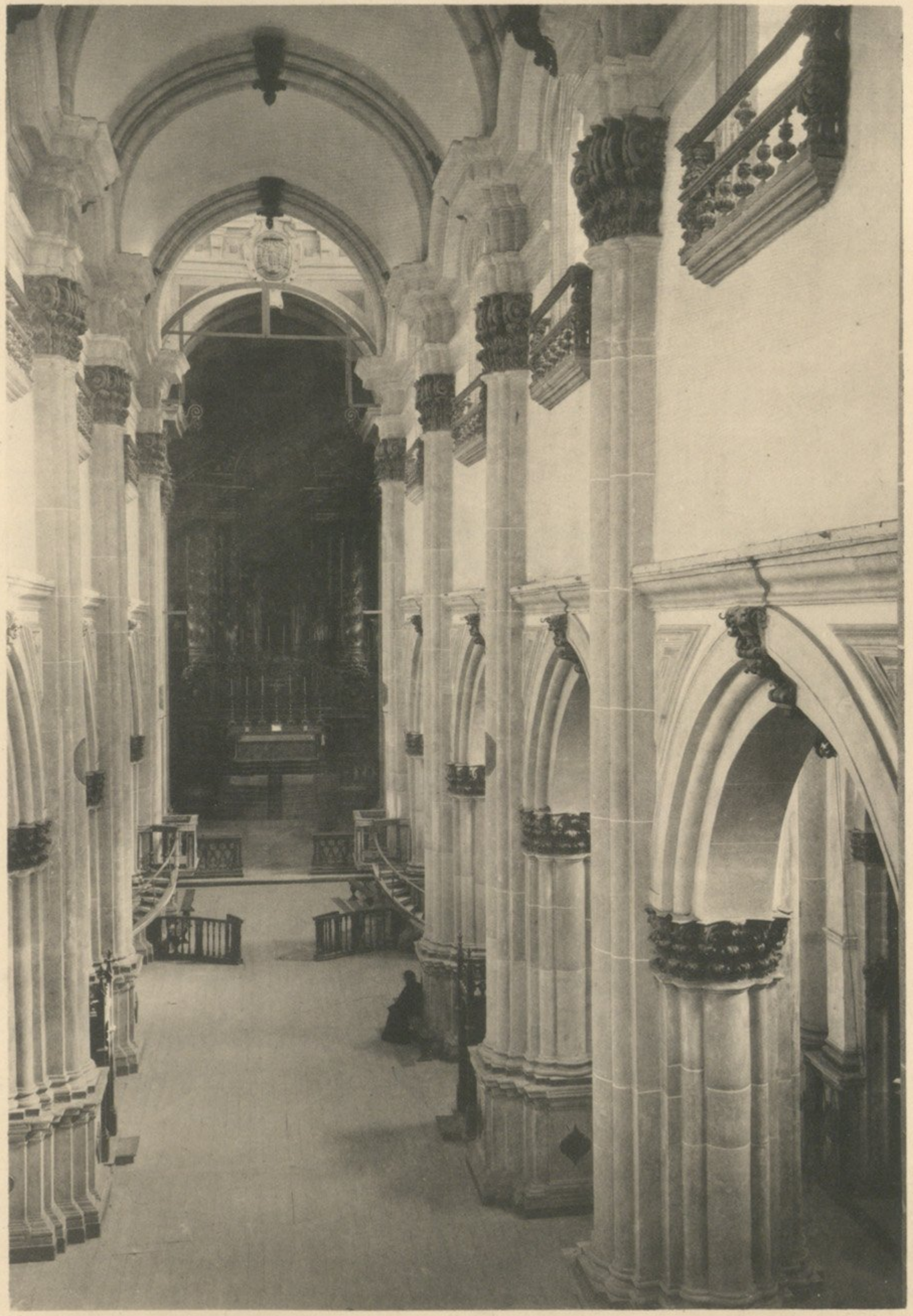
EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Sachristia da Sé
PORTO



A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

Capella mór da Sé



EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Interior da Sé

PORTO

B. A.
1412